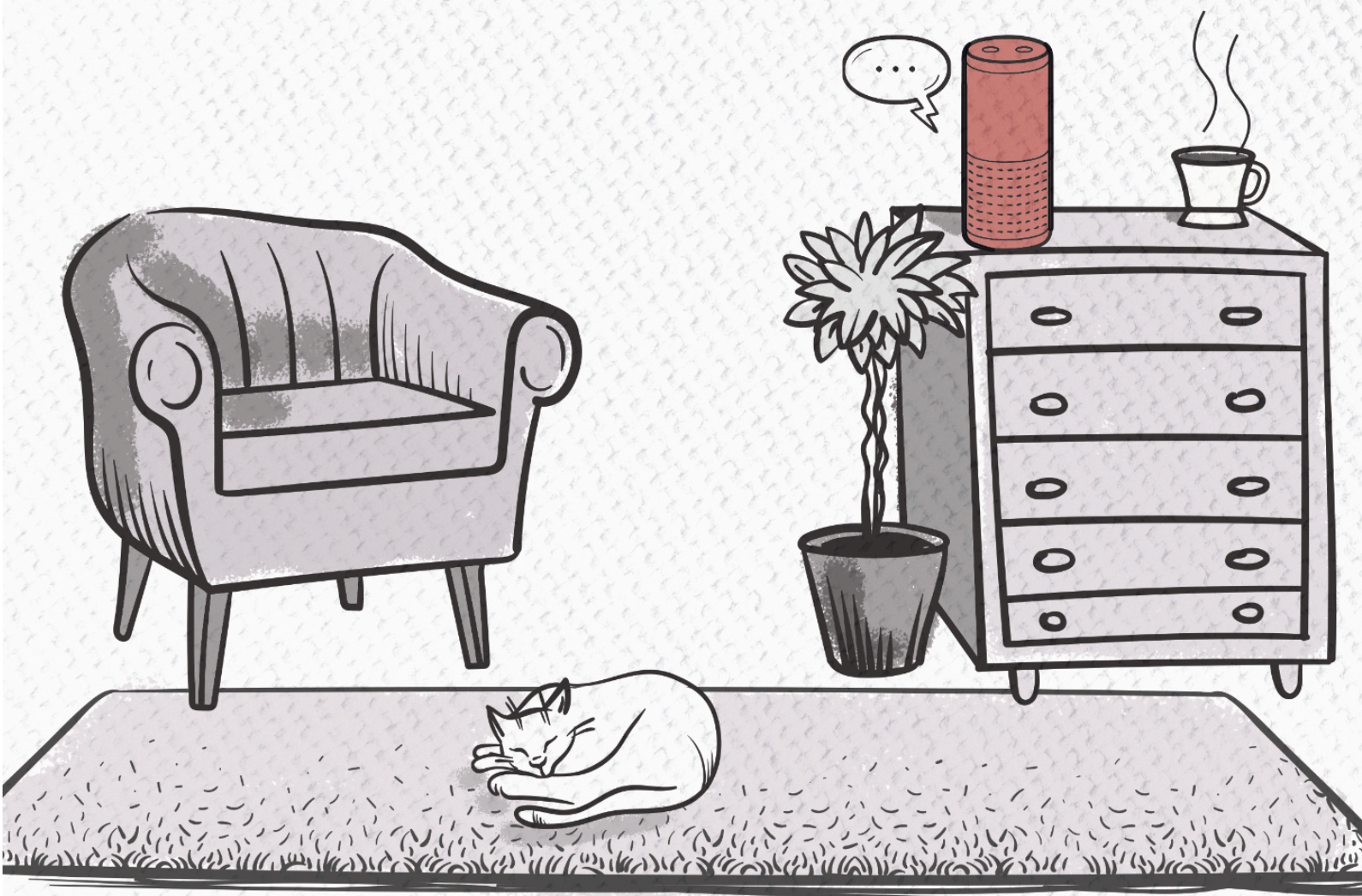


The Daily, O Assunto e Café da Manhã:

A produção da atualidade em
podcasts diários de notícias

Jessica Almeida



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Jessica Karoline de Almeida Santos

The Daily, O Assunto e Café da Manhã:
a produção da atualidade em podcasts diários de notícias

Belo Horizonte
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Jessica Karoline de Almeida Santos

The Daily, O Assunto e Café da Manhã:
a produção da atualidade em podcasts diários de notícias

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Phellipy Pereira Jácome

Linha de pesquisa: Textualidades midiáticas

Belo Horizonte
2022

301.16 Almeida, Jessica.
A447d The Daily, O Assunto e Café da Manhã [manuscrito] : a
2022 produção da atualidade em podcasts diários de notícias /
Jessica Karoline de Almeida Santos. - 2022.
183 f.
Orientador: Phellipy Pereira Jácome.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Comunicação – Teses. 2. Podcasts - Teses.
3. Jornalismo - Teses. I. Jácome, Phellipy. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

"The Daily, O Assunto e Café da Manhã: a produção da atualidade em podcasts diários de notícias."

Jessica Karoline de Almeida Santos

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia vinte e sete de maio de 2022, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Prof. Phellipy Pereira Jácome - Orientador
DCM/FAFICH/UFMG

Prof. Carlos Alberto de Carvalho
DCM/FAFICH/UFMG

Profª Sônia Caldas Pessoa
DCM/FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 05 de dezembro de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Phellipy Pereira Jacome, Professor do Magistério Superior**, em 05/12/2022, às 15:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Alberto de Carvalho, Professor do Magistério Superior**, em 05/12/2022, às 15:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sônia Caldas Pessoa, Coordenador(a) de curso**, em 15/12/2022, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1901442** e o código CRC **F7D2255E**.

AGRADECIMENTOS

Chegar ao final desse percurso parece encerrar um ciclo em que enfrentei os maiores desafios da minha vida até agora, no plano coletivo e no individual, no pessoal e no profissional. E experimentar essa extraordinária sensação de alívio seria impossível sem o suporte de uma rede enorme de pessoas que me dá as condições para viver constantemente em busca da melhor versão de mim mesma.

À minha mãe, que antes de eu nascer estabeleceu que os estudos seriam meu caminho para a liberdade, me ensinou a encarar a vida de um jeito leve mas responsável, e cultivou em mim o gosto pelo aprendizado; ao meu pai, por ter me dado condições para trilhar esse caminho, e por me inspirar a enxergar o mundo sempre com perspicácia e bom humor; e à minha irmã, em quem sempre encontrei cumplicidade e tem minha admiração, a despeito das nossas diferenças.

Ao meu querido orientador PH, por trazer sentido ao meu caos mental, pela sensibilidade com minhas potencialidades e limitações e pela extrema generosidade ao longo de toda essa experiência que, por incentivo dele, foi muito maior do que a dissertação. Aos professores Carlos Alberto e Sônia Pessoa, pelas contribuições inestimáveis na qualificação e por aceitarem retomar a parceria na etapa final; ao professor Elton Antunes, por me ajudar a encontrar meu percurso; aos professores Carlos d'Andréa e Bruno Martins, pelas ricas trocas durante as aulas, mesmo mediadas por telas. Aos demais professores e funcionários do PPGCOM, por sustentarem esse importante espaço de construção de conhecimento enfrentando todas as dificuldades – que não têm sido poucas, sobretudo nos últimos anos.

Aos colegas de turma, dos quais a contingência da pandemia impediu que me tornasse mais próxima, mas em quem encontrei muito companheirismo e prestatividade ao longo do percurso, apesar da distância; aos alunos da graduação, com quem pude aprender e exercitar habilidades que nem sabia que tinha, nas atividades de estágio docente; e aos parceiros dos grupos Temporona e Tramas, pela possibilidade de pensar e aprender para além da minha pesquisa.

Agradeço, por fim, às muitas amigas (mulheres e homens) que, por sorte e esforço ativo, conquistei ao longo da vida: vocês me inspiram a viver – e isso é amor. A todos que de um jeito ou de outro contribuíram para que eu chegasse até aqui, obrigada.

RESUMO

Embora muitas vezes sejam promovidos com um apelo presentista, relacionado à necessidade de serem ouvidos no momento em que vão ao ar, os podcasts diários de notícias frequentemente mantêm a validade da escuta, mesmo passados dias e até meses ou anos da data de publicação. Dessa forma, o lançamento de um novo episódio não necessariamente torna os anteriores obsoletos imediatamente, da maneira que acontece com outras formas de jornalismo diário, como jornais impressos e telejornais. No jargão jornalístico, tais podcasts seriam “quentes” e “frios” ao mesmo tempo. Olhando para programas que se tornaram grandes fenômenos de audiência e propulsores de investimentos em áudio no Brasil – *O Assunto*, do portal *g1*, e *Café da Manhã*, da *Folha de S.Paulo* – e nos Estados Unidos – *The Daily*, de *The New York Times* –, o presente trabalho busca compreender as construções narrativas mobilizadas por eles para verificar como se reorganizam sentidos de produção da atualidade no modo como esses textos se estruturam e compõem realidades.

Palavras-chave: podcasts; jornalismo; narrativa; atualidade; temporalidades.

ABSTRACT

Although often promoted for their present appeal, related to the need of being heard by the moment they were launched, daily news podcasts frequently keep their hearing value, even after days, months or maybe years of being published. Thus, the release of a new episode does not necessarily make the previous immediately obsolete, in the way that happens with other kinds of daily journalism, such as newspapers and TV newscasts. In journalistic jargon, those podcasts could be “breaking news” as well as “mere news”. Focusing on shows that have become big audience phenomenon and audio investment propellers in Brazil – *O Assunto*, from *g1*, e *Café da Manhã*, from *Folha de S.Paulo* – and the United States – *The Daily*, from *The New York Times* – this work tries to understand the narrative constructions mobilized by them to ascertain how topicality production senses reorganize in the way that these texts are structured and compose realities.

Keywords: podcasts; journalism; narrative; topicality; temporalities.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
1. UM FORMATO AMBIVALENTE	14
1.1 O cardápio: <i>Café da Manhã</i> , <i>The Daily</i> e <i>O Assunto</i>	14
1.2 ‘Café’ quente por mais tempo	25
1.3 Podcast: um conceito em disputa	31
1.4 A narratividade dos não-narrativos	34
1.5 Atualidade jornalística	45
1.5.1 Formação histórica e categorias descritivas	46
a) Instantaneidade	46
b) Simultaneidade	47
c) Periodicidade	49
d) Novidade	50
e) Revelação pública	52
1.5.2 Cotidianidade e outras ponderações	53
2. PODCASTS DIÁRIOS E FIGURAÇÕES DO TEMPO	60
2.1 O terreno dos diários	60
2.2 A tríplice <i>mimesis</i> e o jornalismo	63
2.3 Um regime de crenças e um singular coletivo	69
3. ENSAIOS METODOLÓGICOS	75
3.1 Estabelecendo um percurso analítico	75
3.2 Ensaio #1: Em busca de onde o tempo dos podcasts se ancora	78
3.2.1 Testemunhando a história	79
3.2.2 Tentando prever a história	92
3.2.3 Reescrevendo a história	100
3.3 Ensaio #2: Os múltiplos presentes de 29 de setembro de 2021	112
3.3.1 Enfim, Britney livre	113
3.3.2 Buscando sentidos em uma manobra política	127
3.3.3 Pauta de viés social	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	144
ANEXOS	152

INTRODUÇÃO

De diferentes maneiras, o ano de 2019 marca o início desta dissertação, a começar por terem sido lançados dois dos três podcasts aqui analisados – os brasileiros *Café da Manhã*, da *Folha de S.Paulo*, e *O Assunto*, do *g1*. Além disso, de ouvinte ávida e entusiasta da mídia, me tornei oficialmente produtora no jornal em que trabalhava, realizando o desejo que carregava já há algum tempo de “viver de podcast”, e retornei à universidade, após quase dez anos distante, com a intenção de transformar aquilo que já era meu lazer e ferramenta de trabalho também em objeto de estudo.

Tudo isso culmina de um processo que vinha se desenrolando há anos. De um lado, eu me embrenhava na escuta dos mais diferentes tipos de programas, recuperando uma relação mais profunda com o áudio – que teve início com minha passagem pela rádio UFMG Educativa, durante a graduação – e criando novos sentidos para ela. E, de outro, aumentavam: o universo de podcasts disponíveis, nos mais variados formatos e vertentes, fora e dentro do Brasil; o interesse das pessoas, que se convertia em crescimento da audiência; e os investimentos na ampliação desse ecossistema, por parte de produtores independentes e também de instituições consolidadas, detentoras de muitos recursos.

Da incorporação da lógica do *feed* RSS, que permitiu o agrupamento de programas e a automatização dos *downloads*, à mobilidade propiciada pelos *smartphones*, passando pela criação de ferramentas para a escuta que incorporaram elementos visuais e verbais à experiência, como a versão 4.9 do *iTunes* (SULLIVAN, 2019), vários foram os elementos que impulsionaram a franca expansão do universo dos podcasts nos últimos tempos. A ponto de, desde 2017, todos os anos que se seguiram terem sido tratados, em algum momento, como “o ano do podcast no Brasil”¹. Uma pesquisa realizada pelo Ibope em 2019 indicou que, dos 120 milhões de internautas que o Brasil possuía, 40% já tinham ouvido podcast, ou seja, 50 milhões de pessoas (REVISTA PIAUÍ, 2019). Dessa forma, o processo de popularização da mídia vinha instaurando novos modos de percepção das sonoridades, bem como novas formas de nos relacionarmos com elas, as quais

¹ ENTENDA: ESSE É O ano do podcast no Brasil? – TecMundo. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (5min56s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sv2zwZhaXQ>. Acesso em: 25 nov. 2022.

compõem e são compostas por outras textualidades, que não as do rádio, nem as da internet, embora estejam todas entrelaçadas na mesma trama.

A 2019 se seguiu 2020, que trouxe consigo algumas reviravoltas. Não só eu mesma encarava, no plano pessoal, uma das maiores mudanças da minha vida adulta, como também, no plano coletivo, éramos arrebatados pela pandemia de Covid-19, causada pelo então “novo” coronavírus. Atravessar meses e meses de isolamento social na companhia apenas de dois gatos não foi fácil, mas, se antes disso a minha relação com os podcasts já era estreita, naquele período se tornou ainda mais, uma vez que eles não só compunham uma das poucas formas disponíveis para acessar o mundo exterior, como também me ajudavam a dar sentido ao turbilhão de incertezas que nos rodeava àquela altura.

Cada uma em suas casas, muitas outras pessoas Brasil afora estavam vivendo experiências parecidas com a minha. Outra pesquisa realizada pelo Ibope, dessa vez em parceria com a *Globo* – que a publicou na plataforma *Gente*, de estudos e insights sobre o comportamento do consumidor e hábitos dos brasileiros –, identificou que, em outubro de 2020, entre os brasileiros com mais de 16 anos que declararam ouvir podcast, 57% começaram a fazê-lo na pandemia. Entre os 43% que já ouviam, 31% afirmaram ter passado a ouvir mais do que antes. No cômputo geral, a pesquisa identificou um aumento de 7 milhões de ouvintes com mais de 16 anos no país, do ano anterior até ali (GENTE, 2021). O levantamento também indicou que a escuta é feita em paralelo a outras atividades, como realizar tarefas domésticas (44%), navegar na internet (38%) ou estudar/trabalhar (24%). Ou seja, os podcasts se embrenharam nos cotidianos dos brasileiros.

Considerando que o período de realização desta pesquisa coincide também com o governo do político de extrema-direita Jair Bolsonaro, que presidiu o país entre 2019 e 2022, cabe trazer mais um dado, agora de um levantamento feito por *Itaú Cultural* e *Datafolha*, com pessoas de 16 a 65 anos, em junho de 2022: o tema política foi identificado como o mais procurado pelos ouvintes, com um índice de 19%, seguido de assuntos diversos, com 11%, e notícias diárias, com 9% (MAES, 2022). Isso é um sinal de que, sob um regime caracterizado pela constante instabilidade, pela desordem e pelos frequentes ataques às instituições, os brasileiros recorreram aos podcasts não apenas em busca de informação, mas para não se perderem em meio a um fluxo de notícias muitas vezes acachapante, como

demonstra o depoimento de uma personagem à reportagem da *Folha* sobre a pesquisa:

A administradora Melina Lass, 43, é uma das ouvintes que passou a procurar podcasts com temas políticos. Começou pelo *Café da Manhã* (podcast de notícias diário da *Folha*) e foi descobrindo outros, como o *Medo e Delírio em Brasília* (podcast satírico sobre o governo Bolsonaro). Ela conta que seu principal meio de informação ainda são os jornais, *mas usa podcasts para não se perder na enxurrada de notícias* relacionada ao período eleitoral. (MAES, 2022, grifos nossos)

Este estudo emerge, portanto, de um contexto em que os podcasts despontam no ecossistema midiático como uma outra forma de assimilar informações, incluindo as jornalísticas, de uma maneira que impacta direta e consideravelmente a própria experiência do ouvinte no mundo. De um jeito que pode ser lido até como contraintuitivo, em alguma medida, eles parecem colocar um pé no freio enquanto tudo o mais aponta para a aceleração. Em vez da rolagem infinita das mídias sociais, da atualização automática dos sites de notícia ou da cacofonia dos canais de televisão *all news*, tem-se outro ritmo, uma perspectiva distinta de relação com o tempo.

E, no caso específico dos programas que compõem o escopo desta pesquisa – além de *Café da Manhã* e *O Assunto*, a análise abarca *The Daily*, do jornal estadunidense *The New York Times* –, trata-se de podcasts diários de notícias. Portanto, fazem parte da categoria *hard news*, que designa aquilo que seria mais importante no noticiário, o que implica frequentemente serem também temas “duros”, como indica o próprio significado da expressão em inglês, e estarem em oposição ao que seriam as *soft news* ou *features*, “textos mais leves e saborosos que não precisam ter relação *imediate* com a descrição de um acontecimento” (CÍRCULO FOLHA, 1996, grifo nosso). Embaralhando essa definição, os podcasts diários não deixam de reportar fatos e acontecimentos relevantes para a vida política, econômica e cotidiana, mas extrapolam a simples descrição dos acontecimentos, o que parece torná-los mais palatáveis do que outras formas de *hard news*.

Mais do que isso, demonstram também ter uma perenidade maior do que a de outras formas de jornalismo diário, sendo não só possível como também frequente a realização da escuta dos episódios posteriormente à data em que foram publicados. Esse movimento tanto é identificado no relato dos ouvintes sobre as

formas com que se relacionam com os podcasts (como eu mesma já fiz inúmeras vezes), quanto é estimulado pelos próprios produtores, na medida em que regularmente mencionam episódios anteriores, recomendando sua escuta. Outro exemplo: toda semana, aos sábados (dia em que não saem novos episódios, salvo exceções), a seção de *O Assunto*, no *g1*, publica um compilado dos cinco últimos programas sugerindo que aqueles que deixaram de ouvir no dia em que saíram “maratonem” o conteúdo no fim de semana – algo parecido com o que *The New York Times* fez durante três anos com a extinta *newsletter* de *The Daily*, que era enviada nas tardes de sexta com os episódios e outros materiais extras.

Foi com tudo isso em vista que nos dispusemos a esmiuçar a dimensão da temporalidade nesses podcasts diários no presente trabalho, refletindo sobre os modos como ela é engendrada pela narratividade instituída pelos programas, e as implicações disso sobre as formas como seus ouvintes experienciam distintas realidades temporais. Buscamos, portanto, responder à seguinte pergunta: como se reorganizam sentidos de produção da atualidade na maneira como as estruturas narrativas de *The Daily*, *O Assunto* e *Café da Manhã* são arranjadas?

Para tentar respondê-la, estabelecemos um movimento que se desdobra em três capítulos: no primeiro, “Um formato ambivalente”, nos debruçamos sobre os podcasts em si. Recuperamos a história de cada um deles, tentando compreender a incursão na produção em áudio para a internet por parte de três empresas consolidadas em outras áreas do ramo do jornalismo. Em seguida, evidenciamos aquilo que os distingue, do ponto de vista da temporalidade, de outros formatos de jornalismo diário. Recorremos a levantamentos bibliográficos (COUTO; MARTINO, 2018; KISCHINHEVSKY; LOPEZ; BENZECRY, 2020; VIANA, 2020) para tentar entender sob quais perspectivas os podcasts têm sido encarados por outros pesquisadores, buscando identificar o que tem sido tratado por narrativo e não narrativo nesse campo. Por fim, recorreremos a Carlos Eduardo Franciscato (2014), Leticia Cantarela Matheus (2010) e Elton Antunes (2008) para pensar os modos como o jornalismo estabelece relações de atualidade.

No segundo capítulo, “Podcasts diários e figurações do tempo”, reconhecemos a legitimidade de trabalhos que encaram a narrativa como um gênero específico, estruturado a partir de premissas predeterminadas, porém nos propomos a entendê-la como um pressuposto implicado em qualquer tipo de linguagem, uma vez que distintos modos de narrar são mobilizados por cada um. Diante disso,

buscamos em Paul Ricoeur (2010) o círculo hermenêutico da tríplice *mímesis* para tentar perceber como o fazer narrativo ressignifica o mundo em sua dimensão temporal, aproximando a discussão das narrativas jornalísticas a partir de Carlos Alberto de Carvalho (2012). E acionamos autores como John Nerone (2012) e Phellipy Jácome (2020) para tentar compreender, a partir de discursos autorreferentes, como o jornalismo moderno percebe sua relação com o tempo e de que forma os podcasts diários se inserem nessa dinâmica.

Em “Ensaio metodológico”, terceiro e último capítulo do percurso, nos voltamos para o objeto em si, em busca de tentar enxergar neles os modos distintos pelos quais se relacionam com as diferentes dimensões da atualidade. Diante do caráter recente do fenômeno e da excepcionalidade da abordagem, optamos por fazê-lo por meio de ensaios, que nos desprendem de categorias analíticas muito fixas, abrindo espaço para a emergência dessas categorias a partir do contato com o próprio objeto. No primeiro ensaio, selecionamos um episódio de cada podcast – os quais ensejam, entre si, distintas formas de engendrar o tempo – para observar, a partir de elementos internos à sua organização narrativa, as maneiras como produzem relações de atualidade. E, no segundo, escolhemos uma data específica para observar como cada programa se inseriu, naquele dia, no ecossistema midiático em que se localizam, tentando perceber tais relações sob uma perspectiva externa, constituída em suas relações com o entorno.

1. UM FORMATO AMBIVALENTE

1.1 O cardápio: *Café da Manhã*, *The Daily* e *O Assunto*

Entendido como a primeira refeição ingerida até duas horas após o sono mais longo em qualquer período de 24 horas (PERRONI, 2018), o café da manhã foi escolhido para dar nome ao podcast diário de um dos maiores e mais proeminentes jornais do Brasil, a *Folha de S.Paulo*. A escolha parece fazer sentido, na medida em que carrega em si a expectativa de que o ouvinte dedique, logo após acordar, um tempo de sua atenção às informações trazidas pelo programa – e, de quebra, ainda permite um slogan que usa da analogia para elevar ao máximo a relevância do trabalho ali contido: “o podcast mais importante do seu dia”, como frequentemente é descrita a refeição. Assim, de alguma maneira, reitera e atualiza, duzentos anos mais tarde, a afirmação atribuída a Hegel por seu biógrafo Karl Rosenkranz (1977) de que “ler o jornal no início da manhã é uma espécie de prece matinal realista”.

*Café da Manhã*² estreou em 1º de janeiro de 2019. Três dias antes, um texto no site do jornal anunciava a nova produção como um podcast com “as principais notícias do dia”, fruto de uma parceria entre *Folha* e a plataforma de áudio sueca *Spotify*, a única em que ele pode ser ouvido. O texto ainda anuncia a publicação de episódios de segunda a sexta-feira, a partir das 6h da manhã, e explica que “o podcast vai tratar, de forma leve e direta, dos assuntos mais relevantes do dia, sejam eles sobre política, economia, cotidiano, ciência ou cultura, entre outras áreas” (FOLHA DE S.PAULO, 2018). Jornalistas da *Folha* envolvidos nas coberturas do momento, especialistas e personagens das notícias são descritos como eventuais participantes do programa, além dos apresentadores, os jornalistas Rodrigo Vizeu e Magê Flores, que têm um breve currículo incluído no texto. Vizeu fora responsável, em 2018, por dois podcasts lançados pela publicação: *Presidente da Semana*, que contou a história dos 38 presidentes do Brasil, e *Eleição na Chapa*, programa diário também em parceria com o *Spotify*, que cobriu as eleições daquele ano; de Flores, são destacadas passagens pelo canal de notícias *GloboNews* e pela rádio *CBN*.

² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/especial/2019/cafe-da-manha>. Acesso em 21 nov. 2022.

Presidente da Semana foi um dos podcasts de maior sucesso no Brasil em 2018, ultrapassando a marca de 1 milhão de *downloads* em setembro, antes mesmo que todos os episódios fossem ao ar³. Ao lado de *Foro de Teresina*, da revista *piauí*, foi um dos grandes destaques, em termos de programas jornalísticos, lançados pela mídia tradicional naquele ano. Na *Folha*, impulsionou não só a criação de *Eleição na Chapa*, também no mês de setembro, mas a expansão da produção e criação de uma editoria de podcasts poucas semanas depois⁴, junto com o lançamento de *Café da Manhã* que, assim, convenientemente, teve seu marco de estreia junto com o início de 2019. O primeiro episódio começa com uma nova explicação dos apresentadores sobre qual seria a proposta do programa:

- Primeiro de janeiro de 2019, você já deve ter visto os fogos, festejado, tomado umas e talvez nessa manhã de feriado esteja com aquela ressaquinha...
- Então, toma aí o seu remédio pra dor de cabeça, bebe bastante água e ouve só isso aqui.
- Eu sou o Rodrigo Vizeu...
- ...e eu sou a Magê Flores.
- E estreia hoje o *Café da Manhã*, o podcast mais importante do seu dia, uma produção da *Folha de S.Paulo* e do *Spotify*.
- A ideia é a seguinte: de segunda a sexta, bem cedinho, você vai ouvir, de uma forma simples e direto ao ponto, o fundamental sobre os assuntos do momento no Brasil e no mundo.
- O nosso plano não é ocupar o precioso tempo dos seus fones de ouvido só com um resumo das notícias.
- Em vez disso, a gente vai escolher um assunto quente pra discutir, analisar, sempre com a participação dos jornalistas da *Folha*, de especialistas ou mesmo com entrevistas com os personagens da notícia.
- “Mais uma vez, eu acho que até foi longa, né, foi uma hora só?” (voz do ex-juiz e ex-ministro Sergio Moro)
- “Uma hora e meia.” (voz não identificada)
- “Uma hora e meia, olha só.” (Sergio Moro)
- Calma que não vai ser nada tão longo assim. A ideia é ficar entre dez e 20 minutos, aquele tempo ideal enquanto você se levanta, toma café da manhã e vai indo pro trabalho.
- E nesse primeiríssimo episódio a gente vai falar do... ano novo. Conversamos sobre as perspectivas pra 2019 com três jornalistas de diferentes áreas.
- O Leandro Colon, diretor da sucursal da *Folha* em Brasília, o Vinicius Torres Freire, colunista de economia, e a Luciana Coelho, que é editora de notícias internacionais.

³ PODCAST PRESIDENTE da Semana ultrapassa 1 milhão de downloads. **Folha de S.Paulo**, 17 set. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/podcast-presidente-da-semana-ultrapassa-1-milhao-de-downloads.shtml>. Acesso em: 17 nov. 2022.

⁴ CONHEÇA OS podcasts da Folha e veja dicas de como ouvir os áudios. **Folha de S. Paulo**, 10 jun. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2019/06/conheca-os-podcasts-da-folha-e-veja-dicas-de-como-ouvir-os-audios.shtml>. Acesso em 23 dez. 2021.

- E já que a gente vai falar de um ano que começa com uma posse presidencial, a do novo presidente Jair Bolsonaro, a primeira conversa é com Brasília.
- O Leandro Colon tá na linha. (CAFÉ DA MANHÃ, 2019, 0s a 2min)⁵

Propondo não apenas fazer um resumo das notícias, mas discutir e analisar um assunto “quente” – no jargão jornalístico, essa expressão designa um forte vínculo com a imediaticidade –, o programa da *Folha* se coloca de maneira incisiva no mercado de podcasts diários brasileiros, que até já tinha representantes, como *Estadão Notícias*, do jornal *Estado de São Paulo*, e *Durma com Essa*, do *Nexo Jornal*, mas nenhum com grande destaque em termos de audiência e repercussão. Contribuiu para isso não só o sucesso dos programas de 2018, mas a parceria com o *Spotify*, que àquela altura já estava consolidado como uma das principais plataformas de *streaming* de música do país e fazia um grande investimento para também se tornar referência em termos de podcast.

Um ano e meio após a estreia, em 15 de junho de 2020, Rodrigo Vizeu deixou de integrar a equipe de produção de *Café da Manhã*, passando a trabalhar diretamente para o *Spotify*. Foi substituído por Maurício Meireles, até então repórter e colunista do caderno de cultura da *Folha* e apresentador do podcast *Expresso Ilustrada*. Dois meses e meio depois, em 1º setembro, o colunista e ex-repórter de política e economia em Brasília Bruno Boghossian também passou a integrar o time de apresentadores, posto que deixou dois anos depois, em 1º de novembro de 2022. Ao grupo, que originalmente contava apenas com um editor de som, além dos dois apresentadores iniciais, também foram incorporados três produtores. Atualmente, a jornalista Angela Boldrini também reveza a apresentação com Flores e Meireles. O aumento da equipe pode ser justificado, em alguma medida, pela boa audiência do programa. O *Spotify* não divulga números de reproduções, mas *Café da Manhã* foi o

⁵ CAFÉ DA MANHÃ: O que esperar do ano novo - 1º.jan.2019. [Locução de]: Magê Flores e Rodrigo Vizeu. [S. l.]: Spotify Studios, 1º jan. 2019. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2ohaWB5K3NJIRyTDyM5MAG?si=WwhHZndjR0qHZqIBjkZaew>. Acesso em: 18 dez. 2021.

segundo podcast mais ouvido do Brasil na plataforma em 2019⁶ e em 2020⁷. Em 2021, ficou em quinto lugar⁸.

Ao fim de 2019, um texto do então editor de podcasts da *Folha* Rodrigo Vizeu celebrava aquele como “o ano do podcast” na publicação, destacando as produções em áudio, o bom retorno da audiência – que, segundo ele, tem uma parcela de 77% composta por ouvintes com menos de 34 anos –, além da ampliação do número de títulos para dez (VIZEU, 2019). De lá pra cá, o leque continuou se expandindo, com o lançamento de programas como *Meu Inconsciente Coletivo*, em que a escritora e colunista Tati Bernardi conversa com profissionais da psicanálise; *Habitat*, sobre extinção e o que a ação humana tem a ver com isso; e *Resposta Imune*, sobre como as vacinas mudaram o mundo. Atualmente, o periódico conta com 15 títulos em áudio.

Além da expansão interna da produção de podcasts dentro da *Folha de S.Paulo*, o *Café da Manhã* inaugurou uma franquia homônima criada pelo *Spotify* para a América Latina. Em março de 2019, a plataforma sueca lançou *El Primer Café*, em parceria com o jornal argentino *La Nación*, e em julho daquele ano saiu outro *El Primer Café*, desta vez com *El Tiempo*, da Colômbia. Em janeiro de 2021, foi lançado *El Café de la Mañana*, um original *Spotify* com o jornal *Reforma*, do México. Em novembro de 2021, o Chile se tornou o quinto país a ter um produto da franquia, *El Café Diario*, produzido com o periódico *La Tercera*.

O executivo da empresa para a América Latina e público latino nos Estados Unidos disse, à época do lançamento do quarto programa, que notaram um espaço em branco no mercado da região no que dizia respeito a noticiários diários. Assim, foram atrás de parcerias com produtores de notícias respeitados em cada país e buscaram vozes de jornalistas jovens para ajudar na conexão com o público mais

⁶ PODCAST CAFÉ da Manhã terá nova temporada em 2020. **Folha de S.Paulo**, 25 nov. 2019. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2019/11/podcast-cafe-da-manha-tera-nova-temporada-em-2020.shtml>. Acesso em: 19 dez. 2021.

⁷ OS DEZ podcasts mais ouvidos no Spotify, em 2020. **Folha de S.Paulo**, 19 ago. 2021. Disponível em:

<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1708271025270246-os-dez-podcasts-mais-ouvidos-no-spotify-em-2020>. Acesso em: 19 dez. 2021.

⁸ RETROSPECTIVA SPOTIFY 2021: entrevista de Mano Brown com Lula é o episódio de podcast mais ouvido do Brasil. **B9**, 1º dez. 2021. Disponível em:

<https://www.b9.com.br/154871/retrospectiva-spotify-2021-mano-brown-lula-podcast-mais-ouvido-brasil>. Acesso em: 17 nov. 2022.

novo⁹. Curioso perceber que, embora tenha mirado em profissionais sem tanto tempo de estrada, a plataforma os selecionou dentro de empresas reconhecidas e consolidadas há muitos anos no campo do jornalismo em cada país. Ou seja, mirou no público jovem recorrendo não a eventuais produtores de podcasts com audiências já consolidadas entre esse público, mas ao que há de mais tradicional do ponto de vista jornalístico. Dessa forma, o faz se beneficiando da chancela de marcas bem sacramentadas, dificultando o questionamento sobre se o que está sendo feito configura jornalismo, ao mesmo tempo em que dispõe das amplas estruturas de produção preexistentes nessas empresas, que precisam apenas se reorganizar para passar a produzir em outro formato.

Diferentes padrões culturais condicionam as especificidades das refeições ao redor do mundo e são o que determina, por exemplo, se um café da manhã é composto de pão com manteiga ou ovos e bacon. Da mesma forma, ainda que tenham semelhanças estruturais, podcasts feitos em países diferentes apresentam características derivadas do contexto cultural em que estão inseridos. Isso vale tanto para os diferentes países onde a franquia de diários do *Spotify* foi implementada quanto para os Estados Unidos, onde *The Daily*¹⁰, do jornal *The New York Times*, como seu análogo brasileiro, traz em seu nome uma marca temporal. Se ele é “o diário”, “cotidiano”, a escuta é algo a se realizar todos os dias, o que inevitavelmente se converte em hábito e, eventualmente, em ritual.

The Daily precede *Café da Manhã* em cerca de dois anos. Lançado em 1º de fevereiro de 2017, foi anunciado no dia anterior em um texto no site de *The New York Times* assinado por seu apresentador, Michael Barbaro. Na curta nota, ele afirma que a missão do podcast é encontrar a explicação que o momento demanda, mas não o descreve exatamente como tal:

É assim que as notícias deveriam soar. Quinze minutos por dia, cinco dias por semana. Não é bem um podcast – embora você possa ouvir onde quer que ouça podcasts. Não é bem o rádio – embora a mecânica seja basicamente a mesma. Não é bem o jornal – embora estejamos nos valendo fortemente do jornalismo que alimenta *The New York Times*. (BARBARO, 2017, tradução nossa)¹¹

⁹ SPOTIFY'S 'MORNIN Coffee' Franchise: A Daily Original News Podcast Brewed Especially for Latin America. **Spotify — For the Record**. 19 jan. 2021. Disponível em: <https://newsroom.spotify.com/2021-01-19/spotify-morning-coffee-franchise-a-daily-original-news-podcast-brewed-especially-for-latin-america>. Acesso em 21 jan. 2022.

¹⁰ Disponível em: <https://www.nytimes.com/column/the-daily>. Acesso em 21 nov. 2022.

¹¹ “This is how the news should sound. Fifteen minutes a day, five days a week. It isn’t quite a podcast — although you can listen wherever you listen to podcasts. It isn’t quite the radio — although the

O *slogan* do programa, “é assim que as notícias deveriam soar”, em alguma medida, renova o do próprio jornal. Em um contexto de declínio de vendas de edições impressas, “todas as notícias que cabe imprimir”¹² (tradução nossa) parece não ter mais tanto apelo quanto à época em que foi cunhado, ainda no século 19, e mesmo até poucas décadas atrás. Ao mesmo tempo, existe um diálogo entre as duas frases, na medida em que uma certa ideia de curadoria está implícita em ambas, afinal, seja para que se leia ou para que se escute, é ali que o interlocutor supostamente vai encontrar o que precisa. Além disso, em sua fala, o produtor não só reconhece a hibridez da proposta – é e não é podcast, é e não é o rádio, é e não é o jornal – como a explora como um diferencial: seria, talvez, um pouco de cada? De que forma isso agrega à produção já realizada pela empresa?

Até aquele ponto, Barbaro era repórter de política, tendo sido, inclusive, um dos autores da manchete do jornal em 15 de maio de 2016, um domingo, que denunciava a conduta inapropriada de Donald Trump – àquela altura, provável candidato à presidência dos Estados Unidos pelo Partido Republicano – em relação às mulheres (BARBARO; TWOHEY, 2016). A repercussão da matéria fez com que Trump sugerisse, em seu perfil no *Twitter*, que o repórter deveria pedir demissão¹³. Alguns meses mais tarde, em agosto, Barbaro se tornaria apresentador de *The Run-Up*, podcast dedicado à cobertura das eleições presidenciais publicado duas vezes por semana, que funcionou como uma espécie de laboratório para a recém-criada equipe de áudio do jornal (DOCTOR, 2017).

Ao contrário da estreia de *Café da Manhã*, o primeiro episódio de *The Daily* não dedica muito tempo à apresentação do programa em si, apenas retomando alguns dos pontos já trazidos pela nota publicada no dia anterior e indo direto ao tema a ser discutido – o primeiro nomeado pelo, àquela altura já eleito e empossado, presidente Donald Trump para a Suprema Corte: o juiz Neil M. Gorsuch. No entanto, o *trailer*¹⁴ de *The Daily*, disponibilizado no dia 17 de janeiro, traz mais detalhes sobre

mechanics are largely the same. It isn't quite the newspaper — although we'll be drawing heavily on the journalism that powers *The New York Times*”.

¹² “All the news that's fit to print”.

¹³ HENSCH, M. Trump: New York Times reporter should resign. **The Hill**, 18 mai. 2016. Disponível em:

<https://thehill.com/blogs/ballot-box/presidential-races/280311-trump-new-york-times-reporter-should-resign>. Acesso em: 19 dez. 2021.

¹⁴ THE DAILY: Coming Soon: The Daily. [Locução de]: Michael Barbaro. [S. l.]: The New York Times, 17 jan. 2017. Podcast. Disponível em:

sua proposta. Logo no início, entre trechos de falas de Trump e uma voz não identificada que diz que “ver essas vidas, tipo, mudando em um instante é realmente impressionante”¹⁵ (25s a 28s, tradução nossa), Barbaro afirma: “estamos no meio de algo grande e complicado, e meus colegas e eu não estamos apenas contando a história... a estamos vivendo”¹⁶ (THE DAILY, 2017, 36s a 41s, tradução nossa). O *trailer* prossegue com uma conversa entre o apresentador e uma repórter a respeito de uma apuração sobre a organização terrorista Estado Islâmico, até que ele enuncia o *slogan* do programa: “this is how the news should sound”, e complementa “indo além dos fatos até as questões e as ideias... e pessoas”¹⁷ (1min44 a 1min52, tradução nossa). Uma conversa com outro repórter é inserida, essa em tom mais descontraído, até que o *trailer* é encerrado da seguinte forma:

The New York Times decidiu que este é o momento de lançar este programa porque esses tempos exigem algo diferente de *The Times*. Os apresento *The Daily*, 15 minutos, todas as manhãs, de segunda a sexta-feira, começando nesta quarta-feira, 1º de fevereiro. Estaremos no topo de *The New York Times* e do aplicativo de celular. E no *iTunes*. Inscreva-se agora e eu vejo vocês na quarta-feira de manhã. (THE DAILY, 2017, 2min17 a 2min53, tradução nossa)¹⁸

Assim como *Café da Manhã* alude ao hábito de ler o jornal como uma das primeiras atividades do dia e convoca o ouvinte a escutar o podcast, da mesma maneira, no release de *The Daily*, o editor executivo de *The New York Times*, Dean Baquet, traz essa referência. No entanto, ressalta que o novo produto tem outro apelo. “Nossos leitores sempre recorreram a nós no início da manhã para ajudá-los a entender o mundo. Agora, com nosso novo relato em áudio, podemos explicar as notícias de uma forma totalmente nova”¹⁹ (BUSINESS WIRE, 2017, tradução nossa). Chama atenção, na fala do editor, a menção aos leitores, dando a entender que, com o novo produto, o jornal oferece outro formato para o público que já tem, sem ter necessariamente como foco outras audiências. Baquet acrescenta esperar que o

<https://open.spotify.com/episode/44yCWnUqMezie1mvKcX1Qt?si=x9kgaqKDRyqcV9DG6ZIMXA>.

Acesso em: 18 dez. 2021.

¹⁵ “To see these lives, like, changing in an instant is really stunning”.

¹⁶ “We’re in the middle of something big and complicated and my colleagues and I are not just telling the story... we’re living it”.

¹⁷ “Going beyond the facts to the questions and the ideas... and people”.

¹⁸ “*The New York Times* has decided that this is the moment to launch this show because these times require something different from *The Times*. Introducing *The Daily*, 15 minutes every morning, monday through friday, starting this wednesday, february 1st. We’ll be at the top of *The New York Times* website and mobile app. And on *iTunes*. Subscribe now and I will see you there, wednesday morning”.

¹⁹ “Our readers have always turned to us first thing in the morning to help them understand the world. Now, with our new audio report, we’re able to explain the news in a whole new way”.

programa demonstre “o melhor do *New York Times* moderno: jornalismo inteligente, acessível, confiável e pragmático”²⁰ (tradução nossa).

Seja por ter cumprido a expectativa do editor executivo ou por outras razões, o fato é que *The Daily* se tornou um sucesso muito rapidamente. Em seu primeiro ano, os episódios foram baixados mais de 200 milhões de vezes, além de ter sido o lançamento mais popular no *Apple Podcasts* em 2017 (SYMONDS, 2018). Ao longo de 2018, oscilou entre o primeiro e o segundo lugar no *ranking* mensal da Podtrac²¹, que monitora a audiência de podcasts nos Estados Unidos. Em 2019, esteve em primeiro nos 12 meses²² e, em setembro, alcançou a marca de 1 bilhão de *downloads*, o que motivou, segundo Matthew Schneier (2020), uma festa promovida pelo jornal em outubro daquele ano. Tamanha audiência, naturalmente, acabou se convertendo em ganhos financeiros para a empresa. Em julho de 2018, uma marca precisava desembolsar US\$ 290.000 por mês para fazer parte da rotação de patrocínio mensal do programa, que geralmente inclui vários anunciantes (POMPEO, 2018). E o aumento da renda, por sua vez, se converteu na ampliação da equipe de produção, que foi de quatro pessoas, inicialmente, para 30, no início de 2020 (SCHNEIER, 2020). Em março de 2022, *The Daily* ganhou uma segunda apresentadora, Sabrina Tavernise²³, ex-correspondente internacional que havia trabalhado em países como Rússia, Paquistão e Turquia, além de já ter colaborado em uma série de episódios especiais para o programa. Atualmente, ela e Barbaro alternam a condução do podcast.

Além de aumentar a equipe de *The Daily*, *The New York Times* ampliou também o investimento nas produções em audiojornalismo. Em julho de 2020, foi anunciada a compra da *Serial Productions*, empresa por trás do podcast *Serial*, lançado em 2014 e entendido por autores como Berry (2015) e Bonini (2015), como expoente máximo de uma “era de ouro do podcast”. Foram pagos US\$ 25 milhões pela empresa, e o acordo tinha em vista ampliar o número de produções feitas por ela, além de promovê-las no site e em outros canais digitais do jornal (ABRAMS,

²⁰ “The best of the modern *New York Times*: journalism that is smart, approachable, reliable and on-the-ground.”

²¹ Disponível em: <http://analytics.podtrac.com/blog/2017/7/21/top-20-podcasts-june-2017-tr9gy>. Acesso em: 21 dez. 2021.

²² Disponível em: <http://analytics.podtrac.com/blog/jan2019-rankings>. Acesso em 21 dez. 2021.

²³ SABRINA TAVERNISE Joins ‘The Daily’ as a Host. **The New York Times Company**. 3 mar. 2022. Disponível em: <https://www.nytc.com/press/sabrina-tavernise-joins-the-daily-as-a-host>. Acesso em: 17 nov. 2022.

2020), que também comprou o *Audm*²⁴, serviço de assinatura que produz narrações em áudio para reportagens longas. No fim de 2021, foi anunciada a proposta e começaram os testes de *New York Times Audio*, aplicativo para reunir não só os podcasts produzidos pela empresa, mas também versões sonoras de reportagens tanto do próprio jornal quanto de publicações como *New York Magazine* e *Rolling Stone*. Mesmo antes do lançamento do *app* – que não aconteceu até o fim desta pesquisa –, o aplicativo de notícias principal de *The Times* passou a exibir a aba “Listen”, com uma seleção de histórias exclusivas do jornal lidas em voz alta pelos repórteres que as escreveram (THE NEW YORK TIMES, 2021). *The Daily*, cabe notar, é sempre referenciado como iniciativa que abriu caminho para os demais investimentos em áudio que o sucederam.

De maneira análoga, *O Assunto*²⁵ cumpriu esse papel para o Grupo Globo, no Brasil. Lançado em 26 de agosto de 2019, o programa diário vinculado ao portal de notícias *g1* foi o primeiro a estreiar, de uma série de podcasts de jornalismo da *Globo* colocados no ar naquele período, entre eles *Isso é Fantástico*, versão em áudio da revista eletrônica dominical, *Hub GloboNews*, sobre tecnologia e inovação, e *Papo de Política*, com os destaques da semana no noticiário político e econômico. Desde então, a empresa vem investindo maciçamente nas produções em áudio. Um marco desse investimento é o *Audioday*, evento realizado no dia 21 de janeiro de 2021, em que o universo dos podcasts foi apresentado por executivos da empresa como terreno de grandes oportunidades para alcance de público e negócios. Conduzido por Renata Lo Prete, apresentadora de *O Assunto*, e Juliana Wallauer, apresentadora de um dos podcasts mais longevos e ouvidos do Brasil, o *Mamilos*, e sócia da *B9*, produtora com a qual a *Globo* estabeleceu parceria, o *Audioday* marcou o anúncio desse acordo, além da disponibilização de podcasts na plataforma *Globoplay*, até então exclusiva para vídeos; de novas produções apresentadas por influenciadores; e da contratação de Ivan Mizanzuk – responsável pelo bem-sucedido *Projeto Humanos*, cuja temporada *Caso Evandro*, aliás, foi adaptada para a televisão – para desenvolvimento de projetos exclusivos com a empresa²⁶.

²⁴ QUAH, N. Is The New York Times' purchase of Audm a turning point in its new audio strategy?.

NiemanLab, 24 mar. 2020. Disponível em:

<https://www.niemanlab.org/2020/03/is-the-new-york-times-purchase-of-audm-a-turning-point-in-its-new-audio-strategy>. Acesso em: 21 dez. 2021.

²⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto>. Acesso em 21 nov. 2022.

²⁶ AUDIODAY 2021: Globo amplia presença no mercado de áudio com podcasts originais. gshow. 21 jan. 2021. Disponível em:

Carro-chefe do catálogo de podcasts da *Globo*, *O Assunto* é citado por Guilherme Figueiredo, responsável pelos produtos de áudio digital da empresa, como experiência bem-sucedida e justificativa para a busca de um público ainda maior (SACCHITIELLO, 2021).

Ao aceitar conduzir o programa, Renata Lo Prete acrescentou essa responsabilidade à função de âncora do *Jornal da Globo* e do *GloboNews Painel* – este último suspenso desde o início da pandemia de Covid-19, em março de 2020. Assim como no caso de *The Daily*, uma nota assinada por Lo Prete foi publicada na véspera da estreia de *O Assunto* no *g1*. Seguindo a linha de Barbaro, ela reconhece tratar-se de um podcast, porém acrescenta: “mas pode chamar de conversa” (LO PRETE, 2019).

Nasceu, como quase tudo, de uma necessidade: aprofundar um tema, em meio a tantos que nos bombardeiam todos os dias. Entendê-lo melhor e estabelecer as conexões. Num formato que cabe na vida, mesmo com a correria. [...] Alguns episódios terão mais gravidade. Outros, leveza. Mas todos trarão informação de qualidade – é o meu compromisso com você. Um por dia, porque assunto não falta! (LO PRETE, 2019)

No *trailer*²⁷, publicado em 21 de agosto de 2019, a apresentadora dá mais pistas de como funcionaria a dinâmica: “em 20 minutos, vamos contextualizar e aprofundar o tema do momento, sempre procurando novos ângulos [...]. Além de explorar nossos arquivos, vamos conversar com repórteres, especialistas e personagens da notícia” (O ASSUNTO, 2019, 18s a 41s).

Tal qual os anteriores, *O Assunto* conquistou grande audiência em pouco tempo. Quando chegou ao centésimo episódio, em 14 de janeiro de 2020, já acumulava mais de 7 milhões de *downloads*, além de ser, àquela altura, o programa mais baixado do Brasil no *Apple Podcasts* e o segundo mais baixado da América Latina, de acordo com relatório da empresa Triton Digital²⁸, que compila esses dados. Sete meses depois, ao completar um ano, a audiência aumentou quase cinco vezes, chegando a 33 milhões de *downloads* e ao primeiro lugar no *ranking*

<https://gshow.globo.com/podcast/noticia/audioday-2021-globo-amplia-presenca-no-mercado-de-audio-com-podcasts-originais.ghtml>. Acesso em: 25 jan. 2022.

²⁷ O ASSUNTO: Conheça O Assunto. [Locução de]: Renata Lo Prete. [S. l.]: **g1**, 21 ago. 2019. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6kahmAG4N6kgYCZ9MNZG9N>. Acesso em: 19 dez. 2021.

²⁸ O ASSUNTO, podcast diário com Renata Lo Prete, chega ao episódio #100 com 7 milhões de *downloads*. **g1**, 14 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2020/01/14/o-assunto-podcast-diario-com-renata-lo-prete-chega-ao-episodio-100-com-7-milhoes-de-downloads.ghtml>. Acesso em 19 dez. 2021.

latino-americano da Triton Digital²⁹. Quando fez dois anos, em 2021, o podcast se aproximava da marca de 62 milhões de *downloads*³⁰.

Em novembro de 2022, três anos e 834 episódios depois da estreia, Renata Lo Prete deixou o comando do podcast diário, que foi assumido, no dia 21 daquele mês, por Natuza Nery, colunista do *g1*, comentarista da *GloboNews* e da *CBN*, além de uma das apresentadoras do podcast *Papo de Política*. Àquela altura, o programa acumulava mais de 88 milhões de *downloads*. Em um texto no portal, Lo Prete afirmou que

O jornalismo e o jornalista precisam se reinventar o tempo todo. Por isso digo que foi um privilégio ter participado da concepção e apresentado um produto pioneiro, que nasceu da inquietação de empresas distintas do Grupo Globo e ajudou a fazer dele referência também em podcasts. Saio com sentimento de missão cumprida. (G1, 2022)

Nos três casos apresentados, portanto, grupos de mídia já estabelecidos no campo do jornalismo há décadas apostaram na produção em um novo formato – o podcast diário –, e o resultado disso foram retornos muito positivos: audiências estrondosas, aumento da receita de anúncios e a conseqüente possibilidade de ampliação, seja da própria equipe responsável pelos programas ou dos investimentos nas produções em áudio por parte da empresa. O que há de específico nesse formato que poderia justificar tal fenômeno? Que novas relações com o interlocutor – e com novos interlocutores – são estabelecidas a partir deles? Em que medida isso se relaciona com a questão temporal? Um exame sobre os discursos acerca dos modos como esses podcasts mobilizam temporalidades ajuda a pensar sobre essas questões.

²⁹ PODCAST 'O Assunto', com Renata Lo Prete, completa um ano com 33 milhões de downloads. *g1*, 26 ago. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/08/26/podcast-o-assunto-com-renata-lo-prete-compl-eta-um-ano-com-33-milhoes-de-downloads.ghtml>. Acesso em: 19 dez. 2021.

³⁰ PODCAST O Assunto completa 2 anos. *g1*, 26 ago. 2021. Disponível em:

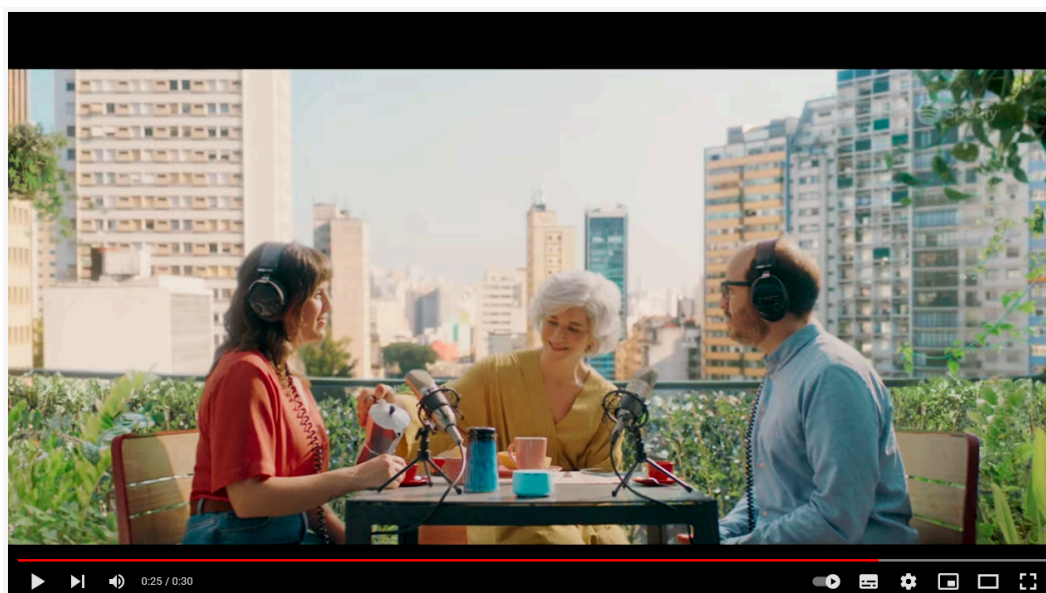
<https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2021/08/26/podcast-o-assunto-completa-2-anos.ghtml>. Acesso em 19 dez. 2021.

1.2 ‘Café’ quente por mais tempo

Pensar o dia em torno das refeições a serem realizadas ajuda a organizar a rotina, e frequentemente elas são usadas como marcos temporais: “nos falamos depois do almoço”, “ela vai chegar na hora do jantar”. Diferentes produtos jornalísticos também podem cumprir essa função, cada um a seu modo, seja o programa de rádio matutino ou o jornal televisivo noturno, e até mesmo o jornal impresso, que é entregue de manhã e supõe-se que seja lido não muito tempo depois disso. É provável, portanto, que boa parte da audiência dos três podcasts citados de fato ouça seus episódios no início do dia, seja enquanto se alimenta ou durante a realização de alguma tarefa, poucas horas após sua publicação.

Esse pressuposto é explorado, por exemplo, na descrição de *Café da Manhã* no *Spotify*, na qual lê-se: “Levante da cama com notícias e análises quentinhas no *Café da Manhã*, o podcast mais importante do seu dia”. Da mesma forma, no final de 2020, uma peça publicitária de promoção da retrospectiva da plataforma – que traz os artistas, músicas e podcasts mais ouvidos do ano pelo usuário – também fez essa referência. O vídeo traz os apresentadores Magê Flores e Maurício Meireles dizendo os próprios nomes e o *slogan* do programa, como fazem ao final de todo episódio, porém eles não estão no estúdio, mas junto ao que seria uma ouvinte em sua mesa de café da manhã (Figura 1).

Figura 1 - Campanha publicitária *Spotify*



Fonte: Captura de tela *YouTube*, 2021

Acontece que a própria natureza do podcast – uma produção em áudio disponibilizada *online* para escuta sob demanda, ou seja, a *qualquer* momento que se deseje – permite que essa lógica não seja seguida, algo que também aparece com frequência nos próprios discursos sobre esses programas. Em vídeo de promoção de sua participação no 3º Congresso Internacional de Jornalismo de Educação da Jeduca (Associação de Jornalistas de Educação), em 2019, Magê Flores diz:

– Acho que podcast é um formato muito promissor. Acho que ele tem tudo a ver com o jeito que a gente vive hoje. Esse áudio que você pode baixar e ouvir no ritmo que você quiser, na hora que você quiser. Um período que você aproveitaria pouco, você passa a aprender alguma coisa, compartilhar alguma coisa. (PODCAST E NOVAS FORMAS..., 2019)

A própria *Folha de S.Paulo* o faz quando patrocina um post no *Instagram* (Figura 2) em que convoca o usuário da rede social a ouvir seu podcast diário dizendo: “O episódio de hoje do *Café da Manhã* foi incrível. Você ouviu?”. Quer dizer, a não ser que o anúncio seja exibido pela plataforma somente no período da manhã – o que não parece ser o caso –, o jornal reconhece que, a despeito de o nome aludir às primeiras horas do dia, o ouvinte pode ter a companhia do programa também na hora do almoço, do lanche da tarde ou mesmo do jantar.

Renata Lo Prete faz o mesmo, em ao menos dois momentos: no *trailer* do programa publicado nos tocadores de podcast e no vídeo de divulgação de *O Assunto* no canal de *YouTube* da *TV Globo*, quando diz (a mesma frase está presente em ambos): “De segunda a sexta-feira, bem cedinho, mas você ouve na hora que for melhor pra você”; e também em uma entrevista ao site *Meio & Mensagem*, em que classifica o podcast como promissor por permitir que as pessoas ouçam o episódio enquanto se dedicam a outras atividades. “O áudio *on demand* contorna as barreiras do espaço-tempo que outras mídias enfrentam. O vento está a favor dos podcasts’, acredita” (SACCHITIELLO, 2021).

Ao contrário, por exemplo, dos programas de rádio, de quem são parentes, os podcasts não pressupõem uma escuta síncrona e, em parte graças a isso, possibilitam que se estabeleça outros tipos de relações temporais, já que nada impede que se ouça os programas à tarde, à noite, ou mesmo dias, semanas e meses após a publicação. O “café”, nesse caso, se manteria quente e, portanto, be-

Figura 2 - Post patrocinado *Folha de S.Paulo*



Fonte: Captura de tela *Instagram*, 2022

bível por muito mais tempo. Ainda que apelem, em suas descrições, para expressões totalizantes e presentistas como “as maiores histórias do nosso tempo” ou “o fundamental sobre os assuntos do momento”, bem como convoquem a própria inserção na rotina diária do ouvinte, esses conteúdos aparentam ter um prazo de validade mais dilatado, o que faz com que sua escuta permaneça pertinente para além da hora e até da data da publicação. Não são raros os relatos de pessoas que escutam episódios “com atraso”, sem prejuízo para a audição, no sentido de se tornarem “velhos”. Assim como casos em que os próprios produtores dos programas referenciam episódios anteriores, seja como complementos a discussões apresentadas em programas mais recentes ou por qualquer outra relação que se possa estabelecer com eles no presente.

Demonstra essa dilatação, por exemplo, o fato de que, aos sábados, o *g1* publica um compilado com os episódios de *O Assunto* que foram ao ar nos cinco dias anteriores. “*O Assunto* é publicado de segunda a sexta-feira, mas você pode aproveitar o fim de semana para ouvir todos os episódios”, diz o texto da compilação. Outro exemplo relacionado ao mesmo podcast tem a ver com o fato de, em dado momento, o próprio *g1* ter convocado sua audiência à escuta de um programa publicado quase um ano antes, quando a história da qual ele tratava teve um novo desdobramento. A chamada “Há quase um ano, podcast mostrou suspeitas contra a deputada”, acompanhada da descrição “Episódio em setembro listou contradições do caso; relembre o crime e a investigação” (Figura 3), foi feita no portal em agosto de 2020 – quando a então deputada federal Flordelis se tornou ré

no inquérito do assassinato de seu marido, Anderson do Carmo, pelo qual posteriormente seria condenada –, chamando a atenção para o episódio *As contradições do caso Flordelis e como a deputada passou a ser suspeita da morte do marido*, publicado em setembro de 2019.

Figura 3 - Chamada g1

O Assunto

Há quase um ano, podcast mostrou suspeitas contra a deputada

Episódio em setembro listou contradições do caso; relembre o crime e a investigação.



Há 11 minutos — Em O Assunto

Fonte: Captura de tela g1, 2021

Outro indício de que os podcasts podem estabelecer uma relação com o ouvinte menos vinculada ao momento de sua publicação – neste caso, não só dos diários – e da consciência das empresas que os produzem a esse respeito é que tem se tornado cada vez mais frequente, em sites jornalísticos, a inserção de episódios publicados anteriormente no corpo de novas reportagens, muitas vezes sem que os assuntos tenham ligação direta e só se relacionem tangencialmente. Isso, é claro, tem a ver também com estratégias de SEO (*Search Engine Optimization*), que correspondem a um conjunto de técnicas para melhorar o posicionamento dos sites nos mecanismos de busca, e preconizam a inserção de *links* e outras mídias nas páginas, mas não deixa de ser sintomático do modo como esses programas estabelecem relações de atualidade.

Portanto, quando o *g1* incorpora o episódio *Urna eletrônica e o teste de integridade* de *O Assunto*, de agosto de 2021, a uma reportagem sobre uma parceria do Tribunal Superior Eleitoral com empresas de mídias sociais para combater a desinformação nas eleições, escrita em fevereiro de 2022³¹, ou quando a *Folha*, na mesma época, recupera um episódio do podcast de cultura *Expresso Ilustrada*, de 2020, sobre “funk de pelúcia”, em uma matéria sobre o *rapper* mineiro FBC e a presença do descontraído ritmo do *Miami bass* em seu disco-hit “Baile”³², é como se ambos estivessem dizendo ao leitor/ouvinte que um pedaço específico daquele conteúdo foi discutido de maneira mais detida e aprofundada em outra ocasião, e aquilo ainda vai fazer sentido se ele se dispuser a ouvir naquele momento.

Em mais um exemplo desse tipo de relação, em julho de 2020, Rodrigo Vizeu, já não mais apresentador de *Café da Manhã*, lembrou, em seu perfil no *Twitter*³³, o episódio “O que fizemos com 130 anos de República”, de 15 de novembro de 2019. Na ocasião do post de Vizeu, o cientista político e historiador Christian Lynch, entrevistado do episódio referido, publicou na *Folha* o texto “Império não é avô da ditadura militar nem bisavô de Bolsonaro, diz professor” que, de acordo com o jornalista, em certa medida dialoga com a discussão presente no programa mencionado.

A inserção do podcast no cardápio de opções, portanto, acrescenta elementos às dinâmicas temporais do jornalismo. Por um lado, são diários – ainda que somente em dias úteis, o que provavelmente tem a ver com questões logísticas de produção, mas também com o modo com que se consome jornalismo aos fins de semana –, como telejornais e edições impressas de periódicos. No entanto, se comparados aos outros dois formatos citados, parecem ser mais perenes. A não ser em situações muito específicas, não se assiste ao telejornal de ontem, e o jornal impresso em poucas horas se transforma em “embrulho para peixe”. Já o podcast

³¹ TSE FIRMA parceria com redes sociais para combate à desinformação nas eleições. *g1*, 15 fev. 2022. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/02/15/tse-firma-parceria-com-redes-sociais-para-combate-a-desinformacao-nas-eleicoes.ghtml>. Acesso em 15 fev. 2022.

³² ENTENDA COMO FBC fez de 'Se Tá Solteira' um hit no TikTok com um clima de baile funk. *Folha de S. Paulo*, 14 fev. 2022. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/02/entenda-como-fbc-e-vhoor-resgataram-o-miami-bass-para-criar-os-hits-de-baile.shtml>. Acesso em 15 fev. 2022.

³³ VIZEU, Rodrigo. Me lembrou, em parte, um ótimo papo com ele em um *Café da Manhã* do ano passado: <https://open.spotify.com/episode/2mV21MxzPogrfrkGPvD6lNK>. São Paulo, 25 jul. 2020.

Twitter: @rodrigovizeu. Disponível em:

<https://twitter.com/rodrigovizeu/status/1287119985941372928>. Acesso em: 27 jan. 2022.

diário tem, como demonstrado, entre suas principais características, o “se encaixar” na rotina do ouvinte. Ou seja, o interlocutor não precisa tocar o episódio no instante em que ele é publicado; o apelo é justamente o oposto: o programa é disponibilizado e fica lá, à disposição da audiência, para o momento que considerar mais adequado.

Por extensão, se a escuta é “sob demanda”, isso quer dizer que há outro tempo regendo a produção jornalística que não mais apenas o suposto “tempo da notícia”. Não se trata mais de *tudo* o que é necessário saber para se manter informado, mas de um único tema a respeito do qual se saberá muita coisa. A potencial flexibilidade associada à audição dos episódios é também um embaralhador de dinâmicas temporais, na medida em que a simultaneidade da escuta com a realização de outras atividades – ainda que já presente no rádio e, em algum grau, até na televisão – propicia realizá-la em momentos que, de outro modo, poderiam não estar relacionados à busca por notícias.

Ao mesmo tempo, na internet, esse tipo de podcast representa uma quebra no fluxo contínuo de produção de informação, já que os episódios são diários, mas têm duração limitada e não estão em constante atualização, como os sites de notícias e perfis jornalísticos em mídias sociais, por exemplo. Além de necessariamente tratarem de um tema “de ontem”, como os jornais impressos. Expressões como “Cobertura 24 horas”; “Atualizações a cada minuto”; “Jornalismo em tempo real”; “Nunca desliga”; “Em 20 minutos tudo pode mudar”, que Jácome (2020) destaca como representativas da maneira pela qual as mídias têm percebido sua relação com o tempo – tendo o passado como algo pacificado, não problemático, frente a uma constante aceleração temporal –, parecem não caber para os programas pertencentes a essa categoria; o senso de urgência é outro. Dessa forma, o peso da idealização de uma temporalidade vinculada ao discurso moderno, típica das notícias, tem uma proporção diferente nos podcasts.

Ou seja, os três podcasts apresentados se originam de uma incursão em um terreno ainda não explorado por grupos de mídia com longa tradição na produção jornalística, e resultam no alcance de grandes audiências. Parte dessa ampla adesão parece estar relacionada à maior flexibilidade temporal que esses programas têm, uma vez que a escuta dos episódios, em geral, se mantém pertinente por mais tempo do que se esperaria de produções de periodicidade diária. Característica que, inclusive, é evocada com certa frequência pelos próprios produtores desses podcasts. Quais podem ser as justificativas para que isso aconteça? O fato de

serem disponibilizados também em aplicativos externos às “casas” dos grupos de mídia que os produzem (site, canal de TV, estação de rádio, ou mesmo aplicativos próprios) tem alguma implicação? E quanto à construção narrativa desses podcasts: sendo as produções jornalísticas ferramentas que ajudam a organizar a própria compreensão da realidade diante de um mundo em constante transformação, de que maneira ela contribui para que o que é entregue ao ouvinte, no fim das contas, seja um conteúdo com outro apelo de inserção no cotidiano, que não aquele constantemente acelerado? Antes de refletir acerca de tais questões, é preciso voltar o olhar para o que tem sido produzido, em termos de pesquisa acadêmica, acerca desse fenômeno, e que abordagens têm sido utilizadas. Uma vez delineado o panorama, localizaremos o percurso no qual esta pesquisa se inscreve.

1.3 Podcast: um conceito em disputa

O artigo “Audible revolution”, escrito por Ben Hammersley (2004) no jornal britânico *The Guardian*, é amplamente referenciado como um dos primeiros registros do uso do termo *podcasting* e uma tentativa de definição da prática. O autor a caracteriza como uma nova forma de produção de áudio para a internet, centrada principalmente nos Estados Unidos, feita por amadores e a partir de recursos baratos. Hammersley cita como exemplos tanto programas de rádio disponibilizados para *download*, quanto casos que se valem justamente da inexistência de certas restrições presentes no rádio. Do ponto de vista tecnológico, o principal desenvolvimento que sedimentou a atual configuração de distribuição dos podcasts foi a criação do *feed RSS*, recurso que serve como agregador de conteúdo. É uma ferramenta que permite ao usuário se cadastrar para receber atualizações de modo automático e a forma mais comum atualmente de circulação dos podcasts (ROCHA, 2018).

Desde o início dos anos 2000, pesquisadores de todo o mundo, inclusive do Brasil, vêm se dedicando a refletir sobre o fenômeno, sob diferentes abordagens (KISCHINHEVSKY; LOPEZ; BENZECRY, 2020). Uma busca feita por Marcelo Kischinhevsky, Debora Cristina Lopez e Lena Benzecry (2020) no *Portal de Periódicos* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) resultou em 3.139 artigos científicos publicados em revistas avaliadas por

pares, de 2005 até maio de 2020. Uma fração muito pequena dessa produção, no entanto, é de textos em línguas que não a inglesa. Em português, foram encontrados somente 17 artigos. Ainda assim, o idioma do Brasil é o quarto na produção de conhecimento sobre *podcasting*, atrás apenas do inglês (3.054), do espanhol (112) e do alemão (19).

Autora do primeiro artigo brasileiro sobre o tema, Gisela Castro (2005) encara o *podcasting* como versão “blogueira” do rádio, por oferecer conteúdo customizado *on demand*, o que seria coerente com a tendência de forte segmentação das audiências, favorecida pelos meios eletrônicos. Marcello Medeiros (2006), por sua vez, afirma que um podcast não é um programa de rádio, e que seria, no máximo, uma metáfora de um programa de rádio. Ao distinguir os dois meios, o autor destaca a diferença na forma de transmissão – em fluxo, no rádio, e por demanda, no podcast – e no modo de produção – descentralizado, no podcast, e centralizado e institucionalizado, no rádio.

Ana Luiza Couto e Luis Mauro Sá Martino (2018) analisaram 35 teses e dissertações defendidas entre 2006 e 2017 no Brasil para observar como o tema podcast vem sendo pesquisado na área de comunicação. Os autores assinalam que a mídia parece escapar, na pesquisa acadêmica, às interpretações que busquem reduzi-la a categorias conhecidas. Ao englobar e, ao mesmo tempo, retrabalhar diversas maneiras de expressão sonora, em uma variedade de formatos, o podcast desafia uma definição única. Nesse cenário, a própria noção de “mídia sonora” vem sendo reelaborada. “Se até um determinado momento era possível equiparar ‘mídia sonora’ com ‘rádio’, o ambiente das mídias digitais parece ter criado ramificações para essa experiência” (COUTO; MARTINO, 2018).

Os autores ressaltam que, como é comum nos estudos em comunicação, as teses e dissertações que têm podcasts como tema se caracterizam pela diversidade de abordagens e construções metodológicas, assim como pelos caminhos teóricos raramente convergentes. De acordo com eles, a ideia de “podcast”, do ponto de vista conceitual, parece se desenvolver em torno de um núcleo relacionado à produção sonora no ambiente das mídias digitais, se associando também a ideias como “produção colaborativa” e “mobilidade”. Do ponto de vista do referencial teórico, Couto e Martino (2018) percebem certa predominância de estudos voltados para o digital, deixando em segundo plano as questões que poderiam equiparar podcasts a formas mais tradicionais de mídias sonoras, em particular o rádio.

Não é coincidência, nesse ponto, observar que a análise bibliométrica sugere ligações mais fortes com autoras e autores vinculados aos estudos de cibercultura, internet e mídias digitais, mais do que, propriamente, com mídias sonoras ditas “tradicionais”. Aliás, se é arriscada uma definição positiva de “podcast”, por outro lado é possível notar certo dimensionamento dessa produção em termos de uma distância do rádio: podcast não é um “rádio digital”, mas algo que se delinea a partir de práticas colaborativas em várias plataformas, caracterizadas de maneira majoritária, mas não exclusiva, pela proximidade com produção sonora. (COUTO; MARTINO, 2018, p. 63)

Já Luana Viana (2020) realizou um levantamento bibliográfico que resultou num *corpus* de 34 artigos publicados nos anais dos principais eventos de comunicação do país, entre 2004 e 2019, que trazem a palavra “podcast” no título e estão relacionados aos estudos de rádio e mídias sonoras. A maior parte dos artigos analisados (29) constrói um percurso amparado em teorias diretamente dialogadas com o objeto, oscilando entre as áreas da cibercultura e mídias digitais e do rádio e mídias sonoras. É percebida também uma dificuldade dos pesquisadores em apresentar uma definição única do que se compreende por podcast. Outro dado identificado pela autora é uma mudança de foco nas discussões ao longo do tempo. Nos primeiros anos que se seguiram ao surgimento do fenômeno, havia uma maior preocupação com discussões sobre o formato se enquadrar ou não numa vertente radiofônica. Mais recentemente, as reflexões giram em torno das suas potencialidades e complexidades narrativas. “[...] acreditamos que se no início o olhar era voltado para o caráter multimídia do podcast e ancorado nos estudos da cibercultura e das mídias digitais, o ponto chave das discussões atuais é o áudio e a sua linguagem radiofônica” (VIANA, 2020).

Um levantamento nos anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) reitera a constatação de Viana. Das edições de 2018 a 2022, foram publicados 11 artigos que se debruçam sobre a questão da narrativa nos podcasts, incluindo um da própria Luana Viana (2022) sobre abordagens metodológicas no âmbito da pesquisa qualitativa relacionada à comunicação radiofônica, que evidencia a perspectiva da narrativa. Entre expressões como “podcast narrativo”, “radiojornalismo narrativo”, “*storytelling*” e “audiocumentário”, os textos exploram os recursos e estratégias de linguagem mobilizados pelos produtores de podcasts para apresentar ao público o conteúdo dos programas.

Nesse sentido, estamos em consonância com essa tendência. No entanto, é preciso um exame mais atento sobre o que se entende por “narrativo” e “não narrativo”.

1.4 A narratividade dos não-narrativos

Para além de uma questão meramente tecnológica, a possibilidade de escuta não-síncrona aparenta ser um elemento importante para a construção dos episódios dos podcasts diários de notícias, no sentido de torná-los menos associados a um momento específico. Nick Newman e Nathan Gallo (2019) demonstram que muitos editores, com origem no impresso ou no digital, ao criarem seus programas dessa categoria, se concentraram em mergulhos profundos em um único assunto, usando como pontos fortes a análise e a explicação. Segundo os autores, jornalistas da mídia impressa abraçaram com entusiasmo essas novas formas de contar histórias, considerando-as um complemento natural para os fluxos de trabalho existentes.

Parece estar nessas “novas formas de contar histórias” uma chave determinante para a compreensão da relação com o tempo estabelecida a partir dos podcasts diários, uma vez que esses programas têm lógicas próprias de estruturação das informações apresentadas, assim como modos específicos de abordá-las. Porém, o que tanto produtores quanto pesquisadores costumam descrever como “podcast narrativo” ou “radiojornalismo narrativo” em geral tende a não abarcar os podcasts diários de notícias. Há, inclusive, um episódio de *O Assunto* – “O vale-tudo das ‘narrativas’”, de 12 de julho de 2021 – que se dedica a discutir o uso político da expressão, especialmente por bolsonaristas, na CPI da Covid, realizada naquele ano para investigar crimes relacionados à pandemia. Apesar da pertinente proposta de analisar o uso da palavra “narrativa” por políticos de extrema-direita para desqualificar discursos de opositores, o programa, a nosso ver, peca ao encarar como pertinentes somente os modos de narrar a realidade calcados numa suposta verdade dos fatos ou factualidade, a partir do que diz o jornalista e professor da Universidade de São Paulo Eugênio Bucci, entrevistado na ocasião.

No âmbito da pesquisa, Marcelo Kischinhevsky (2018), por exemplo, caracteriza o *jornalismo narrativo* como um novo gênero que envolveria reportagens investigativas com apuração exaustiva de informações – portanto, com a

possibilidade de reconstituição de cenas e ambiências –, além de reportagens de interesse humano, mobilizadoras de arquétipos em novas roupagens, numa tática de sensibilização da audiência e estabelecimento de vínculos entre ouvintes e personagens representados. O *radiojornalismo narrativo*, por sua vez, seria esse gênero acrescido de especificidades como o uso de trilha sonora para evocar sentimentos, linguagem próxima (e atualizadora) da contação de histórias, menor nível de redundância, se comparado ao radiojornalismo tradicional, e mais espaço para *ganchos*, ou seja, resumos explicativos que abrem e encerram os episódios, inspirados na lógica da ficção serializada. Segundo tal perspectiva, nesse novo radiojornalismo narrativo, característico de uma ampla produção de podcasts em nível internacional, poderiam ser identificados os seguintes fios condutores:

Em linhas gerais, investem na apuração em profundidade, ouvindo extensamente as fontes escolhidas e recorrendo à ilustração destes personagens em diversos momentos dos episódios, sem a restrição de tempo das sonoras usadas no radiojornalismo convencional – raramente, superiores a 30 segundos de duração. (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 79)

Ou seja, Kischinhevsky (2018) destaca, como característica do gênero, a riqueza na construção dos personagens, que seria possibilitada, inclusive, pela ausência de determinadas restrições inerentes ao rádio. Eduardo Vicente e Rosana de Lima Soares (2021), por sua vez, classificam como podcasts narrativos aqueles que buscam contar histórias, num gênero também chamado de *storytelling*. A expressão – que não é exclusiva de produções sonoras – diz respeito, segundo os autores, a um certo modo de criar narrativas roteirizadas por meio de personagens, ações, eventos (ficcionais ou factuais), palavras, imagens e sons que possam surpreender e cativar o público de leitores, ouvintes ou espectadores. Tais podcasts

[...] exigem um considerável trabalho de pré-produção, produção e pós-produção através de uma aprofundada pesquisa sobre o tema, captação e gravação de eventos ou entrevistas em diferentes ambientes, obtenção de arquivos sonoros preexistentes, organização e transcrição dos áudios, redação e gravação das narrações que irão conduzir a história, e edição final de um programa que poderá contar, ainda, com músicas, vinhetas e efeitos sonoros variados. (VICENTE; SOARES, 2021, p. 259)

Os podcasts narrativos, na perspectiva desses autores, seriam herdeiros de uma tradição gestada na *National Public Radio* (NPR), dos Estados Unidos. Criada em 1970, a NPR é uma rede nacional de emissoras não-comerciais cujas origens

remontam aos anos 1920, com a concessão de mais de 200 licenças a estações de rádio educativas, boa parte delas vinculada a faculdades e universidades. Pioneiras no rádio norte-americano, essas emissoras transmitiam não só cursos de professores, mas tinham uma programação variada, incluindo entretenimento, interesse público e informes voltados para o meio rural, como aponta Michael McCauley (2005). Embora muitas dessas rádios tenham deixado de existir nos anos 1930, por conta da Grande Depressão e de pressões de redes comerciais, parte delas se manteve operando com apoio da Fundação Ford. Até que, em 1967, o Congresso norte-americano aprovou o *Public Broadcasting Act*, que criou a *Corporation for Public Broadcasting*, uma organização sem fins lucrativos destinada a receber investimentos públicos e privados para financiar e interconectar emissoras não-comerciais. Três anos depois, nasceria a NPR, cujo funcionamento implicava, em boa medida, na distribuição de programas em fitas gravadas para posterior veiculação pelas emissoras afiliadas (MCCAULEY, 2005).

Conforme pontua Márcia Detoni (2018), além de agrupar as emissoras não-comerciais, sem alterar o caráter local de cada uma e promovendo intercâmbio de conteúdo entre elas, a NPR abriu espaço para produções independentes e começou a produzir programas de amplitude nacional e grande interesse público (DETONI, 2015 *apud* DETONI, 2018). Nesse sentido, *All Things Considered*, primeiro grande programa produzido para a rede, em 1971, – uma revista radiofônica sobre os grandes assuntos do dia –, já se caracterizava como um formato bastante flexível que comportava a inclusão de noticiário ao vivo, música, poesia, entrevistas, documentários curtos etc. (MCCAULEY, 2005). No ar desde então, *All Things Considered* se mantém atualmente como “o programa jornalístico vespertino mais ouvido do rádio americano” e “abriu espaço para reportagens e peças não-ficcionais com muitas sonoras, marcando o renascimento do radiodocumentário no país” (DETONI, 2018).

No final dos anos 1970, uma grande variedade de documentários produzidos por sua própria equipe ou por produtores independentes compunham a programação da NPR (DETONI, 2018). No entanto, devido a crises financeiras nos anos 1980, a rede passou por várias ações de reestruturação, e foi incentivada a produção de programas que aumentassem a audiência e o envolvimento dos ouvintes (VICENTE; SOARES, 2021). Nesse contexto, em 1995, nasce *This American Life* (TAL), programa produzido por Ira Glass para a emissora WBEZ 91.5

FM, de Chicago (EUA). Com uma hora de duração, *TAL*, no ar aos fins de semana, traz “relatos de pessoas comuns sobre acontecimentos que marcaram suas vidas, em um desafio bem-sucedido à aposta da NPR no Jornalismo” (DETONI, 2018). No ar há 27 anos, o programa alcança mais de 2 milhões de ouvintes por semana ao ser transmitido por mais de 500 rádios públicas dos Estados Unidos, além de outros 2,8 milhões de *downloads* por meio da publicação dos episódios nos tocadores de podcasts (THIS AMERICAN LIFE, 2021). Trazendo relatos fortemente centrados na narração, segundo Detoni (2018), o programa tem *script* meticulosamente redigido e elaborado, além de privilegiar a palavra sobre os demais sons. A autora detalha:

O formato “storytelling” de Ira Glass, que o produtor classifica como “jornalismo narrativo” – termo bastante adequado à proposta jornalística da NPR –, seleciona, no entanto, um tipo de história específica: aquela em que o protagonista enfrenta uma situação de superação e transformação. O requisito é ter um arco dramático. O programa adota a famosa estrutura dos contos mitológicos e parábolas descrita pelo escritor americano Joseph Campbell como “a jornada do herói”, ou seja, aquela em que os protagonistas enfrentam os obstáculos e descobrem, no processo, uma verdade que é revelada ao mundo no final do relato. (DETONI, 2018, p. 37-38)

Um exemplo desse tipo de construção está presente no episódio número 399 de *This American Life*. Com o título *Break-Up*, o programa foi ao ar originalmente em 24 de agosto de 2007, tendo sido reprisado algumas vezes nos anos que se seguiram. No Ato Um, é contada – por ela mesma – a história de Starlee Kine, que, deixada pelo namorado, resolve conversar com o autor de uma das canções de término que mais a tocam: Phil Collins – a música em questão é “Against All Odds”. Com ajuda do músico, ela consegue não só processar melhor seus sentimentos, como compõe sua própria canção de término. Ira Glass, em entrevista a Jessica Abel, explica a abordagem de *This American Life* da seguinte forma:

[...] as histórias que fazemos são realmente motivadas por personagens, elas seguem a mesma estrutura, uma estrutura literária, como uma história de ficção. A história precisa de um personagem, um personagem com quem você se identifique, que interaja com outros personagens de um jeito muito específico, e há conflito, mudança e resolução (e não necessariamente sempre a parte da resolução) inerentes à história, e os personagens

mudam, crescem e aprendem algo novo e surpreendente³⁴. (ABEL, 2015, p. 17, tradução nossa)

Detoni (2018) observa que o sucesso de *TAL* incentivou vários produtores a relatar histórias reais usando um narrador/contador de histórias, e assim nasceram outros programas com enormes audiências, tais como *Radiolab*, um programa de rádio e podcast da NPR criado em 2002, que explora ciência, filosofia e ética desafiando noções preconcebidas a respeito de como o mundo funciona; *99% Invisible*, que começou em uma rádio pública em 2010, mas hoje pertence à rede de podcasts *Radiotopia*, e trata do pensamento implicado em coisas sobre as quais não pensamos, ou seja, a arquitetura e o *design* praticamente invisíveis que moldam o mundo; e *Invisibilia*, criado na NPR em 2015 para tratar das forças invisíveis que controlam o comportamento humano e condicionam nossas ideias, crenças e suposições. Se aprofundando em questões psicológicas, o programa oferece perspectivas sobre a maneira como raciocinamos e nos comportamos.

O mais notável herdeiro de *This American Life*, no entanto, é *Serial*, podcast criado em 2014 pela produtora Sarah Koenig. Em 12 episódios, ela investigou se o então estudante de ensino médio Adnan Syed realmente havia assassinado sua ex-namorada Hae Min Lee, em 1999, crime pelo qual foi condenado à prisão perpétua. Ao longo da temporada, Koenig apontou inconsistências no julgamento e falhas na defesa, por meio de entrevistas com testemunhas, estudantes e policiais (VICENTE; SOARES, 2021). Fenômeno global, a série tornou-se o podcast a superar mais rapidamente a marca de 5 milhões de downloads no *iTunes* (OPAM, 2014) e registra atualmente mais de 300 milhões de *downloads* no mundo todo (THIS AMERICAN LIFE, 2021).

Além disso, “seu sucesso em podcast apontou um nicho na internet para formatos que encontravam resistência no rádio linear, mas que, ao oferecer uma audição flexível, encontram novos fãs” (DETONI, 2018) e culminou, como dito anteriormente, na compra da *Serial Productions*, empresa responsável pelo trabalho, por *The New York Times Company* por cerca de US\$ 25 milhões.

³⁴ “[...] the stories that we do are really character-driven, that they follow the same structure, a literary structure, as a fiction story might. The story needs one character, a character that you identify with, who interacts with other characters in a very specific way, and there’s conflict, change, and resolution (and not necessarily always the resolution part) inherent to the story and the characters change and they grow and they learn something new, and surprising”.

Mais do que um estrondo de audiência, que impulsionou o interesse em determinados formatos e gerou retornos financeiros consistentes para seus produtores, *Serial* motivou, como aponta Diogo Tognolo Rocha (2018), um amplo engajamento por parte de seus ouvintes, que não se restringiram apenas à escuta dos episódios, mas criaram grupos de fãs que discutiam cada detalhe e cada nova pista apresentada no podcast. Em fóruns na internet, os ouvintes se dedicavam não apenas a debater o programa em si, mas também a investigar o assassinato apresentado na história e a preencher as lacunas deixadas na investigação original do caso, bem como as que foram deixadas por Sarah Koenig na maneira como conduziu a produção. Cabe pontuar também que tudo isso resultou na suspensão da condenação de Adnan Syed e no posterior arquivamento de seu processo, em outubro de 2022, quando ele finalmente recobrou a liberdade, oito anos após o lançamento da temporada e 23 após sua prisão.

Tamanho êxito provocou o que tem sido chamado de “Efeito *Serial*”, como nota Richard Berry (2016), em que se observa a renovação do interesse em podcasts e *storytelling* serializado. Em uma entrevista dada à publicação *Nieman Storyboard*, da Fundação Nieman de Jornalismo da Universidade de Harvard – que tem foco em jornalismo narrativo excepcional –, quando apenas os primeiros episódios de *Serial* haviam ido ao ar, as produtoras executivas Sarah Koenig e Julie Snyder falaram sobre o assunto. Para Snyder, a diferença entre o trabalho delas e muito do que se vê, sobretudo na TV, seria “tentar contar uma história, falar sobre o caso de uma maneira que se entenda que todo mundo nele é uma pessoa real e que aconteceu com pessoas reais, sem apelar para exploração”³⁵ (KIERNAN, 2014, tradução nossa). A certa altura da conversa, a entrevistadora pede que Koenig elabore sobre uma das coisas mais interessantes de *Serial* ser o fato de a narrativa não passar por uma limpeza, como repórteres costumam fazer, e que seja, de maneira oposta, apresentada de forma bastante bagunçada, o que faz com que o ouvinte “desça todas as curvas erradas” com ela. Ao que a produtora responde:

Para mim, esse é o prazer de ir descobrindo. Acho que nossa regra geral é que, se é interessante para nós, vamos presumir que é interessante para você. E, contanto que sejamos responsáveis, não joguemos por aí coisas que são totalmente mal feitas, e que possamos corroborar o que estamos

³⁵ “to try and tell a story, to talk about the case in a way where you understand that everybody is a real person and that it happened to real people and not play it for exploitation”.

fazendo, acho que é meio que isso a diversão.³⁶ (KIERNAN, 2014, tradução nossa)

Com inspiração declarada em *This American Life* e *Serial*, o brasileiro *Projeto Humanos* afirma explorar o chamado *storytelling*. “É como se fosse um documentário em formato de áudio e distribuído na internet. Aproxima-se de práticas conhecidas no país como jornalismo narrativo e/ou literário” (PROJETO HUMANOS, 2022). O programa foi lançado em 2015 por Ivan Mizanzuk, que se diz admirador e estudioso de tal técnica.

A grande maioria dos podcasts produzidos no Brasil (e provavelmente no mundo) seguem o formato de “conversa informal”. Junta-se alguns amigos, grava-se a conversa e lança no feed.

O podcast *storytelling* já possui outra proposta: dedica-se em montar linhas narrativas mais imersivas, nas quais os ouvintes possam ter uma relação mais visceral com a história que lhes é contada. (PROJETO HUMANOS, 2022)

A história do radiojornalismo no Brasil, entretanto, segue um percurso com características próprias. Com inauguração oficial atribuída à transmissão do discurso proferido pelo então presidente da República Epitácio Pessoa, na abertura da Exposição Internacional do Rio de Janeiro – evento que fazia parte das comemorações do centenário da Independência do Brasil –, em 7 de setembro de 1922, a radiodifusão brasileira tem seu marco inicial três anos antes, em 1919, com a fundação da *Rádio Clube de Pernambuco*, mas ainda levaria alguns anos para se consolidar (ORTRIWANO, 2002).

O radiojornalismo, por sua vez, tem início com a criação, em 1923, do *Jornal da Manhã*, dentro da programação da *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, fundada no mesmo ano pelo cientista e educador Edgard Roquette-Pinto. O programa, como lembra Barbosa (1996), consistia na leitura que o próprio Roquette-Pinto fazia de notícias veiculadas por jornais impressos, as quais haviam sido previamente assinaladas em vermelho e também eram comentadas por ele, o que inaugura, portanto, o jornal falado. Ícone intelectual do processo de implementação da radiodifusão no país, Roquette-Pinto definia o modo como o meio era visto por seus primeiros entusiastas da seguinte forma: “Rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o

³⁶ “To me, that’s the pleasure of figuring this out. I think our rule of thumb is if it’s interesting to us, we’re going to assume it’s interesting to you. And as long as we’re responsible, not throwing stuff out there that’s totally half-cocked, and as long as we can corroborate what we’re doing, I think that’s kind of the fun of it”.

mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador dos enfermos; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito” (ROQUETTE-PINTO, 1926).

Em São Paulo, a Revolução Constitucionalista, em 1932, marca o início do radiojornalismo, segundo Gisela Swetlana Ortriwano (2002). De acordo com a autora, já havia nas emissoras do estado outras experiências em formatos jornalísticos diversos, porém, naquele momento, o rádio era utilizado pela primeira vez no Brasil como instrumento de mobilização popular. Na *Rádio Record*, o “Locutor da Revolução”, como ficou conhecido César Ladeira – que, hoje é sabido, revezava a apresentação com colegas que emulavam seu modo de narrar para dar a sensação de que ele estava permanentemente em ação –, conclamava o povo a pegar em armas por uma Carta Constitucional. A *Rádio Record*, por extensão, se tornou “A Voz da Revolução”.

Sonia Virgínia Moreira (2011), no entanto, argumenta que, da forma como é conhecido hoje, associado a agilidade e instantaneidade, o rádio teve início no Brasil em 28 de agosto de 1941, com a transmissão da primeira edição do informativo *Repórter Esso* pela *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro, na marcante voz do locutor gaúcho Heron Domingues. De acordo com a autora, o programa dos emblemáticos slogans “o primeiro a dar as últimas” e “a testemunha ocular da história”, que também tinha versões produzidas em Nova York, Buenos Aires, Santiago, Lima e Havana, e que aqui ficaria no ar por 27 anos, foi responsável por três grandes contribuições ao panorama radiofônico brasileiro: 1) introduzir no país o primeiro noticiário com linguagem própria para o rádio, com frases curtas, em ordem direta, números por extenso etc., além do estilo de locução de Heron Domingues, que seria seguido por locutores Brasil afora; 2) a instituição de horários predeterminados na programação para os jornais falados; e 3) a organização do primeiro manual de produção para a elaboração de um noticiário radiofônico. Tal manual seguia três normas básicas: o *Repórter Esso* é um programa informativo; o *Repórter Esso* não comenta as notícias; o *Repórter Esso* sempre fornece as fontes da notícia.

Sete anos após o lançamento do programa, em 1948, foi criada a primeira redação de radiojornalismo do Brasil, na *Rádio Nacional*, que passou a contar com uma Seção de Jornais Falados e Reportagens, um avanço em relação ao *Repórter Esso* por introduzir rotinas e hierarquias peculiares a uma redação jornalística no rádio. Em 1953, o trabalho da seção resultaria na *Rede Nacional de Notícias*,

retransmissão dos jornais falados da *Rádio Nacional* por emissoras de diversas regiões. Assim foi consolidado o estilo de radiojornalismo adotado pela maioria das rádios brasileiras (MOREIRA, 2011). A primeira experiência com uma equipe de repórteres, no entanto – levando em conta que até ali havia muitas dificuldades para o registro de entrevistas e transmissão a partir do palco de ação dos fatos –, se daria a partir de 1950, na *Emissora Continental*, do Rio de Janeiro, como pontua Luiz Artur Ferrareto (2011). O radiojornalismo brasileiro viveria, então, segundo o autor, um período de desenvolvimento e expansão, que seria interrompido em dezembro de 1968, após a decretação do Ato Institucional n. 5 (o AI-5) e o início do período mais agudo da ditadura militar, o que implicou em uma série de restrições aos meios de comunicação.

O período de redemocratização do país marca também o início de uma nova etapa no panorama do radiojornalismo brasileiro: o surgimento das emissoras exclusivamente dedicadas à notícia. A novidade seguia a tendência de segmentação das rádios e corria atrás de um modelo de negócio que os Estados Unidos já vinha consolidando desde os anos 1960, o chamado *all-news*, ou seja, um fluxo contínuo de notícias, e suas variações (VILLELA, 2022). Entretanto, como salienta Ferrareto (2011), o que se chamou de *all-news* no Brasil tinha influência de outro formato também criado nos Estados Unidos, o *all-talk*, que consistia em programações centradas em conversas e com participação intensa de ouvintes. Nos anos 1980, houve experiências nesse sentido conduzidas pela *Rádio Jornal do Brasil AM*, do Rio de Janeiro, e a *Rede Brasil Sul (RBS)*, de Porto Alegre. Esta última inspiraria o *Sistema Globo de Rádio* a operar, a partir de 1991, a *Central Brasileira de Notícias (CBN)*, a primeira cadeia de emissoras do país baseada no *all-news* estadunidense. A experiência mais próxima desse modelo, no entanto, entraria no ar em 2005: a *BandNews FM* (FERRARETO, 2011).

Como recupera Valci Regina Mousquer Zucoloto (2011), o radiojornalismo brasileiro tem início como uma cópia pura e simples das informações dos jornais impressos, e a formatação de um modelo de notícia, de fato, só começa na Época de Ouro do rádio brasileiro, os anos 1940, com o *Repórter Esso*. Patrocinado pela empresa petrolífera Standard Oil, foi produzido integralmente pela agência de notícias United Press (UP), e introduziu regras de redação, apresentação e coleta de informações para as notícias radiofônicas que se manteriam como a base comum à produção nessa vertente no país desde então – ainda que os locutores de “vozeirão”

tenham saído de cena e novos formatos de transmitir a informação tenham sido construídos. Do ponto de vista da técnica, ferramentas como o gravador cassete portátil, o transistor, o transmissor-receptor e os satélites foram responsáveis por mudanças importantes tanto para quem produz quanto para quem escuta radiojornalismo, seja facilitando processos ou melhorando a qualidade do som, como assinala Nélia Rodrigues Del Bianco (2011). A autora salienta também que “oferecer notícias em primeira mão e narrar os fatos diretamente do local do acontecimento são características indissociáveis do radiojornalismo ao longo de sua história” (DEL BIANCO, 2011). E acrescenta:

A dimensão temporal sempre guiou boa parte do processo de produção da notícia no rádio, seja nos valores-notícia que orientam a recolha e seleção dos acontecimentos, tais como atualidade, novidade, importância e interesse, seja nos critérios de competência profissional do jornalista, medidos pela capacidade de controlar os condicionantes organizacionais e, simultaneamente, superar o tempo e o espaço na produção de conteúdo mediante sua habilidade prática e técnica (DEL BIANCO, 2011, p. 105-106).

Ou seja, se é comum encontrar, nos discursos autorreferentes sobre jornalismo, uma concepção de tempo em constante aceleração – haja vista, por exemplo, os *Princípios Editoriais do Grupo Globo*, lançados em 2011, que apregoam que “é a celeridade com que traça o primeiro retrato dos fatos que ao mesmo tempo dá utilidade à produção jornalística e justifica as suas lacunas. A notícia tem pressa” (GRUPO GLOBO, 2011) –, no rádio, que é fortemente marcado pelo “tempo real”, bem como pela agilidade, instantaneidade e simultaneidade, essa dimensão parece ter ainda mais apelo. Entretanto, isso não quer dizer que não exista radiojornalismo feito em profundidade, como observa Emílio Prado (1989):

[...] o rádio como meio informativo pode fazer um papel muito diferente. Além de transmitir o mais rapidamente possível os acontecimentos atuais, pode aumentar a compreensão pública através da explicação e análise. Esse aprofundamento dos temas conta no rádio com a vantagem de poder ser exposto pelos seus conhecedores, sem passar pela peneira dos não conhecedores – neste caso, os jornalistas – que apenas daria a forma comunicativa adequada ao meio (PRADO, 1989, p. 28).

Júlia Lúcia Silva e Patrícia Rangel (2011) ponderam que reportagem especial, série de reportagem e documentário são gêneros do jornalismo radiofônico que permitem o aprofundamento de um assunto. No entanto, têm espaço modesto se comparados às notícias do dia a dia na grade de programação das emissoras

brasileiras. Existem experiências singulares de produção nesses formatos desde a Época de Ouro, com os “documentários folclóricos” de Henrique Foreis Domingues, o renomado Almirante, em parceria com o roteirista José Mauro e o maestro Radamés Gnattali, no programa “Aquarelas do Brasil”, da *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro (DETONI, 2018), até produções da *Rádio Cultura* de São Paulo nos anos 1980 e da *BBC Brasil* nos anos 1990. Também foram feitos trabalhos fomentados por financiamento público no início dos anos 2010 (SANTOS, 2016), além de reportagens e séries especiais em emissoras como *Rádio Jovem Pan AM*, *Rádio Bandeirantes AM*, *BandNews FM* etc. (SILVA; RANGEL, 2011). Porém não se pode criar uma relação entre essas produções e o cenário dos podcasts no Brasil de maneira mais ostensiva, da forma como existe entre a *NPR* e uma fatia relevante dos podcasts nos Estados Unidos.

A despeito de que, no desenrolar da história do radiojornalismo brasileiro, não se observe, de maneira expressiva, o desenvolvimento de uma linguagem de contornos tão específicos como nos Estados Unidos, as potencialidades e complexidades narrativas constituem um ponto-chave para se compreender o fenômeno dos podcasts, e o aumento do foco dos trabalhos acadêmicos nesse aspecto nos últimos anos, como apontado por Viana (2020), é um dado que confirma isso. Há uma corrente majoritária no campo das pesquisas sobre o tema, a de que o termo “narrativo” estaria ligado a forma e seria uma classificação, um gênero que pode ser atribuído ou não aos programas, a depender da presença de determinadas características. De acordo com essa concepção, o conjunto de pressupostos para que um podcast seja considerado narrativo teria sido gestado ao longo de anos dentro da rede de rádios públicas estadunidenses e se irradiado para o mundo a partir, sobretudo, da explosão de *Serial*, em 2014.

Talvez tenha sido como forma de se contrapor a essa tradição, em alguma medida, que o apresentador de *The Daily* escreveu, na nota publicada na véspera da estreia do programa, que aquilo não era “bem um podcast”, já que se pressupõe, para um produto jornalístico de periodicidade diária, um grau elevado de objetividade, clareza e retidão, características não preconizadas em podcasts tidos como narrativos – ao mesmo tempo em que se diferencia também de outros modelos já reconhecidos, como rodas de conversa e *talk shows*, e abre os horizontes para algo que possa ser considerado novo. Ao mesmo tempo, na medida em que a negação é acompanhada da afirmação “embora você possa ouvir onde

quer que ouça podcasts”, ele reaproxima o programa de todas essas categorias e se permite servir delas também.

No entanto, nos interessa aqui não apenas compreender as particularidades narrativas que caracterizam esses programas, mas pensar de que formas elas acabam reverberando na maneira como eles se mantêm atuais. Sobre que bases o tempo nesses programas se ancora? Que tipo de possibilidades de articulações temporais eles abrem? De que maneiras o contexto de produção em que estão inseridos influencia esses processos? Antes de pensar sobre essas questões, é preciso refletir acerca dos modos como o jornalismo produz relações de atualidade.

1.5 Atualidade jornalística

Se a percepção acerca do tempo, a partir de uma perspectiva geral do jornalismo, é a de uma sensação permanente de urgência e aceleração, é porque ela se vincula de uma maneira muito forte a um senso de atualidade, ou seja, de conexão com o presente. Considerando que o presente está constantemente se tornando passado, e o passado parece não ter valor jornalístico, torna-se necessário compreender os mecanismos que operam para que esse vínculo com o presente se estabeleça e seja mantido.

Para tanto, recorreremos às cinco categorias de fenômenos temporais imbricadas na atividade jornalística propostas por Carlos Eduardo Franciscato (2014), a partir das quais, de maneira articulada e complementar, o autor identifica a atualidade jornalística; também recuperamos em Leticia Cantarela Matheus (2010) a temporalidade da cotidianidade, que corresponderia a uma sexta categoria temporal, segundo o conceito de atualidade de Franciscato, além da relação entre jornalismo e historiografia e os distintos modos de medição e mediação do tempo presentes nos produtos jornalísticos; e, por fim, recorreremos a Elton Antunes (2008) para pensar a dimensão do acontecimento jornalístico e sua relação cotidiana.

Ao longo do processo, e considerando as especificidades características dos podcasts, buscamos ponderar em que medida as proposições dos autores podem ser acionadas para examinar a organização temporal dos programas diários e, a partir disso, entender as diferentes formas de produção de sentido configuradas por eles bem como seus potenciais efeitos *para* e *na* experiência do ouvinte.

1.5.1 Formação histórica e categorias descritivas

A partir das formulações de Carlos Eduardo Franciscato (2014), entendemos que uma definição de jornalismo e das relações desencadeadas por ele na sociedade tem como componente essencial o fenômeno temporal. Tratando-se de uma prática social voltada para a produção de relatos sobre eventos do tempo presente, o jornalismo atua de forma privilegiada como reforço de uma temporalidade social, enquanto produtor de formas específicas de sociabilidade. Levando isso em conta, o autor utiliza o percurso histórico como estratégia metodológica para possibilitar a visualização de fenômenos temporais determinantes para a conformação do jornalismo a um conjunto de práticas, princípios e valores integrados em uma instituição social. Diante da pluralidade de aspectos que compõem a temporalidade no jornalismo, propõe que o conjunto de fenômenos pode ser compreendido em uma dimensão articulada e complementar, a qual denomina de atualidade jornalística.

São elencadas, então, cinco categorias de fenômenos temporais imbricados na atividade jornalística, a partir das quais Franciscato (2014) busca perceber os mecanismos e as relações diferenciadas que os atores (jornalistas, organizações que os aglutinam, instituições sociais e seus públicos) estabelecem, em cada tipo de fenômeno temporal abordado, com seus produtos e processos sociais:

a) Instantaneidade

A categoria da instantaneidade, segundo Franciscato (2014), foi constituída por duas referências principais no jornalismo. A primeira salienta a dimensão da materialidade física da instantaneidade, ou seja, a possibilidade de ausência de intervalo de tempo entre a ocorrência de um evento, sua transmissão e a recepção por um público. E a segunda, localizada numa dimensão sociocultural, constitui tanto um valor normatizador relacionável à necessidade de falar sobre o tempo presente, quanto um sentido cultural que faz o produto jornalístico ser identificável como conteúdo da atualidade. Essa referência caracteriza um sentido de tempo em que os eventos jornalísticos se situavam próximos ao tempo presente da experiência cotidiana do leitor – o que se intensifica com a aceleração progressiva do ritmo de produção jornalística.

Associada originalmente ao surgimento do telégrafo, primeira ferramenta técnica a permitir que um evento fosse percebido quase imediatamente a grande distância, a instantaneidade foi determinante para a criação de um novo sentido de receptividade e brevidade na produção e no conteúdo noticioso, assim como para reforçar, no público, seu vínculo com o tempo presente dos eventos (FRANCISCATO, 2014). Além do telégrafo, o autor destaca outras inovações, como o telefone e a máquina de escrever, que aceleraram os modos de produção jornalística, mas salienta que é a partir do rádio e, posteriormente, da televisão que passam a ser desenvolvidas formas de transmissão e comunicação “ao vivo”, o que supera os intervalos de tempo na transmissão e distribuição das notícias.

Cabe notar que a instantaneidade definitivamente não é um valor que possa ser atribuído aos podcasts diários, visto que, mesmo diante de eventuais urgências que, em outros meios como a TV e o rádio, justificariam interrupções na programação para inserções ao vivo, ou a criação, em sites de notícias, de *feeds* para acompanhar eventos “em tempo real”, não se observa, nesse formato, recursos que o tornem imediato, a despeito de pertencerem ao meio ideal para isso – a internet. O máximo que ocasionalmente acontece é a produção de edições extras, normalmente publicadas aos fins de semana, quando algum tipo de associação temporal impede que se aguarde até a segunda-feira para veiculá-las. Curioso notar que, como observa Franciscato (2014), antes do advento do rádio e da televisão, as edições extras eram o máximo de aproximação que os jornais impressos do início do século 20 alcançavam da instantaneidade.

b) Simultaneidade

A simultaneidade se caracteriza pela capacidade de sincronizar ações ou eventos realizados num mesmo momento, ainda que com diferenças de velocidade, duração, consequências ou desdobramentos. Franciscato (2014), recuperando Benedict Anderson, identifica nessa categoria, do século 17 ao 19, uma manifestação sociocultural de um sentido público de comunidade que habita um tempo e um espaço delimitados (a “nação”) e um papel particular para os jornais nesta relação: o ato de ler jornais em certos momentos do dia constituía-se em um hábito social, uma ritualidade, e o conteúdo das publicações gerava nos indivíduos a

sensação, real ou imaginária, de serem participantes das ações e decisões que envolviam toda a comunidade.

A simultaneidade que o jornalismo produz é, então, um dos modos a fazer com que um corpo social (uma parte dele, pelo menos) supere estados de atomização social e seja estimulado a agir de forma minimamente coordenada, não somente nas ações, mas nas concepções e valores sobre os eventos descritos nos jornais e outros, ausentes das páginas jornalísticas, mas correlatos em características básicas com aqueles noticiados. (FRANCISCATO, 2014, p. 109)

É possível identificar, ainda, outra forma de estabelecer relações de simultaneidade no jornalismo, com componentes tanto estéticos quanto sociais. Tem a ver, de acordo com Franciscato (2014), ao recuperar Kern, com diferentes combinações de discursos a partir da mobilização de artifícios de linguagem variados, como polifonia de vozes e rompimento da linearidade. No jornalismo, isso se manifesta na medida em que se estabelecem relações diversas entre eventos que, ainda que simultâneos, não necessariamente teriam associação direta. Essa “polifonia de vozes” é operacionalizada pelo jornalismo, que reformula elementos num esforço de construir um sentido de atualidade, a qual, por sua vez, surge para tentar superar as dissonâncias temporais e conseguir, a partir de uma referência temporal do presente, uma harmonia mínima no seu produto.

Figura 4 - Sinalização de “muito compartilhado” em episódios no *Spotify*



Fonte: Captura de tela *Spotify*, 2022

Nos podcasts diários de notícias, a simultaneidade pode ser experienciada, por exemplo, nas sinalizações de “muito compartilhado” (Figura 4) nos episódios, ferramenta implementada pelo *Spotify* não faz muito tempo para indicar programas que tenham uma performance de audiência especialmente boa. Ao mesmo tempo em que referenda o conteúdo como de grande interesse, produz a sensação de pertencimento ao grupo que escolhe acompanhar aquela discussão³⁷. A outra forma de estabelecer relações de simultaneidade observada pelo autor também pode ser identificada na medida em que são acionados distintos modos de produção de sentido a partir da articulação de sons de diferentes origens, como áudios de arquivo ou gravações externas. Além, ainda, das associações de efeito discursivo, derivadas dos diferentes modos como os apresentadores convocam os entrevistados a falar.

c) Periodicidade

A terceira categoria analítica identificada por Franciscato (2014) é a da periodicidade, segundo ele, um dos fenômenos temporais mais marcantes da especificidade do jornalismo em seus primórdios. Naquela altura, o estabelecimento de uma produção jornalística em intervalos regulares e fixos redefiniu e reordenou formas de experimentar socialmente o tempo. Institucionalizada como um modo de dar ordem ao tempo social, a periodicidade contribuiu para criar relações internas à organização jornalística, marcadas por um controle preciso do tempo e das etapas de produção, e também por uma planificação de ações e tarefas em cronogramas rígidos. Direcionando modos de definir e dar forma à notícia, a periodização dos jornais impõe, no intervalo de tempo entre duas edições sucessivas, uma fronteira para demarcar a atualidade dos eventos, indicando a sua validade temporal como potencialmente noticiáveis.

Produzir uma notícia implicou fragmentar eventos em cortes temporais conforme a periodicidade da publicação. Em uma dimensão macrossocial, esta forma de operar a temporalidade do evento contribui para a redefinição da temporalidade pública: mútuas influências entre a atividade jornalística e a sociedade fazem com que o produto jornalístico esteja associado tanto aos ritmos da vida cotidiana quanto da organização jornalística. (FRANCISCATO, 2014, p. 113)

³⁷ Cabe o adendo de que tal ferramenta não está presente em outros aplicativos para reprodução de podcasts.

Ao mesmo tempo em que cria restrições processuais ligadas ao tempo para a produção jornalística, a periodicidade provoca determinadas expectativas no interlocutor, de modo a produzir rotinas e, em alguma medida, condicionar sua relação com a realidade. Cabe sublinhar que a periodicidade diária surge como parte de um processo de aceleração do ritmo da vida urbana, como recupera Franciscato (2014) a partir de vários autores. No caso dos podcasts diários de notícias, esse processo é ambíguo porque, por um lado, representa a redução do intervalo entre episódios, visto que a produção diária de podcasts inexistia antes do advento desse formato; por outro, o ritmo da produção jornalística para a internet é praticamente ininterrupto, portanto, um episódio por dia representa desaceleração nesse contexto.

A periodicidade compõe, a nosso ver, um dos traços fundamentais da caracterização dos podcasts *diários* de notícias e, assim, da experiência temporal relacionada a eles. A certeza de que todas as manhãs – de dias úteis, salvo feriados, no caso dos brasileiros – um novo episódio será publicado atravessa a proposta dos três programas analisados aqui e também daqueles da mesma categoria que não fazem parte do escopo desta pesquisa. O modo como a periodização dos podcasts influi na forma de definir o tema dos programas fica especialmente evidente quando eventos de grande repercussão mundial, para os quais toda a atenção se volta no dia em que se desenrolam, como a morte da Rainha Elizabeth II da Inglaterra ou a posse de um novo presidente nos Estados Unidos, invariavelmente constituem a pauta do dia seguinte.

d) Novidade

Franciscato (2014) propõe a categoria da novidade para descrever um aspecto específico da temporalidade no jornalismo, no intuito de mostrar que a notícia é indissociável de uma lógica de inovação, originalidade ou renovação, a qual padroniza um modo de reconhecer e definir eventos e os apresentar publicamente por meio do relato jornalístico. Assim como a periodicidade, é uma propriedade associada ao jornalismo desde suas primeiras manifestações, na medida em que noticiar um evento significa apresentar “algo novo que surge no ambiente social e gera importância ou curiosidade para uma coletividade” (FRANCISCATO, 2014).

A novidade, segundo o autor, nos conduz a uma vinculação do “novo”, relatado jornalisticamente, ao tempo presente das coisas que brotam na

temporalidade do “agora”. É uma espécie de parâmetro, para jornalista e leitor, daquilo que irrompe como novo num ambiente social e deve ser transformado em notícia. No entanto, transformar uma ocorrência nova que irrompe em evento jornalístico depende de um imbricamento, em pelo menos dois aspectos, entre o novo que surge e um estado de continuidade: a) a consolidação de um quadro interpretativo padronizado para reconhecer o novo como diferença em relação a um estado de permanência; b) a operação de tais valores em práticas rotineiras e organizacionais que limitam as possibilidades de busca do “novo” e estimulam a visitação recorrente a certos assuntos, fontes e instituições em detrimento de outros.

A instituição jornalística se formou historicamente para tornar operacional e regular a disponibilidade pública da novidade como uma forma de responder a uma expectativa de ampliar a experiência social e cultural do tempo presente. Entretanto, este é um processo de fabricação que tende a não ser facilmente perceptível pelo leitor, e a novidade parece estar naturalizada no evento, como uma irrupção espontânea. (FRANCISCATO, 2014, p. 116)

Criar mecanismos para produzir a novidade é, portanto, uma ação inerente à prática jornalística. É preciso, dessa forma, enxergar a novidade com olhar crítico e algum grau de ceticismo, na medida em que não raro trata-se de um efeito discursivo. O que não significa dizer que necessariamente toda novidade será fabricada; porém, determinados aspectos podem ser ressaltados, ângulos favorecidos e detalhes omitidos em nome da busca por “frescor” e “recenticidade”, características relacionáveis à novidade jornalística desde os primórdios, conforme recuperado por Franciscato (2014) em historiadores do jornalismo.

A dimensão da novidade nos podcasts diários fica mais evidente tão mais recentemente se desenrolam os eventos sobre os quais eles tratam – em geral, o dia e, no máximo, a noite anterior –, como a queda de um ministro de governo ou a prisão de uma figura pública muito popular, por exemplo. O caráter novo, no entanto, tem mais a ver com o tratamento mais reflexivo ou de síntese dado ao conteúdo, do que propriamente com o ineditismo do tema, visto que, como já foi dito, os fatos se tornam conhecidos no dia anterior. O efeito de novidade nesses programas, no entanto, é mais comumente alcançado na busca por enquadramentos incomuns dados aos temas do que propriamente pela enunciação de fenômenos inéditos. É o caso, por exemplo, da discussão sobre voto envergonhado nas eleições, presente no episódio de *O Assunto* “Voto envergonhado terá peso este ano?”, de 20 de

setembro de 2022, ou da resignificação de símbolos feita por *Café da Manhã*, no episódio “Os mitos e os símbolos da Independência”, de 7 de setembro do mesmo ano.

e) Revelação pública

A categoria de revelação pública foi proposta por Franciscato (2014) para mostrar que o jornalismo não apenas registra o tempo presente, mas um modo de construir esta temporalidade em sua inerente discursividade. O discurso jornalístico não só traz o sentido de contê-lo, mas intervém na construção do tempo presente no modo em que o enuncia em suas regras discursivas, as quais são partilhadas entre instituição jornalística e seus públicos. “O próprio modo de enunciação do jornalismo já é uma afirmação da ‘presentidade’ do seu conteúdo” (FRANCISCATO, 2014).

A expressão “revelação pública” é utilizada pelo autor para caracterizar o procedimento executado pelo jornalismo de trazer a público um conteúdo novo, tornar sabido algo que não era conhecido coletivamente. Tal desconhecimento pode tanto decorrer da peculiaridade de algo que irrompe como novo no social, quanto de um conteúdo ou situação transcorridos em esfera privada; em ambos os casos, o “olhar” da instituição aponta para a necessidade de tais eventos serem divulgados. De modo que, ao propagarem-se em interações discursivas nos ambientes públicos, os jornais não só demarcam a temporalidade do presente como pautam discussões e até mesmo ações coletivas. Em uma perspectiva histórica, o jornal

[...] se tornou um meio de informação, fiscalização e manifestação de questionamentos a respeito de um diversificado leque de ações e situações públicas, particularmente ações da autoridade governamental, alimentando uma quase obsessão por buscar romper a esfera do segredo em que eram envoltos os atos das administrações públicas. O jornal concentrou boa parte deste novo estado de espírito porque desenvolveu mecanismos para revelar conteúdos protegidos do conhecimento público que ocorriam no tempo presente e para expô-los a um público cada vez mais ávido por saber de assuntos ligados à mesma temporalidade de sua vida cotidiana. Assim como eram passíveis de rompimento do segredo as ações do Estado, também eram objetos de revelação pública assuntos ligados a situações trágicas, bizarras ou mesmo cotidianas de personalidades públicas, como membros da nobreza. (FRANCISCATO, 2014, p. 119)

Dessa forma, a revelação pública descreve o movimento duplo articulado de revelar algo por meio da apuração jornalística e de publicizar tal fato visando

exatamente a propagação pública, ações que sedimentam o tempo presente dando substância a ele e construindo eventos como produtos simbólicos.

Por fim, Franciscato (2014) ressalta que tais categorias temporais não podem ser vistas de forma isolada, mas como relacionadas entre si. A atualidade jornalística não se constitui da soma de características temporais individuais, mas de seu imbricamento, visto que são manifestações particulares de um modo comum de vivenciar o presente. É importante ressaltar também que há diferenças na importância de certos fenômenos para demarcar essa experiência temporal, o que implica que certos aspectos podem ser mais ou menos determinantes para a construção jornalística de um sentido de tempo presente, a depender do período.

Não parece ser um foco dos processos de produção de podcasts diários a investigação e descoberta de informações desconhecidas pelo público. Quando esse tipo de coisa acontece, em geral é feita de forma conjunta entre equipes investigativas em editorias específicas dos grupos de comunicação, e os episódios são publicados no mesmo dia que as reportagens, como no caso de “Kids Are Dying. How Are These Sites Still Allowed?”, de *The Daily*, publicado em 9 de dezembro de 2021, assim como o texto “Where the Despairing Log On, and Learn Ways to Die”, sobre a relação de uma série de suicídios de adolescentes com um determinado site; e também de “O apoiador falso no cercadinho de Bolsonaro”, *Café da Manhã* do dia 20 de setembro de 2022, tal qual o texto “Fui pago para ser apoiador fake e fazer pergunta ensaiada para Bolsonaro, diz publicitário”, que revela compra de apoio por parte do então presidente do Brasil.

1.5.2 Cotidianidade e outras ponderações

Leticia Cantarela Matheus (2010), por sua vez, esmiúça distintas dimensões da experiência temporal que fazem com que o jornalismo seja percebido como narrativa do presente. A autora lança mão de outra temporalidade, a qual identifica como chave para compreensão da relação entre jornalismo e tempo e corresponde ao conceito de atualidade de Franciscato: a cotidianidade, ou seja, o lugar da prática.

De certo modo, pode-se definir cotidianidade como a forma historicamente condicionada de emprego do tempo e o lugar de invenção de novos ritmos e durações. Aí entra a principal contribuição “inventiva” do jornalismo para a percepção social do tempo. Se os ritmos e durações do cotidiano são marcados pelos acontecimentos, os acontecimentos midiáticos desempenham importante participação nessa marcação. (MATHEUS, 2010, p. 143-144)

Matheus (2010), portanto, reflete sobre o modo como os produtos jornalísticos conformam a experiência de seus interlocutores. Ao fazer isso, a autora sublinha que o acontecimento jornalístico é sempre muito curto devido ao ritmo narrativo periódico, ainda que sejam produzidos acontecimentos de média duração. Ela ressalta que, no século 19, os jornais contextualizavam mais as notícias, mas a aceleração progressiva do cotidiano e da rotina produtiva dos jornais nos últimos cem anos encurtou essa escala.

Recuperando Sylvia Moretzsohn, a autora chama a atenção para o crescente valor da velocidade, que coloca o conteúdo em segundo plano, uma vez que é apresentado como o mais imediato possível. Isso é chamado por Moretzsohn, em vocabulário marxista, de fetichização da velocidade da notícia, que teria tanto mais valor quanto mais próxima for a narração simultânea do desenrolar dos acontecimentos. Isso pode ser entendido, inclusive, como um dos artifícios para justificar uma suposta ausência de narratividade identificada em certos discursos autorreferentes do jornalismo – na perspectiva dos quais as notícias seriam um espelho da realidade –, já que fazer coincidir o acontecimento e sua representação midiática contribui para criar o sentido de que seriam uma coisa só, afinal, supor uma história imediata é acreditar que ela possa ser experimentada sem ser atravessada por múltiplas temporalidades narrativas e que possa ser vivida sem nenhum tipo de aparato cognitivo/interpretativo.

Uma ressalva quanto a isso é feita, na medida em que não é a totalidade das narrativas jornalísticas que obedece à lei da velocidade, a qual não pode, portanto, ser tratada como relação temporal definidora do jornalismo. Tratando especificamente dos jornais impressos, Matheus (2010) cita “matérias de gaveta”, histórias do passado, memórias etc. para exemplificar a multiplicidade de articulações narrativas que extrapolam as que valorizam a aceleração.

Cabe aqui uma reflexão sobre os podcasts diários de notícias: se, de um lado, a fetichização da velocidade da notícia pode ser identificada nesse formato, na medida em que suas rotinas produtivas são em geral descritas como de muita

correria, e que sejam necessárias muitas pessoas envolvidas para que os episódios fiquem prontos no intervalo de tempo disponível para produzi-los, de outro, é impossível associá-los a essa superposição temporal. Ainda que tratem de acontecimentos recentes na maior parte das vezes, existe sempre uma distância, mesmo que de poucas horas, entre o momento em que se desenrolam e a publicação dos episódios. Esse distanciamento abre espaço, por exemplo, para as contextualizações, que eram mais presentes no século 19. Ou seja, sem se desvincular completamente da noção de aceleração, esses programas parecem ir na contramão de uma progressão de velocidade que, de alguma forma, pode ter atingido seu teto de expansão com o advento e a ampla difusão de ferramentas tecnológicas como a internet, os *smartphones* e as mídias sociais.

Na relação com a história, o jornalismo reivindica, como explicita Matheus (2010), o papel de contá-la antes que se torne passado. Isso se dá na medida em que mantém o relato do presente imediato sob seu domínio. A construção simbólica de ser quem escreve a história se soma à gradativa valorização da atualidade e da novidade, e, ao trazer elementos que evocam ideias de passado e futuro, um periódico diário fornece mais do que informação: fornece a própria marcação cotidiana do tempo (MATHEUS, 2010).

Tal reflexão pode ser estendida aos podcasts diários de notícias na medida em que tanto se concentram no tempo presente, quanto ora lançam um olhar ao passado – *O Assunto*: “O assassino do shopping e o risco de ser solto”, de 1º de novembro de 2019, sobre o estudante de medicina que abriu fogo contra a plateia numa sessão de cinema em São Paulo e a possibilidade de sair da cadeia –, ora se debruçam sobre perspectivas para o futuro – *Café da Manhã*: “Carnaval 2022: vai ou não vai?”, de 25 de novembro de 2021, sobre a possibilidade de, três meses adiante, haver ou não condições epidemiológicas para a realização da festa de rua.

A autora também destaca que a experiência do jornalismo engloba mediações temporais que incorporam diferentes sistemas de medição, de tal forma que os jornais tanto se constituem como artefatos de contagem do tempo, como articulam representações de tempos pretéritos e narram experiências do presente. Daí, tem-se, em primeiro lugar, que o processo de significação das narrativas jornalísticas depende do vínculo à data. Esta, nos podcasts diários de notícias, se apresenta tanto a partir da indicação do dia da publicação dos episódios, nos aplicativos de reprodução e nos sites das empresas jornalísticas, quanto de maneira

transversal à estruturação narrativa dos episódios, que, embora possam ser ouvidos posteriormente, na maioria dos casos sem que a passagem do tempo os invalide, têm sempre como principal referencial temporal sua data de publicação, a qual, inclusive, é enunciada diretamente pelos apresentadores de dois dos três programas aqui analisados em todas as suas edições: *The Daily*³⁸ e *O Assunto*³⁹.

Eu conversei com meus colegas Megan Twohey e Gabriel Dance sobre por que o site é tão particularmente perigoso e por que se provou tão difícil tirar do ar. *Quinta-feira, 9 de dezembro*. (THE DAILY, 2021, 2min15 a 2min30, grifo e tradução nossos)⁴⁰

Quem nos ajuda é a economista Monica de Bolle, professora da Universidade Johns Hopkins e pesquisadora do Instituto Peterson de Economia Internacional, com sede em Washington. *Terça-feira, 8 de novembro*. (O ASSUNTO, 2022, 4min15 a 4min33, grifo nosso)

Dessa forma, confia-se na marcação do tempo *no* e *pelo* jornal – reflexão que pode ser estendida ao podcast diário. Na amostragem de jornais impressos que pesquisou, Matheus (2010) elencou cinco tipos de usos cosmológicos e cosmogônicos (sua versão mística) do tempo:

[...] marcadores da vida biológica (aniversários, comemorações, obituários, bodas), marcadores da vida mística (calendários religiosos, zodiacais), tempos ficcionais (folhetim), ciclos cósmicos (estações climáticas, calendário gregoriano), e tempo histórico/memória (efemérides e comemorações). (MATHEUS, 2010, p. 164)

Em segundo lugar, o tempo historiográfico chancela os jornalistas como defensores da memória. Esse efeito seria acionado, de acordo com a autora, não apenas pela recuperação de eventos históricos, nas comemorações e efemérides, mas pelo tratamento dado a materiais relativos ao presente, quer seja a produção de compilações ou a partir de análises do passado e perspectivas de futuro relacionadas a determinado evento. Ao mesmo tempo, o próprio jornal se torna

³⁸ THE DAILY: 'Kids Are Dying. How Are These Sites Still Allowed?'. [Locução de]: Michael Barbaro. [S.l.]: The New York Times, 9 dez. 2021. Podcast. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/12/09/podcasts/the-daily/suicide-investigation.html>. Acesso em: 21 set. 2022.

³⁹ O ASSUNTO: Teto de gastos - o que virá depois dele. [Locução de]: Renata Lo Prete. [S.l.]: g1, 8 nov. 2022. Podcast. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2022/11/08/o-assunto-831-teto-de-gastos-o-que-vira-d-epois-dele.ghtml>. Acesso em: 22 nov. 2022.

⁴⁰ "I spoke with my colleagues Megan Twohey and Gabriel Dance about why the site is so uniquely dangerous and why it's proven so difficult to shut down. It's Thursday, December 9th".

documento, tanto por reconfigurar o passado, quanto por narrar o presente, já que, ao selecionar o que contar e dar sentido ao cotidiano, constrói legado para o futuro.

Portanto, os jornais narram muito mais do que aquilo que é sentido como presente. Narram também o que é considerado ido e o que se imagina que virá. Eles colaboram em grande parte para a construção e consolidação de diferentes versões do passado. A abordagem “historiográfica”, ao remeter o leitor a tempos pretéritos, é muito mais comum nas páginas de um jornal do que se imaginava inicialmente. A presença do passado está não apenas nas efemérides, mas também nas contextualizações dos acontecimentos e nas memórias coletivas compartilhadas pelos leitores que fazem com que o jornal seja inteligível. (MATHEUS, 2010, p. 176)

Os periódicos, dessa forma, compõem uma mistura complexa de tempos, com cruzamentos entre várias temporalidades, as quais são ordenadas por sua narratividade. E a produção de sentido está condicionada a uma costura com as memórias dos leitores. Matheus (2010) afirma, portanto, que os jornais são documentos das tramas sociais, incluindo as comunicacionais, constituindo-se, ao mesmo tempo, em vestígios de processos que se deram em outra época e agentes instauradores de novos processos, de forma que continuam sendo laços de nova comunicação, fazendo-a durar.

Esse modo de acionamento do tempo, a nosso ver, apresenta-se como um dos mais evidentes nos podcasts que este estudo tem como foco. A recuperação de eventos históricos, aliada a um olhar para o presente que articula análises do passado e projeções de futuro, nos parece uma síntese pertinente a essa categoria de programas, num contínuo processo de narração do presente que reconfigura o passado, dá sentido ao cotidiano e abre perspectivas para o futuro. É verdade, também, que tal dinâmica está implicada em toda e qualquer produção jornalística. Nosso ponto aqui, no entanto, é a defesa de que essa seria uma característica fundante dos podcasts diários de notícias, constituindo a base das estruturas narrativas em torno das quais eles se organizam. Um outro aspecto que reforça esse caráter tem a ver com o modo de organização dos *feeds* dos tocadores de podcasts, que agrupa os episódios numa espécie de catálogo cronológico, compondo, de tal forma, um arquivo de registros facilmente consultável, e ampliando, em certo sentido, uma noção de repositório da história.

Por fim, em terceiro lugar, Matheus (2010) descreve a cotidianidade como o tipo de tempo percebido a partir da vida diária, do presente pragmático registrado nos jornais. Trata-se de sua inscrição no cotidiano do interlocutor, entendido não

apenas como rotina, mas como reflexão acerca da realidade e sua efetiva transformação. É no cotidiano, pois, que fazemos história ao agir e sofrer a ação dos outros, ainda que essa ação seja a inação. E a presença do cotidiano, como dimensão pragmática do presente, dá aos jornais sentido de urgência de ação. Recuperando Franciscato, a autora afirma que o jornalismo reforçou a experiência do presente ao fazer a atenção se voltar para a observação e reflexão de temas banais, e pondera que o ritmo intenso de trocas linguísticas (e simbólicas) exacerba a experiência de uma multiplicidade de presentes possíveis.

Nesse sentido, pode-se pensar a inserção do jornalismo no cotidiano a partir de ponderações de Elton Antunes (2008) sobre o acontecimento jornalístico – acontecimentos aqui entendidos como representações languageiras do fluxo da experiência do mundo produzidos a partir de uma fragmentação semântica “ordenada por um ato de tematização” (CHARAUDEAU, 2006 *apud* ANTUNES, 2008). Para o autor, o relato jornalístico pode se mostrar efetivamente como um confronto com ocorrências que mudam uma dada compreensão do mundo (do leitor, do jornalista, dos envolvidos na relação de comunicação jornalística), bem como desencadeiam atos interpretativos, tanto de familiaridade com o mundo quanto originais, os quais não se enclausuram no fato evidenciado.

Antunes (2008) pontua que, na abordagem jornalística, o acontecimento não está apenas no tempo, num desenrolar histórico que lhe é exterior. Nesse caso, o tempo estaria implicado no próprio acontecimento. Assim, recupera Muniz Sodré ao afirmar que a natureza do acontecimento noticioso não produz exatamente ruptura na temporalidade cotidiana, mas ponto rítmico.

A temporalidade é uma espécie de “harmonia”, no sentido musical, do acontecimento; uma das suas formas de arranjo, de se constituir como estrutura ordenada, de ritmar o acontecimento. Sem tal “harmonia” não há como a enunciação jornalística dar visibilidade a diferentes eventos ou acontecimentos da vida social, arrancando-lhes de uma prática cotidiana e ordinária para luzir sob uma forma do extraordinário da notícia. (ANTUNES, 2008, p. 18)

Ou seja, a relação entre os relatos jornalísticos, sobretudo os diários – aqui incluídos os podcasts –, e seus interlocutores, de um ponto de vista mais concreto, é construída sobre uma base cotidiana, na medida em que esses conteúdos demandam para si um espaço na organização da rotina de quem os consome. Mas, além de estarem inseridos em suas rotinas, eles conformam percepções de

realidade e condicionam agires e sofreres. Aproveitando a metáfora de Antunes (2008) e pensando as temporalidades como harmonias, como estruturas ordenadas que dão ritmo aos acontecimentos, as produções jornalísticas em geral, e os podcasts diários em específico, dariam uma espécie de tom para o modo como leitores, telespectadores, ouvintes etc. experienciam suas realidades. É preciso levar em conta, portanto, a narratividade implicada nesses processos, para tentar perceber como se embrenham nas nossas próprias narrativas do cotidiano. Um exame sobre essa questão nos parece útil para prosseguirmos refletindo.

2. PODCASTS DIÁRIOS E FIGURAÇÕES DO TEMPO

2.1 O terreno dos diários

Um ouvinte típico de podcasts está habituado a transitar por temporalidades difusas, uma vez que variam muito, de programa para programa, a frequência e a periodicidade com que novos episódios são postos no ar. Alguém que tenha assinado, por exemplo, os *feeds* de *Foro de Teresina*, programa de política da revista *piauí*; *37 Graus*, de histórias atravessadas pela ciência; e *Respondendo em Voz Alta*, humorístico da apresentadora identificada pelo pseudônimo de Laurinha Lero, sabe que o primeiro é semanal e contínuo, com novos episódios às sextas; que o segundo é quinzenal e por temporadas, com lançamentos às terças; e que o terceiro, embora supostamente quinzenal, com publicações às sextas, está sujeito a “falhas” frequentes na periodicidade, com episódios sendo publicados fora do dia da semana em que são previstos ou mesmo nem sendo publicados, o que está condicionado à disponibilidade ou simplesmente ao desejo de sua produtora – ou melhor, à ausência dele.

No caso de séries fechadas, também não há parâmetro: o já mencionado *Presidente da Semana*, da *Folha*, se desdobrou por quase um ano, enquanto *Praia dos Ossos*, da *Rádio Novelo*, sobre o assassinato da socialite Ângela Diniz nos anos 1970 e suas implicações, ficou no ar por pouco mais de dois meses. Produções estadunidenses como *S-Town*, da *Serial Productions*, história de um homem que despreza sua cidade e decide fazer algo a respeito, e *Floodlines*, da revista *The Atlantic*, sobre os impactos do furacão Katrina, por sua vez, liberaram todos os episódios simultaneamente, dando aos ouvintes a oportunidade de “maratoná-los”, ou seja, ouvir todos em sequência até o fim, prática comum quando se trata de séries de televisão.

Nos podcasts diários de notícias, no entanto, essa amplitude de possibilidades não é observada, afinal, como o próprio nome indica, são diários. Observa-se também uma constância de duração, de horário de publicação e, salvo algumas exceções, de formato. Nos parece implícito nessa previsibilidade um artifício discursivo que se propõe a dar legitimidade ao que é produzido, na medida em que, do ponto de vista da normatividade jornalística, a realidade se imporia, não

deixando espaço para flexibilizações. É o que demonstra a fala de Renata Lo Prete no vídeo “Bastidores O Assunto”, publicado por ocasião do já citado *Audioday*: “[...] tem os dias em que a gente prepara um *Assunto*, começa a preparar um *Assunto* e é atropelado por outro. E a gente se rende a isso, se adapta e começa tudo de novo, porque a notícia manda n’O *Assunto*”⁴¹. María Pilar Martínez-Costa Pérez e Eva Lus Gárate (2019) apresentam a seguinte definição:

O podcast diário de notícias é um tipo de podcast de frequência regular criado para sua distribuição multiplataforma sob demanda por uma marca informativa de prestígio, cuja finalidade é expor e explicar os temas da atualidade diária em um formato breve, de entre 3 e 25 minutos. Nascido para contar as chaves informativas do dia diante da saturação de notícias e canais de distribuição, busca gerar um conteúdo útil, diferenciado e complementar a outros serviços do meio, contando com os recursos de produção de todo o grupo. (PÉREZ; GÁRATE, 2019, p. 320, tradução nossa)⁴²

As autoras ressaltam tratar-se de formatos inovadores, o que torna complexo adotar uma definição fechada. “É uma forma de contar as notícias que se define, portanto, por sua linguagem, sua finalidade informativa, sua periodicidade, sua marca jornalística e seu sistema de distribuição sob demanda através de todas as plataformas digitais” (PÉREZ; GÁRATE, 2019, p. 320, tradução nossa)⁴³.

Newman e Gallo (2019), por sua vez, classificam os podcasts diários de notícias em três categorias: 1) microboletins, uma síntese rápida, de cerca de 3 minutos, das notícias do dia; 2) resumos de notícias, de aproximadamente 10 minutos e com o objetivo de informar as pessoas em momentos específicos do dia com uma breve atualização; e 3) análises aprofundadas, na qual estariam os objetos desta pesquisa, que duram 20 minutos ou mais e trazem exames minuciosos de um determinado assunto. Ainda que funcionem para efeito da análise dos autores – que, aliás, só consideraram programas com origem em determinados países da Europa e nos Estados Unidos –, essas categorias não abarcam todos os podcasts diários de

⁴¹ AUDIODAY | Bastidores O Assunto. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eEeipG26Um4>. Acesso em: 16 fev. 2022.

⁴² “El daily news podcast es un tipo de podcast de frecuencia regular creado para su distribución multiplataforma bajo demanda por una marca informativa de prestigio, cuya finalidad es exponer y explicar los temas de la actualidad diaria en un formato breve, de entre 3 a 25 minutos. Nacido para contar las claves informativas del día ante la saturación de noticias y de canales de distribución, persigue generar un contenido útil, diferenciado y complementario a otros servicios del medio, contando con los recursos de producción de todo el grupo”.

⁴³ “Es una forma de contar las noticias que se define, por tanto, por su lenguaje, su finalidad informativa, su periodicidad, su marca periodística y su sistema de distribución bajo demanda a través de todas las plataformas digitales”.

notícias. Exemplo disso é o *Durma Com Essa*, do *Nexo Jornal*, que tem cerca de 15 minutos de duração e não é apenas um resumo, mas também não chega a se configurar como uma análise aprofundada. Ou seja, é um tanto ambiciosa essa tentativa de enquadrar a diversidade de programas que existem em apenas três categorias.

Considerando os parâmetros de Richard Berry (2020) – que acredita que três tipologias são suficientes para mapear os podcasts de maneira abrangente, a saber conversas, narrativas e ficções – e de tantos outros autores que seguem a mesma linha de raciocínio, podcasts diários de notícias seriam conversas, ou seja, não seriam narrativos. Porém, classificar esses programas como não narrativos é entender a narrativa como um gênero específico, estruturado a partir de determinadas premissas.

Mais do que isso, encará-los assim é ignorar os efeitos de narratividade presentes nesses podcasts. Por mais que os produtores dos três programas aqui observados relatem ter rotinas bastante intensas, com cada episódio demandando praticamente um dia inteiro de trabalho e a atuação de muitas pessoas – que, às vezes, têm que se virar em menos tempo do que isso, devido a acontecimentos importantes e de última hora no noticiário –, isso não quer dizer que eles não mobilizam estratégias estéticas e discursivas, que não haja construção de roteiro, que a informação seja apresentada em estado “puro”.

Uma suposta maior proximidade com o assunto também é um efeito de linguagem, de narratividade. Quando se atribui o adjetivo *narrativo* apenas a formatos como o livro-reportagem, por exemplo, aludindo a um jornalismo mais bem apurado, mais ligado à literatura e à arte do contar, é como se outras formas jornalísticas – a diária, por exemplo – não tivessem um conjunto de estratégias e artifícios para apresentar as notícias e fossem uma espécie de espelho da realidade. No entanto, é preciso reconhecer que, em cada um desses casos, são mobilizados métodos de narrar muito diferentes entre si.

É preciso, portanto, colocar em discussão qual é a narratividade dos podcasts diários. A partir disso, cremos, poderão ser encontradas pistas para compreender as especificidades temporais desses programas, uma vez que, de acordo com Paul Ricoeur (2010), “o tempo se torna tempo humano na medida em que está articulado de maneira narrativa; em contraposição, a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal” (p. 9).

2.2 A tríplice *mimesis* e o jornalismo

Tendo em vista que pensar a organização narrativa de podcasts diários de notícias parece ser um caminho possível para compreender especificidades nos modos como tais programas configuram relações temporais, um exame de formulações de Paul Ricoeur (2010) traz contribuições relevantes à discussão. O autor dá início à sua reflexão partindo da pressuposição de que o mundo exposto por toda obra narrativa é sempre um mundo temporal. Diante disso, a narrativa ganha significado ao engendrar a experiência do tempo, enquanto o tempo, por sua vez, precisa se articular narrativamente para se tornar humano. Portanto, a tese do autor apresenta um caráter circular. Para demonstrar a reciprocidade entre narratividade e temporalidade, ele recorre à teoria do tempo no livro XI das *Confissões* de Santo Agostinho e à teoria da intriga na *Poética* de Aristóteles. Quase mil anos separam a escrita de cada uma de tais obras, no entanto, Ricoeur defende sua aproximação porque, embora independentes, o primeiro encara o problema pelo lado dos paradoxos do tempo e o segundo pela organização inteligível da intriga.

Em Agostinho, o autor se confronta com “a aporia do ser e do não ser do tempo”, que parte da questão “que é, pois, o tempo?” (RICOEUR, 2010). Entre a argumentação de que o tempo *não é* – porque o futuro ainda não é, o passado já não é e o presente não permanece – e a de que o tempo *é* – porque se sustenta na linguagem, ao falarmos dele –, sucede a pergunta: “*como* pode o tempo ser, se o passado já não é, se o futuro ainda não é e se o presente não é sempre?”. Esta, por sua vez, se desdobra em “*como* se pode medir o que *não é*?” (RICOEUR, 2010).

Agostinho põe o passado e o futuro no presente, por intermédio da memória e da expectativa, e passa a caracterizá-lo não mais apenas pelo que não permanece, mas pelo que não tem extensão. E conclui que é no momento em que o tempo passa que ele pode ser percebido e medido. Ao mesmo tempo, ele encontra novamente na linguagem a legitimidade para que o passado e o futuro *sejam*, e chega à asserção de que existem coisas futuras, que são preditas, e coisas passadas, que são narradas.

Ricoeur (2010) prossegue a análise sobre a meditação de Agostinho refletindo sobre *onde* as coisas futuras e as coisas passadas são. Retomando as noções de narração e previsão, associa a primeira à memória e a segunda à expectativa. Sendo a lembrança uma imagem do passado, um “vestígio deixado

pelos acontecimentos que permanece fixado na mente” (RICOEUR, 2010), a expectativa é entendida como análoga à memória, por se tratar de uma “pré-percepção” de algo que está por vir, uma imagem que já existe, ainda que não seja um vestígio, mas um sinal. Assim, chega a uma solução elegante:

[...] confiando à memória o destino das coisas passadas e à expectativa o das coisas futuras, pode-se incluir memória e expectativa num presente ampliado e dialetizado, que não é nenhum dos termos anteriormente rejeitados: nem o passado, nem o futuro, nem o presente pontual, nem mesmo a passagem do presente. É conhecida a famosa formulação, cujo vínculo com a aporia que ela supostamente resolve é muito comumente esquecido: ‘Talvez fosse próprio dizer: há três tempos, o presente do (*de*) passado, o presente do (*de*) presente, o presente do (*de*) futuro. De certo modo, há com efeito na (*in*) alma esses três modos de tempo que não vejo em outra parte (*alibi*)’. (RICOEUR, 2010, p. 23)

Ou seja, há o presente do passado, o presente do presente, e o presente do futuro: um triplo presente. Agostinho então questiona *onde* são as coisas futuras e as coisas passadas, ao que responde: na alma; e retorna ao enigma da medida. Primeiro, dissocia o tempo do movimento dos astros, em seguida, propõe que a extensão do tempo é a distensão da alma (*distentio animi*). Portanto, a tese do triplo presente resolve o enigma de um ser que carece de ser, e a tese da distensão do espírito resolve o enigma da extensão de uma coisa que não teria extensão (RICOEUR, 2010).

Segundo Agostinho, Ricoeur (2010) retoma a asserção de que “é *quando o tempo passa* que o medimos”, e encontra no seguinte exemplo a costura entre a questão da medida e a do triplo presente: a recitação de cor de um verso, “recitar é um ato que procede de uma expectativa voltada para o poema inteiro e depois para o que resta do poema até que (*donec*) a operação tenha se esgotado” (RICOEUR, 2010). Ou seja, há na alma uma impressão, que antes de o poema ser recitado é expectativa e, à medida em que se recita, é convertida em memória, enquanto a atenção rege tal transição. No exemplo, o presente torna-se uma “intenção presente” e, citando Agostinho, Ricoeur (2010) afirma: “a intenção presente faz o futuro passar (*traicit*) para o passado, fazendo o passado crescer por diminuição do futuro, até que pela consumição do futuro tudo seja passado”. De maneira análoga, pode-se pensar como isso acontece quando se escuta um episódio de podcast: antes de tocá-lo, há “na alma” uma impressão gerada pela expectativa do que vai ser ouvido. À medida

em que se ouve, a atenção às palavras e sons vai convertendo a expectativa em memória, até que o programa termine e o processo se encerre.

É chamada de *distentio* a não coincidência das três modalidades de ação. A alma, portanto, se “distende” na medida em que se “estende” e daí nasce e renasce a *discordância* a partir da *concordância* das visadas da expectativa, da atenção e da memória (RICOEUR, 2010). Ao enigma da especulação sobre o tempo responde o ato poético da composição da intriga, e é por isso que Paul Ricoeur recorre à *Poética*, de Aristóteles.

O autor mobiliza o conceito de composição da intriga (*mýthos*) para estabelecer relação entre a experiência viva em que a discordância dilacera a concordância e a atividade eminentemente verbal em que a concordância repara a discordância; e recorre ao conceito de atividade mimética (*mímesis*), ou seja, imitação ou representação da ação, para encarar a imitação criativa da experiência temporal viva pelo viés da intriga. Os dois termos, *mýthos* e *mímesis*, devem ser considerados operações e não estruturas. Assim, *mýthos* é o “agenciamento dos fatos em sistema”, ou a arte de “compor intrigas”, e *mímesis* o processo ativo de imitar ou representar. A fórmula de Aristóteles: “é a intriga que é a representação da ação” é evocada por Ricoeur para garantir a quase identificação entre o par *mímesis-mýthos*. Excluindo-se qualquer interpretação da *mímesis* como cópia ou réplica ao idêntico, “a imitação ou a representação é uma atividade mimética na medida em que produz algo, ou seja, precisamente o agenciamento dos fatos pela composição da intriga” (RICOEUR, 2010). Dessa forma, o autor não caracteriza a narrativa pelo modo, isto é, a atitude do autor, mas pelo “objeto”, já que chama de narrativa exatamente aquilo que Aristóteles chama de *mýthos*, ou seja, o agenciamento dos fatos.

Na perspectiva de Ricoeur (2010), o *mýthos*, definido como agenciamento dos fatos, sublinha, primeiramente, a concordância, caracterizada pela completude, a totalidade e a extensão apropriada. Com relação à totalidade, ressalta-se a ausência de acaso e a conformidade às exigências de necessidade ou de probabilidade que regem a sucessão dos fatos, o que tem a ver com seu ordenamento; além disso, é só na intriga que a ação tem um contorno, um limite e, conseqüentemente, uma extensão. No agenciamento dos fatos que orienta a composição da intriga, a preponderância do encadeamento causal, ou seja, de “um por causa do outro”, em detrimento de “um depois do outro”, torna-a verossímil.

Portanto, “compor a intriga já é fazer surgir o inteligível do acidental, o universal do singular, o necessário ou verossímil do episódico” (RICOEUR, 2010). Por outro lado, se toda história narrada trata, em última instância, de reveses da fortuna, para o bem ou para o mal, são os incidentes discordantes que a intriga tende a tornar necessários e verossímeis. Assim, tem-se uma dinâmica de concordância-discordante.

Encarando o “agenciamento dos fatos” como o “o quê” – o objeto – da *mímesis*, e levando em conta que ela não cumpre somente uma função de corte, mas também de ligação, o autor chama de *mímesis* II a *mímesis*-criação, que é central; de *mímesis* I o antes da composição; e de *mímesis* III o depois. Portanto, para resolver o problema da relação entre tempo e narrativa, ele estabelece o papel mediador da composição da intriga entre um estágio da experiência prática que a precede e um que a sucede. Dessa forma, segue-se então o destino de um tempo prefigurado a um tempo refigurado pela mediação de um tempo configurado, no percurso de *mímesis* I a *mímesis* III através de *mímesis* II.

A composição da intriga, observa o autor, enraíza-se numa pré-compreensão das estruturas inteligíveis, dos recursos simbólicos e do caráter temporal do mundo da ação. Portanto, a inteligência narrativa pressupõe uma familiaridade com a *rede conceitual* constitutiva da semântica da ação, assim como o domínio de uma rede de signos, regras e normas, já que a ação pode ser narrada por estar *simbolicamente mediatizada*. Por fim, é sobre o fundamento da intratemporalidade ou ser-“dentro”-do-tempo que serão edificadas conjuntamente as configurações narrativas e as formas mais elaboradas de tempo que lhes correspondem. É esse, portanto, o sentido da *mímesis* I: “imitar ou representar a ação é, em primeiro lugar, pré-compreender o que é o agir humano: sua semântica, sua simbólica, sua temporalidade” (RICOEUR, 2010).

Com *mímesis* II, por sua vez, abre-se o reino do *como se*. É o sentido do *mýthos* aristotélico, o “agenciamento dos fatos”, e só tem uma posição intermediária porque tem função de mediação. Tal função deriva do caráter dinâmico da *operação de configuração*, motivo pelo qual Ricoeur prefere o termo “construção da intriga” ao de “intriga” e o termo “agenciamento” ao de “sistema”. Três razões caracterizam a intriga como mediadora: primeiro, porque se interpõe entre *acontecimentos* ou incidentes individuais e uma *história* tomada como um todo, que não se trate apenas de uma enumeração em ordem serial, mas de uma organização numa totalidade

inteligível da qual se possa perguntar qual é o “tema”. “Em suma, a composição da intriga é a operação que tira de uma simples sucessão uma configuração” (RICOEUR, 2010). Além disso, o tecer da intriga *compõe juntos fatores* tão *heterogêneos* como agentes, objetivos, meios, interações, circunstâncias, resultados inesperados etc. Por fim, a intriga é mediadora por seus caracteres *temporais* próprios, que nos autorizam a chamá-la, por generalização, de *síntese do heterogêneo*.

Segundo o autor, o ato de composição da intriga combina duas dimensões temporais, uma cronológica – a dimensão episódica da narrativa –, e outra não cronológica – a dimensão configurante propriamente dita. De uma diversidade de acontecimentos, o ato configurante tira a unidade de uma totalidade temporal. Assim, resolve o paradoxo da temporalidade na medida em que a capacidade de a história ser acompanhada é revelada ao ouvinte ou ao leitor, que avança em meio a contingências e peripécias sob a condução de uma expectativa que encontra sua satisfação na *conclusão*.

Por fim, “a narrativa alcança seu sentido pleno quando é restituída ao tempo do agir e do padecer na *mímesis* III” (RICOEUR, 2010). O percurso da *mímesis* continua, de forma espiralada, em *mímesis* III, a qual marca a interseção entre o mundo do texto e o mundo do leitor. O ato de leitura é, portanto, o operador que une *mímesis* II a *mímesis* III, o último vetor da refiguração do mundo da ação sob o signo da intriga. O círculo hermenêutico da narrativa e do tempo renasce constantemente a partir do círculo formado pelos estágios da *mímesis*. Em sua dimensão temporal, portanto, o mundo é ressignificado pelo fazer narrativo, uma vez que narrar é refazer a ação conforme instiga o texto. O tempo da ação, portanto, é refigurado pela composição da ação.

Importante salientar que, em suas formulações, Paul Ricoeur reflete acerca das narrativas de ficção e historiográficas, e não especificamente sobre as jornalísticas. No entanto, assim como Carlos Alberto de Carvalho (2012), acreditamos que tal aproximação possa ser frutífera, na medida em que a tríplice *mímesis* pode ser articulada para deixar mais nítidas as mediações que o jornalismo estabelece com o conjunto social. Ao justificar a afirmação do jornalismo como uma forma de narrativa, o autor pontua que:

Para contar a atualidade, o jornalismo lança mão de variadas estratégias narrativas, como o simples relato, entrevistas, reportagens, crônicas e outras possíveis, nunca escolhidas aleatoriamente, mas em função de objetivos estéticos e, por que não, a partir de uma intencionalidade de criar efeito, ao que sempre corresponderão formas de leitura potencialmente tão múltiplas quanto a própria quantidade de leitores, processo que pode ser explicado a partir da tríplice mimese. (CARVALHO, 2012, p. 178)

Portanto, no processo de produção das notícias, parte-se de uma compreensão prévia da semântica, simbólica e temporalidade dos acontecimentos que serão noticiados (*mimesis I*) à instrumentalização de uma série de estratégias para relatá-los, com vistas no modo como o interlocutor será afetado pelo que a ele é ofertado (*mimesis II*) e, por fim, ao modo como esse interlocutor de fato produzirá significações diversas a partir da apreensão de tais notícias (*mimesis III*). Carvalho (2012) nos lembra que, dada a importância do jornalismo como mediador entre acontecimentos e interlocutores das narrativas noticiosas, coloca-se uma série de questões éticas para se pensar as notícias, a principal delas sendo os limites entre narrar o acontecimento de maneira fidedigna, portanto desempenhar eticamente *mimesis II*, e criar realidades sem nexos com *mimesis I*, o que abalaria o processo de confiança necessário para a realização de *mimesis III*. Se, como postula Paul Ricoeur (2010), a tríplice *mimesis* constitui um círculo hermenêutico que não só possibilita a compreensão do mundo como da própria dinâmica de construção da narrativa e das mediações que ela estabelece, parece possível traçar um paralelo entre as narrativas jornalísticas, na sua relação com o mundo social. Assim,

[...] os acontecimentos narrados pelo jornalismo trazem a marca de um mundo prefigurado, mediados pela configuração dos narradores jornalísticos, mas somente adquirindo sentido pleno, embora não necessariamente unívoco, a partir das múltiplas leituras de que são objeto. (CARVALHO, 2012, p. 181)

Ainda recuperando Ricoeur, Carvalho (2012) lembra que narrar é tornar o tempo humano, o que não se limita às narrativas literárias ou históricas, e se espalha para dimensões das atividades humanas que podem alcançar a arquitetura, o cinema, as artes plásticas, entre outras, as quais incluem as modalidades de contar os acontecimentos acionadas pelo jornalismo. O autor salienta que narrativas jornalísticas, ainda que enquadradas por interesses particularistas, por constrangimentos institucionais e pelo *ethos* profissional, constituem valiosos documentos sobre épocas e sociedades, que ajudam a desvendar contradições e

modos como jogos de poder e disputas de sentido se apresentam aos atores sociais.

Narrativas jornalísticas são, nessa perspectiva, parte do que Paul Ricoeur denomina como o próprio esforço de apanhar o tempo, de humanizá-lo, uma vez que a sua total compreensão remete sempre a uma condição aporética última. (CARVALHO, 2012, p. 184)

Dessa maneira, é entendendo que as formulações de Paul Ricoeur são aplicáveis às narrativas jornalísticas que nos apropriaremos do círculo hermenêutico da tríplice *mimesis* como ferramenta metodológica para investigar a forma como os podcasts diários de notícias – entendidos aqui como podcasts narrativos, visto que a narrativa não se trata de um gênero específico, mas do modo como estabelecemos a relação com os paradoxos do tempo – são estruturados narrativamente e, portanto, tentar perceber de que maneira lidam com as temporalidades, não somente em sua dimensão cronológica, mas também na psicológica e em outras possíveis.

2.3 Um regime de crenças e um singular coletivo

Se o círculo hermenêutico de Paul Ricoeur (2010) pressupõe a refiguração do tempo de um mundo prefigurado pela via da configuração, ou seja, do agenciamento dos fatos em uma narrativa, e sendo esse círculo aplicável não só às narrativas ficcionais e historiográficas mas também às jornalísticas, como propõe Carlos Alberto de Carvalho (2012), pode-se concluir que o jornalismo engendra temporalidades em seus modos de narrar. Olhando para seus discursos autorreferenciais, é possível identificar que a temporalidade que o jornalismo moderno busca produzir é a da atualidade, ou seja, daquilo que se desdobra no momento presente. Isso fica evidente quando, por exemplo, a *Folha de S.Paulo* afirma, em seu Projeto Editorial (2019), que “o jornalismo é um registro taquigráfico da História” e que, portanto, sofre o primeiro impacto dos fatos. Ou quando o Grupo Globo postula o seguinte, em seus princípios editoriais:

A informação tem de ser prestada no menor espaço de tempo da melhor maneira possível, eis a equação diante da qual os jornalistas se veem todos

os dias. Portanto, é atributo fundamental da qualidade da informação jornalística ser produzida com rapidez. Se a História pode dispor de anos de trabalho para fazer aflorar a realidade, o jornalismo dispõe de algumas horas (no máximo, de alguns dias, se a publicação for semanal ou mensal). (GRUPO GLOBO, 2011)

Esse entendimento aliado à constante enunciação de valores como objetividade, exatidão, neutralidade, precisão, imparcialidade, apartidarismo, pluralidade etc. enquanto guias da prática jornalística constituem uma tentativa de apagamento da *mimesis* I para a *mimesis* II, ou seja, do momento em que se dá a feitura da narrativa – e as escolhas e decisões que são tomadas para tanto – numa tentativa estética e poética de tratá-la como um espelho da realidade. A ironia implicada nessa dinâmica é que, ao reiterar a ideia de que o jornalismo seja um mero reflexo dos acontecimentos, cria-se toda uma narratividade para justamente negar a narratividade do trabalho jornalístico.

Como delimita John Nerone (2012), o jornalismo é um *ismo*, ou seja, um regime de crenças. Nesse caso, o regime de crenças define os valores e práticas apropriados para profissionais da notícia, mídias noticiosas e sistemas de notícias. Assim, se distingue de práticas noticiosas não jornalísticas, tais como a fofoca, o sensacionalismo, o partidarismo etc. Na era moderna, nos lembra Nerone (2012), duas correntes contextualizam a ascensão do jornalismo: uma enfatiza a política e a esfera pública – cuja emergência transforma os jornais em órgãos políticos, que contribuem para que os cidadãos monitorem seus governos e deliberem sobre sua direção – e a outra enfatiza o mercado. Em ambos os casos, o jornalismo propriamente é uma disciplina baseada em fatos, independente de outras instituições e tem algo a ver com autogoverno.

Ainda de acordo com o autor, ao longo do século 19 nos EUA, acompanhando mudanças econômicas, tecnológicas e nos modos de produção, foi gerado um conjunto de tarefas e normas para os trabalhadores das notícias. Novas condições econômicas dificultaram a viabilidade de jornais de menor circulação, favorecendo o monopólio de empresas maiores, que estavam consolidadas nos anos 1920. “Um efeito dessas mudanças institucionais foi possibilitar pela primeira vez que uma sociedade produzisse uma versão bastante padronizada das ‘notícias do dia’” (NERONE, 2012). Muitos atores, no entanto, questionaram a pertinência do que era apresentado como as notícias do dia, sobretudo após a Primeira Guerra Mundial, quando se percebeu a eficiência do poder da mídia.

Segundo Nerone, a indústria midiática respondeu a essas críticas aderindo a um projeto de profissionalização, que prometia que os jornalistas teriam a capacidade, enquanto profissionais autônomos e independentes, de superar os vieses inerentes tanto à maquinaria cognitiva não treinada de humanos comuns quanto à maquinaria industrial interessada da imprensa como um grande negócio. Dois indícios do progresso desse projeto de profissionalização foram o crescimento de escolas de jornalismo ao redor do mundo e o aparecimento de organizações profissionais para jornalistas. Em um acordo que uniu três partes interessadas – trabalhadores das notícias, donos de mídias e o público –, a própria estrutura que gerou o poder da mídia e o conseqüente receio do público também gerou o tipo de controle e autoridade que permitiu aos jornalistas exercer algo como uma *expertise* profissional em determinar as notícias do dia. “Os jornalistas podiam ser os *gatekeepers* porque a estrutura industrial da mídia havia construído portões” (NERONE, 2012, tradução nossa)⁴⁴.

É só a partir desse momento que se pode falar de jornalismo moderno como algo real. Ou seja, foi apenas cerca de cem anos atrás que a ocupação de jornalista como um verificador independente de informações factuais foi reconhecida como o superego da indústria de notícias. Os “jornalisms” mais antigos, incluindo o jornalismo partidário e sensacionalista, continuaram a existir, é claro, mas estes foram categorizados como o “outro” grosseiro do jornalismo adequado. (NERONE, 2012, p. 451, tradução nossa)⁴⁵

O que se entende por jornalismo moderno, portanto, vem sendo gestado desde o século 19 e é fruto de uma série de transformações, externas e internas às mídias jornalísticas, que levaram a esse entendimento do jornalista como um profissional autônomo e independente, capaz de produzir notícias neutras e objetivas. Quaisquer produtores de notícias cujos modos de operar não se enquadrem nessas premissas estariam em desacordo com o regime de crenças do jornalismo e, portanto, não seriam aptos a determinar as notícias do dia. Porém, como pontua Phellipy Jácome (2020), tal compreensão pressupõe um mundo de

⁴⁴ “Journalists could be the gatekeepers because the industrial structure of the media had built gates”.

⁴⁵ “It is only at this point that we can speak of modern journalism as something real. That is to say, it was only about a hundred years ago that the occupation of journalist as an independent public-spirited verifier of factual information was recognized as the superego of the news industry. Older ‘journalisms’, including partisan and sensational journalism, continued to exist, of course, but these were cast as the crude ‘other’ to proper journalism”.

referência fixo que corresponderia ou deveria corresponder ao mundo transportado e purificado da narrativa jornalística.

Essa concepção de jornalismo e de narrativa, entretanto, surge-nos como problemática e redutora, na medida em que não privilegia a historicidade das textualidades e seus aspectos culturais mais amplos, seus vínculos com a vida social e, em suma, a troca comunicacional inerente a quaisquer processos de produção de sentidos. (JÁCOME, 2020, p. 36-37)

Ou seja, parte-se do princípio de que a realidade é linear e enquadrável e que um simples conjunto de técnicas e métodos seria suficiente para retratá-la. A despeito da materialidade complexa dos fenômenos jornalísticos, “o que se percebe é a adoção de uma perspectiva que parece advogar a uma concepção estreita e totalizadora do que deveria ou não ser considerado como pertencente a esse *ismo*” (JÁCOME, 2020).

Outra questão que se faz notável é a maneira pela qual as mídias jornalísticas têm percebido sua relação com o tempo. Em seus discursos autorreferentes, elas se apresentam como veiculadoras do novo em um fluxo constante e acelerado, já que está o tempo todo se tornando velho. A partir dessa perspectiva, Jácome ressalta que as notícias oferecidas hoje pereceriam muito rapidamente, uma vez que em pouco tempo serão substituídas por outras novidades que virão. Assim, o passado não se coloca como uma questão para o jornalismo, não ao menos como algo capaz de agenciar o presente. Acionando reflexões de Reinhart Koselleck, o autor sublinha que essa relação com o tempo é típica do que seria reconhecido como a “modernidade”. Seria possível, portanto, identificar determinadas alterações semânticas em certos idiomas que sugeririam uma readequação social das percepções temporais. Entre essas percepções, destacam-se a idealização cada vez mais emergente de um tempo novo e acelerado, marcado pela marcha do progresso, além do aparecimento de conceitos singulares ligados a uma única base temporal cumulativa. Ainda a partir da perspectiva de Koselleck, Jácome (2020) encontra no sufixo *ismo* o denominador temporal comum de singulares coletivos típicos da modernidade que podem ajudar a compreender a relação normativa dos jornais enquanto um *ismo*, como postula Nerone (2012).

Ou seja, num único movimento, esses conceitos de compensação temporal encarnados num *ismo* podem propor a superação do passado e uma projeção para o futuro que, em muitas medidas, desconsidera o próprio

espaço de experiência. Assim, no caso do jornalismo, é como se as formulações acerca desse ismo tornassem possível a existência de formas vazias das dimensões temporais que, surgidas como promessas utópicas, permitissem um afastamento estratégico da própria experiência histórica em que os jornais, seus fazeres e sua própria normatividade estão imersos. (JÁCOME, 2020, p. 67)

É como se o jornalismo fosse uma simples – embora privilegiada – testemunha da História, e não um dos múltiplos agentes dela. Ao reivindicar esse papel, o jornalismo moderno prevê para si um monopólio da notícia, já que, uma vez que ocupa a posição de testemunha, estaria apto a situar o interlocutor ao qual se dirige frente ao turbilhão de acontecimentos que se desdobram continuamente no mundo, como se percebe também a partir de seus discursos autorreferentes. A exemplo do jornal digital com foco em política *Poder360*:

O Poder360 segue as normas e técnicas do jornalismo profissional: faz a curadoria dos fatos apurados, investiga o que é necessário, hierarquiza as notícias, dá acesso a documentos na íntegra e publica o que é essencial para o interesse público e vital para o aperfeiçoamento das instituições, da democracia e da liberdade de expressão. (PODER360, 2022)

A *Folha* segue a mesma linha quando afirma, em suas diretrizes, que um jornal não é mais definido pelo suporte impresso nem pela periodicidade diária, mas pelo propósito de condensar o que ocorre de *relevante* para o público – neste caso específico, ainda com apelo a uma melhor gestão do tempo de quem se ocupa a lê-la.

Essa atitude integra o que se convencionou chamar de curadoria em relação à multiplicidade de eventos, de modo a otimizar a experiência do leitor e valorizar seu tempo, cada vez mais escasso e disputado por diversas fontes de conteúdo, noticioso ou não. (FOLHA DE S.PAULO, 2019)

Esses produtores de jornalismo se ocupariam, portanto, de tomar conhecimento de tudo o que acontece para em seguida processar, embalar e entregar ao leitor um panorama composto somente daquilo que realmente importa saber. Em que pese o fato de eventualmente se reconhecer na redução do volume de assuntos um gesto favorável ao modo como são cobertos – como faz a própria *Folha* em seu projeto editorial, ao pontuar que sua proposta atual seja abrir um leque menos extensivo de assuntos, que possam, contudo, ser abordados de modo mais inteiriço e interpretativo (FOLHA DE S.PAULO, 2019) –, é inegável que os produtos

jornalísticos, sobretudo os diários, atuam em múltiplas frentes temáticas, contemplando, em uma única edição impressa ou de telejornal os mais variados assuntos.

Ao escolherem um único tópico por dia para explorar, ainda que sob diversos ângulos, buscando relações com diferentes contextos, traçando paralelos e fazendo cruzamentos, os podcasts diários ressemantizam essa metáfora, tornando-a mais radical. Enquanto no primeiro caso busca-se certo ordenamento do turbilhão, transformando-o em um sobrevoo com alguma previsibilidade, no segundo, a própria ideia de turbilhão é esvaziada. É como se dissessem: “muita coisa está acontecendo, mas a principal que você deve entender hoje é esta, e nós vamos explicá-la da melhor maneira possível”. Quais poderiam ser os efeitos disso para a experiência do tempo daqueles que escutam esses programas? De que maneira é afetada a percepção do ouvinte sobre o presente? Que relações de sentido que dizem respeito ao tempo nesses podcasts podem ser apreendidas?

Considerando todo esse percurso reflexivo, resta agora olhar para os programas de uma maneira mais detida e constituir estruturas de análise para tentar perceber especificidades das dinâmicas temporais engendradas pelos podcasts diários de notícias. No capítulo seguinte, produziremos dois ensaios analíticos com fins de capturar distintas temporalidades tanto implicadas na organização narrativa interna dos programas quanto atravessadas por eles e outras formas de discurso jornalístico relacionadas.

3. ENSAIOS METODOLÓGICOS

3.1 Estabelecendo um percurso analítico

Considerando o percurso realizado até agora, reconhecemos a existência de todo um campo de estudos sobre podcasts que trabalha a narrativa como gênero, como um conjunto de pressupostos reconhecíveis em um certo modo de narrar. No entanto, como se pode observar, não se trata da perspectiva que optamos por mobilizar. Estamos interessados em compreender a relação da narratividade dos podcasts diários de notícias com as temporalidades: como ela produz sentidos de atualidade? Como faz a relação entre passado, presente e futuro funcionar? Como as sínteses do heterogêneo compostas por essa narratividade fazem discordâncias temporais concordarem? Em suma, buscamos perceber como os programas em questão fazem “um depois do outro” ser diferente de “um por causa do outro” e as consequências disso para os distintos modos como se vinculam ao tempo.

No capítulo 2, reconhecemos no círculo hermenêutico da tríplice *mimesis* de Paul Ricoeur (2010) uma estratégia útil para encarar a questão, e recorremos a Carlos Alberto de Carvalho (2012) para pensá-la pelo viés das narrativas jornalísticas, uma vez que Ricoeur trata apenas das narrativas históricas e ficcionais. Entretanto, nenhum dos dois o faz refletindo sobre podcasts, de tal modo que realizar tal tarefa se impôs como um desafio ao trabalharmos com essa textualidade específica. Dessa maneira, para que a análise fosse gestada, foram despendidas horas e horas de dedicação, num processo de escuta cotidiano, acompanhando boa parte dos episódios lançados – sobretudo dos programas brasileiros, e entre os anos de 2020 e 2021 – em busca de possíveis chaves de observação.

Dessa escuta atenta, emergem três episódios, um de cada produção, em que pode ser identificado um germe interessante para a investigação. São eles “The Inauguration of Joe Biden”, de *The Daily*, publicado no dia 21 de janeiro de 2021; “Bolsonaro e a anatomia do golpe”, episódio número 703 de *O Assunto*, publicado em 11 de maio de 2022; e “Os mitos sobre a Semana de 1922, cem anos depois”, de *Café da Manhã*, publicado em 11 de fevereiro de 2022. Em um primeiro gesto, voltado para dentro, focado na composição das narrativas internas – na forma como o tema é apresentado, na escolha dos entrevistados, na estruturação de cenas, no

uso de áudios de arquivo e de trilhas sonoras, no encadeamento da discussão, no que têm de recorrente e no que apresentam de excepcional etc. –, procuramos perceber onde o tempo desses episódios se ancora. Para tanto, realizamos múltiplas escutas atentas, produzimos roteiros reversos e análises de transcrição, além de reflexões sobre a mobilização de sonoridades específicas e avaliações que levassem em conta parâmetros próprios desses e de outros programas.

Esse conjunto foi selecionado porque em cada um dos episódios tem-se uma perspectiva bastante distinta de relação com o tempo. O primeiro, de *The Daily*, se materializa como uma espécie de testemunha da história, produzindo o registro de um evento que já seria de muita importância se fosse uma troca de presidentes realizada sob normalidade, mas que ganha ainda mais relevância na medida em que acontece em meio à pandemia de Covid-19, um dos eventos de maior impacto global dos últimos anos, e também alguns dias após um inédito caso de terrorismo doméstico, em que um grupo de extremistas atacou o símbolo máximo do poder legislativo dos Estados Unidos. O segundo, de *O Assunto*, lança um olhar ao futuro e tenta dar um furo na história, na medida em que se propõe a identificar, em maio, sinais de que já estavam dadas todas as condições para uma tentativa de ruptura institucional a ser realizada após as eleições que aconteceriam ainda em outubro. E o terceiro, de *Café da Manhã*, se constitui em um esforço de reescrita da história, na medida em que, no centenário de um dos grandes marcos do histórico cultural brasileiro, se propõe a questionar os mitos relacionados a ele, a compreendê-los e a desconstruí-los.

O segundo movimento é para fora, já que é importante não apenas identificar as temporalidades da mídia em si, mas recuperá-las em relação às múltiplas textualidades que a atravessam. Portanto, elencamos o dia 29 de setembro de 2021 para tentar perceber os podcasts na relação com os circuitos textuais de que fazem parte. Tal dia foi escolhido porque em cada um dos conglomerados jornalísticos em questão fez-se curadorias muito distintas daquele presente, que resultaram em configurações muito específicas da realidade. *The Daily* tratou do caso de uma das maiores *popstars* da atualidade, àquela altura há mais de uma década submetida à tutela de seu pai, no episódio “Controlling Britney Spears”; *Café da Manhã* se ocupou de discutir os meandros de uma manobra realizada pelos partidos DEM e PSL, que à época avaliavam a possibilidade de fusão para não serem escanteados do jogo político, em “O que está em jogo na fusão entre DEM e PSL”; e *O Assunto*

refletiu a respeito dos impactos da crise econômica sobre as condições de moradia no país, levando em conta o aumento de despejos e a derrubada do veto que Jair Bolsonaro havia imposto a uma lei que os suspendia até o fim de 2021, por parte do Congresso, em “Explosão dos despejos, agora suspensos”.

Recuperar as temporalidades daquele dia em cada uma dessas instâncias demandou um enorme esforço, que pressupôs longas horas de dedicação à realização de exaustivas buscas por diferentes palavras-chaves e em múltiplas seções de cada um dos sites, recuperação de edições antigas da *Folha de S.Paulo* e de *The New York Times* e a procura de outras ferramentas que permitissem revisitar aquele dia mesmo nos âmbitos cujas variações ao longo do tempo não são automaticamente registradas e arquivadas para consulta posterior.

Tais gestos são feitos levando-se em conta que, a despeito de pertencerem à mesma categoria, de podcasts diários de notícias, cada um dos produtos aqui analisados são muito específicos, e se distinguem das mais diversas maneiras. *The Daily* é fruto de um movimento realizado por aquele que talvez seja o maior jornal do mundo, o que implica a existência de uma estrutura incomparável, contando de antemão com muitas das condições necessárias para que o programa se convertesse no sucesso que é. Ao mesmo tempo, nasce no momento em que o tradicional jornal enfrentava uma grave crise econômica, e acaba se tornando não apenas a solução para essa crise, mas também o propulsor de uma guinada na história da empresa, que abraça o mercado digital e passa a investir amplamente na produção em áudio. Guardadas as devidas proporções, *Café da Manhã* emerge em um contexto parecido, na medida em que, embora pertencendo a um jornal de grande prestígio, é criado num ponto em que o áudio já era entendido como um terreno a ser desbravado, não tendo sido o motivador desse movimento. Além disso, é o único dos três feito em parceria com uma das maiores plataformas de *streaming* de áudio do mundo, tendo sua reprodução restrita a um só aplicativo. Por fim, *O Assunto* vem de outro lugar, já que o Grupo Globo já reunia um conjunto grande de empresas de produção jornalística, inclusive em áudio, como a rádio *CBN* e a agora extinta rádio *Globo*. Da mesma forma, porém, era estreante no âmbito da produção em áudio para a internet, e demonstrava grande entusiasmo com a nova mídia.

Diante de todo esse material, é importante salientar que não temos a pretensão de definir, de um jeito objetivo e fechado, quais são as temporalidades dos podcasts diários de notícias. Nos interessa mais e parece mais proveitoso tentar

perceber de que maneira esses podcasts – que são uma mídia específica e se relacionam com seus públicos de maneiras específicas – se vinculam de modos distintos às empresas a que pertencem, por meio de estruturas de produção diferentes, de modo a compreendermos como eles estabelecem vínculos de atualidade, a partir do que propuseram Franciscato (2014), Matheus (2010) e Antunes (2008). Sem deixar de levar em conta que são temporalidades distintas daquelas constituídas ao ouvir o rádio, ao ouvir música em plataformas de *streaming*, ao ler o jornal impresso, ao ler o jornal no site, ao ver um documentário jornalístico na TV a cabo, enfim.

Para tentar dar conta de tudo isso, nos propusemos a escrever ensaios, uma vez que dessa maneira nos desprenderíamos de categorias analíticas muito fixas. Ao contrário, foi a partir da escuta, dos cruzamentos e das análises que tentamos perceber a emergência das categorias válidas para nossa análise. Sublinhamos o desafio que é produzir reflexões a partir da materialidade do áudio e, mais ainda, traduzi-las em texto. Bem como é difícil abstraí-las a partir somente da leitura. Recomendamos, portanto, que se leia, sobretudo o ensaio #1, paralelamente à escuta dos episódios – na medida em que isso for possível. Acompanhar as transcrições também pode ser uma estratégia que ajude a compreensão, portanto as disponibilizamos como anexos deste documento.

3.2 Ensaio #1: Em busca de onde o tempo dos podcasts se ancora

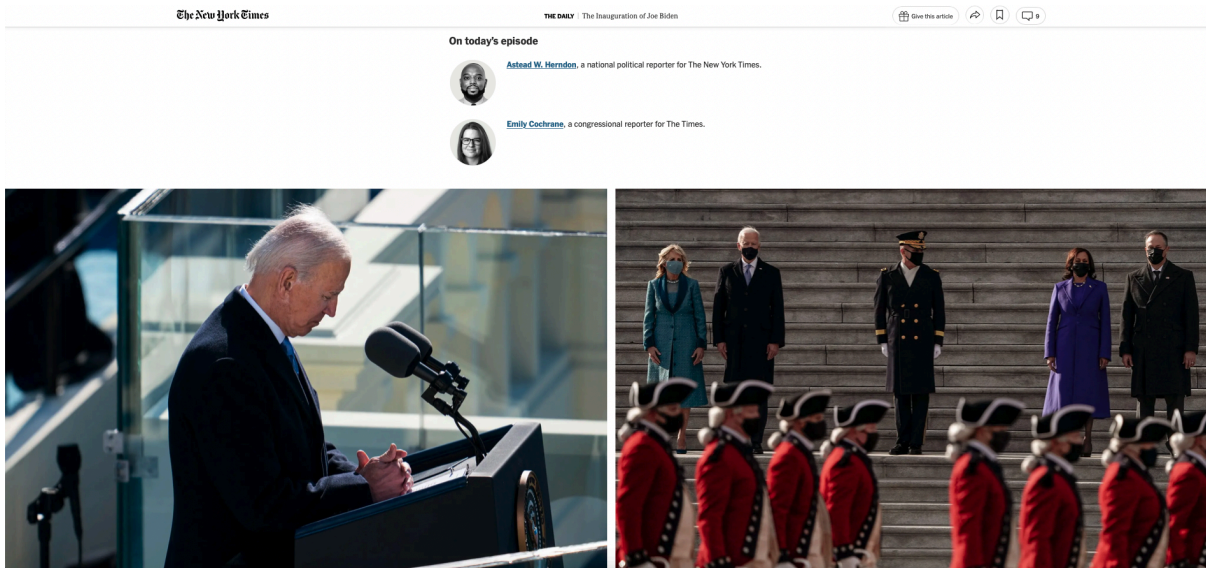
Neste primeiro ensaio, buscaremos perceber como a construção narrativa dos podcasts em questão cria uma relação de escuta específica, a partir da audição interessada de um episódio de cada um deles: “The Inauguration of Joe Biden”⁴⁶, de *The Daily*, publicado no dia 21 de janeiro de 2021; “Bolsonaro e a anatomia do golpe”, episódio número 703 de *O Assunto*, publicado em 11 de maio de 2022; e “Os mitos sobre a Semana de 1922, cem anos depois”, de *Café da Manhã*, publicado em 11 de fevereiro de 2022. Tentaremos perceber de que forma os roteiros são estruturados, que elementos de áudio são acionados, bem como que paisagens

⁴⁶ THE DAILY: The Inauguration of Joe Biden. [Locução de]: Michael Barbaro. [S. l.]: The New York Times, 21 jan. 2021. Podcast. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/01/21/podcasts/the-daily/joe-biden-kamala-harris-inauguration.html>. Acesso em: 18 dez. 2021.

sonoras e ambiências são construídas, como se dá a relação estúdio/rua, em que medida a redundância é um recurso empregado, entre outros artifícios da linguagem sonora que nos permitam identificar onde o tempo desses episódios se ancora.

3.2.1 Testemunhando a história

Figura 5 - Página do episódio no site de *The New York Times*



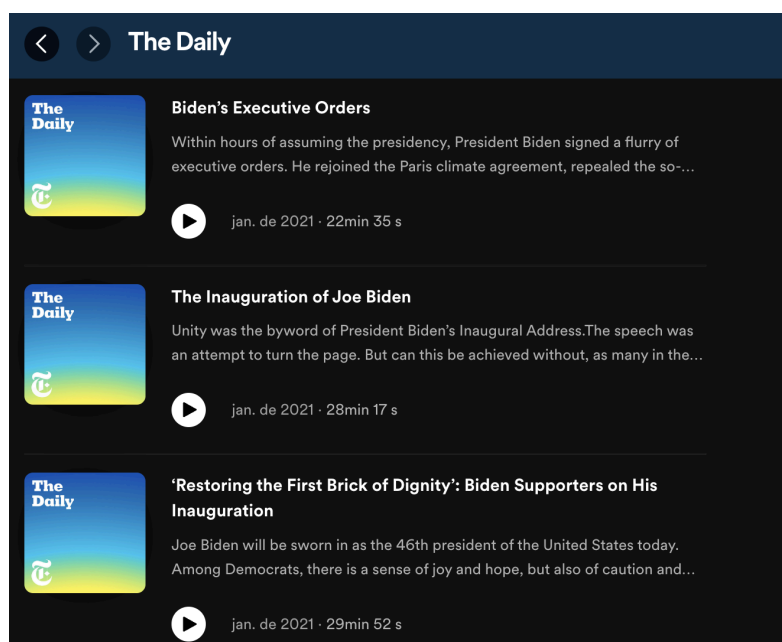
Fonte: Captura de tela *The New York Times*, 2022

O episódio “[The Inauguration of Joe Biden](#)” (figura 5), de 21 de janeiro de 2021, foi escolhido por duas razões, sendo a primeira delas o caráter histórico do assunto: trata-se não só da posse de um presidente dos Estados Unidos em plena pandemia de Covid-19, que assolou o mundo cerca de um ano antes e àquela altura ainda estava longe de ser superada – o que por si só particulariza o evento, em função dos protocolos de proteção contra a doença e ausência da habitual multidão que, em situação de normalidade sanitária, o acompanharia –, mas também de uma cerimônia realizada duas semanas após uma inédita invasão ao Capitólio. Durante a sessão conjunta do Congresso que confirmaria a vitória de Joe Biden nas Eleições Presidenciais de 2020, no dia 6 de janeiro, o principal símbolo do poder político naquele país fora atacado por apoiadores do presidente derrotado nas eleições e prestes a deixar o cargo Donald Trump, que alegavam fraude na votação.

Por conta disso, o novo presidente e sua vice, Kamala Harris – ela mesma mais um elemento que particulariza o evento, por se tratar da primeira mulher, e

ainda de ascendência africana e asiática, a ocupar o cargo de vice-presidente dos Estados Unidos –, assumiram seus postos sob um esquema de segurança intensificado e certa tensão no ar. Foram tomadas medidas como o fechamento de ruas, pontes e estações de metrô, para evitar a circulação próxima a locais importantes, além do envolvimento de toda a força policial de Washington DC, reforços de outros municípios e 21 mil membros da Guarda Nacional⁴⁷, um quadro sem precedentes para um evento que normalmente tem clima festivo e centenas de milhares de pessoas nas ruas. Aliás, naquele dia, tanto *O Assunto* quanto *Café da Manhã* trataram do mesmo tema, o que também demarca a magnitude do evento.

Figura 6 - Episódios de *The Daily* no Spotify



Fonte: Captura de tela *Spotify*, 2022

Se, por um lado, uma série de elementos particulariza o assunto sobre o qual o programa tratou naquele dia, por outro, antes de colocar o áudio para tocar, o ouvinte não é confrontado com nada que o diferencie dos demais episódios, do ponto de vista da apresentação. Tanto nos tocadores de podcast (Figura 6) quanto no site de *The New York Times*, a estética é a de sempre: nas plataformas de reprodução, apenas o título do episódio, uma breve descrição e a logomarca de *The*

⁴⁷ POSSE DE Joe Biden tem esquema de segurança sem precedentes. **g1**, 20 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/01/20/posse-de-joe-biden-tem-esquema-de-seguranca-sem-precedentes.ghtml>. Acesso em: 2 out 2022.

Daily – alguns aplicativos, como o *Spotify*, permitem que cada episódio apresente uma imagem diferente, porém essa possibilidade não costuma ser explorada em podcasts diários, talvez até como uma maneira de criar familiaridade temporal, a partir da indistinção visual; no site, por sua vez, há uma maior quantidade de elementos variáveis, entre textos, imagens e *links*, portanto vemos fotografias da posse, bem como dos repórteres que participam do episódio e são oferecidos mais conteúdos complementares, mas nada capaz de distingui-lo de maneira drástica dos demais. Cabe salientar que, em maior ou menor medida, todos esses elementos compõem a relação do podcast com o ouvinte, que nunca se resume apenas à experiência auditiva.

A segunda razão para a escolha do episódio, presumidamente relacionada à primeira, é a própria construção estética da narrativa do programa, distinta da usual, que, em geral, adota o seguinte padrão: abertura com a vinheta do programa e algum dos dois apresentadores dizendo “From *The New York Times*, I’m Michael Barbaro/Sabrina Tavernise. This is *The Daily*. Today...” (De *The New York Times*, eu sou Michael Barbaro/Sabrina Tavernise. Este é *The Daily*. Hoje..., tradução nossa), o que dura cerca de 10s; na sequência, um resumo bem sucinto do assunto a ser tratado, a apresentação do entrevistado – normalmente algum repórter especializado do jornal – e a enunciação da data a que corresponde a publicação do episódio; o(a) apresentador(a) então realiza a entrevista, que é dividida por um intervalo em duas seções e eventualmente é entrecordada por áudios de arquivo e marcada por trilhas sonoras; ao fim da conversa, o(a) apresentador(a) agradece, se despede e chama um novo intervalo, depois do qual vem o segmento “Here’s what else you need to know today” (aqui está o que mais você precisa saber hoje, tradução nossa), em que são lidas notas curtas sobre assuntos não relacionados ao tema principal ao som da música tema e, por fim, o(a) apresentador(a) se despede, dizendo “That’s it for *The Daily*, I’m Michael Barbaro/Sabrina Tavernise, see you tomorrow” (Isso é tudo para *The Daily*, eu sou Michael Barbaro/Sabrina Tavernise, até amanhã, tradução nossa).

O episódio aqui analisado, por sua vez, tem sua estrutura espaço-temporal organizada em três seções principais: começa na reconstrução da manhã da posse a partir do relato da repórter Emily Cochrane, que acompanhou o evento em Washington, onde é correspondente e cobre o Congresso desde 2018 (3min); vai ao estúdio, onde o apresentador Michael Barbaro e o repórter de política nacional

Astead W. Herndon⁴⁸ têm uma conversa dividida pelo intervalo em dois momentos: 1) uma análise de determinados pontos do discurso de Joe Biden (12min50s) e 2) uma reflexão sobre aquilo que não foi dito por ele e eventuais desafios da nova administração (7min10s); e, por fim, retorna a Cochrane, que retoma o relato do local da posse, já no momento em que a organização está desmontando o evento, numa reflexão que mistura observação do entorno, percepções pessoais e projeções relacionadas ao novo governo que ainda está por vir, tudo isso costurado numa espécie de arremate edificante para o episódio (3min), conforme transcrição abaixo:

Emily Cochrane:

É pouco depois das 6h, e estou sentada na Rotunda do Capitólio.

O pessoal já está desmontando a iluminação, o equipamento de câmera, todas as coisas que foram montadas temporariamente aqui para a posse. A Rotunda é o meu lugar favorito neste edifício, como é para muita gente. Ele não só representa fisicamente muito nossa história e nossa democracia, com suas enormes pinturas e estátuas e belas obras de arte, mas há algo em sentar aqui quando ninguém mais está por perto; quando é muito tarde porque você está esperando por uma votação ou participando de uma reunião ou é muito cedo porque você chegou antes de uma audiência; há algo realmente especial em estar aqui e estar maravilhado com o lugar e o que ele representa e pensar em mais um momento da história que acabou de ser encravado em duas semanas realmente impressionantes neste edifício. Estou olhando para a porta pela qual o presidente Biden e a vice-presidente Harris passaram hoje cedo. Há uma marca na porta que ainda está quebrada do 6 de janeiro. Dá pra ver as rachaduras no vidro de onde estou, do outro lado da sala.

Acho que ainda estou processando como as imagens do presidente Biden e da vice-presidente Harris assumindo o cargo serão justapostas com o que eu vi em 6 de janeiro.

Meio que alinhando mentalmente as imagens lado a lado.

Mas mesmo que haja um longo caminho a percorrer, essa vidraça ainda está quebrada, há muito o que dissecar sobre o que aconteceu.

Ainda há um processo de impeachment. Ainda há um acordo de compartilhamento de poder que precisa ser alcançado no Senado e a divisão que ainda persiste. Mas hoje foi pacífico, e sou grata por isso. (THE DAILY, 2021, tradução nossa)⁴⁹

No encerramento, há ainda o segmento “Here’s what else you need to know today” (2min). Ao todo, o episódio tem duração de 28min17s e já começa com Emily Cochrane se apresentando em meio a sons de passos, respiração e roçar de tecidos, o que indica que ela estaria caminhando enquanto fala. Isso, de cara,

⁴⁸ Posteriormente, ele se tornaria apresentador do podcast sobre eleições *The Run-Up*, que foi retomado para o pleito legislativo de 2022 e tinha Barbaro originalmente nesse posto.

⁴⁹ Transcrição completa, em inglês, nos anexos do documento.

demarca a diferença entre esse e os demais episódios do ponto de vista sonoro, uma vez que a maior parte deles começa com a vinheta do programa e a voz de um dos apresentadores enunciando o já mencionado bordão de abertura. Outras vozes e ruídos compõem a paisagem sonora, dando a impressão de que a repórter caminha por um lugar aberto. A certa altura, ela interage com uma voz masculina que pede para ver sua credencial e também que mostre seu rosto, indicando que provavelmente usava uma máscara, por conta das medidas de proteção contra o coronavírus. Após ter sua passagem liberada, a repórter anuncia que vai entrar no Capitólio. A isso segue uma mudança na ambiência, que se torna mais silenciosa, apenas com um leve ruído constante ao fundo. Nesse ponto, Cochrane descreve o interior do Capitólio, referenciando algumas “cicatrices” provocadas pela invasão de duas semanas antes, que não impediriam, no entanto, a aparente normalidade no interior do prédio – ainda que as coisas não estivessem normais.

Ao fazer essa escolha estética, o programa proporciona ao ouvinte uma espécie de imersão, transportando-o para o cenário da posse e produzindo imagens em sua mente a partir das descrições da repórter e do registro dos sons dos ambientes por onde ela passa, de forma que é praticamente possível enxergar seu itinerário, a despeito da ausência de elementos visuais. Realizando uma espécie de transposição territorial, esse artifício acaba articulando também uma temporalidade específica ao levar o ouvinte de volta ao passado – que à altura da publicação do episódio ainda era muito recente, mas não para quem eventualmente ouvi-lo algum tempo depois, como no caso da escuta para esta análise –, o que torna mais pronunciado o caráter de registro de um momento da história, já que apenas comentar os acontecimentos do estúdio, como acontece na maioria dos casos, desta vez pareceu insuficiente.

Transcorridos pouco mais de 3 minutos, uma trilha suave e etérea, com notas agudas contínuas em um instrumento que remete a um órgão, marca a transição da fala da repórter para finalmente ouvirmos a voz de Michael Barbaro, que apresenta a si mesmo e ao programa, mas sem vinheta desta vez. A música então muda para a da banda marcial que abriu o evento da posse, e a voz de Barbaro passa a alternar com a do mestre de cerimônias, entrelaçando estúdio e situação reportada. Numa sobreposição de camadas, o apresentador descreve o que aconteceu e chama o repórter que fará o relato e análise do discurso, enquanto se ouvem os sons de Washington, incluindo palmas, a música da banda e os juramentos de Kamala Harris

e Joe Biden. Ao efetuar essa sobreposição, o episódio funde o momento da posse ao da análise, em alguma medida aludindo ao efeito da simultaneidade, ao qual o jornalismo é tão afeito, e se manifesta, por exemplo, em coberturas ao vivo. Paradoxalmente, trata-se de um “ao vivo” totalmente artificial, uma vez que produzido na edição sonora, mas ao mesmo tempo é extremamente verossímil e, de certa forma, até mais eficiente que um ao vivo de fato, visto que momentos de maior apelo ao ouvinte podem ser destacados, e os de menor, excluídos.

Do momento em que a data é anunciada, aos 5min32, em diante, o discurso do novo presidente se alterna às perguntas e respostas entre Barbaro e Herndon, sendo que, enquanto os jornalistas conversam, a voz de Biden segue inaudível ao fundo, mas incompreensível, como uma espécie de trilha. Mais uma vez, é possível identificar nisso um artifício para a produção de um efeito de simultaneidade, já que, mais do que um apelo apenas estético, a continuidade da fala de alguém enquanto outra(s) voz(es) se sobrepõe(m) cria a impressão de que foram enunciadas ao mesmo tempo. Da mesma forma, como pano do fundo, ela gera um efeito de áudio de arquivo, ou seja, do acionamento de um registro que pode ter sido feito em qualquer momento anterior à conversa – por sinal, um artifício muito comum em podcasts. Em dado ponto do episódio, por volta de 11min6s, palmas recebidas pelo novo presidente ao longo do discurso marcam a transição entre a conversa no estúdio e o discurso de Biden, o que também alude a uma simultaneidade de planos temporais.

Há também um outro tipo de sobreposição de falas, quando o repórter repete expressões usadas por Biden durante o discurso e as duas vozes coincidem, no que parece uma tentativa de sublinhar tais expressões. A voz do político deixa de ser ouvida por completo quando o apresentador questiona se o tom da fala foi muito mais próximo de um sermão do que o de alguém assumindo um cargo público, ao que o repórter descontraidamente assente, referenciando o próprio pai, que é pastor, e justificando a postura com o contexto de divisão no país. Ao fim dessa reflexão, uma trilha espirituosa, com o que soa como um instrumento de corda dedilhado de maneira ágil, introduz novamente o discurso de Biden em uma fala sobre esperança, união, amor e outros sentimentos otimistas para os anos que estão por vir. À medida que a fala do novo presidente se desenrola, a trilha vai se recolhendo ao segundo plano e ganha outros elementos, como o que parecem ser um baixo e um chocalho, acompanhando o ritmo do primeiro instrumento. Quando o discurso finda, a trilha é

amplificada novamente, até que Barbaro chama um intervalo e ela vai diminuindo aos poucos, até desaparecer por completo, aos 15min55s. Marcar esses momentos com trilhas ajuda o ouvinte a criar sentidos para o que está sendo dito, abrindo espaço para a reflexão e dando senso de conclusão ao segmento.

Todo esse conjunto de artifícios articulados – a chegada ao Capitólio com Emily Cochrane, os sons de abertura da posse, as falas proferidas no evento, as palmas, além da conversa entre Barbaro e Herndon no estúdio e das trilhas sonoras – cria uma outra camada espaço-temporal, do ponto de vista narrativo, que não é nem a do momento da posse, nem a da gravação da conversa no estúdio e nem a de onde/quando o ouvinte coloca o episódio para tocar, mas uma quarta, em que todas elas se encontram e contribuem para a produção de sentido que se desdobrará a partir da escuta.

Em uma das escutas do episódio realizadas para produção desta análise, no dia 27 de outubro de 2022, o anúncio que se ouvia na hora do intervalo era narrado por um repórter de *The New York Times* que fazia a avaliação de uma marca de tomates enlatados para convocar os ouvintes a usarem *Wirecutter*, serviço de recomendação de produtos do jornal. Com duração de um minuto, os anúncios que entram a essa altura do episódio, mais ou menos na metade, geralmente promovem outros produtos ou serviços da marca *NYT*, como as assinaturas digitais, por exemplo. Nos parece uma estratégia para redistribuir a massiva audiência de *The Daily* entre as diferentes produções da The New York Times Company, que afinal opera em múltiplas vertentes e linguagens com seus quase 5.000 empregados.

Do ponto de vista temporal, o intervalo impõe uma quebra narrativa que, se não prejudica a construção que vinha sendo feita até ali e que será retomada na sequência, também não nos parece ter outro propósito além do comercial. Cabe notar, no entanto, que vem sendo utilizada no programa alguma ferramenta de inserção dinâmica de anúncios⁵⁰, ou seja, de tempos em tempos a publicidade veiculada é atualizada – ao que tudo indica, diariamente, já que em 28 e 29 de outubro outras peças apareceram no intervalo. E isso é feito não apenas no episódio mais recente, mas em todos que estão disponíveis para escuta, desde fevereiro de 2017, pois em qualquer programa que se ouça ao longo de um mesmo dia tem-se a mesma peça publicitária. Isso tanto nos parece uma confirmação de que produções

⁵⁰ O QUE é inserção dinâmica de anúncios em podcast? **Guia Corporativo**, São Paulo, 7 dez. 2020. Disponível em: <https://guiacorporativo.com.br/rssnewsepisodio86>. Acesso em 22 nov. 2022.

antigas seguem sendo baixadas conforme o tempo passa, quanto demonstra que, do ponto de vista comercial, as temporalidades operam de outra maneira e precisam estar sempre conectadas ao momento atual.

No retorno do intervalo, o episódio se reaproxima da estrutura mais corriqueira de *The Daily*, já que o “padrão” do programa é basicamente composto de uma abertura com Michael Barbaro ou Sabrina Tavernise, seguida de uma entrevista feita pelo âncora da vez com algum colega envolvido na cobertura do tema escolhido. Para efeito de comparação, dos 20 episódios que se seguiram ao analisado, 13 foram feitos nesse molde (abertura + entrevista apresentador-repórter), além de outros três que diferem apenas pela presença não de um, mas de dois repórteres entrevistados. Dos quatro programas restantes, cada um tem suas peculiaridades: em um deles, um repórter é entrevistado pelo apresentador mas também faz a introdução do programa; em outro, o próprio repórter especializado entrevista uma fonte externa – Anthony Fauci, diretor do Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas (NIAID) e principal conselheiro médico da Casa Branca, responsável por orientar as decisões relacionadas ao controle da pandemia de Covid-19; no terceiro, o próprio Barbaro conversa com uma fonte externa – a deputada democrata Stacey Plaskett, integrante da acusação que pleiteou o *impeachment* de Donald Trump após a invasão do Capitólio; e, por fim, há um episódio inteiramente conduzido por um repórter, que o narra em formato similar ao de uma reportagem sonora, ou seja, sua locução vai contando a história com o auxílio das vozes de entrevistados, de áudios de arquivo, de gravações feitas *in loco* e de trilhas e efeitos sonoros.

Retomando a análise de “The Inauguration of Joe Biden”: pós-intervalo, o que se ouve é a conversa do apresentador com o repórter, que gira basicamente em torno dos desafios que Joe Biden teria pela frente para promover a união, palavra de ordem de seu discurso, em um país profundamente dividido. Nesse segmento, mais focado numa análise contextual e com menos elementos externos à conversa realizada no estúdio, fica mais evidente uma espécie de marca registrada de Michael Barbaro: a reação às falas do colega entrevistado com interjeições, sobretudo “hmm”. Marca registrada porque é algo que perpassa as conversas sobre *The Daily* desde os primeiros episódios, a ponto de, em outubro de 2017, por ocasião de seu aniversário, o apresentador ter recebido de uma colega da produção do podcast

uma versão da música “Parabéns pra Você” feita de seus próprios ‘hmms’⁵¹. Em maio de 2019, o próprio Barbaro escreveu sobre o assunto na *newsletter* semanal do podcast, que circulou entre fevereiro daquele ano e agosto de 2022. Segundo ele, o hábito foi cultivado nos muitos anos conversando com fontes pelo telefone e acabou se manifestando naturalmente nas entrevistas para o podcast. Apesar de a interjeição provocar incômodo em parte dos ouvintes, e levando em conta a identificação gerada em outra parte, a equipe de produção optou por mantê-la ao concluírem que desempenhava a útil função de pontuar as entrevistas, de modo a lembrar quem as escuta de que dois humanos estavam tendo uma conversa real. Barbaro, no entanto, foi encorajado a pensar cuidadosamente antes de emitir seus ‘hmms’, “afinal, qual o valor de um ‘hmm’ se ele acontece após cada momento interessante de uma entrevista?” (BARBARO, 2019, tradução nossa).

Cabe aqui refletir quanto à potência narrativa de algo tão simples quanto um murmúrio, mas que a depender do contexto pode se tornar carregado de significado. Na conversa que se segue, ele aparece, por exemplo, quando Herndon está dizendo, por volta dos 18min, que a união de um país, tão presente no discurso de Joe Biden, é condicionada a diferentes tipos de ação, porém nenhum deles foi mencionado pelo novo presidente. O ‘hm’ de Barbaro, seco e curto, nesse caso soa irônico, como se dissesse “desse jeito é muito fácil”. Bastante diferente do ‘mm-hmm’ ouvido aos 18min50s, depois de o repórter explicar que o que Biden está tentando fazer é virar a página de todo o tumulto do governo que o antecedeu, mas sem lidar com as raízes do que permitiu que tudo acontecesse. Nesse caso, é como se o apresentador dissesse “ok, estou te acompanhando, pode prosseguir”, assim como o seguinte, aos 19min8s, soa como “eu concordo com você”, depois que o repórter diz que o grande desafio do novo presidente será enfrentar grandes problemas como racismo, extremismo e desinformação sem provocar desconforto nas pessoas.

É interessante observar que, nessa parte da conversa, o episódio se afasta bastante do tom de relato e assume um caráter totalmente analítico, levando em conta questões amplas relativas ao contexto sociopolítico dos Estados Unidos, à personalidade de Joe Biden, ao funcionamento de uma democracia, entre outras. Inclusive, a maior parte das intervenções de Barbaro se resume a ‘mm-hmm’, o que demonstra que Herndon articulou sua fala praticamente sozinho, fazendo ele próprio

⁵¹ Disponível em: <https://soundcloud.com/user-594903378/happy-birthday-mb>. Acesso em: 22 nov. 2022.

o encadeamento das questões e, em alguma medida, assumindo um papel que normalmente é atribuído aos articulistas na imprensa. Do ponto de vista temporal, a junção entre relato – seja o testemunho de Cochrane ou a recuperação dos acontecimentos feita por Herndon – e análise contextual dá um sentido mais abrangente à narrativa, porque associa e interrelaciona temporalidades muito particulares: o momento da posse, o momento pós-posse, o futuro dali em diante, o período eleitoral, o mandato de Donald Trump, a carreira política de Joe Biden antes de chegar à presidência, enfim, todas elas sendo articuladas de modo a refletir sobre os acontecimentos do que então era o presente e projetar o que estaria por vir.

À medida em que o diálogo vai se encaminhando para uma conclusão, entra uma trilha de tom celestial, com violino e piano, e ao som dela Barbaro e Herndon se despedem. Mais alguns segundos dessa trilha e Cochrane retorna com a já citada reflexão final, que é feita sob outra música, essa provavelmente produzida com sintetizadores, que lembram vagamente o som de um órgão, e com algumas poucas notas repetidas à medida que a repórter fala. A trilha se mantém sempre suave, sem se sobrepôr à voz, e em alguns instantes parece desvanecer. A nota musical se torna constante conforme a fala da repórter vai sendo arrematada, ao mesmo tempo em que emerge um tilintar, e esse conjunto de sons é o que vai desaparecendo até que o apresentador anuncie um novo intervalo. Este, no entanto, no momento da análise, não estava veiculando nenhuma peça publicitária e portanto a voz de Barbaro retornava já no instante seguinte, ou seja, chama-se o intervalo sem que ele de fato seja preenchido.

Ao terminar retornando ao Capitólio – cenário de dois grandiosos eventos recentes àquela altura: o ataque de extremistas e a posse –, mas no momento em que ações extremamente banais como o desmontar de estruturas se desdobram, o episódio evoca a temporalidade da cotidianidade (ANTUNES, 2008; MATHEUS, 2010), na medida em que demonstra que a vida segue um fluxo constante a despeito da magnitude, do ineditismo ou da dramaticidade do que quer que aconteça. Isso, aliado à reflexão da repórter, dá um senso de conclusão ao episódio, ao mesmo tempo em que deixa no ar a sensação de “to be continued” ou “continua nos próximos capítulos”, mensagem comum em produções audiovisuais de ficção, mas não tão frequente quando se trata de jornalismo.

A seção “here’s what else you need to know today” (aqui está o que mais você precisa saber hoje, em tradução livre), presente ao final de todos os episódios

e aqui iniciada aos 27min10s, se constrói em um formato híbrido, preservando a música tema de *The Daily* sob a locução de Michael Barbaro intercalada com um trecho do discurso de Kamala Harris ao assumir a presidência do Senado – função atribuída ao vice-presidente dos Estados Unidos, e portanto ocupada por ela durante o mandato de Biden –, além de outras falas realizadas ao longo do dia da posse. O encerramento é semelhante ao dos demais episódios, com o anúncio dos créditos de produção e o tradicional bordão de Barbaro: “that’s it for *The Daily*, I’m Michael Barbaro, see you tomorrow” (isso é tudo para *The Daily*, eu sou Michael Barbaro, vejo você amanhã).

É interessante pensar nos movimentos temporais que vão se desenvolvendo ao longo do episódio: tem-se o dia da posse dividido em dois momentos, o antes e o depois, na fala de Emily Cochrane; por outro lado, há também uma reconstituição parcial da cerimônia, a partir da reprodução de trechos de discursos, e mesmo da música tocada e dos aplausos dos presentes, aos quais é atrelada a análise feita por apresentador e repórter no estúdio. Como já dito, esse artifício provoca um efeito de simultaneidade que, no entanto, não se pretende legítimo – ainda que verossímil –, já que é sabido que a conversa entre os dois é posterior ao encerramento da posse. Num terceiro momento, as temporalidades se alargam, de modo que o vínculo direto com o momento da posse perde espaço em favor do acionamento de outras referências temporais, trazidas para contribuir para a construção de sentido. Por fim, retoma-se o pós-posse, pontuando questões sobre o futuro, e conclui-se com foco na ausência de tumulto com que o processo se deu.

Todo o modo como o programa é construído, aliado ao fato de que foi ao ar menos de 24 horas após o evento de que trata, ou seja, quando ainda buscava-se processar coletivamente o que havia acontecido, alude à já mencionada dimensão temporal da cotidianidade, sobre a qual refletiram Antunes (2008) e Matheus (2010). Tanto por se inscrever na rotina do ouvinte, quanto por influenciar sua percepção acerca da realidade, contribuindo para o processo de construção de sentido sobre o que aconteceu. Os artifícios narrativos empregados, como a chegada ao cenário da posse junto com a repórter, as sobreposições de sons do evento e do estúdio, o segmento de análise contextual, o retorno reflexivo ao Capitólio ao final, aliados a todas as escolhas estéticas que os envolvem, são as estruturas sobre as quais essa produção de sentido se ampara. Tudo isso, claro, associado à maneira como a discussão é conduzida, os pontos pelos quais passa. Quanto mais eficientes forem

em capturar a atenção e o interesse do ouvinte, maior influência exercerão em sua percepção sobre o acontecimento.

Transcorridos quase dois anos desde então, retornar ao programa é como encarar uma cristalização daquele presente, agora tornado passado. Dessa maneira, o episódio se constitui numa possibilidade de revisitar aquele momento, de alguma maneira encapsulado naqueles 30 minutos – uma das múltiplas perspectivas sobre ele, ao menos. Se “a quente” ele ajuda a produzir sentido a respeito de algo que se desenrola no cotidiano do ouvinte, num eventual retorno posterior pode ser proveitoso pensá-lo em relação ao que se desdobrou desde foi ao ar. No caso do governo Biden, especificamente, levar em consideração imprevistos como a Guerra da Ucrânia com a Rússia, eclodida em fevereiro de 2022, ou o não tão imprevisto impacto das medidas de contenção da pandemia de Covid-19 na economia mundial e como influenciam a performance do presidente democrata e a percepção da opinião pública sobre ele.

Mais do que tudo isso, a própria incapacidade de Biden em efetivamente promover a união. Não necessariamente a união entre seus apoiadores e opositores, apontada no episódio como seu principal desafio, mas a união justamente entre os diferentes setores da sociedade que o apoiaram em torno de uma pauta comum, o que acabaria provocando uma insatisfação generalizada. É isso, ao menos, o que aponta o episódio “How Biden’s Approval Rating Got So Low”, de 22 de junho de 2022, que retoma a discussão do momento da posse, de certa maneira. Curioso notar que mesmo focando na união “errada”, o episódio de 21 de janeiro de 2021 já dá pistas do que realmente aconteceria, ao apontar que Joe Biden fala em união sem indicar de maneira concreta como alcançá-la e ao observar que sua natureza e seu histórico são de alguém que tem dificuldade em tomar posições que demandem rupturas.

A ordenação dos movimentos do episódio – início antes da cerimônia de posse, seguido de elementos que evocam sua abertura e uma análise em estúdio entrelaçada a registros do evento, mais um segundo momento de análise mais contextual, e final no pós-cerimônia – produz uma sensação de completude, numa trajetória circular. Ou espiralar, se levamos em conta a materialidade do podcast – ou ausência dela –, a qual permite que esse movimento seja reproduzido infinitas vezes. Para o ouvinte, a sensação que dá é a de um mergulho em outro momento. Porém, de uma maneira distinta daquilo que olhar uma fotografia ou ler um simples

relato provoca. Porque o que se recebe é mais do que apenas uma captura ou reconstituição desse momento, já que o som parece permitir uma imersão em um registro que parece mais tátil, a despeito de ser impossível tocar ou mesmo ver. É algo, de alguma maneira, comparável ao despertar de uma memória por um cheiro e, como nos lembra Pedro Paulo Salles (2011), a materialidade dos sons que se manifestam em paisagens sonoras dialoga com outros âmbitos, como o do humano e o do sagrado, “recebendo assim outras ‘materialidades’ que transcendem os limites da física e da acústica convencionais e que alcançam as esferas social, cultural e cosmológica”.

Obviamente, é preciso levar em conta que tal imersão, em toda a sua complexidade, é fruto de um conjunto de escolhas estéticas, editoriais, pessoais – e não apenas de uma pessoa, mas de várias –, entre outras, as quais implicam em decisões sobre o que incluir e o que deixar de fora da narrativa. Por outro lado, a própria consciência da existência e das implicações dessas escolhas pode fazer com que o ouvinte se beneficie ainda mais do retorno ao episódio algum tempo depois de sua publicação. Retomando Ricoeur (2010), o ato de leitura – neste caso, de escuta – é o operador que une *mímesis* III a *mímesis* II, já que o ato de ouvir se junta à configuração da narrativa e atualiza sua capacidade de ser acompanhada. “Se a composição da intriga pode ser descrita como um ato do juízo e da imaginação produtiva é na medida em que esse ato é obra conjunta do texto e de seu leitor” (RICOEUR, 2010), ou seja, a escuta do episódio vai ganhando outros contornos interpretativos a serem explorados pelo ouvinte conforme o tempo passa e novos acontecimentos vão se desdobrando.

Ainda seguindo o que diz o autor, a escuta se junta ao jogo da inovação e da sedimentação dos paradigmas que esquematizam a composição da intriga, e assim pode-se perceber em “The Inauguration of Joe Biden”, de um lado, o que de fato caracteriza a excentricidade do episódio em relação aos demais – a correspondente reportando do local do evento, o uso da banda marcial no lugar da música tema fundindo a abertura da posse à do programa, o retorno à cena ao final da entrevista no estúdio etc. – e, de outro, o que são modos de narrar comuns no que se entende pela estrutura de *The Daily*: a presença de Michael Barbaro e toda a identidade que sua personalidade imprime à dinâmica, o uso de áudios registrados em outro momento para compor a entrevista, o relato de algo que aconteceu associado à análise de suas implicações, o próprio intervalo que entra na metade do episódio,

enfim, tudo isso dá as bases para o senso de familiaridade construído na relação entre ouvinte e programa, que é justamente o que permite que, em situações excepcionais, essas bases sofram modificações sem que sua identidade seja comprometida.

3.2.2 Tentando prever a história

Se em “The Inauguration of Joe Biden”, de *The Daily*, a invasão ao Capitólio por extremistas no dia 6 de janeiro de 2021 é amplamente referenciada como um indício do grau de radicalização ao qual chegou o cenário político dos Estados Unidos e, portanto, um enorme desafio para a presidência de Joe Biden, em “Bolsonaro e a anatomia do golpe”⁵², episódio número 703 de *O Assunto*, publicado no dia 11 de maio de 2022, a mesma invasão, ainda que não seja nominalmente citada, está no horizonte de toda a análise que é feita pelo entrevistado, o jornalista Carlos Andreazza, colunista do jornal *O Globo* e apresentador da rádio *CBN*. Porque toda a discussão entre ele e a apresentadora Renata Lo Prete gira em torno de atitudes que colocam em xeque a lisura do processo eleitoral brasileiro, e assim provocam a erosão da confiança nas instituições democráticas, pavimentando o caminho para ataques como o que foi realizado no centro legislativo norte-americano. Justamente por terem sido as contínuas acusações de Donald Trump de que a vitória de Biden teria sido resultado de fraude o que municiou a invasão do Capitólio pelos grupos extremistas, temia-se que algo como aquilo pudesse se repetir por aqui.

Enquanto no programa de *The New York Times* temos uma espécie de registro da história enquanto ela se desenrola, o que se faz aqui parece uma tentativa de identificar no presente os indícios de um potencial acontecimento que, se confirmado no futuro, entrará para a história. Ou, ainda, uma busca por evidências de, num movimento em curso, a que distância a democracia brasileira estaria de uma eventual ruptura e se já teria sido cruzado ou não um possível ponto de não retorno. Ao escolher tratar da suspeição colocada por Jair Bolsonaro sobre o

⁵² O ASSUNTO: Bolsonaro e a anatomia do golpe. [Locução de]: Renata Lo Prete. [S. l.]: g1, 11 mai. 2022. Podcast. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2022/05/11/o-assunto-703-bolsonaro-e-a-anatomia-do-golpe.ghtml>. Acesso em: 18 out. 2022.

processo eleitoral, de como esse é um discurso que vem sendo reforçado por ele e aliados há anos, do quanto as Forças Armadas estariam agindo dentro dessa lógica e em que medida o próprio Tribunal Superior Eleitoral não só falha em frear tais investidas como fomenta o fortalecimento dos ataques, o podcast do *g1* se coloca inclusive como um ator na disputa pelo futuro, uma vez que, ao se debruçar sobre a anatomia de um golpe que ainda não se concretizou – ao menos não em plenitude –, abre espaço para que ele possa ser interrompido.

Em termos temporais, é como se, de certa forma, o passado dos Estados Unidos pudesse ser lido como o futuro do Brasil, uma vez que muitos paralelos são feitos – e, de fato, existem – entre a ascensão da extrema direita ao poder institucional lá e aqui, a ponto de Jair Bolsonaro carregar o epíteto de “Trump dos Trópicos”. À luz da invasão da sede dos Três Poderes realizada por extremistas bolsonaristas no dia 8 de janeiro de 2023, essa visão se torna ainda mais pungente, bem como a discussão feita no episódio ganha ainda mais legitimidade. Por outro lado, mesmo que as semelhanças sejam inegáveis, os contextos dos dois países têm peculiaridades que os distanciam consideravelmente, de modo que seria equivocado e, em alguma medida, até ingênuo visualizar no nosso futuro uma simples projeção do passado norte-americano. O que de fato se observa na conversa que se desenrola no episódio de *O Assunto* é algo como um meio do caminho entre essas duas possibilidades: há um foco maior no contexto brasileiro por si só, naquilo que já havia acontecido até então – independente se mirado ou não no exemplo dos Estados Unidos, mas sem desconsiderá-lo –, que pudesse ser usado como justificativa para viabilizar uma possível ruptura, ou tentativa de ruptura democrática, a qual, ao fim e ao cabo, de fato aconteceu.

Ou seja, parece ser mais do que apenas o “primeiro conhecimento” que os *Princípios Editoriais do Grupo Globo* demarcam como aquilo que seria responsabilidade do jornalismo produzir. Tratando exatamente do exemplo de uma crise política, as diretrizes afirmam que o entendimento dela em seu decurso é superficial e se adensa ao longo do tempo de forma que só será mais compreendida, ainda que não totalmente, “quando trabalhada por historiadores, com o estudo de documentos inacessíveis no momento em que ela surgiu” (GRUPO GLOBO, 2011). Temos, portanto, uma contradição: se o presente não oferece insumos para que o jornalismo, utilizando de suas ferramentas e processos, produza a partir dele mais do que um superficial primeiro conhecimento, como poderia um

produto jornalístico estar apto a apreender um fenômeno antes mesmo que ele tenha se concretizado?

Obviamente, o programa não se coloca como mensageiro do futuro, nem como dotado da habilidade paranormal de prevê-lo, e portanto não determina que qualquer coisa *necessariamente* vá acontecer ou deixar de acontecer. A discussão gira muito mais em torno da análise de uma sequência de acontecimentos até ali e de como eles transparecem o ostensivo desejo do então presidente da República, sob a tutela das Forças Armadas, de questionar e possivelmente não aceitar o resultado das eleições que seriam realizadas meses adiante. Além de sinalizar erros de cálculo do poder Judiciário, também já cometidos àquela altura, que tornariam difícil ou impossível que o país não enfrentasse uma grande instabilidade junto ao processo eleitoral. Diante desses fatos, contudo, o programa é quase categórico em afirmar que um golpe à democracia já está em curso e que a situação ainda vai se agravar.

Ao contrário do episódio de *The Daily*, a construção estética aqui é bastante convencional, se pensarmos tanto podcasts diários de um modo mais amplo quanto especificamente *O Assunto*. Este, especificamente, tem duração de 24min9s e começa com uma peça publicitária que, a exemplo do que acontece no programa de *The New York Times*, é atualizada periodicamente – porém não fomos capazes de identificar a periodicidade. Na sequência, o que costuma ser apenas uma introdução breve do tema narrada pela apresentadora e costurada a áudios de arquivo acionados de maneira pontual para dar contexto, aqui se transforma praticamente numa colagem entre a voz da apresentadora e mais de uma dezena de trechos, entre falas do próprio Jair Bolsonaro, de repórteres, apresentadores e comentaristas de telejornais e de representantes do poder judiciário. Esse segmento tem duração de cerca de 4min20s e é embalado por uma trilha bastante tensa, a qual, menos do que a uma música propriamente, remete a efeitos sonoros como choques elétricos e o ecoar de uma nota contínua em um ambiente metálico, dando tom de suspense ao que se ouve.

Áudios de arquivo e fala de Lo Prete são articulados de modo a compor uma espécie de apanhado de tudo o que acontecera até ali que sinalizava para o questionamento da lisura do processo eleitoral. Na sequência, entra a vinheta do programa seguida da locução da apresentadora, com uma espécie de bordão adaptável composto de partes que se repetem todos os dias e partes que mudam

conforme os temas dos episódios, a exemplo do que é feito em *The Daily*, mas de extensão um pouco mais longa: “Da redação do *g1*, eu sou Renata Lo Prete e *O Assunto* hoje é... [sinopse do tema + apresentação do(s) convidado(s) + dia da semana + dia e mês]”.

Dos três podcasts diários aqui examinados, *O Assunto* é o que com mais frequência recorre não apenas à escuta de outros jornalistas como entrevistados. A maior parte dos programas tem, sim, a participação de um jornalista, cuja missão normalmente é de apresentar o assunto discutido, relatar tudo que tenha se desdobrado com relação ao tema até ali. Além dele, costuma haver também um segundo entrevistado, que cumpra a função de “especialista”, em geral um pesquisador ou alguém que se relacione ao tema de maneira mais direta, o qual costuma ser o responsável por fazer as análises mais aprofundadas e leituras intercontextuais. Entretanto, neste caso, o único entrevistado é Carlos Andreazza, presumivelmente por ser considerado pela produção do programa capaz de realizar sozinho as duas funções, já que, mais do que simplesmente repórter, ele é também colunista de política e apresentador de um jornal radiofônico, ou seja, teria credenciais para também fazer análises.

A conversa entre apresentadora e entrevistado começa aos 5min3s com a identificação do que teria sido o primeiro movimento para que as coisas chegassem ao ponto em que estão, na altura da publicação do episódio: uma interpretação equivocada do artigo 142 da Constituição, defendida por Bolsonaro, que atribui às Forças Armadas o status de Poder da República e, mais do que isso, um poder posicionado acima dos demais, de modo a terem autonomia para não se submeterem a eles. Cabe assinalar que, por volta dos 8min de episódio, Lo Prete não só referencia outra entrevista realizada em edição anterior de *O Assunto* – “O Artigo 142 e os limites das Forças Armadas”, de 4 de junho de 2020 –, como, na sequência, um trecho dessa entrevista é reproduzido como áudio de arquivo, ou seja, o retorno a episódios antigos é incorporado como artifício na produção de um novo. Em seguida, a partir dos 8min57s, Andreazza assinala como os militares transgrediram sua função ao se infiltrarem na política e complementa o raciocínio demonstrando o equívoco – ainda que bem intencionado – do TSE ao oferecer a eles informações sobre o processo eleitoral, o que tanto legitima a visão de que as Forças Armadas têm a atribuição de cancelá-lo ou não, quanto serviu a elas

justamente de material para colocá-lo em xeque, reflexão que se encerra aos 14min47s.

Em seguida, o entrevistado prossegue enumerando indícios de que o presidente estaria contratando uma crise para as eleições e, a partir dos 17min10s, relaciona isso aos ataques feitos por Bolsonaro ao Programa Nacional de Imunizações, argumentando que é em casos como esses que se pode identificar de forma mais evidente o perfil antidemocrático do então governante do país, já que o sistema eleitoral e o programa de vacinação seriam materializações da pujança da República. Após o fim da reflexão feita pelo entrevistado, aos 17min57s, Lo Prete interrompe a discussão para chamar um intervalo, e ouvimos novamente uma peça publicitária, desta vez, porém, mais longa (28s em outubro de 2022) e portanto com mais informações sobre o serviço apresentado no início do episódio. Cabe salientar que, a depender do anúncio em questão, a peça pode ser maior ou menor, alterando ligeiramente a duração do episódio.

Por fim, a partir dos 18min32, a apresentadora pergunta sobre como “desarmar a tocaia” preparada por Bolsonaro e aliados, ao que Andrezza responde que, a despeito do posicionamento plausível adotado pelo Tribunal Superior Eleitoral, a dúvida já estava instaurada em parte do eleitorado brasileiro de modo irreversível. Aos 21min13s, o entrevistado faz a única menção ao caso do Capitólio, de forma tangencial, ao dizer “eu nem fico especulando, pensando no caso do Donald Trump, sobre um golpe de Estado clássico no Brasil”. Ele diagnostica que há todas as condições não para que haja um golpe nos moldes do que aconteceu em 1964, mas para que o Brasil tenha algo como uma democracia de fachada, como se observa em locais como a Hungria, a Turquia e a Rússia – países cujos líderes proclamam ser democráticos, mas que na verdade são autocracias, dado o grau de corrosão das instituições. Esse é o momento em que, por acaso, olhando em retrospecto, a análise mais se distancia do que de fato aconteceria, uma vez que Bolsonaro acabou não se reelegendo. O arremate é feito ao dizer que, mesmo que as coisas não cheguem de fato ao ponto de democracia de fachada, seria muito difícil reduzir o ambiente de arbitrariedade que se colocou no cenário político brasileiro, com corroboração das Forças Armadas.

Cabe notar que o tema do *Café da Manhã* de 11 de maio foi o mesmo, no episódio intitulado “A dobradinha Bolsonaro-militares contra as urnas”. Apesar de o podcast da *Folha* ter discutido vários dos mesmos pontos levantados por Lo Prete e

Andreazza, como o quão antigo era o esforço de Bolsonaro em desacreditar o processo eleitoral, a conivência das Forças Armadas nessa empreitada, as dificuldades do Judiciário em refreá-la e mesmo a possibilidade de uma ruptura democrática baseada no descrédito às urnas, a abordagem temporal é bastante distinta. Enquanto *O Assunto* identifica um processo em curso e mira primordialmente em seus possíveis desdobramentos, *Café da Manhã* foca apenas no relato do que já havia acontecido até aquele momento, deixando em segundo plano a reflexão sobre as implicações disso para o que viria a seguir.

Toda a conversa em *O Assunto* é pontuada pelo acionamento de outros áudios de arquivo, além dos utilizados no início, sempre cumprindo a função de complementar e ampliar o que aparece no diálogo. Esse recurso é mais presente até que o uso de trilhas sonoras, que acontece basicamente em três momentos: a já mencionada música tensa da introdução; uma segunda, menos grave mas ainda gerando algum suspense, quando o entrevistado trata do erro do TSE, aos quase 10min de episódio; e a última, ainda mais tensa do que a primeira, com elementos de sintetizador repetitivos, no também já referido momento em que Andreazza assinala que a destruição da democracia deriva do enfraquecimento da República. O grande apanhado final em que outros contextos e possibilidades para o futuro são aventados é ouvido “a seco”.

Aos 23min11s a entrevista se encerra com uma despedida afetuosa entre Lo Prete e Andreazza, num momento descontraído após a aridez da discussão. Embora não seja conhecida por nenhuma marca específica como os “hmmms” de Michael Barbaro, a apresentadora eventualmente quebra a formalidade característica do jornalismo audiovisual e se permite brincadeiras e comentários fora do protocolo, o que, nos parece, gera sensação de intimidade e fortalece a relação de familiaridade com o ouvinte. Os episódios se encerram com a vinheta de *O Assunto* entrando novamente enquanto a apresentadora se despede. No caso de “Bolsonaro e a anatomia do golpe”, Lo Prete avisa que, para se aprofundar nos acontecimentos que levaram àquela discussão, valia a pena o ouvinte retornar ao episódio 650, “Militares e urnas: que confusão é essa?”, de três meses antes, ou seja, ela mesma e os produtores referendam a escuta tardia dos programas.

Aos 23min36s tem início a despedida padrão:

Este foi *O Assunto*, podcast diário disponível no *g1*, no *Globoplay* ou na sua plataforma de áudio preferida. Vale a pena seguir o podcast na *Amazon* ou no *Spotify*, assinar no *Apple Podcasts*, se inscrever no *Google Podcasts* ou no *Castbox* e favoritar na *Deezer*, assim você recebe uma notificação sempre que tiver novo episódio. Eu sou Renata Lo Prete e fico por aqui, até o próximo assunto (O ASSUNTO, 2022)

Em vez de contemplar outros temas de maneira superficial como faz *The Daily*, *O Assunto* investe no chamado “call to action” (chamada para a ação), termo difundido entre produtores de conteúdo na internet para designar pedidos para que o interlocutor interaja com o que lhe é oferecido de outras formas que não apenas a primordial – neste caso, não apenas ouvindo aquele episódio, mas se predispondo a receber os próximos à medida que forem publicados.

Ao contrário de “The Inauguration of Joe Biden”, o que diferencia “Bolsonaro e a anatomia do golpe” da maior parte dos episódios de *O Assunto* não está no plano estético, nem na estrutura do roteiro, em termos de cenas e ambiências ou modos de apresentar as informações. A distinção está, pois, no modo de abordar o tema, não mirando no passado para ampliar a compreensão do presente e eventualmente aventar possibilidades de futuro, mas identificando no passado e no presente sinais concretos de que um problema para o futuro já estava criado. Isso demonstra que, mais do que apenas abrir espaço para que sejam revisitados no futuro, os podcasts diários de notícias parecem dispor de modos mais múltiplos de enredar o tempo do que, por exemplo, reportagens tidas como factuais. Vale ressaltar, novamente, que a suspeição colocada por Jair Bolsonaro e aliados sobre o processo eleitoral desde há muito levou de fato a transtornos após o fim da eleição de 2022 e a derrota do então presidente para Luiz Inácio Lula da Silva. Apoiadores de Bolsonaro não apenas questionaram o resultado do pleito e nos dias posteriores promoveram uma série de atos golpistas país afora, bloqueando rodovias e montando acampamentos em frente a unidades do exército, convocando militares a instaurarem uma ditadura, como de fato realizaram um ataque sem precedentes à democracia brasileira ao invadirem e depredarem as sedes do Congresso, do Superior Tribunal Federal e da Presidência, em janeiro de 2023.

De tudo isso, pode-se concluir que o episódio é construído de modo a continuamente acionar os três tempos: vai ao passado em busca de contexto; encontra no presente motivos concretos para preocupação, dando a entender que já

faz tempo que o risco não é mais apenas um risco; e aciona o futuro, ainda que reforçando o foco no presente, sinalizando a algo que tem potencial para se agravar ainda mais, e já deixou de ser potencialidade para configurar uma complicação concreta para os meses que viriam. Novamente, é curioso observar esse movimento, bastante complexo, à luz do entendimento de que o jornalismo seria responsável apenas pelo primeiro rascunho da história. Se por um lado faz sentido, na medida em que há algum grau de especulação e que coisas que alterem o curso dos fatos devem – e provavelmente vão – acontecer, sendo portanto difícil afirmar que o que se tem é muito mais do que um rascunho; por outro, parece um tanto ingênuo (cínico?) entender tal conteúdo como apenas um primeiro conhecimento, uma tradução da realidade, “no limite das possibilidades, livre de prismas” (GRUPO GLOBO, 2011), sendo que é justa e somente a partir do aprofundamento, da ampliação de perspectivas e do acionamento de determinados prismas que podem emergir leituras como essa.

Ouvir o episódio não apenas após muitos meses da publicação, mas especificamente decorrido o período em que a discussão indica uma possível tentativa de ruptura democrática ganha outros contornos. Tendo em vista que Bolsonaro de fato não reconheceu sua derrota e, mais do que isso, continuou investindo contra a legitimidade do processo eleitoral, ainda que sem apoio e sofrendo sucessivos reveses por parte do TSE, é curioso observar que, de fato, uma parte de seu eleitorado se comportou exatamente como havia indicado o podcast. Mesmo que o golpe não tenha se efetivado, por razões que não cabe apontar, o episódio é acrescido de várias camadas temporais e de significado, porque novas relações podem ser depreendidas dele. Recuperando a metáfora do café, feita no capítulo 1, é como se, mais do que se manter eternamente quente, o conteúdo fosse requentável. Portanto, da mesma forma que tomar um café que esfriou e foi requentado não é a mesma coisa de consumir a bebida recém-passada, mas também não é a experiência mais tenebrosa do mundo, e seu efeito ainda é observado: ouvir um podcast que foi lançado há mais tempo, incluindo os diários, não é o mesmo que ouvi-lo na data da publicação, mas abre espaço para que emergjam outras nuances na experiência.

3.2.3 Reescrevendo a história

Da mesma forma que no caso de *O Assunto*, “Os mitos sobre a Semana de 1922, cem anos depois”⁵³, *Café da Manhã* do dia 11 de fevereiro de 2022, em seus 31min14s de duração, não apresenta diferenças significativas se comparado à maior parte dos episódios do podcast em questão, e mesmo aos de outros programas dessa categoria, se considerarmos apenas aspectos estruturais e estéticos da narrativa – e, portanto, focarmos no modo como a discussão é colocada e na mobilização de elementos sonoros. Assim como *The Daily*, *Café da Manhã* se constitui, em sua maior parte, de entrevistas com repórteres da própria *Folha de S.Paulo* precedidas de uma breve introdução da discussão e complementadas por áudios de arquivo e trilhas sonoras.

A partir de um estudo de caso de abordagem qualitativa, Bárbara Falcão e Ana Carolina Temer (2021) analisaram episódios dos dois podcasts brasileiros que são objetos desta pesquisa, *Café da Manhã* e *O Assunto*, e também de *Ao Ponto*, do jornal *O Globo*, *Estadão Notícias*, de *O Estado de S.Paulo*, e *E Tem Mais*, da *CNN Brasil*. Entre as conclusões a que as autoras chegaram, destacamos que, no que diz respeito às fontes, esses programas ouvem preponderantemente jornalistas das próprias empresas, setoristas de determinados assuntos. Além deles, também são entrevistados especialistas, sejam pesquisadores ou profissionais relacionados ao tema tratado. Do ponto de vista dos recursos sonoros, elas identificam um padrão em todos eles: “trilhas de fundo neutras e/ou que remetem a um clima de suspense e ampla inserção de áudios de trechos de jornais” (FALCÃO; TEMER, 2021).

O que chama mais atenção neste caso, porém, é o tema da pauta e o tratamento dado a ele. Em vez do rotineiro “assunto quente”, ou seja, algo que diga respeito a acontecimentos recentes, temos uma espécie de retorno ao passado sob o pretexto de uma efeméride. Isso representa um desvio na forma como o jornalismo – especialmente o diário – se coloca em relação ao tempo. Geralmente, só é dotado de valor noticioso aquilo que emerge de uma suposta superfície lisa da história (RODRIGUES, 1993), e a relação com o tempo se estabelece em constante aceleração, numa eterna busca pelo que é novo. A notícia oferecida hoje, como

⁵³ CAFÉ DA MANHÃ: Os mitos sobre a Semana de 1922, cem anos depois. [Locução de]: Magê Flores e Maurício Meireles. [S. l.]: g1, 11 fev. 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5Mv6yPvM2DxtuHBJ5KkMqI>. Acesso em: 18 out. 2022.

assinala Jácome (2020), rapidamente expiraria, abrindo espaço para novidades outras e deixando de lado um passado que parece irrelevante em sua capacidade de agenciar o presente. “O jornalismo e suas narrativas são vislumbrados, nessa perspectiva, como agentes importantes *para* a história, mas não necessariamente *na* história” (JÁCOME, 2020). A própria descrição de *Café da Manhã* no Spotify sinaliza essa compreensão, quando afirma trazer “o fundamental sobre os assuntos do momento no Brasil e no mundo” (grifo nosso, Figura 7).

Figura 7 - Descrição de *Café da Manhã* no Spotify



Fonte: Captura de tela *Spotify*, 2022.

Entretanto, ao escolher tratar da Semana de Arte Moderna de 1922, por ocasião do seu aniversário de cem anos, *Café da Manhã* deixa de lado o pretensioso papel do jornalismo de registrar o primeiro rascunho da história e assume a responsabilidade de reescrevê-la. A memória coletiva é, como nos lembra Jill Edy (1999), o sentido que uma comunidade dá ao seu passado, abrigando aspectos críticos da cultura política, da tradição comunitária e da identidade social. Ela informa nossa compreensão de eventos passados e relações presentes e contribui para nossas expectativas sobre o futuro. Segundo a autora, tendo em vista que versões mais buriladas da história também são escritas por jornalistas, para entender como o passado ganha sentido na mídia e como nossa cultura, identidade

e tradições políticas são transmitidas para nós, devemos explorar os modos pelos quais jornalistas reconstituem o passado

A efeméride é uma forma de acionar o tempo de modo a retomar fatos passados no presente, enfatizando datas de morte ou nascimento, comemorações e marcos históricos. Quando instrumentalizada pela abordagem jornalística, constrói uma memória de maior propensão à perenidade num ambiente que é essencialmente efêmero. Mais frequente no jornalismo cultural, a efeméride presentifica o passado por meio de uma mediação temporal mais distendida, e possibilita a referência a temas, pessoas ou obras que não necessariamente fariam parte da agenda do momento (CAVALCANTI, 2021).

É isso o que se observa no episódio de *Café da Manhã*, uma vez que o evento em questão – a Semana de 22 – é um marco histórico no âmbito cultural do Brasil. A *Folha de S.Paulo* tem um podcast específico para tratar de cultura, o *Expresso Ilustrada*, que é semanal e busca discutir temas em alta a partir do viés da editoria que traz no nome, podendo ser citados como exemplos o episódio “As estrelas se posicionam. E agora?”, de 6 de outubro de 2022, sobre apoio de artistas a candidatos no período das eleições, ou “Música é novo front na Guerra da Ucrânia”, de 12 de maio do mesmo ano, que discute o modo como a guerra influenciou o cenário musical daquele país.

A Semana de 22 também foi tema de um *Expresso*, “O guarda-roupa dos modernistas”, publicado um dia antes do *Café*, em 10 de fevereiro de 2022. Como o título indica, o programa foca no que as roupas usadas pelos artistas que lideraram o movimento – sobretudo o casal Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade – expressavam sobre eles, e de que forma isso dialogava ou não com o que eles propunham conceitualmente. Em alguma medida, a discussão também contempla a desconstrução de mitos sobre os modernistas, uma vez que aponta ambiguidades e contradições entre seu discurso e o modo como viviam. Como demonstra a própria descrição do episódio, “no rol da moda, o modernismo brasileiro reafirmou o gosto das elites pelo estilo internacional e uma herança de moda colonial que até hoje repercute na idealização do Brasil sobre o que é ser chique”⁵⁴, ou seja, o oposto do abraqueamento que propunham para as artes.

⁵⁴ PODCAST discute como os looks dos modernistas importaram o ‘chic’ europeu. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 10 de fev. de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/02/podcast-discute-como-os-looks-dos-modernistas-imp-ortaram-o-chic-europeu.shtml>. Acesso em: 10 de nov. de 2022.

Coube a *Café da Manhã*, no entanto, a discussão sobre o evento de uma maneira mais global. O podcast diário parece ter uma lógica inversa à do de cultura: selecionar o que se discute tendo em vista o que seria “mais relevante” naquele dia e, de tal modo, passear por diferentes editorias conforme a temática demande, podendo assim abranger todas as seções que compõem o jornal. A despeito da possibilidade de se debruçar sobre temas de qualquer vertente, é inegável a preponderância da política sobre os demais. Os dez episódios que foram ao ar após o segundo turno das eleições de 2022 demonstram isso: mesmo com o pleito já encerrado, nove dos programas publicados entre 31 de outubro e 11 de novembro trataram de assuntos políticos, e o único que não o fez – “Gal Costa, essa voz tamanha”, de 10 de novembro – foi por conta da morte repentina de uma das maiores cantoras da história da música brasileira. Ou seja, assuntos relacionados à cultura têm, sim, espaço no *Café*, mas condicionados a uma magnitude que não necessariamente é identificada quando se trata de política, vide outros episódios do mesmo período, como “Os desafios de Lula na política externa”, de 3 de novembro, ou “A relação entre o PT e os evangélicos depois da eleição”, do dia 8, sobre aspectos bastante específicos do quadro político geral.

Portanto, cabe aqui uma reflexão sobre as implicações da escolha da Semana de 22 como pauta do principal podcast da *Folha*. Embora a política predomine como temática, nem sempre o viés da discussão é totalmente “quente”. Por exemplo: em 2022, o assunto eleições é quente, porque trata-se de um ano eleitoral, porém, episódios como “O diabo no imaginário político do Brasil”, de 7 de outubro, “A desigualdade entre brancos e negros nas eleições”, de 1º de junho, e “O que pesa no voto evangélico”, de 31 de maio, não são tanto, já que o pleito é apenas pretexto para discussões muito mais amplas e desvinculadas do presente, e funciona apenas como oportunidade para debater questões que, sem esse vínculo, dificilmente seriam tratadas, por mais que seja um vínculo tangencial. Em outras palavras, são episódios quentes porque tratam de eleição, mas também são frios justamente porque estão mais descolados do agora.

Além disso, temas de fora do âmbito da política eventualmente também são pauta, mas é comum que, na escala de temperatura do noticiário, também sejam entendidos como mais “mornos”, tal qual episódios como “Assédio sexual: como se prova um crime entre 4 paredes”, de 11 de julho, “Papa Francisco: as reformas e os rumores de renúncia”, de 13 de junho, “O uso e abuso de opioides no Brasil”, de 29

de abril e “‘Testar positivo’ e o inglês dentro do português”, de 14 de janeiro. Todos eles aludem a questões que vinham sendo tratadas de uma forma ou de outra quando foram publicados, como as denúncias de assédio sexual e moral contra Pedro Guimarães, ex-presidente da Caixa Econômica Federal, ou as implicações da pandemia de Covid-19, mas não as têm como foco. Curioso notar que os quatro exemplos aqui apontados foram ao ar em segundas ou sextas-feiras, dias cuja proximidade com o fim de semana e conseqüente redução do número de pessoas trabalhando nas redações tradicionalmente favorece a produção de “pautas frias”.

Outros momentos em que *Café da Manhã* fugiu da cobertura política em 2022 estão relacionados à marcação da vida biológica (MATHEUS, 2010), especificamente a morte. Além do episódio sobre Gal Costa, houve também um sobre a Rainha Elizabeth 2^a e outro sobre a cantora Elza Soares, quando faleceram em setembro e janeiro, respectivamente. E a própria efeméride foi acionada algumas outras vezes, além do centenário da Semana de Arte Moderna: “Os mitos e símbolos da Independência”, em 7 de setembro, “Passado e futuro da Lei de Cotas, 10 anos depois”, em 30 de agosto, “Afeganistão: as mulheres sob o Talibã, 1 ano depois”, em 15 de agosto e “A coroa de Elizabeth 2^a e os escândalos reais”, em 7 de fevereiro, quando a monarca completou 70 anos no trono, poucos meses antes de morrer. São assuntos bastante diversos entre si e com relevâncias distintas para o público do jornal. A única dimensão que parece comum a todos é que têm embutidos o movimento apontado por Matheus (2010) de vinculação do passado à atualidade como forma de tentar pautar um assunto, fazendo com que algo circunstancial receba aura de ineditismo graças simplesmente à marcação do tempo.

No caso de “Os mitos sobre a Semana de 1922, cem anos depois” é preciso pensar, portanto, nas motivações que fizeram com que os produtores de *Café da Manhã* lançassem mão desse recurso. Acreditamos que o fato de ser um aniversário de cem anos tenha tido bastante peso na escolha da pauta, afinal esse é um marco de muita grandeza, que por si só já seria suficiente para justificá-la, e certamente foi um elemento que orientou a produção de material sobre a Semana em outros formatos e veículos. Aliás, esse foi um assunto altamente debatido no início de 2022, e não apenas pelos meios de comunicação tradicionais, mas também em exposições feitas por museus e centros culturais, nas mídias sociais, como em canais de *YouTube* e no *Instagram*, e até em ambientes mais inusitados como o site

do Banco do Brasil⁵⁵ e o portal da Justiça Federal da 4ª Região⁵⁶. *O Assunto*, inclusive, também tem um episódio dedicado ao tema, o do dia 3 de janeiro, intitulado “Os 100 anos da Semana de Arte Moderna”, que traz uma perspectiva mais ortodoxa sobre o marco histórico.

Além disso, a própria identificação da *Folha* com São Paulo favorece essa discussão, já que o ato de pautá-la, sobretudo no principal podcast da casa, reforça certo protagonismo do estado existente no jornal. Apesar de ter como slogan a frase “Um jornal a serviço do Brasil”, o periódico operou como agente na construção daquilo que Barbara Weinstein (2015) chamou de identidade paulista, processo que se desenrolou ao longo do século 20 e está relacionado a um discurso regional associado às bases de um projeto nacional, que implicava uma hierarquia entre regiões e situava São Paulo no centro da nação brasileira, e do qual se observa expressões ainda hoje. A autora aponta diversos momentos em que a publicação reforçou essa ideia ao longo da história, como nas comemorações do quadricentenário da cidade, em 1954, quando defendeu que São Paulo liderava o progresso da nação, e quando louvou a participação dos paulistas no movimento que levou as Forças Armadas a darem um golpe de estado, depedendo o então presidente João Goulart e instaurando uma ditadura, em 1964.

Tem-se, portanto, um movimento ambivalente: ao mesmo tempo em que, ao trazer a Semana de 22 – cabe dizer, uma manifestação artística gestada por paulistas – como tema de seu podcast diário, a *Folha de S. Paulo* referenda a centralidade de seu estado na história do Brasil, ela o faz exatamente questionando a legitimidade de uma série de interpretações sobre o evento e suas implicações, que foram sendo cristalizadas no senso comum ao longo do tempo, e contextualizando os modos como esses entendimentos ganharam força. Uma perspectiva que, aliás, já tinha sido encampada pelo jornal em um debate promovido em dezembro de 2021, com participação da ensaísta e professora de literatura da Unicamp Maria Eugênia Boaventura, do escritor Ruy Castro, e mediação do editor do caderno *Ilustríssima* Marcos Augusto Gonçalves. Essa leitura também apareceu no programa de televisão *Roda Viva*, da *TV Cultura*, que teve Ruy Castro no centro, bem como no podcast *451 MHz*, que teve como um dos entrevistados a mesma

⁵⁵ Disponível em: <https://blog.bb.com.br/semana-de-arte-moderna>. Acesso em: 15 nov. 2022.

⁵⁶ Disponível em:

https://www.trf4.jus.br/trf4/controlador.php?acao=noticia_visualizar&id_noticia=19932. Acesso em: 15 nov. 2022

fonte do *Café*. Na introdução do episódio, inclusive, os próprios apresentadores defendem que é uma leitura que está ganhando o centro do debate – o que também pode ser entendido como mais uma razão para a escolha da pauta.

Ou seja, se o propósito do programa é refletir sobre as ideias relacionadas ao marco histórico que são difundidas mas não se sustentam, há uma intenção deliberada de desestabilizar essa memória. Nas palavras de Cavalcanti (2021), nessa situação,

[...] o presente oferece aos indivíduos um quadro e uma perspectiva para avaliar e entender algo do passado. Dessa maneira, quando abordamos esse acionamento, bem como a ideia de memória coletiva, geralmente focamos em uma representação narrativa do passado; no entanto, ao discuti-lo, devemos levar em conta que a efeméride não é apenas uma narrativa do passado, mas um processo multidirecional, entre o passado e o presente, que concretiza uma memória cultural. Assim, o acionamento da efeméride é igualmente fruto de disputas, sendo sempre necessário ser renegociado, restabelecido e mediado uma vez mais, de forma que seja continuamente rememorado. (CAVALCANTI, 2021)

Tais disputas e a multidirecionalidade das dinâmicas entre passado e presente são bastante explícitas no episódio. Decorridos apenas 10s desde o início, antes mesmo de retomar o que foi o evento, os apresentadores colocam em xeque o próprio nome pelo qual ele se tornou conhecido: chamamos de semana algo que durou apenas três dias, que nem sequer foram consecutivos. Na sequência, é retomado um pouco do contexto do país naquela época, quem foram os artistas envolvidos com a mobilização e quais eram suas intenções. É então que, a 1min7s, o segundo áudio de arquivo entra na paisagem – no primeiro, instantes antes, uma voz não identificada complementa a caracterização da Semana – e ouvimos Menotti del Picchia, um dos participantes da Semana, em uma declaração sobre seu intuito.

Áudio de arquivo (voz de Menotti del Picchia)

A Semana de Arte Moderna não criou uma escola com regras, não impôs uma técnica, não formulou um código, mas formou uma consciência, um movimento libertador a integrar nosso pensamento e nossa arte na nossa paisagem, no espírito da nossa autêntica brasilidade. (CAFÉ DA MANHÃ, 2022, 1min7s a 1min29s)

A fala do artista, porém, não foi registrada no ato da realização do evento, mas 55 anos depois, em 1977, num programa de televisão, como é assinalado no episódio. Magê Flores e Maurício Meireles seguem a introdução apresentando a forma como a Semana se incrustou no senso comum, o que é ilustrado com o

terceiro áudio de arquivo, a partir de 2min5s: um trecho da minissérie “Um Só Coração”, que foi exibida pela TV Globo no ano de 2004 e ficcionalizou o modernismo paulista dos anos 1920. No trecho, o ator Vicentini Gomez, interpretando o escritor e diplomata Graça Aranha, prenuncia a revolução – e uma provável reação – que, segundo ele, o movimento de 22 provocaria. Ao mesmo tempo em que aciona a novela para apontar nela uma das esferas em que a visão sobre a Semana é a de uma espécie de mito de origem da cultura moderna brasileira, o programa contorna a limitação de não haver registros sonoros do evento em si, já que em 1922 a disponibilidade de tecnologia para gravações sonoras ainda era bastante limitada. Os áudios inseridos nesses podcasts muitas vezes apenas reiteram coisas que já foram ditas pelos apresentadores ou entrevistados, e sua função parece ser a de atestar a autenticidade do que foi falado. Curioso notar como aqui esse efeito de comprovação da realidade é conferido, ironicamente, por uma peça ficcional.

Depois de articular áudios e a própria fala para explicar a perspectiva mítica sobre a Semana, Flores e Meireles pontuam que essa visão heroica não é um consenso e que um olhar mais crítico, embora não exatamente novo, tem ganhado espaço no debate em meio às celebrações dos cem anos do evento.

Magê Flores:

Existe também um outro olhar sobre os modernistas daquela geração com um viés mais crítico. Ele não é exatamente novo, mas tem ganhado o centro do debate nos cem anos da Semana de Arte Moderna.

Maurício Meireles:

Esses críticos lembram que existiam outras manifestações artísticas importantes no Brasil antes de 22 e também fora de São Paulo. E dizem que a história mais contada sobre a Semana ofusca contradições desse movimento.

Magê Flores:

O *Café* de hoje trata dos mitos em torno da Semana de Arte Moderna, discute as manifestações culturais ignoradas pela geração de 22 e faz um balanço da ideia de brasilidade proposta por ela. A gente conversa com o historiador da arte Rafael Cardoso, autor do livro ‘Modernidade em Preto e Branco - Arte e Imagem, Raça e Identidade no Brasil’. (CAFÉ DA MANHÃ, 2022, 2min25s a 3min12s)

É um movimento curioso, mais ou menos circular e, em alguma medida, paradoxal: um acontecimento do passado é escolhido como tema, e o que dá sustentação para essa escolha é a celebração dos cem anos desse acontecimento;

o que já seria um ato suficientemente justificado, uma vez que o jornalismo, especialmente o cultural, se vale com frequência do recurso à efeméride; porém, o viés crítico à visão mítica sobre o evento poderia ter trazido de volta o verniz de novidade tão perseguido pelos critérios de noticiabilidade, se o próprio texto dos apresentadores não assinalasse que ele não é novo. E imediatamente após negar o teor de novidade da discussão, sua centralidade no momento do centenário – novamente a efeméride – é acionada como justificativa, já que o fato de o assunto estar em alta no presente também seria razão para explorá-lo.

Há mais uma diferença neste episódio de *Café da Manhã* em relação à maior parte dos demais: em vez de um repórter, colunista ou alguém vinculado à *Folha* de alguma maneira, temos um pesquisador, o historiador da arte Rafael Cardoso, como entrevistado. Um levantamento realizado por Adriana Barsotti e Lucia Santa Cruz (2021) em 278 *Cafés da Manhã*, veiculados entre março de 2020 e março de 2021, concluiu que profissionais do jornalismo foram entrevistados em 65,47% dos episódios no período analisado. Além disso, o programa tem jornalistas como única fonte em 55,4% das edições. O estudo das autoras também apresenta uma vertente qualitativa, na qual entrevistam a âncora e editora do podcast, Magê Flores, que evoca a construção da credibilidade do programa para justificar o uso dos próprios jornalistas da *Folha* como fontes. Segundo ela, os repórteres são fontes confiáveis, que conhecem bem tanto os temas que cobrem quanto o próprio podcast, além de serem concisos e didáticos (BARSOTTI, CRUZ, 2021). As autoras ressaltam ainda que o jornalista-fonte não atua como comentarista da notícia.

O jornalista, portanto, se torna fonte por ter produzido aquele conteúdo, por ter feito uma determinada apuração, abordado aquela pauta. É assim que ele se habilita a falar sobre a notícia, seja apresentando bastidores, seja explicando o assunto ou trazendo informações extras sobre um material publicado no jornal, na edição *online* ou na impressa. (BARSOTTI; CRUZ, 2021, p. 16)

Um outro ponto levantado por Barsotti e Cruz (2021) para refletir sobre o papel de fontes exercido pelos jornalistas da *Folha de S.Paulo* em *Café da Manhã* – mas que também se aplica a *The Daily* e *O Assunto* – é que, nessas circunstâncias eles estariam contribuindo para alimentar o *continuum* multimídia dessas organizações. Designado por Suzana Barbosa (2013), o conceito caracteriza um modelo de convergência que, levando em conta distintas especificidades e áreas de

abrangência dos grupos de comunicação, implica em ações como integração de redações, gestão editorial multiplataforma, polivalência midiática e multimídia para os conteúdos, de modo que sejam produzidos e retrabalhados para estarem em todas as mídias disponíveis. Ou seja, dessa maneira, os podcasts compõem um dos diferentes modos como os fluxos de produção de cada organização são escoados, os quais contribuem, portanto, para o fortalecimento da marca.

Embora frequente, o acionamento de jornalistas-fonte nos podcasts aqui analisados é acrescido de ou substituído por fontes mais tradicionais, como pesquisadores, como no caso do episódio de *Café da Manhã* que tem foco no centenário da Semana de Arte Moderna. A nosso ver, parece uma tentativa de dar mais legitimidade à discussão, visto que a abordagem do tema vai de encontro ao senso comum relacionado ao evento histórico – são os mitos acerca dele, afinal. Delegar a fala a alguém que, mais do que setorista de determinado assunto, detém experiência, títulos e vínculo com instituições acadêmicas é “tomar emprestada” sua credibilidade, já que a crença em um testemunho não se baseia apenas em evidências de que a fonte fala a verdade quando se confronta o relato com a realidade, mas em inferências relacionadas à confiabilidade da fonte (WEINER, 2003). No jornalismo, como pontuam Sílvia Lisboa e Marcia Benetti (2015), não há apenas confiança no que é dito, mas também na figura de quem enuncia e no compromisso moral que envolve a comunicação.

A credibilidade enquanto uma percepção qualitativa se formaria nesta relação, amparada sobre este compromisso moral, que se consolida ao longo do tempo, na medida em que a fonte de informação, por sua autoridade reconhecida e argumentação verossímil, conquista a confiança do público ao qual se dirige (LISBOA; BENETTI, 2015, p. 19).

Na primeira pergunta ao historiador, aos 3min17s, os jornalistas pedem que ele contextualize o que mais acontecia no Brasil no ano de realização da Semana, ao que ele elenca eventos como o centenário da Independência, a Revolta dos 18 do Forte e a fundação do Partido Comunista do Brasil, os quais tiveram, segundo ele, repercussões e implicações mais relevantes que as do movimento modernista. Aliás, cabe lembrar também que, naquele mesmo 1922, foi realizada a Exposição Internacional do Centenário da Independência, cuja abertura é amplamente reconhecida como o ambiente em que foi realizada “a primeira transmissão oficial de rádio no Brasil” (SLAVIERO, 2012).

Ao longo da entrevista, Cardoso esmiúça o que foi apresentado pelos artistas no Theatro Municipal de São Paulo e o discurso que acompanhou as obras (5min21s a 6min44s); como essa produção se relaciona com outros elementos de arte da época; qual foi a magnitude da repercussão do movimento (6min57s a 8min16s); de que maneira o discurso sobre a Semana foi sendo alterado, apropriado e instrumentalizado em favor de interesses diversos e por diferentes grupos – inclusive governos – ao longo dos anos (8min25 a 14min49); em que medida havia elementos das culturas indígena e afro nas obras dos artistas e por que é equivocada a ideia de eles promoverem uma “descoberta” do Brasil (15min9s a 18min5s); também trata de outros movimentos culturais importantes da época que não recebem o devido reconhecimento (19min7s a 21min45s); e, por fim, avalia a influência da visão mítica dos modernistas de 22 sobre a ideia de identidade nacional do nosso país (22min a 26min2s).

Cabe sublinhar que o entrevistado relativiza quão moderna teria sido de fato a Semana de 22, mas não problematiza o entendimento de “moderno” como uma maneira específica de percepção da experiência temporal: a de que tudo muda mais rapidamente do que se podia esperar até agora ou do que havia sido experimentado antes, um tempo que constantemente ultrapassa a si mesmo (KOSELLECK, 2014). Dessa forma, é questionado o entendimento do marco histórico de 22 como um ponto de ruptura no fluxo dos acontecimentos, mas não se relaciona isso a uma idealização temporal gestada na modernidade que propõe sincronia entre diferentes fenômenos e os coloca numa linha comparativa a qual permite categorizar “desenvolvidos” (os modernos) e “arcaicos” ou “em desenvolvimento” (os pré-modernos), maneira de pensar a experiência do tempo, por sinal, muito presente nos discursos de autolegitimação do jornalismo brasileiro (JÁCOME, 2020).

No que diz respeito aos elementos sonoros, o episódio, como já mencionado, é bastante convencional. A primeira trilha, usada ao longo da introdução dos apresentadores (até 3min10s), tem elementos como palmas e o tilintar de um instrumento não identificado que permitem associá-la, em alguma medida, à música experimental, talvez numa tentativa de aproximar o tom do programa ao experimentalismo pelo qual os próprios modernistas são reconhecidos. As demais trilhas utilizadas são bastante inespecíficas e parecem cumprir somente uma função de demarcação entre mudanças de assunto, ganhando destaque geralmente ao fim de uma resposta e antes do início de uma nova pergunta, ou como “respiros” em

meio a determinadas respostas do entrevistado. Tal inespecificidade nos parece reforçar o caráter convencional do episódio, do ponto de vista estético, o que, do ponto de vista temporal, fortalece o sentido de cotidianidade construído a partir do programa, na medida em que favorece o reconhecimento e a previsibilidade. O que não exclui a intencionalidade das inserções, como o uso de trilha dramática, com violino, quando o assunto é a relação da Semana de Arte Moderna com a ditadura militar; ou uma melodia mais descontraída, produzida no que parece ser um xilofone, para tratar de outras manifestações culturais que pulsavam no país nos anos 1920.

Chama atenção, contudo, uma oscilação no volume da trilha ao longo de uma fala do entrevistado. Passados aproximadamente 16min de episódio, a música de fundo – um violão dedilhado com algumas inserções de sintetizadores – ganha quase tanto peso quanto a fala de Cardoso, enquanto ele fala da origem da ideia de que o modernismo seria responsável por uma descoberta do Brasil. O volume vai caindo de forma gradativa até, de repente, subir outra vez, aos cerca de 17min, tudo isso sem que haja algo na formulação do historiador que dê sentido à escolha do editor de som. Por fim, a música vai diminuindo até acabar enquanto a fala continua por quase dois minutos sem nenhum acréscimo sonoro. Se o artifício tinha alguma função, não foi possível identificá-la. Parece, na verdade, um erro de edição que acabou não identificado e, portanto, não corrigido. No decorrer da entrevista, ainda, mais três áudios de arquivo são inseridos sem que nenhum deles seja identificado, e todos dão uma espécie de contexto ao que está sendo dito no momento da inserção. Ou seja, além de ratificar as falas, esses áudios ajudam a expandir a compreensão da discussão.

A conversa é encerrada e o programa chega ao fim como um episódio típico: aos 26min2s entra a vinheta de “o que mais você precisa saber hoje” – uma referência bastante direta a *The Daily* – seguida de informações sobre tópicos “quentes”. No caso, a transformação em réus dos policiais que mataram um menino de 14 anos em uma favela do estado do Rio de Janeiro, em 2020, e o estudo sobre a eficácia da dose de reforço da vacina para Covid-19 da farmacêutica Pfizer após duas doses de Coronavac. Cabe notar que, diferente dos outros dois podcasts, os apresentadores de *Café da Manhã* não se despedem nem agradecem seus entrevistados no ar, o que nos parece uma oportunidade perdida em termos reforçar laços de familiaridade e intimidade com os ouvintes.

Por fim, entram os créditos de produção e dos áudios de arquivo utilizados, além do “debate do fim de semana”, quadro descontraído das sextas-feiras em que os jornalistas se despem da habitual formalidade para conversar sobre alguma questão, geralmente levantada em discussões nas mídias sociais, que não tenha o peso muitas vezes atribuído ao jornalismo diário. Levando em conta a dimensão da cotidianidade (ANTUNES, 2008; MATHEUS, 2010), e num movimento contrário ao da não inserção de despedida/agradecimento ao entrevistado, parece tratar-se de um modo de aproximar o programa da realidade do ouvinte, criando uma espécie de laço a partir da identificação, já que são discussões feitas no âmbito pessoal. Neste episódio, os apresentadores debatem o que diriam se pudessem fazer uma ligação para si mesmos quando crianças.

Pode-se concluir, portanto, que este episódio de *Café da Manhã* é, em si, uma demonstração de que o passado está em disputa e que, embora determinadas visões sobre marcos históricos eventualmente se tornem mais cristalizadas no imaginário coletivo, elas são resultado de processos que incidem sobre as formas como eles são narrados, as quais necessariamente estão sujeitas a diferentes forças que atuam na sociedade. A partir de uma estética convencional para programas dessa categoria – entrevista com especialista pontuada pela inserção de trechos de áudio e trilhas neutras (FALCÃO; TEMER, 2021) –, faz-se uso da efeméride, um recurso que não chega a ser incomum, mas é eventual na seleção das pautas, para reverberar sentidos outros de um acontecimento sobre o qual muitos paradigmas foram se consolidando ao longo do tempo. E o modo como esses paradigmas são questionados ao longo da conversa demonstra, em si, que o passado não é uma estrutura estanque e vai se modificando conforme se transformam os modos de narrá-lo.

3.3 Ensaio #2: Os múltiplos presentes de 29 de setembro de 2021

Neste ensaio, elegemos 29 de setembro de 2021 como dia referência para uma análise contextual, ou seja, centrada nas relações dos podcasts com seu entorno. Tentando perceber como se inserem no ambiente digital, como dialogam com outras instâncias de produção das empresas a que pertencem, como cada uma delas fez a cobertura dos temas em outras mídias, formatos e linguagens, que

outros assuntos vinham sendo pauta naquela altura, e quaisquer outros movimentos que ajudassem a compreender as escolhas feitas pelos produtores de cada podcast, buscamos, a partir disso, refletir sobre como as múltiplas configurações temporais feitas naquele dia condicionaram percepções sobre a realidade.

A escolha pela data em questão se deu pelo fato de que, na ausência de uma grande pauta óbvia para o dia, cada um dos programas resultou em discussões completamente distintas. *The Daily* produziu o episódio “Controlling Britney Spears”, sobre a tutela à qual a *popstar* de alcance mundial estava submetida há mais de uma década, e sua possibilidade de suspensão em uma audiência na Justiça; *Café da Manhã* publicou “O que está em jogo na fusão entre DEM e PSL”, sobre as articulações de dois partidos de direita brasileiros para sobreviverem no jogo político; e *O Assunto* lançou “Explosão dos despejos, agora suspensos”, se propondo a olhar para um problema social: o aumento vertiginoso no número de despejos no Brasil como um todo, e em São Paulo especificamente, que se originou de um contexto de crise econômica e constantes altas no preço do aluguel.

3.3.1 Enfim, Britney livre

Como já mencionado, o episódio de *The Daily* publicado no dia 29 de setembro de 2021 recebeu o título de “Controlling Britney Spears”. O programa foi ao ar após uma sucessão de acontecimentos que vinha se desenrolando já há muitos anos. Em 2008, a *popstar* Britney Spears foi submetida judicialmente à tutela de seu pai, Jamie Spears, que alegou que ela não teria condições de gerir a própria vida e a carreira, uma vez que fora internada duas vezes em uma clínica psiquiátrica. Já naquela época, alguns fãs da cantora se manifestaram contra a decisão da Justiça de condicionar à autorização do pai quaisquer ações que ela desejasse realizar, desde dar entrevistas até eventualmente se casar com alguém ou ter um filho. A expressão que esses fãs utilizavam era “free Britney” (libertem Britney).

O movimento, no entanto, não emplacou a princípio, e só foi ganhar tração uma década depois, a partir de janeiro de 2019, quando Britney cancelou a residência que faria na cidade de Las Vegas e anunciou “um hiato de trabalho por tempo indeterminado”, supostamente relacionado ao estado de saúde de seu pai.

Em 16 de abril daquele ano, *Britney's Gram*, um podcast criado no fim de 2017 pelas comediantes Tess Barker e Barbara Gray para comentar posts do *Instagram* da cantora, publicou o episódio “#FREEBRITNEY”, com o depoimento de uma pessoa que não se identificava mas dizia ter sido ligada a um advogado que trabalhava na tutela. O anônimo afirmava que Jamie Spears havia cancelado a residência em Las Vegas porque Britney estava se recusando a tomar sua medicação, e que ele acabou a internando em uma clínica de saúde mental por tempo indeterminado depois que ela dirigiu sem autorização. Também disse que a intervenção legal por parte do pai deveria ter acabado já há muito tempo, em 2009 (MARTINELLI, 2019). Assim, uma onda de discussões sobre a tutela se espalhou pela internet, representada pela *hashtag* #FreeBritney, defendendo que a ela fossem devolvidos os direitos de fazer as próprias escolhas pessoais e profissionais.

Passou a tomar corpo também, para além das postagens *online*, um movimento, conduzido por fãs, de protestos presenciais. Desde o início de 2020, como aponta Otávio Daros (2021), em todas as audiências relacionadas ao caso, grupos de admiradores da cantora apareciam do lado de fora do tribunal de Los Angeles segurando faixas e cartazes que exigiam a investigação da tutela por um advogado independente, além de transparência durante todo o processo. Tais protestos retornavam para as redes sociais como imagens e vídeos, forçando a mídia tradicional a prestar atenção neles. Dessa forma, “#FreeBritney demonstrou que os admiradores podem usar ferramentas de mídia social para amplificar uma mensagem para além de uma base de fãs dedicada, com implicações de longo alcance para o ativismo dos fãs” (DAROS, 2021, tradução nossa).

O próprio *The New York Times* dedicou ao caso um episódio de sua série de documentários de televisão *The New York Times Presents*. Lançada em junho de 2019, originalmente com o nome de *The Weekly* – que dialoga diretamente com o podcast do jornal, aliás –, a produção trazia episódios semanais de 30 minutos com jornalistas do *NYT* apresentando histórias nas quais estivessem trabalhando, com transmissão pelo canal a cabo *FX* e pela plataforma de *streaming* audiovisual *Hulu*⁵⁷. Em 2020, após uma das histórias apresentadas na primeira temporada ter vencido o prêmio Pulitzer de jornalismo, a série foi repaginada e, além de adotar o atual nome,

⁵⁷ PEDERSON, Erik. ‘The Weekly’ Teaser & Premiere Date: FX’s New York Times Docuseries. **Deadline**, Los Angeles, 9 abr. 2019. TV/Premiere dates. Disponível em: <https://deadline.com/2019/04/the-weekly-teaser-premiere-date-new-york-times-fx-fxs-new-york-times-docuseries-1202592024>. Acesso em: 7 nov. 2022.

passou a ter episódios mais longos – a partir de 50 minutos – e mensais, posteriormente tornados eventuais.

Intitulado *Framing Britney Spears*, o episódio sobre a *popstar* foi ao ar em fevereiro de 2021 e gerou muita repercussão para o caso, inclusive no Brasil, onde foi disponibilizado pela plataforma *Globoplay*. Entre outras informações, o documentário traz entrevistas com um amigo da família Spears que viajou com a cantora durante boa parte de sua carreira, com o executivo de *marketing* que criou sua imagem e com o advogado que ela contratou no período inicial da tutela para enfrentar seu pai. Além disso, o filme explora a base de fãs responsável por agitar o *#FreeBritney* e reexamina o tratamento da mídia para com uma das maiores *popstars* de todos os tempos. Meses depois, em junho, já após seus advogados terem entrado com uma ação para encerrar o instrumento judicial de controle, ela se manifestou publicamente sobre o caso pela primeira vez. Em um depoimento emocionado, falou por 23 minutos, ao longo dos quais disse que estava traumatizada e queria sua vida de volta. Tudo isso culminou no julgamento que decidiria sobre a continuidade ou encerramento da tutela e que foi realizado no fim de setembro, no dia da publicação do episódio de *The Daily*.

Apresentado excepcionalmente por Kevin Roose, uma vez que Michael Barbaro estava em licença paternidade, o programa teve como entrevistada Liz Day, repórter e produtora supervisora da série *The New York Times Presents*. No site do jornal, a publicação segue a lógica de todos os episódios: data, título e uma pequena contextualização, junto da transcrição e do tocador em si, ocupam todo o espaço superior da tela (Figura 8). Abaixo, uma linha do tempo com episódios recentes de *The Daily*, a ficha técnica e *links* para ouvir em outros tocadores, além de uma chamada para o ouvinte se inscrever e receber os programas diariamente por e-mail. Ao disponibilizar programas recentes num espaço tão privilegiado das páginas de todos eles, *The New York Times* retroalimenta as produções que publica com sua própria audiência. Ou seja, alguém que chegue a *qualquer* episódio de *The Daily*, recente ou antigo, a partir do site, será apresentado aos últimos episódios publicados naquela altura. Dessa forma, ao mesmo tempo em que oferta outros conteúdos daquela vertente ao interlocutor, buscando retê-lo por mais tempo em seu domínio, o jornal reforça o sentido de atualidade do podcast a partir da dimensão da periodicidade (FRANCISCATO, 2014), demonstrando a existência de um fluxo contínuo de produção que acompanha o transcorrer dos dias. Além disso, mais que

orientar modos de experimentar o tempo socialmente, permite que sejam percebidas diferentes relações entre os episódios e que se passeie entre as múltiplas temporalidades que eles instituem.

Figura 8 - Parte superior da página do episódio no site do NYT



Fonte: Captura de tela *The New York Times*, 2022.

O texto apresentado é breve e contextualiza Britney Spears como uma das maiores celebridades do planeta, e afirma que ela vinha sendo mantida sob tutela há 13 anos. Lembra o depoimento feito em junho e os desdobramentos jurídicos desde então, anuncia que a justiça decidirá o futuro da situação em breve e encerra com a seguinte frase: “Exploramos os detalhes da tutela da Sra. Spears, o aparato de segurança que a envolveu e seu futuro”⁵⁸ (tradução nossa).

A publicação segue com dois subtítulos: “On today’s episode” (no episódio de hoje, tradução nossa), com uma breve identificação de Liz Day, e “Background reading” (leituras de contexto, tradução nossa), com um *link* para uma reportagem publicada cinco dias antes sobre o aparato de segurança em torno da tutela e outro para mais um episódio da série documental *The New York Times Presents* sobre o caso, homônimo ao de *The Daily* (“Controlling Britney Spears”) e também exibido cinco dias antes, pelo canal *FX Networks*. Esse último, no entanto, foi acrescentado posteriormente, visto que leva para outra página do site do NYT que só seria criada

⁵⁸ We explore the details of Ms. Spears’s conservatorship, the security apparatus that has surrounded it and its future.

no dia 2 de novembro – quando o filme foi disponibilizado *online* na íntegra para assinantes do jornal.

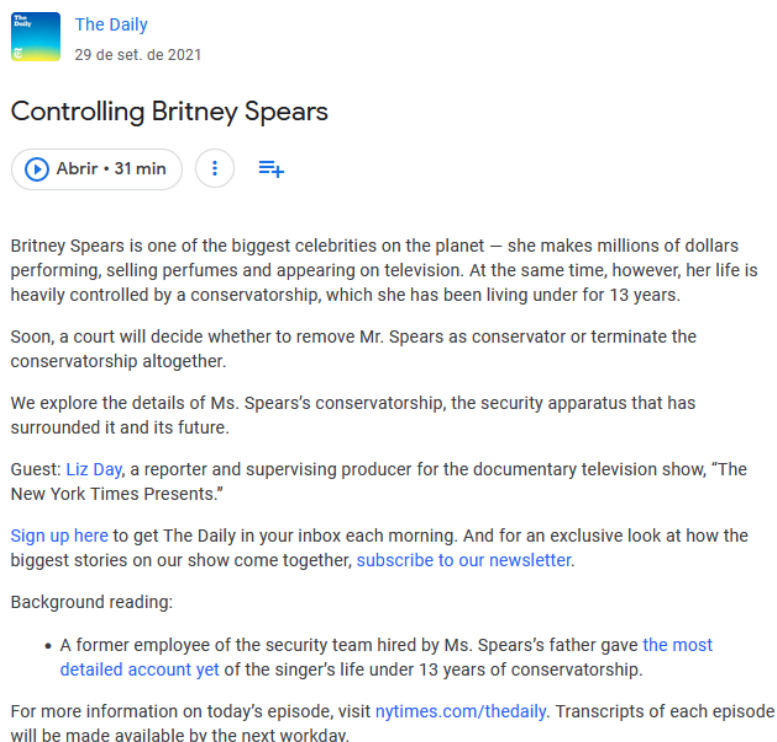
É importante refletir aqui sobre esse tipo de recurso. Embora a estratégia de recheiar páginas de material jornalístico disponibilizado na internet com *links* para outras produções relacionadas àquele tema e inserções de vídeos e áudio como uma ferramenta para melhorar a performance dos sites nos mecanismos de busca (SEO), não nos parece que neste caso trate-se apenas disso. A despeito de ser uma mídia sonora, o podcast pressupõe o entrecruzamento com outras linguagens na relação que estabelece com o ouvinte: imagens, seja a da logomarca que o identifica nos tocadores, a de cada episódio, que em alguns casos varia, as que são postadas nas redes sociais para impulsionar a divulgação e, uma forte tendência recentemente, o registro em vídeo da conversa, no caso de podcasts de mesa redonda; e também textos, que os descrevem e, em muitos casos, são acompanhados de *links* com referências que complementam e expandem o que é apresentado em áudio. Acreditamos que *The New York Times* faz as duas coisas, já que as leituras de contexto também estão presentes no texto que acompanha os episódios nos tocadores de podcast. Ou seja, ao mesmo tempo em que satisfaz o ouvinte habituado a buscar mais informações sobre o tema, gera tráfego para o seu próprio site, além de, no limite, enfraquecer a possibilidade de o ouvinte restringir sua relação com o programa apenas à plataforma de reprodução.

Quase imperceptíveis, as frases “There are a lot of ways to listen to *The Daily*. Here’s how.” (Há vários jeitos de ouvir *The Daily*. Saiba aqui como, tradução nossa) vêm logo abaixo, e um *link* na última traz diferentes formas por meio das quais o programa pode ser ouvido – o que demonstra uma preocupação em “educar” o leitor que eventualmente desconheça podcasts, para convertê-lo em ouvinte. Quem clica encontra instruções para escutar o programa de quatro formas diferentes: 1) pelo celular, a partir do *Apple Podcasts* para quem tem *iPhone*, do *Stitcher* ou *RadioPublic* para quem tem *Android*, ou, ainda, buscando por “The Daily” nos demais aplicativos, nos quais também pode ser colado o *feed RSS*; 2) pelo computador, e nesse caso a instrução é que se ouça pelo site de *The New York Times*; e, por fim, usando os assistentes virtuais da 3) *Amazon* ou do 4) *Google*, nesse caso, apenas enunciando uma frase. Não é exatamente condicionar a escuta a determinados parâmetros, mas apresentar um conjunto de possibilidades.

A página ainda traz uma foto de Britney, uma ficha técnica expandida, endereços de e-mail para o ouvinte entrar em contato e @ de Michael Barbaro no *Twitter*, além de uma caixa de comentários. Na penúltima seção de elementos, há o nome do podcast, seu *slogan* junto de uma descrição, e chamadas com fotos para 30 outros episódios. Por fim, na base da página, estão listadas todas as seções do site. São dois os anúncios exibidos, um de uma grife de roupas e outro de *Cooking*, serviço de assinaturas do próprio *NYT* que funciona como livro de receitas e guia de culinária. Ao mesmo tempo em que ilustra e acrescenta outras materialidades à discussão, a estrutura abre espaço para interação e mais proximidade com o apresentador, repete o recurso da linha do tempo presente no topo, mas de maneira ampliada, e ainda explora espaço publicitário, de modo tanto a gerar receita quanto a promover outra frente de produção própria. Tal diversidade de elementos e movimentos aos quais correspondem reflete uma multiplicidade de camadas textuais e temporais que não é nova, afinal, há muito está presente em jornais impressos e outras formas de jornalismo. Aqui, porém, é potencializada pelas características do meio.

Nos tocadores de podcast, por sua vez, há menos elementos, a maior parte presentes no site: o texto principal, a descrição de Liz Day e, como já mencionado, a seção “Background reading” – nesse caso, porém, sem o documentário. Há um chamado para visitar o site para mais informações e para acessar as transcrições dos episódios, disponibilizadas no dia seguinte à publicação de cada um, e outro para assinar a *newsletter* do programa (Figura 9). Descontinuada em agosto de 2022, a remessa era enviada aos sábados com conteúdos extras, além da lista dos episódios da semana, de forma a abrir outras possibilidades de relação com o podcast, inclusive temporais. Tanto pela entrega dos programas em “pacotes” de cinco, em periodicidade distinta e a partir de outro meio, quanto por relacioná-lo a outros materiais – fossem eles expansões de discussões relacionadas aos episódios (como entrevistas ou reportagens), informações sobre os bastidores da produção (como quando Barbaro explicou seus “hms” e quando duas compositoras de trilhas foram apresentadas), ou ainda as *playlists* musicais que eventualmente eram enviadas, as quais, no limite, não tinham nada a ver com o podcast em si. Tudo isso, no entanto, parece servir ao propósito de reforçar os laços com o ouvinte e o senso de cotidianidade, promovendo a conexão com ele de diferentes formas, além de prolongar a circulação dos episódios, extrapolando sua data de publicação.

Figura 9 - Descrição do episódio no Google Podcasts



The Daily
29 de set. de 2021

Controlling Britney Spears

▶ Abrir • 31 min

Britney Spears is one of the biggest celebrities on the planet – she makes millions of dollars performing, selling perfumes and appearing on television. At the same time, however, her life is heavily controlled by a conservatorship, which she has been living under for 13 years.

Soon, a court will decide whether to remove Mr. Spears as conservator or terminate the conservatorship altogether.

We explore the details of Ms. Spears's conservatorship, the security apparatus that has surrounded it and its future.

Guest: [Liz Day](#), a reporter and supervising producer for the documentary television show, "The New York Times Presents."

[Sign up here](#) to get The Daily in your inbox each morning. And for an exclusive look at how the biggest stories on our show come together, [subscribe to our newsletter](#).

Background reading:

- A former employee of the security team hired by Ms. Spears's father gave [the most detailed account yet](#) of the singer's life under 13 years of conservatorship.

For more information on today's episode, visit nytimes.com/thedaily. Transcripts of each episode will be made available by the next workday.

Fonte: Captura de tela Google Podcasts, 2022.

The Daily, portanto, segue lógicas comuns a podcasts em seu modo de se apresentar nos tocadores, e o expande em seu site, articulando diversas potencialidades que o ambiente oferece: o uso de imagens, a disponibilização de transcrições, um maior volume de texto, bem como a possibilidade de diferenciá-lo em tamanhos e fontes, a inserção de publicidade, a autorreferência a episódios anteriores etc. Sem falar na *newsletter*, que abre para um outro campo de relações e oferece ao ouvinte uma ampliação das formas de se relacionar com o programa. Assim, reúne outros elementos, para além do produto sonoro em si, que operam conjuntamente no sentido de reforçar sua atualidade, seja a partir da vinculação a outros contextos – o que opera no sentido oposto da aceleração majoritariamente identificada com o jornalismo –, pela marcação do tempo registrada na constante renovação das seções de episódios recentes, ou pelos diferentes modos de narrar e refigurar o tempo implicados no material extra das *newsletters*.

Na data de publicação do episódio, a primeira página do jornal impresso não faz nenhuma referência ao julgamento, que seria realizado naquele dia. A manchete é sobre militares terem aconselhado o presidente Joe Biden a manter tropas no

Afeganistão, o que teria resultado em mortes de soldados. O interior da edição também não faz menção ao caso em nenhuma seção. Já no dia seguinte, 30 de setembro, o impresso teve como manchete a investida do Partido Democrata na proteção da agenda de Biden, e há uma chamada entre as principais da capa sobre o julgamento da tutela de Britney Spears, com foto, inclusive, mostrando fãs protestando por sua liberdade (Figura 10). A reportagem da chamada é a principal entre as publicadas no site no dia anterior. “A Judge Frees Spears From Father’s Control” (Uma Juíza Liberta Spears do Controle do Pai, tradução nossa) – uma referência direta à *hashtag* que chamou atenção para o caso, não apenas dialogando com o movimento, mas se servindo da própria lógica que o popularizou para ampliar a visibilidade da reportagem – é assinada por Liz Day, entrevistada do episódio de *The Daily* e produtora da série *The New York Times Presents*, junto a outros dois repórteres: Joe Coscarelli e Julia Jacobs.

O site do jornal, por sua vez, publicou bastante material sobre o julgamento ao longo do dia anterior, inclusive na *The Morning Newsletter* (a *newsletter* matinal). As reportagens não trazem o horário em que foram publicadas, mas é possível ordená-las na busca da mais antiga para a mais nova. Desta forma, nota-se como o tema foi tratado conforme o julgamento ia se aproximando e após ter sido realizado. A primeira reportagem, publicada antes mesmo do episódio de *The Daily*, que sai às 6h da manhã, leva o título de “Britney Spears Conservatorship Hearing: What’s at Stake Now?” (Audiência da Tutela de Britney Spears: O Que Está em Jogo Agora?, tradução nossa), que responde perguntas sobre possíveis desdobramentos do caso a partir do evento daquele dia. A ela se seguem o episódio do podcast e a menção na *newsletter*. O que aparece na sequência da busca recebe o título de “What could happen in court today.” (O que pode acontecer na corte hoje, tradução nossa) e parece uma versão mais enxuta da primeira postagem do dia. Há também uma reportagem sobre três documentários sobre o tema àquela altura recém-publicados – o do próprio *NYT* incluso.

Desse ponto em diante, o material que passa a entrar no site ganha um caráter maior de cobertura ao vivo, com uma reportagem e um vídeo sobre os fãs que se manifestavam e aguardavam a decisão da Justiça na porta do tribunal (Figura 11), e outra sobre o início da audiência de fato. O tema ainda aparece na *newsletter* noturna com o resumo dos acontecimentos do dia, e o último resultado da

busca pelo tema em 29 de setembro é justamente a matéria em versão consolidada sobre o caso que apareceu na edição impressa do jornal no dia seguinte, a qual, na

Figura 10 - Primeira página de *The New York Times* em 30 de setembro

The image shows a collage of the first page of *The New York Times* from September 30, 2022. The main headline is "A Judge Frees Spears From Her Father's Control" by Joe Coscarelli, Julia Jacobs and Liz Day. The article discusses Britney Spears' conservatorship. A large photo shows Britney Spears and her supporters holding signs that say "FREE BRITNEY" and "NOT A SLAVE 4 U". Other smaller photos and text snippets are visible on the page, including "A Judge Frees Spears From Her Father's Control" and "Lockdowns in Vietnam Ripple Across the World".

Fonte: Acervo *New York Times*, 2022.

web, conta com vídeo e uma série de hiperlinks que direcionam a outros conteúdos sobre a história. Não é exibido pela busca, mas também foi publicado naquele dia algo semelhante a um *liveblogging*, como os que são utilizados em transmissões de partidas de futebol, só que com conteúdos mais densos do que apenas os lances de um jogo, sob o título "Britney Spears Is Released From Her Father's Oversight" (Britney Spears é Liberada da Supervisão de seu Pai, tradução nossa).

Diferente do que se observa no podcast, a cobertura do caso pelo site do jornal ao longo do dia apresenta um caráter fragmentado, mais associado às dimensões da instantaneidade e da simultaneidade apontadas por Carlos Eduardo Franciscato (2014) como componentes da atualidade jornalística. Assim, tem-se um volume grande de registros em texto, fotografias e vídeos, cuja relação entre si existe, mas não é de interdependência. Ou seja, quem os acessa pode tanto ler/ver/assistir a tudo quanto fazê-lo de forma isolada. São camadas temporais diversas, que aludem tanto a questões mais imediatas (o resultado da audiência em si), quanto ao passado (o perfil da juíza que suspendeu a tutela, o depoimento da cantora em junho) e ao futuro (os desdobramentos do processo que ainda estavam por vir), bem como a uma temporalidade mais difusa (as dificuldades de sair de uma tutela).

Figura 11 - Frame de vídeo sobre fãs de Britney na porta do tribunal, do site do NYT



Fonte: Captura de tela *The New York Times*, 2022.

É possível perceber, a partir disso, que o caso foi contemplado de maneira relevante pela edição impressa de *The New York Times*, com uma chamada de capa de peso na edição do dia seguinte ao julgamento e sua correspondente reportagem de fôlego. No entanto, a cobertura *online* sobre o caso foi bem mais abrangente,

abarcando tanto recursos inerentes ao ambiente digital, como vídeos, *newsletters* e o próprio episódio de *The Daily*, quanto tópicos secundários relacionados à discussão. Ou seja, parece haver uma estratégia que leva em conta não apenas questões editoriais, mas também uma melhor adequação dos conteúdos às diferentes instâncias midiáticas que atualmente operam sob a marca *The New York Times*. Enquanto o jornal está sujeito, como diz seu *slogan*, ao que *cab*e imprimir (“All the News That’s Fit to Print”), o ambiente virtual do site não tem essa limitação, de modo que se pode investir em várias frentes e olhar para a história a partir de diversos ângulos. Isso implica a expansão das possibilidades de articulação temporal, já que o tema pode ser contemplado a partir de múltiplas perspectivas.

Como muitos dos temas discutidos em *The Daily*, o caso da tutela de Britney Spears não mobiliza interesse somente dentro das fronteiras dos Estados Unidos, de forma que cabe também examinar a cobertura sobre o julgamento realizada pelos grupos de mídia que detêm os demais podcasts analisados nesta pesquisa. *Café da Manhã* e *O Assunto* não dedicaram episódios ao tema, tanto no dia 29 de setembro quanto no dia 30. Mesmo tratando, no programa que foi ao ar no dia seguinte à audiência, de um tema relacionado ao país de origem da cantora –, a possibilidade de o aborto voltar a ser considerado crime nos EUA – *Café da Manhã* não mencionou a suspensão da tutela da *popstar* sequer na seção “O que mais você precisa saber hoje”, que, ao final das entrevistas, traz notas sobre outros assuntos relevantes do dia.

O tema também não foi encontrado nas edições impressas da *Folha de S.Paulo* dos dias 29 e 30 de setembro. Já o site da publicação veiculou seis reportagens a respeito da história, entre os dias 29 e 1º, a maior parte na seção *F5*, dedicada a notícias sobre celebridades, música, novelas, séries, filmes, astrologia, horóscopo, TV, *Big Brother Brasil* e universo do entretenimento⁵⁹. Metade desse conteúdo foi ao ar no dia da audiência, sendo duas matérias replicações (*Agence France-Presse* e *The New York Times*) publicadas até o meio-dia, e uma terceira, sem assinatura, noticiando o resultado da audiência. No dia seguinte, houve outras duas postagens sem assinatura, uma com declaração do pai de Britney e outra sobre manifestações dela mesma nas redes sociais após o julgamento. Ou seja, o jornal não mobilizou sua própria equipe na cobertura do caso e, quando o fez, foi de uma forma tão limitada que o autor preferiu não se identificar – não assinar um texto

⁵⁹ Fonte: <https://f5.folha.uol.com.br>. Acesso em: 6 set. 2022.

muitas vezes significa que sua produção não seguiu os parâmetros mais éticos e pode tratar-se de um compilado de informações obtidas por outras pessoas. Em podcasts, esse recurso é algo dificultado porque o próprio registro da voz acaba se tornando uma assinatura.

A última reportagem relacionada ao caso que saiu na *Folha* foi a única publicada na *Ilustrada*, editoria de cultura da publicação, e consiste em uma resenha do documentário “Britney x Spears”, da Netflix, à altura recém-lançado e inclusive um dos três mencionados por *The New York Times*. A resenha, assinada pelo repórter Lucas Breda, no entanto, não aparece na edição impressa do caderno. O podcast *Expresso Ilustrada*, produção da editoria, já havia tratado do tema meses antes, no início de maio, e não o retomou após a realização da audiência.

Assim como na *Folha*, a batalha judicial entre Britney Spears e seu pai não foi pauta do programa diário do portal *g1*, mas mereceu espaço em um podcast especializado da casa: *g1 Ouviu*, focado em música, que publicou o episódio “#160 - Britney Spears, o retorno: como serão hits pós-tutela e batalha judicial?” no dia 24 de setembro de 2021 (Figura 12). Diante da declaração de Jamie Spears, um mês e meio antes, em 12 de agosto, de que concordava em não ser mais tutor da filha – o que ainda não tinha sido feito oficialmente até então –, o programa se propõe a contextualizar o imbróglio judicial em questão e antecipar possíveis consequências da liberdade para a carreira da artista.

Figura 12 - Episódio do *g1 Ouviu* sobre Britney como aparece nos tocadores de podcasts



Pai da Britney anunciou que não vai ser mais o tutor da cantora e o podcast analisa como seria uma volta da princesa do pop. Episódio explica batalha judicial e debate o futuro da cantora. Trio de comentaristas é formado pela drag queen Tiffany Bradshaw, nome artístico de Rafael Baptistella; por Alan Mangabeira, professor de Comunicação e estudioso de fandoms e pop; e pela cantora Francinne, que já foi cover da cantora.

Uma transcrição do episódio de *g1 Ouviu* adaptada ao formato de reportagem foi publicada na manhã do dia 29, tendo o tocador do programa logo abaixo do cabeçalho, e a mesma matéria da *Agence France-Presse* postada pela *Folha*, anunciando o julgamento, entrou no *g1* ainda pela manhã. Aliás, pensar na produção de podcasts por agências de notícias para serem replicados por diversos meios de comunicação, nesse sentido, nos parece inviável, na medida em que eles carregam em si marcas muito distintas, a começar pela voz, que dificultariam sua “camuflagem” em meio a produções originais, como acontece com textos escritos.

A postagem seguinte já reporta a decisão da juíza, apresentando o contexto do caso e o que ainda há pela frente para que seja concluído o processo. O corpo do texto traz um tocador com o episódio de *g1 Ouviu*, *links* para outras reportagens sobre o assunto, entre elas aquela na qual o podcast de música foi transformado, e para o documentário *Framing Britney Spears*, no *Globoplay* (Figura 13), além do *trailer* do já mencionado documentário da *Netflix*.

Como o *g1*, do mesmo modo que a maior parte dos portais de notícias, não permite que se faça buscas que mostrem a distribuição das chamadas em sua *homepage* em datas e horários específicos, seria impossível recuperar em que medida houve destaque ou não para o julgamento da tutela de Britney Spears e seu resultado na data em que ele ocorreu, e nos dias que se seguiram. Porque, tratando-se de um portal, ele permanece em constante atualização, com manchetes se alternando e novas chamadas entrando em intervalos de tempo curtos, de poucas horas ou apenas minutos. No entanto, a ferramenta *WayBack Machine*, do *Internet Archive*⁶⁰, uma livraria digital sem fins lucrativos, permite que essa consulta seja feita. Ela indica que, a despeito de ter sido postada às 19h25, a reportagem só se tornou manchete do portal após as 22h38, demonstrando que o assunto até recebeu destaque, mas somente após um horário em que o movimento de notícias é mais baixo.

O boletim com as principais notícias daquele dia também traz uma pequena nota sobre o resultado da audiência, com *link* para a reportagem completa e também para o já referido documentário. Na manhã do dia 30, uma matéria recheada de fotos sobre a reação dos fãs ao desfecho do julgamento foi publicada pelo *g1*, também referenciando o podcast e outros conteúdos anteriormente produzidos

⁶⁰ Disponível em: <https://archive.org>. Acesso em 22 nov. 2022.

sobre a história. Afora isso, o caso foi tratado nos principais telejornais da Globo, ainda que com uma mesma reportagem “requeitada” várias vezes: *Jornal da Globo*, *Jornal das Dez (Globonews)*, *Hora 1*, *Jornal Hoje* e *Jornal Nacional*.

Figura 13 - Referências a outros conteúdos na reportagem do g1 sobre o julgamento



- **Britney Spears em debate: após tutela, teremos uma volta triunfal da princesa do pop?**
- **'Framing Britney Spears' no Globoplay: documentário ampliou movimento #FreeBritney, contra tutela do pai**

Fonte: Captura de tela g1, 2022.

Dá para perceber que, assim como no caso de *The New York Times*, parece haver algum grau de estratégia por parte das duas empresas de jornalismo brasileiras em priorizar a cobertura do caso no ambiente *online*, possivelmente aproveitando da maior disponibilidade de “espaço” e linguagens a partir das quais tratar o assunto, sem falar na maior presença de um público mais jovem, talvez mais interessado pelo tema. Por outro lado, é inegável que a *Folha de S.Paulo* não viu muita importância – ou potencial de cliques – na história, a qual cobriu de maneira bastante protocolar. Talvez não fosse mesmo o caso de pautar os dois podcasts diários de notícias de maior audiência do Brasil, considerando que Britney é uma artista estrangeira e seu apelo, ainda que muito amplo, seja limitado, e que o tipo de tutela a que foi submetida não é comum aqui, de modo que as consequências locais são mínimas. Mesmo assim, é uma história com muitos elementos peculiares e com implicações graves para a carreira de uma das maiores *popstars* da atualidade, de modo que há mais sentido na abordagem do Grupo Globo, de segmentar a discussão mais específica, atraindo a atenção para ela sempre que possível e, nos espaços mais abrangentes (boletim, telejornais), garantir menção à história, mas sem muito aprofundamento.

Tendo em vista que, em seus diferentes modos de narrar, o jornalismo medeia a relação do interlocutor com a realidade e, nesse sentido, viabiliza a experiência de presentes múltiplos, pode-se concluir que, naquele 29 de setembro, as distintas coberturas do caso da tutela de Britney Spears realizadas por *The New York Times*, *Folha de S.Paulo* e *g1* – além de outros produtos do Grupo Globo – produziram três possibilidades de presente: um em que a história é uma das mais importantes do dia, sendo apresentada em detalhes, sob diversos ângulos e a partir de diferentes linguagens; um em que a libertação da artista do jugo do pai apenas foi registrada, sem que isso se constituísse em algo relevante; e um terceiro em que a situação teve um enfoque razoável, segundo o apelo mundial da personagem em questão e a singularidade do caso, porém sem perder de vista que, para o Brasil, havia questões mais urgentes. Seguiremos, pois, examinando que outros presentes foram criados naquele dia pelas empresas jornalísticas aqui levadas em conta, a partir dos temas que foram tratados em seus podcasts diários.

3.3.2 Buscando sentidos em uma manobra política

Enquanto a audiência que julgaria a manutenção ou não da tutela sob a qual Britney Spears vinha sendo mantida não recebeu destaque na cobertura da *Folha de S.Paulo* em 29 de setembro de 2021, foram identificados entre os assuntos que ficaram em evidência no site da publicação naquele dia, como indica a ferramenta *Wayback Machine*: as dificuldades de articulação entre o então presidente Jair Bolsonaro e o Congresso, uma declaração da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre a Covid-19 ter gerado a pior crise sistêmica do planeta desde que a instituição foi fundada, em 1945, e desdobramentos da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid, instaurada em abril daquele ano para apurar ações e omissões do governo federal no enfrentamento à pandemia. A manchete da edição impressa também foi a CPI, assim como há chamada na capa para reportagem sobre a relação entre Bolsonaro e o Congresso. Entre outros destaques, há menções a uma queda global nas bolsas de valores e ao impacto do programa de transferência de renda Bolsa Família na redução da mortalidade infantil, esta última com foto. No dia seguinte, a primeira página também trouxe manchete da CPI, com chamadas para outros temas como a deportação de brasileiros dos Estados Unidos

e a situação de miséria que provocou disputa por caminhão com restos de carne e ossos no Rio de Janeiro.

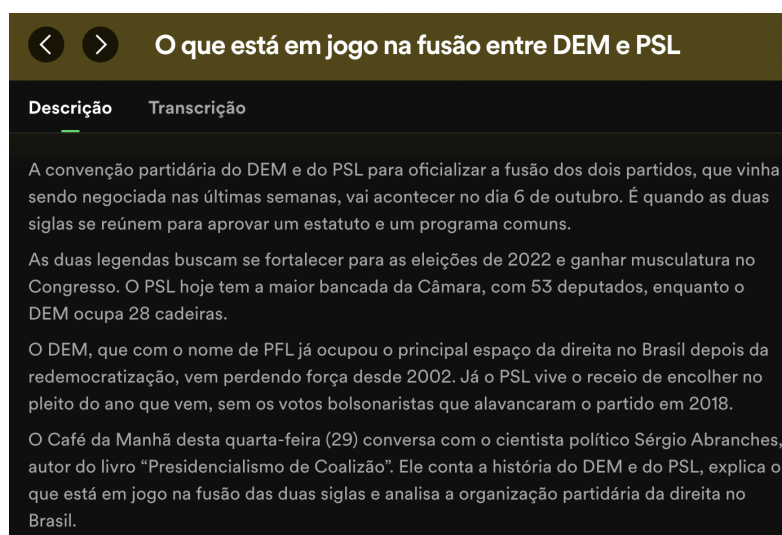
O tema do episódio de *Café da Manhã*, por sua vez, já vinha sendo tratado pela publicação há alguns dias, tendo como primeiro registro a reportagem “DEM e PSL negociam fusão para formar superpartido e unir caciques históricos, aliados e viúvas de Bolsonaro”, publicada duas semanas antes, no dia 15, no site, e na edição impressa no dia 16. Também no dia 15, uma galeria de fotos com o título “Relembre a história do DEM, do auge nos anos 80 e 90 à possível fusão ao ex-nanico PSL” foi criada no site do jornal sem, no entanto, aparecer na edição impressa. Desde então, outras matérias foram veiculadas *online* sobre o assunto: “Fusão entre DEM e PSL é estimulada por receio de fracasso nas urnas e busca por peso político”, de 19 de setembro; “DEM avança em processo de fusão com PSL; veja o que representa essa união no ranking de partidos”, de 21 de setembro; e “PSL avança em fusão com DEM e marca para outubro reunião que deve selar destino de partidos”, de 28 de setembro. As duas primeiras saíram também na edição impressa na data seguinte. É nesse contexto que sai o episódio “O que está em jogo na fusão entre DEM e PSL”.

Pode ser observada aqui, portanto, uma linha do tempo na qual uma série de acontecimentos se desdobra, tanto na dimensão dos movimentos políticos em si quanto na forma como o jornal os reporta: a aproximação entre os dois partidos, a recuperação histórica por meio de imagens, a campanha pela fusão, o avanço do processo e uma análise das implicações, até que a perspectiva de que a ação se concretize – a marcação de uma reunião para definir a efetivação do acordo entre os partidos – atualize a discussão, ao ponto de que se transforme em pauta do podcast. Tal ação torna possível que se produza um novo conteúdo que, além de trazer unidade temporal a todo o material já publicado, abre para o acionamento de outras temporalidades, a partir do modo como a discussão for conduzida. Assim, percebe-se que, da mesma forma como eventualmente reportagens especiais convertem-se em pauta para o programa, o movimento de produzir síntese entre pautas isoladas por meio de episódios do podcast também acontece.

No *Spotify* – única plataforma em que o programa pode ser ouvido, por se tratar de uma produção exclusiva –, a descrição do episódio (Figura 14) ajuda a entender a abordagem adotada: um partido que já esteve entre os mais fortes da direita brasileira, mas vem perdendo força há alguns anos, se une a outro partido de

direita que sempre foi nanico, mas inflou junto com o bolsonarismo em 2018, e agora teme esvaziar outra vez após a saída da figura que o impulsionou. Quais as implicações disso? O escolhido para responder a essa e outras questões é o cientista político Sérgio Abranches, autor do livro *Presidencialismo de Coalizão*. Como mencionado anteriormente, é comum que entrevistados de *Café da Manhã* sejam os próprios repórteres da *Folha*, na mesma linha de *The Daily*, ou ainda colunistas e profissionais com outros cargos no jornal, como secretário de redação e *ombudsman*. No entanto, como também já foi ponderado, eventualmente são convocados os chamados especialistas, sem vínculos com a instituição. Neste caso, parece estar no amplo conhecimento sobre o Brasil republicano e suas dinâmicas institucionais o que cacifa Sérgio Abranches como entrevistado. O fato de nenhum dos repórteres responsáveis pelas matérias anteriores sobre o tema ter sido entrevistado – e talvez exatamente porque foram vários, ainda que certos nomes se repitam nas assinaturas – reforça a perspectiva de produção de síntese a partir de um ângulo em que se olhe para todo o processo.

Figura 14 - Descrição do episódio de *Café da Manhã* no Spotify



Fonte: Captura de tela *Spotify*, 2022.

Ainda na plataforma, *Café da Manhã* apresenta uma transcrição do episódio, a qual, em oposição à de *The Daily*, que é precisa e com indicações de quem diz cada fala, é gerada automaticamente, consistindo apenas em um texto dividido em pequenos parágrafos, com indicações de tempo. Por fim, abaixo da descrição, há a seção “Mais que talvez você goste”, com recomendações de seis outros episódios

de podcasts para o ouvinte. Uma delas trata-se de outro episódio de *Café da Manhã*, o do dia seguinte: “O direito ao aborto ameaçado nos EUA”; outra se mantém no universo dos podcasts diários de notícias, com um episódio de *O Assunto*, de 14 de outubro: “Bolsonaro na terra sem lei do Telegram”.

As quatro demais não guardam nenhum tipo de proximidade com o episódio em questão, a exceção de uma delas, mas apenas por ter sido publicada no mesmo mês: “#62: Brinquedos sexuais como aliados na busca do prazer”, do podcast *Sexoterapia*, publicado em setembro de 2021; “kissing sounds and other mouth sounds; some shhhh sounds”, de *bluemind ASMR*, em abril de 2019; “T2E2 - La Vida Copia al Cine”, de *Caso 63*, em novembro de 2021; e “Jay Shetty Interviews His Wife for the First Time”, de *On Purpose with Jay Shetty*; em fevereiro de 2019. É interessante notar, no conjunto de recomendações, que as quatro que se distanciam do programa principal também pouco têm a ver entre si. Provavelmente foram geradas por algoritmos, mas de fora é difícil perceber qualquer tipo de padrão. Uma hipótese possível, inclusive, é a de que talvez sejam de fato aleatórias, e que a lógica seria “atirar para todos os lados”, tentando contemplar diferentes possibilidades de interesse do ouvinte para mantê-lo utilizando a plataforma por mais tempo a qualquer custo.

No site da *Folha de S.Paulo*, a descrição do episódio é basicamente a mesma, acrescida de *hiperlinks* com reportagens que contextualizam o tema, além de uma explicação sobre o programa – numa estratégia parecida com a de *The Daily* para converter leitores em ouvintes – e sua ficha técnica (Figura 15). O título da publicação tem uma pequena diferença, utilizando o substantivo “casamento” no lugar de “fusão”, além de ter sido acrescido de ponto e vírgula junto da expressão “ouça podcast”. Ao contrário de *The Daily*, entretanto, o tocador está posicionado na parte inferior da página. A única imagem no corpo do texto é a logomarca do podcast. Há também, na seção “relacionadas”, sugestão de outros episódios, os dois imediatamente anteriores de *Café da Manhã* e um terceiro, também recém-publicado, mas do podcast para professores *Folha na Sala*.

Figura 15 - Explicação sobre como ouvir o podcast e ficha técnica no site da *Folha*

O programa de áudio é publicado no Spotify, serviço de streaming parceiro da *Folha* na iniciativa e que é especializado em música, podcast e vídeo. É possível ouvir o episódio clicando abaixo. Para acessar no aplicativo basta se cadastrar gratuitamente.

Ouçã o episódio:



O Café da Manhã é publicado de segunda a sexta-feira, sempre no começo do dia. O episódio é apresentado pelos jornalistas Bruno Boghossian e Maurício Meireles, com produção de Jéssica Maes, Laila Mouallem e Victor Lacombe. A edição de som é de Thomé Granemann.

Fonte: Captura de página *Folha de S.Paulo*, 2022.

Mais algumas reportagens sobre o tema da união dos dois partidos foram feitas pela *Folha* nas datas subsequentes à publicação do episódio de *Café da Manhã*: “União Brasil será nome de partido formado por fusão de DEM e PSL”, de 30 de setembro; “DEM e PSL aprovam fusão, e TSE vai analisar criação do possível maior partido da Câmara”, de 6 de outubro; “União Brasil terá candidato próprio e não faz sentido apoio a rivais, diz Bivar, presidente de novo partido”, do dia 8, além da galeria de imagens “União Brasil, partido da fusão entre PSL e DEM”, do dia 13. Todas elas, à exceção da galeria, trazem no corpo do texto o tocador do *Spotify* com o episódio de *Café da Manhã*, o que, de alguma forma, pode ser entendido como um sinal do jornal de que aquele seria um conteúdo relevante sobre o tema – além de uma outra forma de abordá-lo.

Por tratar-se de um jornal com origem nos Estados Unidos, *The New York Times* não registra reportagens sobre a transformação dos partidos PSL e DEM em União Brasil, já que este não se configura como um assunto de apelo internacional, tal qual a visita de Jair Bolsonaro à Casa Branca, em 2019, ou as eleições de 2022, ambos, aliás, convertidos em pautas de *The Daily*.

Já *O Assunto* tratou da fusão dos partidos no episódio “PSL+DEM e outras costuras para 2022”, do dia 7 de outubro. A publicação em tal data faz sentido, na

medida em que a convenção que formalizou a criação do União Brasil foi realizada no dia anterior. Renata Lo Prete entrevista dois jornalistas sobre o tema: Nilson Klava, repórter da própria *Globo*, e Fabio Zambeli, do site de informações jurídicas *Jota*, que traz notícias e análises sobre os três Poderes, além de bastidores do mundo do direito. O primeiro dá detalhes sobre a formalização da junção entre as siglas e suas implicações, enquanto o segundo faz uma análise mais contextual sobre essa e outras articulações que se orientam na direção das eleições de 2022. No fim das contas, os dois programas parecem se propor a fazer um movimento analítico bastante similar, variando nos meios pelos quais o executam. Enquanto um optou por tratar do tema antes da concretização das articulações e com um entrevistado que não vem exatamente de fora do contexto dos meios de comunicação, já que Sérgio Abranches também é colunista da rádio *CBN*, mas detém um conhecimento específico, o outro esperou a formalização do novo partido e realizou a análise a partir dos ponto de vista de dois jornalistas, cada um com uma bagagem diferente.

O tema foi amplamente coberto pelos telejornais da *TV Globo* e da *Globonews*, além de ter sido um dos tópicos de discussão do podcast especializado *Papo de Política*, no episódio “Gambiarra em Brasília”, do dia 8 de outubro. Ao contrário de *O Assunto*, o programa aborda a pauta a partir de uma perspectiva menos estruturada, já que o faz a partir da conversa entre as três apresentadoras – Natuza Nery, Julia Duailibi e a convidada Eliane Cantanhêde –, as quais comentam as notícias trazendo análises e informações de bastidor. Naquela edição, também tratou-se dos embates entre Bolsonaro e Congresso e da convocação do então ministro da Economia à Câmara dos Deputados, para dar explicações sobre empresas que mantinha em paraísos fiscais.

No *g1*, a principal matéria é de 6 de outubro e recebeu o título de “DEM e PSL aprovam fusão; novo partido se chamará União Brasil”, mesclando texto, fotografia, vídeo, infográficos, tópicos e, ao final, o episódio de *Papo de Política* da semana anterior, “O tabuleiro do ‘War eleitoral’” – provavelmente porque os programas que são específicos sobre o tema ainda não haviam sido publicados. Ou seja, parece haver uma determinação de que conteúdos em diferentes linguagens sejam sempre referenciados em tudo que se produza para o site, mas o quão diretamente se relacionem ao tema principal varia conforme a disponibilidade de material.

Diante disso, é possível concluir que o tema tratado por *Café da Manhã* na data em questão já vinha recebendo destaque na *Folha de S.Paulo* antes que o episódio fosse publicado, tanto na edição impressa quanto no site, o que continuou a ocorrer nos dias subsequentes. Além disso, foi um acordo envolvendo dois grandes partidos políticos do país, um deles também com longo histórico de relevância no cenário partidário, portanto, era de se esperar que em algum momento o principal podcast do jornal tratasse da questão. Nesse sentido, também era previsível a coincidência de pautas entre *Café* e *O Assunto*, algo que acontece eventualmente, mas nem sempre na mesma data, como é o caso. Nas dez semanas entre os dias 16 de agosto e 22 de outubro de 2021, por exemplo, a discussão coincidiu ou foi pautada com um dia de diferença em sete ocasiões. A escolha do tema para o dia 29 de setembro, porém, parece um pouco mais arbitrária do que para 7 de outubro, visto que a formalização do novo partido se daria no dia 6. Uma possível justificativa seria a falta de um, no jargão jornalístico, “gancho” – um acontecimento recente que justifique sua discussão – mais forte? Quando o dia tem um grande acontecimento, que mobiliza muita atenção, como inclusive parece ser o caso nas coincidências de pauta, a escolha parece se dar de maneira “automática”, mas, quando isso não acontece, o que orienta o trabalho dos produtores e que tipos de relações de atualidade podem ser apreendidos? Talvez a análise das escolhas de *O Assunto* para o dia 29 ajude a entender.

3.3.3 Pauta de viés social

A hipótese de que o jornalismo brasileiro não teve uma grande pauta que dominou os noticiários no dia 28 de setembro de 2021 se confirma quando examinamos o tema de *O Assunto* no dia 29. O episódio daquele dia recebeu o título de “Explosão dos despejos, agora suspensos”. Com dois entrevistados – o repórter da *TV Globo* Giba Bergamim e a pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), e professora do Insper, instituição de ensino superior, Bianca Tavorari –, o programa aponta a perda de emprego e renda associada ao aumento exponencial do aluguel como causas de inúmeros despejos, ouvindo do repórter um relato sobre o aumento do número de famílias em uma ocupação em São Paulo, o qual saltou de 200 para 800 em três meses. Além disso, a

pesquisadora analisa o impacto do dado que parece ter motivado a escolha da pauta para aquele momento – a derrubada, pelo Congresso, do veto do então presidente da República a uma lei que suspendia os despejos até o fim de 2021, fato ocorrido no dia 27 de setembro –, além de refletir sobre a importância de se garantir moradia digna para toda a população.

No *g1*, a página do episódio traz, junto ao título, o nome do podcast e o número correspondente àquela edição. O tocador vem logo abaixo do subtítulo, mas, ao contrário dos programas anteriormente analisados, há bastante destaque para a área da postagem que busca converter o leitor em ouvinte, a qual aparece antes da descrição do episódio, sob o tocador e ao lado de uma publicidade (Figura 16). Na descrição, há informações que dão contexto à escolha da pauta e elementos que justificam a presença daqueles entrevistados específicos, além de frases ditas por eles ao longo da conversa.

Abaixo da descrição, na seção “O que você precisa saber”, há *links* para reportagens que auxiliam a compreensão da discussão apresentada pelo podcast. São elas: “Congresso derruba veto, e suspensão de despejos na pandemia vai à promulgação”, de 27 de setembro; “Bolsonaro disse que proposta daria ‘salvo conduto’”, cujo título na matéria original, de 5 de agosto de 2021, é “Bolsonaro veta projeto que suspendia despejos durante a pandemia”; “Ministro do STF suspendeu despejo de vulneráveis e desocupação”, de 3 de junho, que também teve alterado o título original – “Barroso suspende despejo de vulneráveis e desocupação de áreas habitadas antes da pandemia”; e o vídeo “Número de famílias despejadas de casa cresce 340% na pandemia”, de 24 de agosto, o único conteúdo que não está especificamente hospedado no *g1*, mas no site do *Jornal Nacional*.

Chama a atenção também que a página do programa tenha modificado o título das reportagens na seção de contexto, se distanciando das estratégias de seus análogos. Enquanto o da *Folha* traz os *hiperlinks* no próprio corpo do texto, sem uma área específica dedicada a isso, e o do *NYT* os apresenta com descrições, o do *g1* parece, ao mesmo tempo, “enxugar” o texto e conduzir a leitura do leitor-ouvinte quando o *link* for aberto, de modo inclusive a eliminar redundâncias e tornar mais coesa a relação entre as reportagens e a discussão no episódio.

Figura 16 - Tocador do episódio de *O Assunto* no *g1* e instrução sobre como ouvir



Você pode ouvir **O Assunto** no **g1**, no **GloboPlay**, no **Spotify**, no **Castbox**, no **Google Podcasts**, no **Apple Podcasts**, no **Deezer**, na **Amazon Music**, no **Hello You** ou na sua plataforma de áudio preferida. Assine ou siga **O Assunto**, para ser avisado sempre que tiver novo episódio.



Fonte: Captura de tela *g1*, 2022.

Ainda que seja uma estratégia comum a todos os podcasts aqui analisados reunir em suas páginas, nos sites das instituições a que pertencem, *links* para conteúdos complementares e uma espécie de beabá de como ouvi-los, isso é feito de uma maneira mais sistemática por *g1* e *The New York Times* do que pela *Folha de S.Paulo*. Porque nos dois primeiros há seções específicas para isso, com destaques e diferenciações, enquanto, na última, a estrutura da página dos episódios é bastante semelhante à de qualquer outra do site. A nosso ver, isso demonstra um maior empenho das organizações responsáveis por *O Assunto* e *The Daily* em a) persuadir eventuais visitantes dos sites não habituados à escuta de podcasts a se tornarem novos ouvintes e b) demonstrar que os episódios estão inseridos em um ecossistema amplo de produção de notícias, que mobiliza todo um conjunto de profissionais, recursos e linguagens para reportá-las, num fluxo de trabalho que preconiza desdobramentos ao decorrer do tempo. Sem perder de vista que todos aqueles conteúdos são complementos e que os programas, portanto, fazem sentido por si, sinalizando seu pertencimento a uma rede temporal mais ampla e contínua.

Prosseguindo com a análise dos elementos da página, abaixo dos *links*, há uma ficha técnica do episódio e a logomarca do podcast, seguida de uma explicação sobre o que são podcasts, uma chamada para assinatura da *newsletter* do portal com as principais notícias do dia e uma caixa de comentários em que somente usuários cadastrados podem se manifestar. Desse ponto até o fim da página, são

dispostas chamadas para uma série de reportagens publicadas recentemente (relativamente ao tempo em que estiver sendo visitada) e sem relação com o tema do episódio, entremeadas por *banners* de publicidade, até o cabeçalho inferior da página.

Nos tocadores de podcast, o episódio apresenta apenas o título, sem número, e a descrição é a mesma utilizada no site. Ao contrário dos dois anteriores, *O Assunto* não disponibiliza qualquer tipo de transcrição, o que torna o conteúdo inacessível para pessoas com deficiência auditiva, além de dificultar que se estabeleça com ele outras formas de relação que não perpassem a sonoridade. Um detalhe é que o sobrenome do repórter contém um erro de ortografia na descrição: Bergamim termina com *m*, mas está escrito com *n* tanto no *g1* quanto nos aplicativos de reprodução. Mais do que a simples desatenção, erros dessa categoria no jornalismo costumam ser associados justamente à velocidade acelerada associada à prática, como se a necessidade de – em tese – dar conta da realidade no mesmo ritmo em que ela acontece acabasse ocasionando pequenos deslizes.

Por falar em Giba Bergamim, a descrição do episódio o apresenta como alguém que “acompanha de perto movimentos por moradia há quase duas décadas”, o que indicado ao se observar reportagens assinadas por ele em datas próximas à da publicação do episódio. Alguns exemplos: “Medida prevista no Plano Diretor de SP para garantir moradia para famílias de baixa renda anda a passos lentos 7 anos após lei”, de 11 de agosto; “Número de moradias em áreas de risco cresce 20% na cidade de SP, aponta Defesa Civil” (Figura 17), de 17 de setembro; e “Prefeitura de SP inicia reuniões temáticas para revisão do Plano Diretor Estratégico da cidade; veja agenda de encontros”, de 27 de setembro. Ou seja, ainda que nesse mesmo episódio haja também uma entrevista com uma pesquisadora, alguém cuja experiência não relacionada ao jornalismo e àquele meio de comunicação específico confere credibilidade ao material, nota-se um esforço em legitimá-lo também a partir da ênfase na atuação pregressa do repórter designado para falar. E isso é feito, curiosamente, sublinhando-se o tempo de trabalho acumulado por ele em relação ao tema.

Entre outros conteúdos relacionados publicados no período pelo *g1* estão a reportagem “IGP-M tem deflação de 0,64% em setembro, mas ainda acumula avanço de 24,86% em 12 meses”, de 29 de setembro, e o episódio do podcast *g1 Educação Financeira* “5 dicas para facilitar a negociação de aluguel”, de 13 de

setembro. Como acontece diariamente, o episódio de *O Assunto* foi recomendado na agenda, publicada de madrugada, e no boletim, publicado à noite, ambos diariamente, no dia 29 de setembro. Mais alguns indícios de que o episódio constitui uma perspectiva específica de abordagem da questão, dentre muitas realizadas pelo conglomerado de comunicação, e representa também, nesse conjunto, uma marcação no decurso de um fluxo temporal.

Figura 17 - Giba Bergamim em cobertura sobre a questão habitacional em São Paulo



Fonte: Captura de tela g1, 2022.

A *Folha de S.Paulo* também publicou reportagens de temática relacionada à do episódio de *O Assunto* em datas próximas à da publicação do podcast. Entre as mais relevantes, “Metalúrgico, músico, doméstica, atendente de fast-food; brasileiros despejados vão morar na rua”, de 7 de agosto, e “Crise econômica deve elevar déficit habitacional para 6,1 milhões de moradias no país, diz estudo”, de 17 de setembro. Também recebeu destaque a derrubada do veto à lei, em “Congresso derruba veto, e lei que proíbe despejos durante a pandemia vale até fim do ano”, de 27 de setembro, e “Inflação do aluguel registra queda de 0,64% em setembro”, do dia 29. Nesta última, ao contrário do *g1*, a *Folha* não indicou no título da reportagem que a deflação do IGP-M acontecia após um período em que o índice havia aumentado expressivamente. Todas as matérias citadas foram veiculadas também na edição impressa do jornal, na data seguinte. O que não foi razão suficiente para

que *Café da Manhã* elege-se a questão da vulnerabilidade habitacional como uma pauta relevante para o programa.

A partir da análise, é possível concluir que, na ausência de uma pauta “óbvia” para o dia, *O Assunto* recorreu ao “gancho” da derrubada recente do veto presidencial à lei que proibia despejos temporariamente para tratar de maneira mais abrangente de uma questão que vinha aparecendo na produção jornalística do Grupo Globo de maneira pulverizada, de modo inclusive análogo a como procedeu o podcast da *Folha* naquele dia, como já evidenciamos. Porém, o programa que é exclusivo do *Spotify* valeu-se de um vínculo com o presente mais inconsistente, na medida em que o que motivou a pauta foi a marcação de uma reunião para dali a alguns dias em que possivelmente haveria definição quanto à fusão dos partidos sobre a qual trata, enquanto o do *g1* tem como marco mais recente um movimento feito Congresso na véspera de sua produção. De qualquer forma, de um ponto de vista mais prático, a relação com tais eventos pontuais soa apenas como pretexto para a escolha do tema em ambos os casos, visto que nenhum dos dois foi analisado de maneira isolada nos episódios. Cabe salientar que tal estratégia não se restringe aos podcasts, sendo bastante comum na prática jornalística um certo malabarismo discursivo para alinhar as pautas às premissas, especialmente em se tratando de dimensões da atualidade.

É curioso perceber que, diante da flexibilidade proporcionada pela ausência de um grande fato urgente naquele dia, cada uma das equipes tenha optado por olhar para âmbitos bastante distintos do noticiário. Ambas as discussões se relacionam a dimensões políticas e sociais da vida no Brasil, mas *Café da Manhã* focou nos arranjos institucionais que dão sustentação (ou não) à administração pública, enquanto *O Assunto* voltou sua atenção para um problema concreto encarado por parte da população brasileira, sem perder de vista sua relação com as decisões tomadas pelos três Poderes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passados seis anos desde a estreia de *The Daily*, e indo em direção ao quarto aniversário de *Café da Manhã* e *O Assunto*, é possível dizer que os podcasts diários de notícias consolidaram seu espaço na composição das grandes organizações jornalísticas, de tal maneira que Renata Lo Prete inclusive já deixou o comando do programa que ajudou a criar e, ao se despedir do público, anunciou ter decidido “que é hora de voar”, dando a entender que vai buscar novos desafios, uma vez que seu trabalho ali já estava feito.

A jornalista também se referiu ao período que passou no comando do podcast como um “processo de troca generoso e intenso” como poucas vezes teria experimentado no trabalho⁶¹, demonstrando ter podido vivenciar a prática jornalística naquele espaço de maneira singular, num universo de décadas de carreira ocupando diferentes postos. Tudo isso evidencia que temos aqui também um campo de pesquisa que está apenas se abrindo, o que implica a existência de muitas possibilidades e muitos ângulos para se observar esse fenômeno, de modo que esta pesquisa compõe apenas parte de um movimento inicial e, mais do que nos fecharmos em diagnósticos, esperamos contribuir para expandir os questionamentos e trilhar novos caminhos.

Os podcasts diários de notícias aqui levados em conta – mas em geral também outros que não compõem nosso escopo – representam a incursão de instituições que já produziam jornalismo em outros meios e formatos no campo da produção cotidiana em áudio. No caso de *The Daily*, *O Assunto* e *Café da Manhã*, representaram também um amplo alcance, em termos de audiência, e o impulso para o aumento do investimento nas estruturas de produção sonora por parte das empresas que os criaram. O advento de tais programas representa a tentativa desses meios de comunicação de alcançarem outros públicos, bem como a de estabelecerem outras formas de interação com o público que já os acompanhava.

Nesse sentido, emergem no cenário novas possibilidades de relações temporais com o conteúdo produzido. Os podcasts, a despeito de serem diários, não

⁶¹ O ASSUNTO: EUA - saldo da eleição de meio de mandato. [Locução de]: Renata Lo Prete. [S./]: g1, 11 nov. 2022. Podcast. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2022/11/11/o-assunto-834-eua-saldo-da-eleicao-de-meio-de-mandato.ghtml>. Acesso em: 27 nov. 2022.

impõem uma escuta restrita a esse intervalo de tempo, e constituem um formato de *hard news* que se demonstra mais perene que o usual. Esse caráter é identificado no próprio discurso dos produtores, que tratam os programas como algo que se encaixaria na rotina do ouvinte, ou seja, seriam mais flexíveis do ponto de vista temporal do que telejornais, por exemplo, que têm horários de transmissão fixos. Além disso, frequentemente eles próprios convocam o ouvinte à escuta de episódios lançados anteriormente.

Fenômeno relativamente recente, os podcasts são tema de pesquisas acadêmicas desde o início dos anos 2000, escapando, no entanto, à redução a categorias conhecidas, e sendo caracterizados pela diversidade de abordagens e construções metodológicas, e também pela rara convergência de caminhos teóricos (COUTO; MARTINO, 2018). Inicialmente mais interessados em discussões sobre o caráter multimídia do podcast e seu enquadramento ou não em uma vertente radiofônica, os trabalhos parecem direcionar o foco, mais recentemente, às suas potencialidades e complexidades narrativas (VIANA, 2020).

Entretanto, o termo “narrativo” é frequentemente atribuído aos podcasts como um adjetivo, sinalizando que este seria um gênero, atribuível ou não a determinados programas, a depender de suas características. O uso da expressão está associado a uma tradição gestada ao longo de anos nos Estados Unidos, a qual pressuporia a existência de elementos como arco dramático (DETONI, 2018) e grande foco em personagens (ABEL, 2015), além de apuração em profundidade (KISCHINHEVSKY, 2018) e considerável trabalho de pré-produção, produção e pós-produção (VICENTE; SOARES, 2021). Expoente dessa vertente pelo grande alcance em audiência – foi o programa a atingir mais rapidamente a marca de 5 milhões de *downloads* no *iTunes*, e atualmente já ultrapassa os 300 milhões – *Serial*, lançado em 2014, seria um dos principais responsáveis pela popularização do gênero (BERRY, 2016; DETONI, 2018). Segundo tal perspectiva, os podcasts diários de notícias não poderiam ser considerados narrativos, afinal não reuniriam todos os elementos necessários para tanto.

O jornalismo, por sua vez, a partir de uma perspectiva geral, preconiza uma relação com o tempo que provoca uma sensação permanente de urgência e aceleração. Isso acontece graças a um forte vínculo com um senso de atualidade, elemento que pode ser identificado a partir de diferentes categorias de fenômenos temporais imbricados na atividade jornalística, como instantaneidade,

simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública (FRANCISCATO, 2014). Além disso, há também a dimensão da cotidianidade, que representa sua inscrição no cotidiano do interlocutor, e não apenas em sua rotina, mas no modo como reflete sobre a realidade e a transforma (MATHEUS, 2010). Nesse sentido, o acontecimento jornalístico estaria inscrito na temporalidade cotidiana como um ponto rítmico em uma “harmonia” sobre a qual se experiencia a realidade (ANTUNES, 2008). Ou seja, diferentes formas de produção jornalística compõem uma mistura complexa de tempos, com cruzamentos entre várias temporalidades, as quais são ordenadas por sua narratividade.

Nesse sentido, reconhecemos a vertente de pesquisa que encara a narrativa como um gênero, porém encaramos tal termo aqui como aquilo que rege a organização interna dos elementos que compõem qualquer produção jornalística, incluindo os podcasts diários de notícias. Porque é essa organização o que vai produzir distintas formas de figurar o tempo, já que o mundo é ressignificado pelo fazer narrativo em sua dimensão temporal (RICOEUR, 2010). Narrativas jornalísticas, portanto, também se caracterizam como um esforço de apanhar o tempo, de humanizá-lo (CARVALHO, 2012).

O jornalismo moderno se autoenuncia, a partir do seu regime de crenças (NERONE, 2012), como uma ferramenta capaz de transpor o mundo em sua totalidade e de maneira pura. Isso se daria sob uma percepção do tempo em constante aceleração, a qual transformaria tudo o que é produzido em material “velho” – portanto, sem valor – muito rapidamente (JÁCOME, 2020). Ao observar os podcasts diários, no entanto, é possível confrontar essa percepção, na medida em que eles instauram outras formas de relação com a atualidade.

Entre as formas de relação que podem ser identificadas, temos, por exemplo, reconstituições imersivas do presente, as quais proporcionam não apenas um mergulho em determinado evento e a possibilidade de acompanhá-lo, mas também a possibilidade de compreendê-lo levando em conta desdobramentos do passado e perspectivas de futuro; olhares para o presente que, levando em conta distintos acontecimentos que se desenrolaram até ali, se lançam ao futuro em busca de possíveis consequências; e ainda reconstituições do passado que confrontam percepções muito cristalizadas e buscam outras perspectivas para ele no presente.

Ao mesmo tempo, é preciso levar em conta que, em seus contextos de produção, os podcasts diários de notícias dispõem de uma materialidade que

permite que os temas sejam abordados de uma maneira específica, que não a do fluxo constante – e, muitas vezes, acachapante – do jornalismo produzido nos portais de notícias, nos quais, a cada nova atualização automática da página inicial, surgem novos conteúdos. Mas também não é aquela dos telejornais e programas de rádio, que parecem produzir, na maior parte dos casos, entendimentos fragmentados sobre o que está acontecendo.

Mais do que isso, é possível elaborar sínteses que englobem um conjunto de perspectivas, procurando amarrá-las a partir de eventos pontuais, e destrinchar seus possíveis desdobramentos. O que pode ser feito, inclusive, acionando episódios anteriores. Sendo os podcasts mais do que instâncias sonoras, ao englobarem também recursos em imagem e texto, é possível acionar também recursos para dar-lhes contexto em outras linguagens. Tudo isso facilmente consultável posteriormente, uma vez que ficam armazenadas em repositórios – os aplicativos de reprodução – que facilitam a busca e a consulta posterior.

Ou seja, longe de enquadrar uma forma única de narrar e engendrar o tempo, os podcasts diários de notícias parecem, ao contrário, abrir toda uma nova gama de possibilidades, as quais podem ser examinadas sob diversos ângulos. Caberia, por exemplo, o aprofundamento das investigações sobre como o uso de recursos sonoros é capaz de produzir narrativas mais imersivas, e os efeitos disso sobre a composição de temporalidades e a percepção da realidade. Bem como a reflexão mais detida sobre o modo como podem operar como uma espécie de linha que amarra e dá fechamento a uma sucessão de coberturas pontuais de determinados grupos de comunicação e, a partir disso, abrem também para a possibilidade de outras coberturas.

Sem a pretensão de enxergar nesse fenômeno uma revolução e levando em conta que faz parte de um processo que é muito amplo e engloba várias perspectivas e textualidades que não puderam ser observadas mais detidamente aqui, por limitações inclusive do que é pertinente ou não a uma pesquisa de mestrado, esperamos ter colaborado com reflexões que suscitem novos trabalhos e façam expandir o conhecimento sobre o objeto. Além disso, considerando que a própria autora se sente mais à vontade transitando pela fronteira entre o trabalho prático e o acadêmico, mais do que pendendo para um lado ou para o outro, e que a produção desta dissertação lhe serviu justamente para efetivar esse trânsito, esperamos que o conteúdo aqui reunido possa servir tanto a pesquisadores, tenham

eles esse traço em comum com a autora ou não, mas também a jornalistas e a outros profissionais de alguma forma relacionados ao trabalho com a informação em áudio no ambiente digital.

REFERÊNCIAS

ABEL, Jessica. *Out On The Wire: The Storytelling Secrets of the New Masters of Radio*. Broadway Books, New York, 2015.

ABRAMS, Rachel. New York Times to Buy Production Company Behind 'Serial' Podcast. **The New York Times**, New York, EUA, 22 jul. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/07/22/business/media/new-york-times-serial.html>. Acesso em: 3 dez. 2021.

ANTUNES, Elton. Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de atualidade no discurso jornalístico. **Contemporânea** (Salvador), v. 6, p. 1-21, 2008.

BARBARO, Michael. About Those Hmms. **The New York Times**, 24 mai. 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/05/24/podcasts/daily-newsletter-reporter-diary-summer-playlist.html>. Acesso em: 17 nov. 2022.

BARBARO, Michael; TWOHEY, Megan. Crossing the Line: How Donald Trump Behaved With Women in Private. **The New York Times**, New York, EUA, 15 mai. 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/05/15/us/politics/donald-trump-women.html>. Acesso em: 18 dez. 2021.

BARBARO, Michael. Get Ready for The Daily, Your Audio News Report. **The New York Times**, New York, EUA, 30 jan. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/01/30/podcasts/the-daily-get-ready-for-the-daily-your-audio-news-report.html>. Acesso em: 18 dez. 2021.

BARBOSA, Ana Maria de Souza. *O Pássaro dos Rios nos Afluentes do Saber – Roquette-Pinto e a Construção da Universalidade*, São Paulo, 1996.

BARBOSA, Suzana. Jornalismo convergente e *continuum* multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In: CANAVILHAS, J. (Org). *Notícias e Mobilidade. O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis*. Covilhã, PT: Livros LabCOM, 2013. p. 33-54.

BARINI, Felipe. Inflação, alimentada pela guerra, provoca queda da popularidade de Biden em ano eleitoral. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 abr. 2022. Seção Mundo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/inflacao-alimentada-pela-guerra-provoca-queda-da-popularidade-de-biden-em-ano-eleitoral-25473891>. Acesso em 23 mai. 2022.

BERRY, Richard. A golden age of podcasting? Evaluating Serial in the context of podcast histories. *Journal of Radio & Audio Media*, n. 22, v. 2, p. 170-178, 2015.

_____. Podcasting: Considering the evolution of the medium and its association with the word 'radio'. **Radio Journal: International Studies in Broadcast & Audio Media**, 2016.

_____. There are just 3 types of podcast. **Radio & Podcast Academic**. Sunderland (UK), 29 de julho de 2020. Disponível em: <https://richardberry.eu/there-are-just-3-types-of-podcast>. Acesso em: 4 dez. 2021.

BONINI, Tiziano. The 'Second Age' of Podcasting: reframing Podcasting as a New Digital Mass Medium. **Quaderns del CAC**, n. 41, v. XVIII, p. 21-30, 2015.

BUSINESS WIRE. The New York Times Announces The Daily, a New Daily Audio Show. **Business Wire**, EUA, 30 jan. 2017. Disponível em: <https://www.businesswire.com/news/home/20170130005826/en>. Acesso em 18 dez. 2021.

CAFÉ DA MANHÃ: Os mitos sobre a Semana de 1922, cem anos depois. [Locução de]: Magê Flores e Maurício Meireles. [S.l.]: Folha de S.Paulo, 11 fav. 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5Mv6yPvM2DxtuHBj5KkMgI?si=kBOxlvkSRASpD5ghqhbWaw>. Acesso em 28 mai. 2022.

CASTRO, Gisela Grangeiro da Silva. *Podcasting e consumo cultural*. **E-Compós**. Brasília: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, ed. 5, 2005.

CAVALCANTI, Anna de Carvalho. A efeméride como acionamento da memória: análise de enquadramentos do passado na revista Cult. **Anais do 30º Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – SP, 27 a 30 jul. 2021.

CÍRCULO FOLHA. Novo Manual da Redação - 1996. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 1996. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_producao_h.htm. Acesso em 25 nov. 2022.

COUTO, Ana Luíza; MARTINO, Luís Mauro Sá. Dimensões da pesquisa sobre podcast: trilhas conceituais e metodológicas de teses e dissertações de PPGComs (2006-2017). **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 9, n. 02, pp. 48-68, jul./dez. 2018.

DAROS, Otávio. 2021. Celebrity News and Cyberactivism in the #FreeBritney Fandom Movement. **Transformative Works and Cultures**, no. 36.

DEL BIANCO, Nélia Rodrigues. As transformações técnicas na produção do radiojornalismo e os valores-notícia. In: MOREIRA, Sonia Virgínia. (Org.). **70 Anos de radiojornalismo no Brasil 1941-2011**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

DETONI, Márcia. O documentário no rádio: desenvolvimento histórico e tendências atuais. Pesquisa de Pós-Doutorado. São Paulo: ECA/USP, 2018.

DOCTOR, Ken. Newsonomics: The Daily's Michael Barbaro on becoming a personality, learning to focus, and Maggie Haberman's singing. **NiemanLab**. Cambridge, EUA, 17 out. 2017. Disponível em:

<https://www.niemanlab.org/2017/10/newsonomics-the-dailys-michael-barbaro-on-becoming-a-personality-learning-to-focus-and-maggie-habermans-singing>. Acesso em: 18 dez. 2021.

EDY, Jill A. journalistic uses of collective memory. **Journal of Communication**, v.49(2), p. 71–85, 1999.

FALCÃO, Bárbara Mendes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. Podcasts de notícias diárias nos grandes veículos de imprensa no Brasil e sua relação com a democratização da informação. **Esferas**, ano 11, vol. 3, no 22, setembro-dezembro de 2021.

FERRARETTO, Luiz Artur. Por que o rádio brasileiro começou em Recife. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 28, p. 1-13, 2021.

_____. Radiojornalismo no Brasil: do noticiário à convergência, alguns fragmentos históricos. *In*: MOREIRA, Sonia Virgínia. (Org.). **70 Anos de radiojornalismo no Brasil 1941-2011**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

FOLHA DE S.PAULO. Café da Manhã, podcast diário da Folha e do Spotify, estreia com perspectivas para o novo ano. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 29 dez. 2018.

Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/folha-e-spotify-lancam-cafe-da-manha-podcast-diario-de-noticias-ouca-apresentacao.shtml>. Acesso em: 18 dez. 2021.

FOLHA DE S.PAULO. Jornalismo profissional é antídoto para notícia falsa e intolerância. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 mar. 2019. Disponível em:

<https://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projeto-editorial-folha-de-s-paulo/principios-editoriais.shtml>. Acesso em: 10 set. 2022.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. O jornalismo e a reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais. **Brazilian Journalism Research**, volume II, número 2, 2014.

G1. Renata Lo Prete deixa o comando do podcast O Assunto, que será apresentado por Natuza Nery. **g1**, 21 nov. 2022. Disponível em:

<https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2022/11/08/renata-lo-prete-deixa-o-comando-do-podcast-o-assunto-que-sera-apresentado-por-natuza-nery.ghtml>. Acesso em: 21 nov. 2022.

GENTE. Podcasts e a crescente presença entre os brasileiros. **Plataforma Gente, Globo**. 17 jul. 2021. Disponível em:

<https://gente.globo.com/pesquisa-infografico-podcasts-e-a-crescente-presenca-entre-os-brasileiros>. Acesso em: 25 nov. 2022.

GRUPO GLOBO. **Princípios Editoriais do Grupo Globo**. Globo 2011. Disponível em:

<http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html#principios-editoriais>. Acesso em 1º jun. 2022.

HAMMERSLEY, Ben. Audible Revolution. Media, **The Guardian**, 12 fev. 2004. Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2004/feb/12/broadcasting.digitalmedia>. Acesso em: 4 dez. 2021.

JÁCOME, Phellipy. A constituição moderna do jornalismo no Brasil. Curitiba, editora Appris, 2020.

KIERNAN, Louise. “Serial” podcast producers talk storytelling, structure and if they know whodunnit. **Nieman Storyboard**, 30 out. 2014. Disponível em: <https://niemanstoryboard.org/stories/serial-podcast-producers-talk-storytelling-structure-and-if-they-know-whodunnit>. Acesso em: 12 jan. 2022.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o *podcasting* e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, vol. 5, p. 74-81, 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina; BENZECRY, Lena. Podcasting tensiona categorizações e ganha, enfim, destaque como objeto de estudos. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 06-12, jan./abr. 2020.

KOSELLECK, Reinhart. Estratos do tempo: estudos sobre história. Rio de Janeiro, editora Contraponto, 2014.

LISBOA, Sílvia, BENETTI, Marcia. (2015). O jornalismo como crença verdadeira justificada. **Brazilian Journalism Research**, 1(3), 10-29.

LO PRETE, Renata. O Assunto: ‘Informação de qualidade, num formato que cabe na vida’. **g1**. Rio de Janeiro, 25 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/noticia/2019/08/25/o-assunto-informacao-de-qualidade-num-formato-que-cabe-na-vida.ghtml>. Acesso em: 19 dez. 2021.

MAES, Jéssica. Política é tema mais buscado entre os que ouvem podcasts, diz Datafolha. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 17 set. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2022/09/politica-e-tema-mais-buscado-entre-os-que-ouvem-podcasts-diz-datafolha.shtml>. Acesso em 25 nov. 2022.

MARTINELLI, Marissa. Why Did Britney Spears Have to Confirm She’s Not Being Held Hostage? **Slate**, 2019. Disponível em: <https://slate.com/culture/2019/04/britney-spears-hostage-rumors-free-britney.html>. Acesso em: 27 jun. 2022.

MATHEUS, Leticia Cantarela. **Comunicação, Tempo, História: Tecendo o Cotidiano em Fios Jornalísticos**. 2010. 272 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

MCCAULEY, Michael. NPR: trials and triumphs of National Public Radio. New York: Columbia University Press, 2005.

MEDEIROS, Macello Santos de. *Podcasting: Um Antípoda Radiofônico*. **Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade de Brasília, 4 a 9 de setembro de 2006.

MOREIRA, Sonia Virgínia. *Ouvi no repórter – significado e permanência de um noticiário de rádio*. **70 Anos de radiojornalismo no Brasil 1941-2011**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

NERONE, John. *The historical roots of the normative model of journalism*, 2012.

NEWMAN, Nick; GALLO, Nathan. *Daily News Podcasts: Building New Habits in the Shadow of Coronavirus*. Reuters Institute e University of Oxford, nov., 2020.

NEWMAN, Nick; GALLO, Nathan. *News Podcasts and the Opportunities for Publishers*. Reuters Institute e University of Oxford, 2019. Disponível em: <http://www.digitalnewsreport.org/publications/2019/news-podcasts-opportunities-publishers>. Acesso em: 4 dez. 2021.

OPAM, Kwame. 'Serial' breaks iTunes record for fastest podcast to reach 5 million downloads and streams. **The Verge**, Washington, D.C., EUA, 18 nov. 2014. Disponível em: <https://www.theverge.com/2014/11/18/7241715>. Acesso em: 3 dez. 2021.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história*. **Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 66-85, 2002.

PÉREZ, María Pilar Martínez-Costa; GÁRATE, Eva Lus. *El éxito de los podcasts de noticias y su impacto en los medios de comunicación digital*, **Miguel Hernández Communication Journal** Vol. 10 (2), pp. 323 a 340, jul./2019.

PERRONI, Cristiane. *Café da manhã é mesmo a refeição mais importante do dia?* **ge.globo**. Rio de Janeiro, 15 jan. 2018. Seção Eu Atleta. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/eu-atleta/nutricao/noticia/cafe-da-manha-e-mesmo-a-refeicao-mais-importante-do-dia-descubra.ghtml>. Acesso em: 13 fev. 2021.

PODCASTS E NOVAS FORMAS de divulgar trabalho jornalístico no 3º Congresso da Jeduca. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (2 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rGVh3k0gwrl>. Acesso em: 15 fev. 2022.

POMPEO, Joe. "We Didn't Expect to Make Money": How The Daily's Michael Barbaro Unexpectedly Became the Ira Glass of The New York Times. **Vanity Fair**. EUA, 25 jul. 2018. Disponível em: <https://www.vanityfair.com/news/2018/07/how-the-daily-michael-barbaro-became-the-ira-glass-of-new-york-times>. Acesso em: 19 dez. 2021.

PRADO, Emílio. *Estrutura da informação radiofônica*. São Paulo, Summus, 1989.

PODER360. *Princípios Editoriais*. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/politica-editorial>. Acesso em: 12 set. 2022.

PROJETO HUMANOS. Histórias reais sobre pessoas reais. 2022. Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/sobre>. Acesso em 12 jan. 2022.

REVISTA PIAUÍ. Quatro em cada dez internautas já ouviram podcast no Brasil. **revista piauí**, 11 mai. 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/quatro-em-cada-dez-internautas-ja-ouviram-podcast-no-brasil>. Acesso em: 25 nov. 2022.

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. Volume 1, A intriga e a narrativa histórica. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2010.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. *In*: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

ROCHA, Diogo Tognolo. **Para além de uma dúvida razoável: Serial e a busca da verdade**. 149 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. Alto-falante. **Electron**, p. 1. Rio de Janeiro: Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, 16 mar. 1926.

ROSENKRANZ, Karl. Georg Wilhelm Friedrich Hegels Leben. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977 [1844], p. 543.

SACCHITIELLO, Bárbara. Globo quer tornar podcast seu novo pilar de negócios. **Meio & Mensagem**, 22 jan. 2021. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2021/01/22/globo-quer-tornar-podcast-seu-novo-pilar-de-negocios.html>. Acesso em: 23 dez. 2021.

SALLES, Pedro Paulo. Paisagem sonora, memória e história: um ensaio sobre sons familiares. *In*: Encontro Internacional de Música e Mídia - Escola de Comunicações e Artes, USP. (Org.). Música, memória: tramas em trânsito. São Paulo: Musimid, 2011, v. VII, p. 01-13.

SANTOS, Gustavo Nascimento dos. **Um cinema para os ouvidos: mapeando o radiodocumentário**. Dissertação. (Mestrado em Meios e Processos Audiovisuais). ECA/USP. São Paulo: 2016.

SCIRE, Sarah. The New York Times hopes to hook listeners on audio. Will a new standalone app do the trick? **Nieman Lab**. 20 out. 2021. Disponível em: <https://www.niemanlab.org/2021/10/the-new-york-times-hopes-to-hook-listeners-on-audio-will-a-new-standalone-app-do-the-trick>. Acesso em: 4 dez. 2021.

SCHNEIER, Matthew. The Voice of a Generation Michael Barbaro made the New York Times podcast The Daily a raging success. Or is it the other way around? **New York Magazine**. New York, EUA, 21 jan. 2020. Disponível em: <https://nymag.com/intelligencer/2020/01/michael-barbaro-the-daily-podcast-new-york-times.html>. Acesso em: 19 dez. 2021.

SILVA, Júlia Lúcia de O. A. da, RANGEL, Patrícia. Reportagens especiais, documentários e série de reportagens: profundidade nas ondas do rádio. *In*: MOREIRA, Sonia Virgínia. (Org.). **70 Anos de radiojornalismo no Brasil 1941-2011**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

SLAVIERO, Daniel Pimentel. Os 90 anos do rádio brasileiro. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 25 set. 2012. Seção Tendências e Debates. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/68133-os-90-anos-do-radio-brasileiro.shtml>. Acesso em 29 mai. 2022.

SPOTIFY - Companhia. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (30seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FoEmNX1a9Lg>. Acesso em: 15 fev. 2022.

SULLIVAN, John L. The Platforms of Podcasting: Past and Present. **Social Media + Society**, Volume 5, Issue 4, out.-dez. 2019.

SYMONDS, Alexandria. How 'The Daily' Comes Together, One Year In. **The New York Times**, New York, EUA, 30 jan. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/01/30/insider/the-daily-michael-barbaro-podcast.html>. Acesso em: 19 dez. 2021.

THE NEW YORK TIMES. The New York Times Is Building a New Audio Product. **The New York Times**, 12 out. 2021. Disponível em: <https://www.nytc.com/press/the-new-york-times-is-building-a-new-audio-product>. Acesso em 23 dez. 2021.

THIS AMERICAN LIFE. Our Other Shows. 2021. Disponível em: <https://www.thisamericanlife.org/about/our-other-shows>. Acesso em: 3 dez. 2021.

THIS AMERICAN LIFE. Overview. 2021. Disponível em: <https://www.thisamericanlife.org/about>. Acesso em: 2 dez. 2021.

VIANA, Luana. Desafios metodológicos em pesquisas de rádio e mídia sonora: a análise crítica da narrativa em podcasts como abordagem emergente. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2022.

VIANA, Luana. Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 3, dez./mar. 2020.

VICENTE, Eduardo; SOARES, Rosana de Lima. *Radio Ambulante* e a tradição do podcast narrativo no radiojornalismo norte-americano. **Estudos em Jornalismo e Mídia v. 18 n. 1 (2021): Narrativas jornalísticas, testemunhos e subjetividades**, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/77031/46850>. Acesso em 1º dez. 2021.

VILLELA, Sumaia. Cem anos do rádio no Brasil: as transformações do radiojornalismo. **Agência Brasil**, Brasília, 17 ago. 2022. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-08/cem-anos-do-radio-no-brasil-transformacoes-do-radiojornalismo>. Acesso em: 2 set. 2022.

VIZEU, Rodrigo. O ano do podcast na Folha. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 dez. 2019. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2019/12/o-ano-do-podcast-na-folha.shtml>.

Acesso em: 21 jan. 2022.

WEINER, Matthew. The assurance view of testimony. Papers by Matthew Weiner (site pessoal). 2003. Disponível em:

http://mattweiner.net/papers/weiner_assurance_view.pdf. Acesso em: 26 out 2022.

WEINSTEIN, Barbara. The Color of Modernity - São Paulo and the Making of Race and Nation in Brazil. Duke University Press. Durham and London, 2015.

ZUCOLOTO, Valci Regina Mousquer. Raízes e transformações no modelo de notícias para o rádio. *In*: MOREIRA, Sonia Virgínia. (Org.). **70 Anos de radiojornalismo no Brasil 1941-2011**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

ZUCULOTO, Valci; LOPEZ, Debora; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Para além das efemérides, um convite a pensar o rádio. **Estudos em Jornalismo e Mídia** - Vol. 17 Nº 2, 2020.

ANEXOS

Anexo A - Transcrição *The Daily: The Inauguration of Joe Biden*

Emily Cochrane

Good morning. I'm Emily Cochrane. I'm a congressional reporter for The Times. It is about 8:00 AM on January 20th, and I am walking to Capitol Hill to help cover the inauguration of Joe Biden as the 46th president.

[Interposing Voices]

Emily Cochrane

Yep.

Speaker

Thank you. Have a good day.

Emily Cochrane

You too. Thank you, sir. The first checkpoint. This was always going to be an unusual inauguration, different from any other and more limited than any other because of the pandemic, but the breach of the Capitol on January 6th has transformed this even further.

Thank you, sir.

Speaker

All right. Where you headed to?

Emily Cochrane

Headed to the Capitol, sir.

Speaker

Can I see your Inaugural badge? Can I see your face, too?

OK. Thank you.

[Interposing Voices]

Emily Cochrane

I will be inside the Capitol today, hence the various checkpoints that I am now going through. At this point, I lost track of how many police, secret service, guardsmen and women that I've walked by. They're all very nice, but it— to have such a militarized presence is still jarring, is still very jarring.

It's about 9:10.

Inside, it feels more normal. There's a lot more hustle and bustle, with all kinds of people waiting to get through security, saying hello to people, members greeting each other, saying good morning.

This building and its inhabitants still have some scars from two weeks ago, but it is remarkable how so many unseen people took the aftermath of a mob and made the building beautiful again. It's a level of strange normalcy, even though things very much are not.

Michael Barbaro

From The New York Times, I'm Michael Barbaro. This is The Daily. Today:

[Music]

Watching on TV, it did look relatively normal.

Speaker

Ladies and gentlemen, welcome to the 59th Inaugural Ceremonies.

Michael Barbaro

On the steps of the Capitol—

Speaker

The 2021 Inaugural theme— “Our Determined Democracy— Forging a More Perfect Union.”

Michael Barbaro

—surrounded by members of Congress, Supreme Court justices, former presidents, but no crowd—

Archived Recording (Sonia Sotomayor)

Please raise your right hand and repeat after me.

Michael Barbaro

—Kamala Harris was sworn in as Vice President

Archived Recording (Kamala Harris)

I, Kamala Devi Harris, do solemnly swear—

Archived Recording (Sonia Sotomayor)

—that I will support and defend the Constitution of the United States—

Archived Recording (Kamala Harris)

—that I will support and defend the Constitution of the United States

Archived Recording (Sonia Sotomayor)

—against all—

Michael Barbaro

—making history as the first African-American, Asian-American, and woman to hold that office.

Archived Recording (Sonia Sotomayor)

—that I will well and faithfully discharge—

Archived Recording (Kamala Harris)

—that I will well and faithfully discharge—

Archived Recording (Sonia Sotomayor)

—the duties of the office on which I am about to enter—

Archived Recording (Kamala Harris)

—the duties of the office upon which I am about to enter—

Archived Recording (Sonia Sotomayor)

—so help me God.

Archived Recording (Kamala Harris)

—so help me God.

Speaker

All right.

[Spectators Cheering]

Michael Barbaro

Then—

[Music]

—came the swearing in of President Joe Biden—

Archived Recording (John Roberts)

Please raise your right hand and repeat after me. I, Joseph Robinette Biden Jr., do solemnly swear—

Archived Recording (Joe Biden)

I, Joseph Robinette Biden Jr., do solemnly swear—

Archived Recording (John Roberts)

—that I will faithfully execute—

Archived Recording (Joe Biden)

—that I will faithfully execute—

Archived Recording (John Roberts)

—the Office of President of the United States—

Archived Recording (Joe Biden)

—Office of President of the United States—

Archived Recording (John Roberts)

—and will—

Michael Barbaro

—who spoke to a nation divided as never before.

Archived Recording (John Roberts)

—and defend—

Archived Recording (Joe Biden)

—preserve, protect, and defend—

Archived Recording (John Roberts)

—the Constitution of the United States—

Archived Recording (Joe Biden)

—the Constitution of the United States—

Archived Recording (John Roberts)

—so help you God?

Archived Recording (Joe Biden)

—so help me God.

Archived Recording (John Roberts)

Congratulations, Mr. President.

[Spectators Cheering]

Michael Barbaro

My colleague, Astead Herndon, was watching and analyzing the inaugural address.

[Music - "Hail To The Chief"]

[Spectators Applauding]

It's Thursday, January 21st.

[Spectators Cheering]

[Spectators Applauding]

Astead, describe this inaugural speech for us.

Archived Recording (Joe Biden)

Chief Justice Roberts, Vice President Harris—

Astead Herndon

So he starts the speech.

Archived Recording (Joe Biden)

—my distinguished guests, my fellow Americans, this is America’s day. This is democracy’s day.

Astead Herndon

—and immediately begins framing this as a victory for democracy—

Archived Recording (Joe Biden)

The people, the will of the people has been heard, and the will of the people has been heeded.

Astead Herndon

—that, in the time of test and the time of challenges, that his ascension and the affirmation of the will of the people is a moment that is worth celebrating, particularly in the same place that was almost overrun by a mob just weeks ago.

Archived Recording (Joe Biden)

Few people in our nation’s history have been more challenged or found a time more challenging or difficult than the time we’re in now. Once-in-a-century virus that silently stalks the country that’s taken as many lives in one year as America lost in all of World War II. Millions of jobs have been lost. Hundreds of thousands of businesses closed. A cry for racial justice some 400 years in the making moves us. The dream of justice for all will be deferred no longer.

Astead Herndon

Joe Biden has, particularly since in his last presidential run, positioned himself as opposed to the rising forces of political extremism, white supremacy, and domestic terrorism, and those are things he calls out at the start of this speech.

Archived Recording (Joe Biden)

A rise of political extremism, white supremacy, domestic terrorism that we must confront and we will defeat.

Astead Herndon

He says, his core campaign message, that to overcome those challenges, you have to restore the soul of the country.

Archived Recording (Joe Biden)

—requires so much more than words. It requires the most elusive of all things in a democracy—

Astead Herndon

And he says you do that through unity.

Archived Recording (Joe Biden)

—unity. Unity.

Michael Barbaro

Right, and unity is the byword of this speech. I think he used that word 10 or 11 times.

[Spectators Applauding]

Archived Recording (Joe Biden)
—uniting to fight the foes we face.

Michael Barbaro

It was an unmistakable effort to call on something that this country does not possess at the moment, which is a unified vision of itself.

Astead Herndon

Mm-hmm.

Archived Recording (Joe Biden)

With unity, we can do great things, important things.

Michael Barbaro

It's an interesting moment around this point in the speech, Astead, where Joe Biden seems to acknowledge the elephant in the room, which is that, to speak of unity in this moment after what the country just went through since the election on Capitol Hill two weeks ago, is to risk sounding foolish, Pollyannish, out of touch.

Archived Recording (Joe Biden)

I know speaking of unity can sound to some like a foolish fantasy these days. I know the forces that divide us are deep, and they are real.

Astead Herndon

I think that really is an acknowledgment of the criticism that he's had at this point for years, which is that his worldview, his political vision, does not really match the reality of where Republicans are and where the country is. And what he's saying in this moment is that I hear you, I know that.

Archived Recording (Joe Biden)

But I also know they are not new. Our history has been a constant struggle between the American ideal that we all are created equal and the harsh, ugly reality that racism, nativism, fear, demonization have long torn us apart.

Astead Herndon

But I'm still holding steadfast to this belief that, through leading from the presidency, that he can kind of rest the country back to his will, restore the America of Joe Biden's mind, even though we know that has not been a reality, particularly over the last four years.

Archived Recording (Joe Biden)

Through struggle of sacrifice and setbacks, our better angels have always prevailed.

Michael Barbaro

Right. There's a real sense in the speech that he can kind of will it into being somehow.

Archived Recording (Joe Biden)

History, faith, and reason show the way, the way of unity. We can see each other not as adversaries but as neighbors. We can treat each other with dignity and respect. We can join forces, stop the shouting and lower the temperature.

Astead Herndon

I always think back to a eulogy that Joe Biden gave for Strom Thurmond, where he talks about I choose to believe the best about this man.

Michael Barbaro

The segregationist senator.

Astead Herndon

Exactly. And it is that same active choice, that same optimism that Joe Biden chooses to believe about America that, in this moment, even when his political vision looks out of touch, he is choosing to believe in the country that will rise to the occasion and will come together even in the face of division.

[Spectators Applauding]

Archived Recording (Joe Biden)

My fellow Americans, we have to be different than this. America has to be better than this, and I believe America is so much better than this. Just look around. Here we stand in the shadow of the Capitol dome, as was mentioned earlier, completed amid the Civil War when the Union itself was literally hanging in the balance. Yet we endured. We prevailed.

Michael Barbaro

So in this speech, how does Biden talk about achieving unity beyond talking about unity?

Astead Herndon

He basically presents Americans with a challenge to be better to one another, and it is a belief that we will all, through individual actions and through kind of rising to his challenge, choose to be better as a country.

Archived Recording (Joe Biden)

Let's begin to listen to one another again, hear one another, see one another, show respect to one another.

Astead Herndon

And his kind of ending point here is that without unity, there is no peace.

Archived Recording (Joe Biden)

There is no peace, only bitterness and fury. No progress, only exhausting outrage. No nation, only a state of chaos.

Astead Herndon

I think that that is evoking some of the emotion and images we saw in the last month that, through a kind of historic assault on our democracy that was based in that bitterness, he's saying let's choose a different path.

Michael Barbaro

Mm-hmm.

Astead Herndon

And that to do so, we all have to choose to be better to one another.

Archived Recording (Joe Biden)

We must end this uncivil war that pits red against blue, rural versus urban— or rural versus urban, conservative versus liberal. We can do this if we open our souls instead of hardening our hearts, if we show a little tolerance and humility, and if we're willing to stand in the other person's shoes, as my mom would say, just for a moment, stand in their shoes.

Michael Barbaro

It feels like this was not so much an inauguration speech as a kind of sermon, right, a sermon to an angry and divided country. There's not a single reference to a policy in this speech, right? It's not about an agenda. It is a kind of wartime message to a profoundly polarized America.

Astead Herndon

You know, I thought that, also. I got flashbacks to my father who is a pastor and can sometimes copy and paste some of the portions of the speech.

Michael Barbaro

[LAUGHS]

Astead Herndon

I mean, you really have someone who, to be honest, did not run that clearly on policy, obviously had them, could have reference them. But why Joe Biden is the president today is because Americans, enough Americans, really believed that the priority for this moment was not policy, was not a kind of rethinking of American's institutions, but a kind of ridding of Trump and Trumpism with the exact opposite. And what he is pitching here and who Joe Biden is has been a kind of sermonesque, pastoresque speaker, who is someone who would talk about these things and comfort a nation in times of conflict. And I think this is the biggest moment yet. From the virus, from racial inequity, from an assault on democracy, he is going back to that toolbox to say, it might seem even more bleak right now, but the same things that got us out previously will get us out again.

[Music]

Archived Recording (Joe Biden)

Together, we shall write an American story of hope not fear, of unity not division, of light not darkness, a story of decency and dignity, love and healing, greatness and goodness. May this be the story that guides us, the story that inspires us, and the story that tells ages yet to come that we answered the call of history. We met the moment. Democracy and hope, truth, and justice did not die on our watch but thrive.

Michael Barbaro

We'll be right back.

Astead, we've been talking about the content of this speech. I also want to talk about what was not in this speech, because what was not in the speech feels important. For example, Joe Biden describes what must be overcome to create unity. And you just describe some of it— lies, violence, darkness, racism, extremism, white supremacy. But Joe Biden does not, in this inaugural speech, identify who spoke those lies or who harbored those forms of hate or perpetrated those acts of violence. He names problems but does not name actors. Why do you think that was?

Astead Herndon

It is a hint to how he defines unity. Unity can come through accountability, can come through justice, but those are steps that have concrete actions attached to it. We have not heard, really, that from Joe Biden.

Michael Barbaro

Hm.

Astead Herndon

What we have largely heard is a sense of personal absolution, a sense of personal growth, that is a moral mission but does not necessarily kind of corral the country in a kind of movementesque way. And I don't think that that is surprising.

Michael Barbaro

Why do you think he chose not to do that, and what does it tell us?

Astead Herndon

I think that this is an attempt to turn the page. He does not speak Trump's name. He does not talk specifically about some of the biggest grievances of the Trump era, but he is trying to kick off a new one that is defined by the values he holds dear. So it is an attempt by Joe Biden to move on and to set a new tone without the dealing with the root causes that allow that to fester.

Michael Barbaro

Mm-hmm.

Astead Herndon

That is going to be the big challenge from him is, can you tackle those big goals like racism, extremism, misinformation, and the like without a real comfort in making people uncomfortable. Right?

Michael Barbaro

Mm-hmm.

Astead Herndon

Can you deal with kind of the nation's original sin and original challenges without, frankly, making a few people mad, and which one of those goals will really be the governing priority for him going forward? Will it be that sense of civility and unity and lowering the temperature, or will it be other things that he has promised like justice, equality, and really leaning in to making the American promise apply to all? How he

can square those two things is not only something that folks will be skeptical about but something that might make people doubt his commitment to one or the other.

Michael Barbaro

Right. Which brings us to the question of what unity really means and looks like to Joe Biden, because he doesn't really define it in the speech.

Astead Herndon

Think about the ideology that was expressed by the people who stormed the Capitol, the explicit rejection of democracy, the open embrace of bigotry, the real comfort with violence not only against police officers and lawmakers, the real sense that the communities that elected Joe Biden were not equal partners in democracy. What does unity look like with those communities? What does unity look like with lawmakers who will not denounce them?

Michael Barbaro

Mm-hmm.

Astead Herndon

How does Joe Biden move forward in terms of kind of creating this lower temperature that he talks about when the core tenets of what made something like this month's attack possible are opposed to America's founding principles?

Michael Barbaro

Mm-hmm.

Astead Herndon

So, I mean, it is, in one hand, a clear political message, one that speaks to America's desire to see itself in the best possible light, but it is, in another, a real flattening of our challenges and a real downplaying of the forces that have led to this moment. And so Joe Biden has achieved his first goal, which is to defeat Donald Trump. If Joe Biden is going to achieve goals two and three and four, which were all about, you know, the kind of big isms and attacking those things, it might require abandoning that same rhetoric of unity and healing that got him to that point.

Michael Barbaro

Something we suspect he would do very reluctantly, given his nature, given his history.

Astead Herndon

Yeah. You know, in his speech, he says, if we show a little tolerance and humility and if we're willing to stand in the other person's shoes, who is he talking about? Is he talking about standing in the shoes of folks who do not accept the right of certain people to participate in this democracy, who, you know, stormed the capital in the name of Insurrection? Or is he charging them with coming towards the kind of basic and core Democratic principles? And so the question I have is, does the unity that Joe Biden seeks, is that with the folks who are attacking democracy, or is he seeking to unite the rest of the country against those people?

Michael Barbaro

Mm-hmm.

Astead Herndon

And I think that speaks to how big do you think the challenges that Trump exposed are? How big do you think the scenes that we saw at the Capitol building and the attempts by members of Congress to challenge the election results, how really core of a threat do you think that is to our democratic society?

Michael Barbaro

Mm-hmm.

Astead Herndon

If you think that that is an existential threat, that is the challenge of our time, that that is a rallying point for people to stand up, then that requires a very specific and targeted effort to combat it.

Michael Barbaro

Right.

Astead Herndon

But if you think it is a blip in the road, if you think that it was Trump specific, if you think that it will go away as Republicans have an epiphany, as Joe Biden has called it, six months down the line, then what this is him turning the page to allow that to happen, that when he sets the tone, when he speaks in new words, when he kind of charges Americans to be better that that will be followed. There is a lot of reason to be skeptical of that vision, but it is undeniable that that is what Joe Biden believes, and that is what Joe Biden is charging the rest of us to believe.

Michael Barbaro

Astead, thank you very much. We appreciate it.

Astead Herndon

Thank you.

[MUSIC]

Emily Cochrane

It's just after 6:00, and I'm sitting in the Rotunda on Capitol Hill.

Staff is already taking down the lighting, the camera equipment, all of the things that had been temporarily set up here for inauguration. The Rotunda is my favorite place in this building, like it is for a lot of people. Not only does it physically represent a lot of our history and our democracy with its massive paintings and statues and beautiful artwork, but there's something about sitting here when no one else is around, when it's really late because you're waiting for a vote or you're staking out a meeting or really early because you got there before a hearing, there's something really special about being here and being in awe of the place and what the place represents and to think about one more moment in history that's just been jammed into a really stunning two weeks in this building. I'm looking at the door that President Biden and Vice President Harris walked through earlier today. There's a pain in the door that's

still broken from January 6th. You can see the spider cracks in the glass from where I am across the room.

I think I'm still processing how the images of President Biden and Vice President Harris taking office will be juxtaposed with what I saw on January 6th.

Sort of lining the mental images side by side.

But even though there's a really long way to go, that window pane is still shattered, there's so much to dissect about what happened.

There's still an impeachment trial. There's still a power-sharing agreement that needs to be reached in the Senate and the division that still persists, but today was peaceful, and I'm grateful for that.

Michael Barbaro

We'll be right back.

[Music]

Michael Barbaro

Here's what else you need to know today. Following the inauguration, President Biden signed a series of executive orders on everything from the pandemic to climate change, before making his final public appearance of the day with first lady Dr. Jill Biden on a White House balcony. And—

Archived Recording (Kamala Harris)

The chair lays before the Senate two certificates of election for the state of Georgia and a certificate of appointment to fill the vacancy created by the resignation of former Senator Kamala Harris of California.

[Laughs]

[Spectators Applauding]

Michael Barbaro

Democrats formally claimed control of the Senate on Wednesday—

Archived Recording (Kamala Harris)

Yeah, that was very weird. OK.

[Laughs]

Michael Barbaro

—when Vice President Harris, in her role as President of the Senate, swore in three new Democrats— Raphael Warnock and John Ossoff of Georgia, and Alex Padilla, who was appointed to fill Harris's seat from California.

Archived Recording (Kamala Harris)

Congratulations.

[Spectators Applauding]

Michael Barbaro

Not long after, the Senate overwhelmingly confirmed President Biden's choice for Director of National Intelligence, Avril Haines.

Archived Recording

On this vote, the yeas are 84, the nays are 10. The nomination is confirmed.

Michael Barbaro

Today's episode was produced by Rachel Quester, Michael Simon Johnson, and Asthaa Chaturvedi with help from Eric Krupke. It was edited by Lisa Tobin and Paige Cowett and engineered by Chris Wood.

That's it for The Daily. I'm Michael Barbaro. See you tomorrow.

Anexo B - Transcrição Bolsonaro e a anatomia do golpe

Arquivo (Bolsonaro)

Os que me acusam de não apresentar provas eu devolvo a acusação: apresente provas que ele não é fraudável.

Renata

Um truque, claro. Usado porque Jair Bolsonaro nunca teve prova nenhuma. Mas ajuda não lhe falta. Como numa de suas transmissões semanais em julho do ano passado.

Arquivo (noticiário não identificado)

O coronel da reserva do exército Eduardo Gomes, então assessor especial da Casa Civil, foi quem repassou ao presidente informações para atacar as urnas eletrônicas e participou também da live ao lado dele. O coronel admitiu em depoimento que os dados não passaram por uma análise e foram retirados apenas da internet.

Renata

Mesmo assim, pouco tempo depois a autoridade eleitoral chamou os militares a participarem de uma comissão de transparência.

Arquivo (ministro do STF Luís Roberto Barroso)

E a gente presume que vá ser uma colaboração de boa fé e não um exercício de inteligência pra colher informações e nos atacarem. Eu estou presumindo que as Forças Armadas estão aqui para ajudar a democracia brasileira e não para municiar um presidente que quer atacá-la.

Renata

Mas era exatamente disso que se tratava.

Arquivo (Bolsonaro)

Eles convidaram as Forças Armadas a participar do processo. Será que ele se esqueceu que o chefe supremo das Forças Armadas chama-se Jair Messias Bolsonaro? Acho que eles se esqueceram disso.

Renata

Enquanto isso, alguns generais parecem ter se esquecido do óbvio: em eleições democráticas, o único papel das Forças Armadas é fornecer, quando necessário, apoio logístico à votação.

Arquivo

O ministro Luiz Eduardo Ramos, da Secretaria Geral da Presidência, escreveu numa rede social: "defender a soberania nacional é dever das Forças Armadas. Eleições democráticas e transparentes fazem de nós uma país soberano. Por isso, nossas Forças Armadas estarão sempre vigilantes pelo bem do nosso povo, do nosso Brasil".

Arquivo

O ministro da Defesa, general Paulo Sérgio Nogueira, pediu no fim de abril ao presidente do TSE, ministro Edson Fachin, pra que demandas da comissão de transparência das eleições sejam encaminhadas pra ele.

Renata

Dia a dia, o presidente candidato avança para dilapidar a lisura do sistema.

Arquivo (Bolsonaro)

A gente espera que os próximos dias o nosso Tribunal Superior Eleitoral dê uma resposta às sugestões das Forças Armadas. Porque eles nos convidaram e nós aceitamos, não se fala ali em voto impresso. Não precisamos de voto impresso pra garantir a lisura das eleições. Mas precisamos de ter uma maneira e ali nessas nove sugestões existem essa maneira, pra gente confiar nas eleições.

Renata

As respostas vieram.

Arquivo

No fim de abril, uma comissão criada pelo Tribunal, pra dar ainda mais transparência e segurança ao processo eleitoral, aprovou um plano com dez medidas que foram apresentadas por especialistas, instituições da sociedade civil e Forças Armadas. Mas depois que terminou o prazo pras sugestões e observações, as Forças Armadas apresentaram mais sete e foram a estas que o TSE respondeu hoje.

Renata

Evidenciando que, além de tudo, os militares pouco entendem do processo que estão tentando desvirtuar.

Arquivo

No documento, o Tribunal diz que foi por sugestão da Polícia Federal que passou a centralizar os equipamentos que totalizam os votos em Brasília. E negou a existência de uma suposta 'sala escura de apuração', que foi o termo usado pelo

presidente Jair Bolsonaro quando propôs que as Forças Armadas fizessem uma contabilização paralela dos votos.

Arquivo

Só cabe à Justiça Eleitoral, apenas à Justiça Eleitoral comandar o processo da eleição. As Forças Armadas tão tentando se colocar num papel de tutelar o nosso sistema eleitoral. Não é função dela, então o ministro Edson Fachin ontem deu um basta, falou 'olha..

Renata

O estrago já feito é enorme.

Arquivo (Bolsonaro)

As Forças Armadas não vão fazer o papel de cancelar apenas o processo eleitoral...

[trilha transiciona para música-tema]

Renata

Da redação do g1, eu sou Renata Lo Prete e o assunto hoje é a anatomia do golpe preparado por Jair Bolsonaro. Como as Forças Armadas se imiscuíram em funções que não lhes cabem e passaram a agir como o poder que não são amparando a farsa do presidente contra as eleições. Meu convidado para este episódio é o jornalista Carlos Andreazza, colunista do jornal O Globo e apresentador da rádio CBN. Quarta-feira, 11 de maio.

Renata

Andreazza, vem de longe a campanha de Jair Bolsonaro e de militares no entorno dele pra minar a credibilidade do nosso sistema eleitoral. Onde é que você situa o ovo dessa serpente?

Andreazza

Essa cama começa a ser preparada quando surge aquela leitura pervertida do... artigo 142 da Constituição, do artigo cento e quarenta e dois. Uma leitura de que o presidente fala, talvez tenha sido o principal momento de apresentação, de circulação dela, inicial, digamos assim, naquela reunião de 22 de abril de 2020, a pandemia já entre nós, aquela reunião ministerial que se tornou pública depois de uma decisão do Celso de Mello.

Arquivo (Bolsonaro)

Artigo 142: nós queremos cumprir o artigo 142, todo mundo quer cumprir o artigo 142: em havendo necessidade, qualquer dos poderes pode, né, pedir às Forças Armadas, né, que intervenha pra restabelecer a ordem no Brasil naquele local, sem problema nenhum.

Andreazza

Essa leitura, essa interpretação do artigo 142, pra mim, é o momento em que essa cama começa a ser feita, porque essa interpretação, que foi muito difundida ou legitimada pelo Ives Gandra Martins, essa interpretação foi abraçada, incorporada pelas Forças Armadas e, a rigor, transforma as Forças num poder da República

acima dos demais. Uma espécie de Poder Moderador, o que não existe na nossa Constituição há muito tempo. Nas manifestações, Renata, a mais importante delas, a primeira delas, pró-governo Bolsonaro, e contra as instituições.

Arquivo

As faixas deixavam claro: o protesto atentava contra dois pilares da democracia, o Supremo Tribunal Federal e o Congresso Nacional. Os manifestantes também pediram intervenção militar com Bolsonaro. O que é considerado apologia contra a democracia e, portanto, ilegal e inconstitucional.

Andreazza

Essa é a aplicação material, né, sonhada, do artigo 142. Na manifestação do dia 26 de maio de 2019, portanto, ao fim do quinto mês do governo Bolsonaro, houve uma manifestação contra o Congresso Federal em que essa versão de golpe, de intervenção militar, poder moderador, para dar sustentação ao presidente eleito pela... a noção populista, né, autocrática, eleito portanto nenhum poder pode interferir ou tutelar o desejo dessa maioria. Então, isso vem... isso vem de longe, né. Não foi surpresa pra ninguém.

Renata

É importante a gente frisar, você acabou de fazer isso, que essa é uma interpretação doente e eu tô tomando emprestada a boa expressão que você usou na tua coluna no jornal O Globo, do artigo 142, que me faz lembrar que nós já trouxemos aqui n'O Assunto o jurista Oscar Vilhena que deixou bem claro que as Forças Armadas não são um poder, pra começo de conversa.

Arquivo do próprio O Assunto

O artigo 142, quando diz que as Forças Armadas são subordinadas ao presidente da República e esse, por sua vez, tá subordinado à Constituição, né. Tanto que o emprego das Forças Armadas, numa situação de guerra, numa situação de estado de emergência, estado de defesa, ela tem que tá sempre autorizada pelo parlamento. E elas só podem agir quando provocadas pelos demais poderes, de acordo com um rigoroso procedimento estabelecido pela Constituição.

Renata

Agora, você também escreveu que mais do que se considerarem equivocadamente um poder, representantes das Forças Armadas estão agindo como tal. De que maneira isso vem acontecendo, Andreazza? Porque me parece que não é só na seara eleitoral.

Andreazza

Não, não é só na seara eleitoral, se nós pensarmos na história, por exemplo, da pandemia e a passagem de Eduardo Pazuello no Ministério da Saúde. Não há muita diferença sobre a extensão da mordida das Forças Armadas se considerando um poder quando legitimaram que um general seu subisse num palanque e fizesse atividade política sem ser punido.

Arquivo

A presença do ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello, um general da ativa, numa manifestação política ao lado de Bolsonaro aumentou a pressão.

Arquivo

O regulamento disciplinar do exército, né, ele no seu anexo 1 ele tem uma série de transgressões, entre elas pode ser enquadrada aí essa presença do general Pazuello nessa manifestação, né. Uma manifestação de cunho político.

Arquivo

O exército brasileiro não vai punir o ex-ministro da Saúde, general Eduardo Pazuello, por participar de ato político com o presidente Bolsonaro.

Andreazza

Mas o fato é que houve um erro grave, a meu ver, institucional de tribunal superior, especificamente do TSE, ao convidar os militares -- e o tribunal fez isso com boa fé, fez isso em busca talvez até de um antídoto para a campanha difamatória de Jair Bolsonaro. O problema, Renata, é que já havia todos os indícios de que os militares, em vez de cancelarem o rito democrático, operariam pra difundir ou pra fundamentar a desinformação e a descrença sobre o sistema eleitoral. O Tribunal Superior Eleitoral abriu as portas, por meio de uma comissão de transparência, pra que os militares fossem legitimados como um poder. Eles se sentem um poder projetando essa possível intervenção, mas eles só conseguem operar como um poder e... mesmo se colocando no lugar daqueles que vão avaliar a legitimidade do nosso processo eleitoral quando são admitidos dentro do Tribunal Superior Eleitoral naquela comissão. Aquilo pra mim foi um erro muito grave e os efeitos são irreversíveis.

Renata

Então, vamo falar dos efeitos: recentemente, o atual ministro da Defesa, o general Paulo Sérgio Nogueira, pediu ao presidente do TSE, o ministro Edson Fachin, que as demandas da comissão de transparência sejam encaminhadas diretamente a ele, ministro, e não mais àquele general Portela que estava atuando nessa função, como você disse, a convite do próprio TSE. Que significado você enxergou nesse movimento do ministro da Defesa, Andreazza?

Andreazza

É uma questão política, explicitamente política. Tem a ver com a disputa de poder interno nas Forças Armadas. O Heber Portella, o general, foi indicado e infiltrado pelo antigo ministro da Defesa, Braga Neto.

Renata

Explica, Andreazza, por favor, o teu uso da palavra infiltrado, porque isso me parece importante. Porque hoje tá claro que o general não estava lá pra buscar informação e sim pra buscar desinformação, certo?

Andreazza

Isso, exatamente. Na verdade, não era o que o Tribunal Superior Eleitoral gostaria. Eles queriam outra figura, mais capacitada tecnicamente mais preparada, o ministro da Defesa, naquela ocasião, Braga Neto, hoje candidato a vice, né, na chapa... na projetada chapa--

Renata

Importante lembrar.

Andreazza

--de Jair Bolsonaro, quem diz que seria Heber Portella e que foi colocado lá pra cumprir uma missão. A missão é muito óbvia: levantar questões que têm vício de origem. Questões que são diabólicas, questões que embutem o pressuposto de que o sistema, que a Justiça Eleitoral é desonesta. Que há fraude ali correndo solta.

Arquivo

Sempre importante lembrar que as Forças Armadas são sempre tragadas, né, pra dentro dessas discussões, sempre importante lembrar que as Forças Armadas elas não têm o poder de... elas não são um poder. Elas não são, de forma alguma, um poder revisor, um poder ga-- não são. Elas não estão no mesmo patamar do Supremo Tribunal Federal pra discutir com o Supremo Tribunal Federa. As Forças Armadas são burocracia do estado, burocracia do estado obedece, não manda. Burocracia do estado não dá palpite. Burocracia do estado segue as diretrizes que forem colocadas pelos três poderes, dos quais as Forças Armadas não fazem parte, e as Forças Armadas obedecem dentro dos limites estabelecidos pela lei. Então, as Forças Armadas elas não têm que ser ouvidas nesse processo.

Andreazza

Não importa quais sejam e como sejam apresentadas as repostas pelo Tribunal Superior Eleitoral. A ideia era, desde dentro, dizendo, 'olha, eu estou aqui dentro, estou vendo as coisas, faço essas perguntas porque estou vendo que há problemas'. As respostas não importam, daí, porque é infiltração (?). Vem o novo ministro da Defesa, o general Paulo Sérgio, e tira Hber Portella que a rigor já cumpriu a sua missão e que era -- e por que é infiltração: vem o novo ministro da Defesa, o general Paulo Sérgio, e tira Heber Portella que a rigor já cumpriu a sua missão e que era (14min06) indicado por Braga Neto, alguém que até se pretendia especialista, com alguma informação em tecnologia. Agora, não. Agora, a questão com essa determinação de centralizar no general Paulo Sérgio vira política porque ele está dizendo o seguinte: não há mais nada aqui de pretensão técnica. Nós somos as Forças Armadas, nós fomos convidados, nós somos zelosos -- o presidente falou isso -- nós somos zelosos das nossas competências e somos, temos o status de poder da República pra chancelar ou não esse processo, esse é o lugar que eu vou exercer agora, independentemente de qualquer coisa, eu acho que a centralização vem daí, Renata.

Renata

Nessa farsa, um dos capítulos mais recentes foi protagonizado pelo próprio Bolsonaro ao dizer que o partido dele, o PL, vai contratar uma empresa pra auditar as urnas, o que, diga-se de passagem, qualquer partido pode fazer pela lei. Na ocasião, o Bolsonaro disse que as Forças Armadas não vão fazer o papel de apenas chancelar o processo eleitoral, pra usar uma expressão que você usou há pouco. O que ele queria dizer com isso, Andreazza?

Andreazza

Pois é, essa ideia da auditoria, que qualquer um pode fazer, é uma daquelas bravatas de Jair Bolsonaro que ele soltou na live, na... última live dele, sem que

tivesse combinado com o presidente do seu partido. Todo mundo foi pego de surpresa.

Arquivo

Eu deixo claro, adianto pro TSE: essa auditoria não vai ser feita após as eleições, uma vez ela contratada, a empresa já começa a trabalhar. Pode, em poucas semanas de trabalho, essa empresa que faz auditoria no mundo todo, empresa de ponta, ela pode chegar à conclusão que: presta atenção, ela pode falar que é impossível auditar. E não aceitar fazer o trabalho. Olha a que ponto nós vamos chegar.

Andreazza

Não acredito que essa auditoria saia. O que importa nessa fala do presidente da República é que qualquer que seja a auditoria feita por mim ou pelo PL, maior ou menor, antes ou depois, qualquer que seja o processo, estará submetido obrigatoriamente ao juízo, à supervisão das Forças Armadas como poder moderador. Esse que me parece o centro da questão e responde a essa fala do presidente, segundo a qual as Forças Armadas não vão fazer o papel chanceler apenas o processo eleitoral. Foram convidadas pra isso, aliás, nessa mesma live ele fala isso, ele fala 'as Forças Armadas não estão se metendo no processo eleitoral, elas foram convidadas'. E foram mesmo. A partir desse convite, pra usar a palavra da moda, elas se empoderaram. Aquela ideia de poder interventor a partir do artigo 142 ganha materialidade. E se arma essa tocaia.

[trilha]

Andreazza

A tese da fraude estará provada. Essa é a crise que nós contratamos, com golpe ou sem golpe, eu acho que o golpe está acontecendo agora e passa por essa dissolução de crença no nosso sistema, na nossa República. Renata, não é à toa -- isso é uma coisa que eu acho relevante -- não é à toa que o presidente ataca o nosso sistema eleitoral e o nosso programa nacional de vacinação. São dois pilares de sucesso, de concretude, de exercício mesmo da República. A gente fala muito do Bolsonaro antidemocrático, mas a... o ataque à democracia deriva do enfraquecimento da República. O nosso programa de vacinação que vacina a todos igualmente, o nosso sistema eleitoral que oferece pra todo mundo as mesmas condições de exercer a cidadania, são materializações, sucessos da República. Ele não ataca isso à toa. O golpe, fundamental, não precisa de tanque na rua. É o golpe que vai transformando essa República em algo do que se desconfiar. Então, esse é o elemento pra que atuam também as forças armadas.

Renata

Espera um instante que eu já volto pra retomar a conversa com o Carlos Andreazza

[anúncio]

Renata

Se a tocaia já está armada, como você diz, e ela está, claramente, a pergunta que muita gente se faz nesse momento é como desarmá-la, como sair dessa. O TSE deu um passo recente ao publicar os últimos questionamentos e as respostas aos

últimos questionamentos de representantes das Forças Armadas. Essas respostas deixam claro, pra começo de conversa, Andreazza, que falta inclusive o conhecimento técnico a que você se refere. Eles estão falando sobre algo do que eles não entendem. Isso basta pra desarmar a tocaia, como é que você vê esse gesto do TSE, o que precisaria ser feito agora?

Andreazza

A movimentação do TSE é correta e as respostas foram muito boas. Agora, não consegue e não conseguiria desmobilizar o efeito, porque, como eu disse, independe das respostas para a base social que Jair Bolsonaro quer alcançar, pra aqueles a quem quer comunicar, o estrago antirrepublicando já foi feito independentemente de qualquer coisa que o TSE possa fazer. A partir do erro e havia todas as condições prévias pra que esse erro fosse evitado, tava evidente que havia má intenção, esse sendo o principal problema, muito maior que a falta de despreparo, muito maior que o fato de não serem autoridades em matéria eleitoral, havia a má fé das Forças Armadas num claro gesto de se infiltrar a partir do convite. Então, agora, a reversão disso me parece muito improvável, o estrago já tá feito. Agora se fala 'vamos acabar com a comissão de transparência'. Agora ela já tá acabada, ela já cumpriu a sua missão. Eu acho que nós vamos pra eleição com o sistema eleitoral desacreditado por algo como um terço da população brasileira e isso é muito grave.

Arquivo

O presidente do TSE Edson Fachin disse que não vai aceitar intervenção das Forças Armadas nas eleições. Isso foi uma resposta clara ao presidente Bolsonaro que voltou a atacar o sistema eleitoral e chegou a sugerir que os militares fossem responsáveis por uma contagem paralela dos votos.

Arquivo

Consórcios de entidades, os partidos políticos e qualquer entidade fiscalizadora poderá fazer sua totalização. Por isso, não precisa sala alguma pra totalizar. Agora, a sala é bastante clara porque ela está na internet à disposição de todos. A Justiça Eleitoral está inteiramente à disposição. Intervenção, jamais.

Andreazza

E agora eu fico pensando como a gente sai dessa. Não, não é fácil. Eu nem, eu nem fico é... especulando muito, pensando no caso do Donald Trump sobre um golpe de estado clássico no Brasil. Se você me perguntar, sem querer fazer projeção, eu não vejo condições materiais prum golpe clássico no Brasil. O Brasil não é o mesmo de 64. Tem ummm mercado, tem mercado, tem bolsa de valores, é um país que produz, que comercia, está integrado, há internet, são 200 milhões de brasileiros. Não é obvio dar um golpe. Cê dá um golpe e no dia seguinte cê faz o quê? Então, esse golpe talvez não seja o golpe que esteja em curso. O golpe está em curso na lógica do que a gente já conversou aqui, agora. Aqui, agora, do que a gente já conversou aqui n'O Assunto no passado do 7 de setembro permanente, desse estado de golpismo que vai minando as instituições desde dentro, enfraquecendo e criando as condições para... Bolsonaro pode ser reeleito prum governo populista ao estilo do que acontece na Turquia, autocrático, populista, como há na Turquia, como há na Hungria, como há mesmo na Rússia, autocracias estão aí com as suas democracias precariamente funcionando. Mas esses governos dizem que são democráticos. São

democráticos mas têm os pilares republicanos carcomidos. Essa é minha preocupação. O que me parece mais grave, consistente, é o estado de golpismo. Esse ambiente arbitrário que está aí corroborado pelas Forças Armadas. Isso me parece ser um golpe com o que teremos de lidar mesmo sob um outro presidente durante muito tempo. Porque cacifa Bolsonaro e o bolsonarismo pra permanecerem como forças vivas, ativas. Dependem desse ambiente conflituoso.

Renata

E outros episódios terão que tratar desse assunto, eu te espero aqui mais uma vez, um prazer voltar das férias e te receber, Andreazza, bom trabalho pra você.

Andreazza

Brigado, Renata, adorei ser o convidado da sua volta. Um beijo.

Renata

Beijo.

[trilha]

Renata

E se você quiser se aprofundar nos capítulos anteriores dessa história, eu recomendo o nosso episódio de número 650: Militares e urnas, que confusão é essa? com a participação do jornalista Bernardo Mello Franco. Alguns dos áudios deste episódio são da TV Brasil e da TV Cultura. Este foi O Assunto podcast diário disponível no g1, no Globoplay ou na sua plataforma de áudio preferida. Vale a pena seguir o podcast na Amazon ou no Spotify, assinar no Apple Podcasts, se inscrever no Google Podcasts ou no Castbox e favoritar na Deezer. Assim, ocê recebe uma notificação sempre que tiver novo episódio. Eu sou Renata Lo Prete e fico por aqui, até o próximo assunto.

Anexo C - Os mitos sobre a Semana de 1922, cem anos depois

Magê

1922, é esse o ano de um evento que rende assunto até hoje, a Semana de Arte Moderna.

Maurício

Apesar desse nome, ela só durou três dias. E separados: segunda, quarta e sexta. Mas foi o suficiente pra ser lembrada como um marco.

Arquivo

Naquele ano o Brasil comemorava o centenário da independência de Portugal, mas na arte e na sociedade ainda imperava uma cara de Europa em tudo. A proposta dos modernistas era abrasilizar as artes plásticas, a literatura e a música.

Magê

Entre os artistas que participaram tão os escritores Mário de Andrade, Oswald Andrade, os pintores Anita Malfatti, Di Cavalcanti e o maestro e compositor Heitor Villa-Lobos.

Maurício

Os integrantes da elite de São Paulo que organizaram a Semana diziam que ela era uma ruptura com o passado, que ia enterrar o tradicionalismo nas artes brasileiras. Que a cultura nacional seria outra depois dela. Porque os modernistas tinham chegado pra renovar tudo.

Magê

Esse é o escritor Menotti del Picchia, um dos participantes da semana, em um depoimento à TV Cultura em 1977.

Menotti del Picchia (arquivo)

A Semana de Arte Moderna não criou uma escola com regras, não impôs uma técnica, não formulou um código, mas formou uma consciência, um movimento libertador a integrar nosso pensamento e nossa arte na nossa paisagem, no espírito da nossa autêntica brasilidade.

Maurício

Na versão dos próprios modernistas de São Paulo, antes da geração de 22 a arte brasileira seria super acadêmica, empolada, metida. Pra citar o Oswald, é como se a literatura dissesse 'dê-me um cigarro', mas um modernista chegasse falando 'deixa disso, camarada, me dá um cigarro'.

Magê

Com o passar dos anos, essa versão sobre a semana de 22 se transformou numa espécie de mito de origem da moderna cultura brasileira.

Maurício

Essa visão heróica é a que aparece em vários produtos culturais como a novela Um Só Coração, da TV Globo, de 2004. A história começava justamente em 1922 e mostrava coisas como o discurso do escritor e diplomata Graça Aranha, que foi quem fez a abertura da Semana

Graça Aranha (na novela, arquivo)

Não está terminado vosso espanto! Muitos horrores os aguardam. Uma poesia liberta. Uma música extravagante. Virão revoltar aqueles que reagem movidos pelas forças do passado. Pois que venham!

Magê

Existe também um outro olhar sobre os modernistas daquela geração com um viés mais crítico. Ele não é exatamente novo, mas tem ganhado o centro do debate nos cem anos da semana de arte moderna.

Maurício

Esses críticos lembram que existiam outras manifestações artísticas importantes no Brasil, antes de 22 e também fora de São Paulo. E dizem que a história mais contada sobre a semana ofusca contradições desse movimento.

Magê

O Café de hoje trata dos mitos em torno da Semana de Arte Moderna, discute as manifestações culturais ignoradas pela geração de 22 e faz um balanço da ideia de brasilidade proposta por ela. A gente conversa com o historiador da arte Rafael Cardoso, autor do livro *Modernidade em Preto e Branco, Arte e Imagem, Raça e Identidade no Brasil*.

Magê

Rafael, pra começar, você pode por favor contextualizar o que tava acontecendo no Brasil na época da Semana de Arte Moderna?

Rafael

Posso tentar, assim, é muita coisa, né. 1922 eu acho que é o ano marco mais importante do século 20 brasileiro, em muitos sentidos. Foi o centenário da Independência, né, antes de tudo. E isso dominou toda a pauta jornalística, o noticiário. Da mesma forma que nós tamos celebrando 22 hoje em dia pela Semana de Arte Moderna, em 1922 eles tavam celebrando 1822, a Independência do Brasil. E isso foi o acontecimento que tava moldando toda essa preocupação em pensar o que é o Brasil, o que que nós nos tornamos. Tinha uma consciência muito clara que o Brasil não tinha deslanchado da forma que os Estados Unidos deslanchou. Os EUA depois da I Guerra Mundial saiu da guerra como a grande potência mundial, né, suplantando até a Inglaterra. E o Brasil tinha uma sensação entre a classe intelectual que o Brasil tinha dado errado. E aí tinha essa grande busca interior pra entender qual era o problema do Brasil.

Aí, além do centenário, aconteceram coisas muito importantes em 22: teve a revolta dos 18 do Forte, que foi o começo do Movimento Tenentista, foi a primeira grande sublevação militar contra a República. Porque a República, na percepção desses jovens oficiais, tinha dado errado, era corrupta, era politicagem, e eles queriam uma nova política. Teve a fundação do Partido Comunista, naquela época era Partido Comunista do Brasil, foi fundado em 22 também, isso foi o primeiro grande acontecimento pós-Revolução Russa no Brasil em termos de greves e... teve a greve geral. E aí por último teve a fundação do Centro Dom Vital, foi um centro importantíssimo de pensamento católico, pensamento católico social basicamente conservador. Então, temos aí um fervilhamento que questionamento, ponderações e posicionamentos políticos tomando forma em 22.

A Semana de 22 dentro de tudo isso, eu vou dizer que na época, em 1922, era um fenômeno menor.

Maurício

A Semana de 22 condensa movimentos artísticos que já tavam rolando naquele momento, ou ela rompe com o que tava lá e acaba apresentando novas coisas?

Rafael

Olha, eu diria que as duas coisas, assim. A Semana de 22, ela se posicionou muito como a ruptura, a novidade, o moderno, né. A ideia do moderno. Mas, se você for examinar a produção que se apresentou ali no palco do Teatro Municipal, na exposição que acompanhou a semana, é uma produção que, pra ideia que nós fazemos hoje, é uma produção bastante acanhada, de modo geral. Inclusive

grandes nomes que participaram da semana, Mário, Oswald, Villa-Lobos, Di Cavalcanti, todos esses artistas ainda tavam por fazer seus melhores trabalhos.

Então, assim, em 22 eram basicamente pessoas muito jovens fazendo um estardalhaço típico dos artistas jovens se juntando e fazendo barulho. Produção artística nova ali é pouca. Se você for peneirar o que foi produzido ali, o que foi apresentado ali, sai muito pouco de consistente. E tinha de tudo na exposição de arte teve... tinha uma centena de obras e dessas obras a grande maioria hoje é esquecida. A grande maioria não tem nenhuma importância, são obras que inclusive os próprios modernistas depois renegaram e não quiseram assumir isso como moderno.

Então, a Semana de 22 ela se anuncia como muito moderna e inovadora, na verdade ela não é tão inovadora em relação ao que já tava acontecendo no Brasil. Mas a Semana de Arte Moderna chega e... anuncia isso com muito estardalhaço.

Magé

Em 22, durante a Semana, como que esse evento foi lido, como que as pessoas perceberam o que tava acontecendo?

Rafael

O evento repercutiu bastante na imprensa em São Paulo. No resto do país nem tanto. Inclusive eu acabei de terminar, botar ponto final num artigo sobre a recepção da Semana no Rio de Janeiro. E a Semana repercutiu pouquíssimo em 22. Ela começa a repercutir mais, em termos de jornalismo nacional, após 24, 25.

Agora, a repercussão da semana foi construída muito menos na imprensa, muito menos de uma forma pública e muito mais entre um circuito de artistas e intelectuais que se relacionavam. Então, assim, novamente o Mário de Andrade é o grande missivista desse grupo, ele escrevia pra todo mundo, ele tinha contatos no país inteiro. Mas tinham outros também, assim, o Ronald de Carvalho, o Renato Almeida, tinha uma série de figuras que correspondiam entre si. O Carlos Drummond, uns com os outros, e foram criando uma rede de divulgação entre grupos de intelectuais espalhados pelo país.

Então, assim, eu diria que tem muito mais uma capilaridade dentro de um meio restrito de artistas, escritores, intelectuais, do que na grande imprensa. Na grande imprensa, na verdade, a Semana de 22 repercutiu bem em São Paulo em 22. Repercutiu mais ou menos no resto do país até 1930, e depois começa a ter a reinvenção da Semana. Na verdade, a reinvenção da Semana acontece muito pós 1945.

Maurício

Se o impacto da Semana não foi tão grande no momento em que ela aconteceu, como é que foi o processo de consagração da Semana de 22 como um divisor de águas da cultura brasileira?

Rafael

Isso é interessante. Em 42, eram os 20 anos da Semana, ela tava basicamente morta e enterrada. O consenso entre os críticos e intelectuais da época, era que a

semana tinha sido ou não muito importante ou de importância relativa. Ou então que ela tinha sido superada. Então, assim, os grandes nomes de intelectuais brasileiros dessa época, o Tristão de Ataíde, que é o Alceu Amoroso Lima, Nestor Vitor, o próprio Mário de Andrade, né, a famosa palestra dele de 42, o movimento modernista foi assim o último prego no caixão.

E aí acontece uma coisa muito interessante: no momento do falecimento do Mário, que foi em 45, os jovens do Grupo Clima -- é um grupo de jovens intelectuais, quase todos egressos da USP, que formaram uma revista chamada Clima -- e essa revista, ela procurava justamente discutir cultura, literatura, por um viés sociológico, eles todos eram ligados a essa ideia de uma crítica social da arte, da literatura. E foram os nomes fundadores de uma produção intelectual muito importante no século 20 brasileiro: Antonio Cândido, Gillo de Melo e Sousa, Lourival Gomes Machado, Paulo Emílio Gonçalves Gomes, assim, são os grandes nomes da intelectualidade paulista na década de 50, 60 e 70. Começaram a retrabalhar a semana, reinterpretar a semana, como marco fundador do modernismo brasileiro.

Então, o Lourival escreveu em 45 um livro que é o retrato da arte moderna no Brasil e ele criou basicamente essa historiografia que a gente conhece, a exposição da Anita como precursora, aí e vem a Semana de 22, ele construiu essa história e foi a primeira vez que alguém realmente contou a história dessa forma. E aí o pessoal do grupo Clima encampou o legado do Mário, tornaram o Mário essa figura heróica pós-mortem. Ele, na verdade, ele não participou desse processo. Eles que foram lançar essa posição da semana como um acontecimento exclusivamente paulista e... marco fundador de um modernismo para todo o Brasil, isso foi um mito gerado entre 45 e 50 e poucos.

Por que que eles criaram isso? Bom, em 45 evidentemente, o grande inimigo, o grande fantasma era o Estado Novo, que tava de saída. Então, o Estado Novo tinha feito aquela intervenção poderosa em São Paulo, né. Primeiro após a Revolução de 32, constitucionalista, São Paulo teve uma supressão da sua identidade regional e a imposição de interventores não paulistas.

A revolução constitucionalista de 1932 foi um movimento armado que lutou contra a ditadura do governo de Getúlio Vargas e por uma assembleia nacional constituinte.

Mas exatamente nesse momento que tá tendo essa disputa política muito intensa no Brasil e muito, muito polarizadora, a semana de arte moderna cai no colo dessas pessoas como oportunidade de afirmar a identidade regional paulista e a ideia de que São Paulo é o motor modernizador do Brasil.

Então, assim, isso foi o primeiro uso da semana. E isso vai sendo transformado ao longo do tempo. É claro que isso mudou na década de 50, 60, 70, a semana serviu pra outros propósitos. Mas num primeiro momento foi essa necessidade de afirmar, de reafirmar São Paulo após a grande derrota de 32 e depois a intervenção do Estado Novo.

Maurício

Nessas semanas que antecederam o centenário da Semana de 22 muita gente falou também do papel da Ditadura nesse processo. Cê pode explicar como é que foi isso?

Rafael

Quando a Semana parou de ser historiada pelos participantes, as pessoas foram morrendo. Então justamente a morte do Mário é uma senha que a Semana para de tá ligada aos fatos e passa a ser muito mais mito do que fato. Então, assim, a versão que o Lourival Gomes Machado criou da história da semana é, assim, do nosso ponto de vista de hoje, olhando retrospectivamente com tudo o que nós sabemos, toda a informação de arquivo, todo o trabalho de pesquisa que um historiador tem que fazer, a gente vê que a construção que o Lourival fez era uma construção muito interessada. Ela buscava transformar a semana num mito para um fim espe- um fim político muito específico.

Então, assim, ela tem muito pouco a ver com os fatos da Semana. É muito mais um relato do que um fato. E essa versão emplacou naquele momento. A partir do momento que uma pessoa fez isso, todo mundo também passa a fazer isso. Então, assim, a Semana virou um mito nas mãos de muita gente. O grupo Clima usou ela pra uma finalidade. Já nos anos 50 e 60 foi usado pra outra finalidade, a ideia de modernidade, modernização, o Brasil como país do futuro, toda essa história do nacional desenvolvimentismo.

E aí na década de 70 a ditadura militar também se apropriou da Semana e retrabalhou ou mito pra finalidade que interessava a ela. Que era enfatizar a ideia do nacional.

Arquivo

A Semana de Arte Moderna realizada em 1922 é a manifestação ruidosa de jovens poetas e pintores como uma arte importada, acadêmica e decadente, estranha à realidade brasileira.

Rafael

E também pra ditadura militar tinha um grande interesse aí. Em 22 também, um dos grandes acontecimentos políticos é a revolta de 18 do Forte. É o início do tenentismo e os generais da ditadura militar se viam como herdeiros do tenentismo. Assim, se eles eram ou não é outra discussão. Eles se viam assim. Tanto que eles chamavam o Golpe de 64 de revolução. Eles chamavam de revolução justamente porque queriam remeter à ideia da revolução de 24 (é 22) dos 18 do Forte, eles achavam que tavam completando o movimento iniciado pelo Tenentismo lá atrás de consertar o Brasil, né.

E pra eles a Semana de 22 serviu como um símbolo disso, deu um lustre, um verniz cultural pra política deles, que era uma política extremamente repressiva, em muitos sentidos contrária à cultura, mas eles tinham essa preocupação de dar esse realce à política deles como se eles fossem também modernizadores, entendeu? Cada grupo político que vem, cada época que vem, cada geração usa os mitos da nacionalidade pra fins diferentes. Então, assim, a gente vê isso com a independência do Brasil também. A cada geração a independência é reinterpretada, focando em coisas diferentes.

Os monarquistas querem focar em Dom Pedro I, pessoal do legislativo quer focar em José Bonifácio. Então, assim, você pode sutilmente falar do mesmo fato histórico, mas focando aspectos diferentes. Esses são os usos que as pessoas fazem da história, os usos políticos da história. E a ditadura fez uso político da Semana de 22. É claríssimo.

O que eu acho que é preocupante, que precisa ser debatido, precisa ser debatida a participação dos intelectuais e historiadores na consagração da Semana nessa versão.

Magê

Rafael, uma das frentes do modernismo no Brasil foi a busca por elementos da cultura afrobrasileira e indígena. Alguns deles chegavam a falar até que tavam promovendo uma descoberta do país. Por que eles fizeram essa busca e quais são as contradições dentro desse movimento?

Rafael

Bom, a primeira contradição é que eles não fizeram isso em 22. Se você for lá atrás ver o que foi apresentado em 22, em fevereiro de 22 no Teatro Municipal, tem muito pouca referência à cultura indígena e menos ainda à cultura afro. Eu diria que o grande exemplo de representação do indígena que havia ali era o Rego Monteiro, que nem era parte do grupo, as obras dele tavam lá por empréstimo. E eu não diria, pra usar um termo de hoje, eu não diria que isso era um olhar identitário para o indígena, para a cultura indígena. Ao contrário, era um olhar bastante similar ao romantismo indigenista do século 19. Era um olhar muito mais romântico, um pouco antropológico, etnográfico, do que um olhar que hoje em dia nós definiríamos como identitário. Então, assim, primeiramente não havia isso em 22. Isso foi sendo criado posteriormente.

Essa descoberta da negritude, do indígena pelo modernismo é um fenômeno na verdade mais pra década de 30 do que qualquer coisa relacionada a 22. Agora, a ideia em si, a ideia de descoberta do Brasil que, essa sim, já tá lá em 24, quando eles fazem a caravana modernista pra Minas Gerais,

a ideia da descoberta do Brasil é uma coisa muito muito complicada. Até onde se sabe, quem inaugurou esse termo foi o Oswald, mas ele inaugurou isso quase ironicamente -- tudo o que o Oswald falava era metade irônico, senão mais -- então, essa descoberta do Brasil era uma coisa meio... não muito séria. Aí, de repente, outras pessoas se apropriaram desse termo e transformaram ele em algo sério. As pessoas realmente passaram a falar no modernismo como descobrindo o Brasil ou descobrindo o Brasil profundo.

E isso em termos epistemológicos é muito complicado, assim, porque, por exemplo se a caravana modernista descobriu o Brasil em Minas Gerais, então, o que dizer dos mineiros que já estavam lá?

Se o Mário de Andrade descobre o Brasil ao ir pro Recife ou pra Amazônia em 27, 28, quer dizer que aquilo não existia antes? É a mesma crítica que nós fazemos quando as pessoas falam que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil, ele não

descobriu nada, já havia os povos indígenas nessas terras muito antes de ele elevar isso a Terra de Santa Cruz ou chamar isso de Brasil.

Rafael

Então, assim, quando o modernismo paulista se arvora em descobridor, por que que o povo de São Paulo tá descobrindo e os outros são descobertos? O que isso ocasiona quando eles formulam dessa maneira, isso acaba levando a um apagamento do que já estava sendo feito nesses locais. Já havia uma intelectualidade mineira preocupada com o passado histórico de Minas Gerais e sua atualização. Já havia um fervilhamento modernista em Pernambuco evidentemente. Então, assim, isso é um exemplo bem característico do que eu tô me referindo.

Quando Mário de Andrade chega em Pernambuco, já tinha um modernismo lá. Já tem Gilberto Freyre, tem todo um agito, todo um complexo de ideias tá acontecendo lá, uma movimentação. E aí chega alguém de São Paulo e descobre o Brasil ali. É complicado formular dessa maneira. Porque você acaba desqualificando o que tá acontecendo nas regiões do Pará... Mário de Andrade também foi e não tomou conhecimento da intelectualidade local. Existia já toda uma discussão acontecendo em Belém do Pará e o Mário chega lá e não quer olhar praquilo, ele quer inventar o Pará da cabeça dele. Isso é muito complicado, a gente precisa parar com essa ideia de que o Brasil possa ser descoberto por alguém. Ele não foi descoberto por Cabral, não foi descoberto por Mário de Andrade, não foi descoberto por ninguém.

O Brasil existe. Ou melhor, como disse Carlos Drummond, nenhum Brasil existe. Acho que a gente precisa se posicionar de uma forma menos... um olhar menos etnográfico para a nossa própria realidade. Entender que o Brasil é muito mais complexo que qualquer uma das suas regiões, que qualquer olhar individual ou de um pequeno grupo em relação a ele.

Maurício

Rafael, a Semana de 22 focou bastante ali nas artes eruditas, né, como a música, a pintura e a literatura. Quais eram naquele momento as outras correntes modernizadoras dentro da cultura brasileira que a gente deveria prestar atenção mas acabaram ignoradas naquele momento?

Rafael

A gente tende a focar tão obsessivamente em literatura, belas artes, as chamadas belas artes, né, arquitetura, música clássica, que a gente acaba perdendo de vista o resto. Tem que se lembrar que em 22 o Brasil é um país majoritariamente analfabeto. Então, assim, o impacto que qualquer literatura poderia ter em 22 é reduzido. Não vai atingir um público de massa. Como até hoje não atinge.

E o que já existia nas primeiras décadas do século 20 é uma cultura midiática vibrante em termos de revistas ilustradas, artes gráficas, publicidade, cinema, fotografia... tudo isso já tava acontecendo. E música popular também. Eu acho que essa é a grande ausência da Semana de 22 é a relação dela com o que tava acontecendo na modernização da música popular.

Assim, onde está o Pixinguinha, onde está o senhor.

Arquivo

Um dos fundadores da música brasileira, além de um fabuloso flautista e saxofonista, Pixinguinha foi um genial arranjador que modernizou a nossa música e estabeleceu novos padrões de invenção e qualidade.

Rafael

Onde estão essas pessoas que fizeram o samba do Rio de Janeiro, o Carnaval? Onde que você posiciona elas em relação ao que tava acontecendo no palco do teatro Municipal, por exemplo? E eu diria que elas não estavam lá. Elas não estavam representadas, não tinham voz. Ao contrário, tava lá a música erudita, mas não estava lá a música popular. Estava lá a poesia escrita por poetas eruditos, mas não estava lá uma poesia de cordel, por exemplo. Estavam lá pinturas de cavaletes, mas não estavam lá as artes gráficas, a fotografia. Não tava lá de jeito nenhum o cinema.

Então, assim, temos uma cultura midiática e popular vibrante nos anos 1900, 1910, 1920, que absolutamente foi ignorada pelos modernistas. Aliás, eu diria que eles só começaram a prestar atenção nisso nos anos 60. Demoraram muito tempo pra entender que existe o que eu gosto de chamar de cultura majoritária. Eu não tô tentando desqualificar a arte erudita, tô dizendo que ela faz parte de um panorama maior. E é um absurdo nós não olharmos pra esse panorama maior. É um absurdo que a historiografia da semana de 22 tenha fechado os olhos durante tanto tempo pra essa produção que não é erudita. Ao ponto de que existem livros sobre revistas modernistas que absolutamente ignoram as revistas de grande circulação e chegam ao ponto de dizer 'ah, essas revistas existiram mas nós não vamos olhar pra elas porque elas eram de grande circulação'.

E aí eu me pergunto: o fato de elas serem de grande circulação desqualifica elas, então, de serem objeto de estudo histórico? Me parece que é o contrário, né, se uma revista teve circulação maciça, então ela deveria ser mais importante ainda como objeto de estudo.

Magê

Como essa consagração dos modernistas de 22 influenciou a ideia de identidade nacional que a gente tem e essa brasilidade conceituada por eles ainda é algo com que a gente pode se identificar?

Rafael

Olha, a gente depende de quem você define a gente. Eu, tô fora. A Semana de 22 bebe nessa questão da identidade nacional. Principalmente pelo Mário de Andrade. O Mário já tava obcecado com isso desde 1919. Os primeiros escritos dele sobre arte colonial, ele bate muito nessa tecla de buscar uma identidade nacional no passado. No passado colonial.

Ele é a grande fonte dessa ideia. Isso é uma coisa que ele adaptou do Ricardo Severo que é o pensador do neo-colonialismo. E o Mário dá um twist nisso que leva isso pra ideia de fundar a busca da brasilidade. Então, isso foi a grande inovação do Mário. E já tava lá em 22 sim. Dizer que isso não tava lá, dizer que 22 era só internacionalismo e vanguarda francesa isso tá errado. 22 tem essa abertura pra

vanguarda francesa, tem essa abertura pro mundo, mas ao mesmo tempo tem uma preocupação profunda com o nacional, sim.

E isso vai crescendo com uma força muito grande dentro das várias correntes que saíram do modernismo de 22. Isso é outra coisa muito importante: a historiografia tende a reduzir o modernismo a uma linha reta, uma trajetória única. 22, depois antropofagia, depois não sei quê. Isso é completamente equivocado.

É 22 gerou pelo menos três correntes importantes. Tinha o grupo do Mário de Andrade, tinha o grupo verde-amarelista, em torno do grupo da Anta, e claro teve a antropofagia. A antropofagia não é continuidade de 22, ao contrário, a antropofagia se posicionava contrária a 22.

Rafael

Revista de Antropofagia dizia que a semana de arte moderna era falso modernismo. Então, assim, não há continuidade entre a semana e antropofagia, há contrariedade. A antropofagia era contra a semana. Então, assim, o que nós temos são várias correntes competindo pra essa ideia de modernidade e algumas delas ligando a ideia de modernidade à ideia de identidade nacional. À ideia de brasilidade. Então, aí, claro que os verde-amarelistas são, na extrema-direita desse movimento, eles criam essa ideia de que a busca pela brasilidade é a modernidade.

Então, assim, qualquer coisa que busca o nacional eles automaticamente abraçam como moderno. E o Mário, o grupo em torno do Mário tem um caminho mais sutil, um caminho mais equilibrado. De o nacional e o moderno se desenvolvendo juntos. Isso vai ser encampado pelo Estado Novo, o ministro Gustavo Capanema, o chefe de gabinete dele era o Carlos Drummond de Andrade e o Drummond abriu as portas do Ministério da Educação e Saúde para várias pessoas, inclusive o Mário de Andrade, participar ali da formação de uma ideia de Brasil moderno.

Isso, evidentemente, passa a ser oficializado sob o Estado Novo. Isso no Estado Novo vira uma política oficial. E isso por sua vez deságua também na ditadura militar. Aí que eu digo que existe uma continuidade, existe uma corrente de pensamento que atravessa desde o tenentismo, desde antes do tenentismo, né, até a década de 70. E poderíamos classificar isso como um grande nacional desenvolvimentismo modernizante.

Aí eu volto ao meu começo: eu tô fora. Eu pessoalmente acho que essa é uma ideia de Brasil que deu errado, deu muito errado. Houve grandes conquistas, claro, isso foi muito importante em determinados momentos, anos 50, 60. Temos um período aí efervescente, maravilhoso, de brasilidade modernista. Porém, isso deságua, depois, nós sabemos muito bem onde isso vai desaguar: isso deságua no 'Brasil, ame-o ou deixe-o'. E na patriotada verde e amarela que nós tamos vendo hoje em dia. Isso que tá, que tá aí hoje em dia, que é uma coisa absolutamente desprezível e patética é, de certa forma, herdeira também dessa ideia nacional desenvolvimentista modernizante. Por mais perverso que possa parecer, a pior reação que vimos dos últimos 50 anos também é fruto de um desejo de modernidade.

Então, assim, eu acho que nós temos de fugir disso. As lições foram aprendidas, vimos o que havia de bom, vimos o que havia de mau em tudo isso. E agora tá

realmente na hora de separar o joio do trigo e tentar pensar a brasilidade afastada da ideia de nacionalismo.

[vinheta]

Maurício

Notícia sobre policiais civis que viraram réus pela morte do João Pedro em maio de 2020.

Magê

Estudo sobre dose de reforço da Pfizer depois de duas doses de Coronavac.

Maurício e Magê

Encerramento com bordões + créditos.

[debate do fim de semana]

Se você pudesse fazer uma ligação pra você mesmo quando criança, o que você falaria?